UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Movimentos Sociais, Política e Educação Popular
GPEA – Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte

Carlos Roberto Ferreira

OIKOS QUILOMBOLA:
Arte–educação-ambiental e a poética do pau a pique

Cuiabá – MT
2020

Carlos Roberto Ferreira

OIKOS QUILOMBOLA:
Arte–educação-ambiental e a poética do pau a pique

Tese de doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE, da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Educação, na Área de Concentração: Educação; Linha de Pesquisa: Movimentos Sociais, Política e Educação Popular.

Orientadora: Profa. Dra. Michèle Sato

Cuiabá – MT
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

F383o

Ferreira, Carlos Roberto.

Oikos Quilombola : arte-educação-ambiental e a poética do pau a pique. / Carlos Roberto Ferreira. – Cuiabá (MT): Instituto de Educação/IE, 2020.

228 f.: il. Color. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Educação. Programa de Pós - Graduação em Educação.

Orientadora: Profª. Drª. Michèle Sato.

Inclui bibliografia.

1. Arte-educação-ambiental. 2. *Oikos* Quilombola. 3. Poética. 4. Justiça climática. I. Título.

CDU: 37:504

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Ana Claudia Pereira Rubio – CRB-1 2.361

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "OIKOS QUILOMBOLA: Arte-educação-ambiental e a poética do pau a pique"

AUTOR: DOUTORANDO Carlos Roberto Ferreira

Tese defendida e aprovada em 09 de dezembro de 2020.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. Doutora Michèle Tomoko Sato (Presidente Banca / Orientadora)
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
2. Doutor Edson Caetano (Examinador Interno)
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
3. Doutora Ozerina Victor de Oliveira (Examinadora Interna)
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
4. Doutora Giselly Rodrigues das Neves Silva Gomes (Examinadora Externa)
INSTITUIÇÃO: SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO/SEDUC
5. Doutora Maria Thereza de Oliveira Azevedo (Examinadora Externa)
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
6. Doutora Suely Dulce de Castilho (Examinadora Suplente)

10/12/2020, às 18:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **MICHELE TOMOKO SATO**, **Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 10/12/2020, às 18:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **RUBIA HELENA NASPOLINI COELHO YATSUGAFU**, **Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 10/12/2020, às 23:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Giselly Rodrigues das Neves Silva Gomes**, **Usuário Externo**, em 11/12/2020, às 00:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **EDSON CAETANO**, **Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 11/12/2020, às 00:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **SUELY DULCE DE CASTILHO**, **Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 11/12/2020, às 15:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3087773** e o código CRC **8194EEF0**.

A Casa!

Quero apenas uma casa
em uma rua sem nome.
Sem nome, porém honrada, Senhor!
Só não dispenso a árvore,
porque é a mais bela coisa
que nos destes
e a menos amarga.

Manoel de Barros (1992)



Fig. 1 Casa da Cultura Quilombola. Fonte: arquivo GPEA, 2015.

As *Oikos* que habitam em mim!

A coisa maior que se pode ter é a casa.

Clarice Lispector (1978)

Habitam em mim tantas moradas que as chamo de *Oikos*, pelo conjunto de imanência familiar, reunidos, a serviço da vida, do viver em família, como parte de mim. A primeira morada-*Oikos* da infância, o Hotel Santo Antônio, de propriedade de meus avós maternos, na cidade de Dom Aquino – MT. Lá me iniciei doméstico, na arte-educação-ambiental, cercado por latas que viravam carrinhos com rodas de chinelo de borracha, vasos decorativos como canteiros de plantas e ervas; caixotes de madeira que se transformavam em "carros de bois"; os "cavalos de pau", que empinavam as diversões da montaria e eu, vibrava a alegria da vitória, sem mesmo ter saído do chão.

Já habitei, por "empréstimo", numa *Oikos* de lona! O circo do palhaço "Bananinha" que me emprestava o seu telhado nas noites de espetáculos, sedutores. A *Oikos* escolar, o "Patronato São Lourenço", escola que frequentei por oito anos – uma *Oikos*-família-conhecimento. As *Oikos* Institucionais, que me abrigaram e abrigam na residência do trabalho. A primeira, o Cartório de Segundo Ofício, onde aos 15 anos, fui escriturário, a caligrafia foi a responsável por esta morada. As *Oikos* da arte-educação, Escolas, onde reside o meu ofício de aprender e ensinar há, aproximadamente, trinta anos.

As *Oikos* da Cena, os teatros por onde passei nestes quase quarenta anos, como bailarino, ator e diretor teatral. A *Oikos* da família, a Casa da minha mãe – meu refúgio e aconchego maternal e as demais *Oikos* da família; cada canto urbano ou rural, onde me refaço com o carinho e afeto recheados da habitação chamada cumplicidade familiar.

A "minha"*Oikos*, o Rancho da Paz – minha morada ecológica - onde me desterritorializo da *Oikos* urbana, aprendendo com a natureza que a poesia da vida está escrita nos cantos dos pássaros e nos sons de seres não humanos.

Por fim, eis a fenomenologia da última morada, a *Oikos* Quilombola. A Casa da Cultura Quilombola, inspiração maior para uma residência científica. Uma representação imaginária de todas as casas onde fiz morada. Agora, o desejo de ainda habitar uma Casa de pau a pique, se ainda a ousadia de construtor espontâneo, me apanhar de coragem. Se não, esperarei a última morada, uma urna *Oikos* de barro, para que dela, possa nascer uma outra árvore.

DEDICATÓRIAS



Fig. 2 Sr. Antônio Benedito da Conceição.
Fonte: Olhar Direto, 2019

Ao Senhor Antônio Benedito da Conceição (*in memoriam*), mais conhecido como Seo Antônio Mulato, patriarca quilombola e da resistência política em Mato Grosso. Criou a primeira escola em Comunidade Quilombola, na eterna luta por não deixar nenhuma criança quilombola fora da sala de aula e nenhum professor ou professora, desempregados.



Fig. 3 Profa. Tereza Conceição de Arruda.
Fonte: Governo de Mato Grosso, 2019

À Professora Tereza Conceição de Arruda (*in memoriam*), patrona da Escola de mesmo nome, pioneira no processo educacional da Sesmaria Mata Cavalo, onde conseguiu das autoridades governamentais, a construção de uma Unidade de Ensino da Rede Estadual, a fim de atender aos descendentes quilombolas e comunidades vizinhas.

AGRADECIMENTOS

Ao Quilombo Mata Cavalo

> Sou um certo homem da América!
> Por onde vou, procuro lugar para morrer ou renascer.
> No cântico dos oprimidos vejo brilhar a lâmina dos sonhos, a rasgar a carne desnuda dos tempos...
> Por entre os blocos de pedras de Pemapunco, na Bolívia, há um silêncio frio mostrando os gritos dos demônios dançantes a ecoar os passos e a dor de homens e mulheres, onde perpetuam os crimes da dominação.
>
> *Marilza Ribeiro (2015)*

Agradeço a todos os grupos do complexo da Comunidade Quilombola Mata Cavalo: Aguaçu; Capim Verde; Mata Cavalo de Baixo; Mata Cavalo de Cima; Mutuca e Ponte da Estiva, pelo prazer que me deram de ler os seus poemas vivos do cotidiano, como feridas abertas de um eterno resistir.

Agradeço a todos os professores e professoras; alunos e alunas, técnicos e técnicas da Escola e a todos os moradores da Comunidade que, com o espírito de amizade, de companheirismo e compromisso com a Educação, com a terra e com o território quilombola, tão bem me receberam, me abraçaram e contribuíram com a minha pesquisa.

Aos entrevistados e entrevistadas, o meu afetuoso abraço, pelo carinho com que abriram as portas de suas *Oikos*-moradas e me fizeram ser mais um dos seus.

O meu respeito ao profissionalismo das Professoras: Eliane Maria Moraes de Arruda e Adrianny de Arruda Abreu, diretoras da Escola no período da pesquisa, que não somaram esforços e dedicação para abrirem as portas da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda. Ali me fizeram sentir "o cheiro do barro que toma a forma dos padecimentos e das alegrias da nossa gente" (RIBEIRO, 2005, p. 119), no cotidiano do aprender e ensinar.

A todos e a todas vocês do Quilombo, minha ETERNA GRATIDÃO!

AGRADECIMENTOS

À primeira *Oikos*: A FAMÍLIA

AGRADECER ao Criador da nossa *Oikos* Cósmica, nossa morada de PAZ e de LUZ, nossa família espiritual. E sob Ele, a nossa família ancestral, nossa força na água a matar a nossa sede, na terra que germina o nosso alimento, no fogo que ilumina a nossa alma e no ar que respiramos o amor entre todos os nossos irmãos e irmãs.

Agradeço a Irene Roberta Bonfim (*in memoriam*), minha avó materna, minha mãe do coração, amiga e confidente que, além de criar oito filhos, de sobra, me criou e educou com tamanha força e resistência de uma nordestina ágrafa. Dela herdei a paixão pela cultura popular e a sua energia pousa sobre minha cabeça, todos os dias, em nossas conversas espirituais.

Agradeço à minha mãe, Josefa Roberta Ferreira pelo dom da vida, amiga de todas as horas, conselheira incondicional a nos ensinar que as barreiras da vida são enfrentadas dia a dia. Hoje, testemunha o ato de um filho de lavadeira poder receber o título de Doutor, numa Universidade Pública.

Às minhas irmãs Elizene Bonfim e Poliana Carla, companheiras da vida, que tem me dado tantas alegrias. À irmã Ana Paula (*in memoria*) que, apressada, não quis esperar pela leitura desta tese e foi morar na *Oikos* Celestial. Ao meu irmão Paulo César, pelo eterno carinho que me tem demonstrado e por hoje, morar com e cuidar da nossa mãe. Meu carinho especial a todos os sobrinhos e sobrinhas que tanto amo e que souberam entender a minha ausência para que eu pudesse me dedicar a um doutoramento acadêmico.

Minha gratidão à Nayara Roberto Martins Ferreira, minha filha amada, que mesmo distante tem me dado muitas inspirações e alegrias.

Minha gratidão à tia-irmã, Antônia Roberta Bonfim da Costa, minha primeira professora dentro de casa e que me foi mãe e amiga em toda a minha primeira infância. À tia-irmã, Maria Aparecida Alves, que oficialmente me colocou numa sala de aula, aos dezessete anos, com o ofício de professor, na Escola Estadual Manoel

Pinheiro, no Distrito de Entre Rios, município de Dom Aquino – MT, MINHA GRATIDÃO!

Agradeço com imenso carinho e afeto, aos meus cunhados, tios, tias e primos, que tão bem entenderam as minhas ausências em nossas reuniões familiares.

Minha eterna gratidão e agradecimento especial à família Curvo: à vovó Isabel Lopes Curvo (*in memoriam*), Aninha, Wal'Deck, Isabela, Francisco, Marialba, Hênio, Mariene, Heron (*in memoriam*) e Harnon. Família do coração, amigos-irmãos para sempre, que me deram abrigo, colo, carinho e solidariedade quando comecei meus estudos acadêmicos.

AGRADECIMENTOS

À segunda *Oikos*: OS AMIGOS E AMIGAS

Que habitação é essa que chamamos de amigos e amigas?

É a *Oikos* onde residem os afetos, os conflitos, as benevolências, as incompletudes, as gargalhadas e as lágrimas, nos momentos de alegria e de tristeza, mas de pura emoção e carinho. Amigos e amigas são moradas de amor e poesia, para toda a vida! São *Oikos* de moradias eternas! Casas sem paredes e tetos, mas de alicerce erigido ao prumo da gratidão, do afago e do abraço-irmão, modelados no cotidiano.

Curvo-me e agradeço a Luiz Carlos Ribeiro (*in memoriam*), amigo-irmão de convivência e de grandes ensinamentos. Meu professor de teatro e de cultura popular; mas, sobretudo, amigo de trabalho cultural e de palco pelas andanças da vida, ao longo de trinta e cinco anos de resistência teatral. Em nome dele, estendo o meu afetuoso abraço à toda família Ribeiro.

Agradecimento especial ao amigo-irmão e ator, Ivan Belém, por ter me aberto as portas da *Oikos* Gpeana com tanto apreço, carinho e cumplicidade, como um pai que leva o filho à escola, no primeiro dia de aula. Minha eterna gratidão!

Aos queridos amigos e amigas, Rubens Belém, Rose, Joyce e Ismael, por me receberem em suas casas, sempre que precisei de um lugar de paz para a produção de meus estudos.

Ao amigo-irmão de todas as horas, inspirador artista plástico, Márcio Aurélio Santos, pelo presente da Coleção de Manoel de Barros, que muito me iluminou nas minhas construções fenomenológicas e por oferecer a sua *Oikos* de morada artística como um espaço de inspiração e prazer junto à arte. Gratidão!

A professora, amiga de todas as horas, Fauzia Omar, pela sua contribuição mais que genuína à minha tese, me socorrendo num momento tão desolador.

Às comadres e amigas, Maroca e Valéria Moreira, pelo ombro amigo e tantos momentos de compartilhamento de amizade, carinho e quitutes para o meu "desestress", em tempos de produção deste trabalho.

Aos amigos: Heleno Braz do Nascimento, Maria Ferreira, Maria Gabriela, Carlos e Gabriel Ferreira, João Batista Penha, Ricardo Luiz de Moura, pelo carinho de sempre ao longo de tantos anos de amizade e respeito.

À Comunidade de Varginha e aos amigos e amigas de lá, pela sempre acolhida cultural e pelo carinhoso modo com que me trataram por todo esse tempo de estudo, entendendo as minhas ausências em nossos compromissos na Comunidade.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/UFMT e a toda equipe, Coordenadora, técnicas e técnicos pelo prestimoso amparo administrativo ao processo de pesquisa e pelo carinho e atenção às nossas reivindicações.

Minha eterna gratidão ao Comitê de Ética – CEP Humanidades / UFMT, em especial à Professora Rosângela Ribeiro e a Suellen Patrícia Borges Amorim pela atenção, paciência e cuidado com as orientações junto ao meu processo de pesquisa.

À Secretaria de Estado de Educação - SEDUC, pela prontidão com que entendeu a minha solicitação para afastamento para essa qualificação.

Aos profissionais da gestão da Escola Estadual Professora Adalgisa de Barros pela sempre conduta de amizade, companheirismo e atenção profissional com as minhas solicitações administrativas, para o andamento do meu processo de qualificação profissional.

A todas e a todos os meus irmãos e irmãs do Quilombo, o meu afetuoso abraço!

AGRADECIMENTO

A *Oikos* em que habitamos: GPEA

Com a sonoridade coletiva de um NÓS, presente na pesquisa e com significativa ressonância praxiológica neste trabalho, importante cartografar neste mapa, a dinâmica do VERBO PESQUISAR, conjugado pelo GPEA – Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte. Um coletivo de cientistas que se inscreve e subscreve-se, co-orientador-participante nesta minha / nossa pesquisa. Ao se projetar consciente das dimensões da ética e da política, este grupo de investigação científico-social, transita com respiração axiológica, pelas vias de Processos Formadores, intra-grupos pesquisados. Seja por terra ou por água, no Pantanal ou no Cerrado, o transporte é sempre o mesmo. Um veículo abastecido de conceitos e afetos, cujas asas de "CONFETOS" (SATO, 2011a), se tornam seres alados e em suas rasantes, se colocam a dialogar com grupos em situação de vulnerabilidade social.

Com essa prática, ampara o pesquisador iniciante de epistemes redigidas com o afago dos sentidos, ao pé do ouvido, para que ele reescreva em seu corpo, a orgânica caminhada ao sabor da resistência, para então responder: contra quem fazemos Educação Ambiental? O tratado sócio-humano, político e de resistência com que o GPEA ensina a remar um robusto batelão dá ao iniciante pesquisador a tranquilidade, a leveza e a segurança de não mais ser necessário o remo, mas sim, o compromisso em continuar remando. Com essa cartografia, por um caminho de várias águas em diferentes solos, tive tempo para recolher com a cuia de barro, mágicas porções de água, que por todo esse tempo, nos matou a sede fenomenológica do SER. Esta é a certeza de que ninguém ficará sem esse líquido precioso para umedecer o barro a erguer as próximas *Oikos,* chamadas pesquisa.

São irmãos e irmãs de alma, de coração e sentimento, que afagam, por fora, a beleza do gesto que sentimos por dentro. Companheiros, companheiras e caminhantes de viagem, a sovar o barro e dividi-lo em várias porções, para que eu não o carregasse sozinho. Assim, residiram comigo na *Oikos* que habitamos: Adriana

Sales, Adrianny de Arruda Abreu, Aleth da Graça Romero, Amanda Areval, Bárbara Yandira, Cássia **Maria** Fabiane (grifo meu), Cristiane Almeida, Débora Moreira, Débora Pedrotti, Denize Amorim, Eronaldo Valles, Flávia Bertier, Giseli Dalla-Nora, Giselly Rodrigues, Herman Oliveira, Ivan Belém, Jéssica Trujillo, Júnia Auxiliadora, Jakeline Fachin, Jucieli Bertoncello, Júlio Rezende, Kathy Reis, Lúcia Kawahara, Michele Jaber, Michèle Sato, Priscila Amorim, Rafael Martini, Roberta Simione, Ronaldo Senra, Rosana Manfrinatte, Raquel Batista Ramos, Regina Silva, Romário Jales, Tatiane Nardi, Thiago Curi e Vitor Mello.

São amigos e amigas de vários destinos, a projetarem a construção de uma outra *Oikos*; aquela onde reside uma fraterna AMIZADE. Uma amizade que caminha por entre os rizomas do corpo-irmão a capturar as incompletudes guardadas nos dutos dos cupins, para que nos labirintos da alma, possamos juntos: rir e chorar.

São andarilhos experientes em viagens labirínticas, cuja terra sovada a várias mãos é amalgamada com as salivas dos cupins e ali assentam a pedra angular da *Oikos* RESPEITO.

Em um tempo de tantas incompletudes, guardarei as minhas para a próxima viagem. Quem sabe, terei lugar cativo no bonde de tantos desejos, chamado GPEA. Talvez as minhas incompletudes possam não me ter dado o peso do barro necessário para sovar e erguer esta *Oikos,* ao tamanho GPEA. Talvez, ela não tenha se concretizado; mas um dia, quem sabe, voltarei para terminar.

Até um dia, GPEA! Até a próxima viagem!

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Quilombo Mata Cavalo, 25 de março de 2020.

Professora e amiga, Dra. Michèle Sato,

Cumprimento-a com a força do som dos tambores que gritam por liberdade e direitos, no Centro Cultural de Seo Nezinho[1], nossa *Oikos* de habitação espiritual, no território quilombola.

Escrevo-lhe esta carta daqui de Mata Cavalo de Cima, de onde sentimos o calor do vulcão sociopolítico, que "gospe" o fogo de inúmeras doenças, para as quais, a política brasileira não se interessa pela cura: a ausência de esperança; a presença da incompletude nas situações de vulnerabilidade humana; o desolamento social; a destruição da educação pública; a ganância política que tenta nos entreter com a talvez ilusão de: "fique em casa", enquanto destrói a maior saúde do planeta, A NATUREZA!

Nossos rios, matas e florestas e toda a diversidade da nossa fauna estão clamando por água, morrendo de sede! Nossos irmãos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, moradores das ruas e infernos urbanos, favelados, os imigrantes desterritorializados de suas pátrias, estão todos, professora Michèle, engolindo fogo! Mas não o fogo da representação artística pirofágica a iluminar de beleza e de luz os palcos e picadeiros de nossas batalhas; mas o fogo da desolação humana e da miséria social! Seres humanos e não humanos, vivem hoje, um estado de caos! Sem destino, sem pontos cardeais que nos orientem a cartografar um novo mapa social, econômico, político e cultural para as nossas vidas e para a geração futura.

O capitaloceno[2] quer nos abraçar por todos os lados: sem luvas, sem máscaras, agredindo a nossa "pátria amada", nos impedindo de continuar a ouvir

---

[1] Agente Cultural, Pai de Santo e proprietário de uma Casa de Cultura de matrizes africanas, localizada em Mata Cavalo de Cima.

[2] Responsável por impulsionar a exploração pelos humanos, da Terra. As evidências dos impactos da ação humana são apontadas em estudos climáticos, tendo o capital como único objetivo sobre ela. (KLEBIS, 2014, p. 2).

um outro "grito do Ipiranga", da nossa Carta da Terra (2010): "Respeitar e cuidar da comunidade de vida; Integridade ecológica; Justiça social e econômica; Democracia, não-violência e paz".

Estamos em vigília! Nossos tambores não cessam de tocar! Nossas noites parecem dia, e nos encontramos num único turno de 24 horas, em oração pela PAZ UNIVERSAL!

Portanto Professora Michèle, escrevo-lhe esta carta, em nome de toda a Comunidade do Quilombo Mata Cavalo, pedindo-lhe que a faça chegar aos nossos governantes, para que saibam da nossa existência, resistência e luta, mesmo que tentem nos tirar o direito da nossa audiência social e política.

Quero agradecer à sua pessoa, por tudo o que me ensinou nesses quatro anos de convivência científica, pesquisa e amizade, cuja direção praxiológica sempre foi a de me fazer sentir um cidadão político, um arte-educador-ambiental capaz de lutar pelos seres humanos e não humanos e por meio da arte e da educação ambiental, fazer parte daqueles que possam construir compromissos junto às comunidades em situação de vulnerabilidade.

Desculpe se hoje o meu coração percute e repercute o som da resistência política pela arte-educação-ambiental! É um compromisso que trago de longas datas; mas a RESISTIR, aprendi com você! Com você aprendi a conjugar o verbo PESQUISAR no tempo COLETIVO, cujo pretérito me aproximou da "Cartografia do Imaginário" (SATO, 2011a), para que no presente, eu pudesse aprender a descobrir "miríades de possibilidades" (SATO, 2011a), a fim de desenhar a planta da minha tão sonhada *Oikos* científica, e num breve futuro, chamá-la de Tese, que você tão bem me orientou a escrever.

Foram muitos os desafios, as alegrias, os conflitos e inúmeras páginas de dúvidas e interrogações que me fizeram refletir e entender que somos diferentes e não iguais. Para entender esse complexo diálogo humano me aproximei da epistemologia e da praxiologia, para que as questões científicas e metodológicas pudessem me ensinar a pesquisar sobre os menos favorecidos, com os quais pude melhorar a minha condição humana. Assim, fui bordando outras tramas

fenomenológicas, para então, conseguir tirar desse mágico tear, a ética e a política, que possibilitaram dar a este estudo, um sentido de CIÊNCIA e, sobretudo, de PRAZER!

Sei que não fui um bom aluno! Mas tenho certeza de que, correr riscos nos instiga muito mais para tentar entender o "como ser bom", sem ser o mesmo, nas ressignificações que a vida nos oferece, quando tentamos mudar. Mudar, errar e arriscar; arriscar e aprender!

Não quero ficar com o sabor do dever cumprido! Muito menos dizer que cumpri o meu "dever de árvore" (SATO, 2011, p. 11). Continuo a ver o arco-íris além do horizonte, talvez, para que eu nunca consiga encontrá-lo, pesquisando e estudando, sempre...

Assim, me coloco na janela com o "olhar de passarinho, sem querer mudar o mundo e sem querer mudar a vida, reinventando a paixão!" (SATO, 2011a).

Aqui vai o abraço carinhoso do povo quilombola, que agradece por ter nos ensinado a continuar a tocar o nosso Tambor e sempre RESISTINDO.

Ah! Dona Estivina manda avisar, que: "a farinha que você encomendou ta pronta e que já pode vir buscar". Na volta, dona Maria do Chá te espera pra um dedo de prosa com um chá de hortelanzinho do cerrado, que é pra você continuar a sonhar.

A você, Professora, Dra. Michèle Sato, os meus PARABÉNS!

A você amiga Michèle, o meu afetuoso abraço de AGRADECIMENTO!

FERREIRA, Carlos Roberto**.** ***Oikos*** **Quilombola:** arte-educação-ambiental e a poética do pau a pique**.** 2020. 212 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

Resumo: O sentido socioambiental da Casa da Cultura Quilombola enquanto uma *Oikos* – ambiente da casa habitado - foi interpretado, na dimensão política do Quilombo. *Oikos* como espaço de diálogo praxiológico do professor e do aluno, nas arquiteturas da Educação. Comunhão da família em sua ambiência cultural, na cotidianidade íntima, na Comunidade Mata Cavalo, no município de Nossa Senhora do Livramento – MT. A compreensão investigativa foi ressignificada enquanto espaço de referência da Escola e da cultura local, construída por meio de Prática Pedagógica, respaldada pela Arte–educação–ambiental e sua praxis. A Cartografia do Imaginário foi alicerce fenomenológico enquanto metodologia, que conjugou tijolos de diferentes saberes por meio da Participação Observante e do Projeto Ambiental Escolar Comunitário – PAEC. O diálogo com a Arte-educação se fez argila-saliva, elemento intrínseco no Processo Formador com a Cartografia do Fogo. Essa relação dialogante contribuiu na investigação das catástrofes físicas ambientais presentes na Casa da Cultura, provocadas pelos colapsos climáticos locais. Com a participação de Professores (as), Técnicos (as), estudantes e pessoas da Comunidade realizamos o nosso Objetivo Maior, onde procuramos investigar a Casa da Cultura Quilombola na dimensão de uma *Oikos*, observando a sua relação pedagógica com a Escola, para encontrar na arte-educação-ambiental, uma direta relação da Escola com a Comunidade. Ainda, compreender de que maneira os quilombolas interpretam o fenômeno climático, que invisível, torna se difícil de ser questionado para alertar sobre catástrofes socioambientais. A pesquisa me trouxe aprendizagens à vida científica e ao meu cotidiano profissional enquanto arte-educador-ambiental; contribuiu com o meu pensamento sobre o papel socioambiental da Escola, bem como me revelou reflexões para compreender a riqueza da dimensão cultural, presente nas vivências da família quilombola. No interior dessa *Oikos*, bebi no pote de barro a água da formação, na busca de uma viagem científica. Enfrentei o processo "dolorido" da deformação, tentando vencer os obstáculos com a força da terra. De igual maneira, me entreguei à combustão da transformação desejada com a força do fogo e por fim, tive tempo para repousar na busca de uma reformação. Contudo, foram as entrevistas e as respostas destas, que deram um sinal de que nesta pesquisa, havia um outro tempo a ser respeitado: aquele guardado nas experiências da resistência quilombola, presentes no habitar uma casa de pau a pique, com a coragem de deixar o fogo do lado de fora. Com esse pensamento, ativei e re-ativei a memória, para respirar o ar de um novo ciclo, considerando o encantamento e o re-encantamento do processo da pesquisa, na *Oikos* que habitamos.

Palavras-chave: Arte–educação–ambiental. *Oikos* Quilombola. Poética. Justiça Climática.

OIKOS QUILOMBOLA:
Environmental-art-education and the wattle and daub poetics

Abstract

The socio-environmental sense of the Casa da Cultura Quilombola as an *Oikos* – inhabited space of the house – was interpreted in the Quilombo political dimension. *Oikos* as a space of the teacher and student's praxiological dialogue, in the architectures of Education. Communion of the family in their cultural environment, in the intimate daily life, in the Mata Cavalo community, in the municipality of Nossa Senhora do Livramento – MT. The investigative understanding was reframed as a reference space of the school and local culture, constructed through Pedagogical Practice, supported by Environmental-art-education and its praxis. The Cartography of the Imaginary was the phenomenological basis as a methodology, which combined bricks of different knowledge through Participant Observation and Community School Environment Project – PAEC. The dialogue with Art-education was made with clay-saliva, an intrinsic element in the Formation Process with the Cartography of Fire. This dialogical relationship contributed to the investigation of physical environmental catastrophes present in the Casa da Cultura, caused by local climate collapses. With the participation of Teachers, Technicians, students and people from the Community we achieved our Greater Objective, when we sought to investigate the Casa da Cultura Quilombola in the dimension of an *Oikos*, observing its pedagogical relationship with the School, to find in environmental-art-education, a direct relationship between the School and the Community. Also, understanding how quilombolas interpret the climatic phenomenon, though invisible, makes it difficult to be questioned to warn about socio-environmental catastrophes. The research brought me knowledge to scientific life and my professional daily life as an art-environmental educator; it contributed to my thought on the School socioenvironmental role, as well as it revealed reflections to understand the richness of the cultural dimension, present in the quilombola family's experiences. Inside this *Oikos*, I drank from the clay pot the water of formation, in search of a scientific trip. I faced the "painful" process of deformation, trying to overcome the obstacles with earth force. Likewise, I turned myself into the combustion of the desired change with the force of fire and finally, I had time to rest in search of a reformation. However, it was the interviews and their responses that signaled that in this research, there was another time to be respected: that kept in the quilombola resistance experiences, present in inhabiting a wattle and daub house, in the courage to leave the fire outside. With that thought, I activated and re-activated the memory, in order to breathe the air of a new cycle, taking into account the enchantment and re-enchantment of the research process in the *Oikos* that we inhabit.

Kewords: Environmental-art-education. *Oikos* Quilombola. Poetics. Climatic Justice.

Abstract by Odila Watzel.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS	IDENTIFICAÇÃO	PÁGINAS
FIGURA 01	Casa da Cultura Quilombola	06
FIGURA 02	Sr. Antônio Mulato	09
FIGURA 03	Profa. Tereza Conceição de Arruda	09
FIGURA 04	Porta de Entrada da Casa da Cultura Quilombola	26
FIGURA 05	Planta Baixa da Casa da Cultura Quilombola	28
FIGURA 06	Primeira Janela da Casa da Cultura Quilombola	34
FIGURA 07	Ninho	65
FIGURA 08	Segunda Janela da Casa da Cultura Quilombola	75
FIGURA 09	Terceira Janela da Casa da Cultura Quilombola	128
FIGURA 10	Casa de Palha	132
FIGURA 11 A e B	Pau a pique	161 e 163
FIGURA 12	Devoção	161
FIGURA 13 A e B	Pote de Barro	161 e 164
FIGURA 14	Ralo de Farinha	162
FIGURA 15 A e B	Telhado Vivo	162
FIGURA 16 A e B	Broto da Mandioca	163 e 167
FIGURA 17	Jardim da Casa	164
FIGURA 18	Fogão de Barro	165
FIGURA 19 A e B	Lamparina	165
FIGURA 19 C	Lamparina	166
FIGURA 20	Quarta Janela da Casa da Cultura Quilombola	174
FIGURA 21	Telhado Vivo na Casa da Cultura Quilombola	193
FIGURA 22, 23 e 24	Flores de Cacos	201
FIGURA 25	Porta da Casa da Cultura Quilombola (Fundos)	208

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SIGNIFICADOS

SIGLA	SIGNIFICADO
AAE	Apoio Administrativo Educacional
AEEC	Associação Estadual de Etnias Ciganas
ASPEA	Associação Portuguesa de Educação Ambiental
CadÚnico / PBF	Cadastro Único para Programas Sociais
CEMADEN	Centro de Controle e Monitoramento de Acidentes e Desastres Naturais
ASPEA	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EA	Educação Ambiental
AEA	Arte-educação-ambiental
BNCC	Base Nacional dos Componentes Curriculares
ESALQ	Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"
FMCJS	Fórum de Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental
GPEA	Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte
ICA	Instituto Caracol
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IFMT	Instituto Federal de Mato Grosso
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
OPAN	Operação Amazônia Nativa
PAEC	Projeto Ambiental Escolar Comunitário
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PrEA	Projeto de Educação Ambiental
REAJA	Rede Internacional de Educação Ambiental e Justiça Climática
SEDUC	Secretaria de Estado de Educção
TAE	Técnico Administrativo Educacional
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco
UDC	Universidade da Coruña
UFR	Universidade Federal de Rondonópolis
UFRR	Universidade Federal de Roraima
UFPA	Universidade Federal do Pará
UH	Universidad de Habana
UnB	Universidade Nacional de Brasília
UNEMAT	Universidade de Estado de Mato Grosso
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina
UERN	Universidade de Estado do Rio Grande do Norte
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
USP	Universidade de São Paulo
USC	Universidade de Santiago de Compostela
UV	Universidad Veracruzeana

***OIKOS* QUILOMBOLA:**
Arte-educação-ambiental e a poética do pau a pique

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO
PORTA DE ENTRADA 26

CAPÍTULO UM

PRIMEIRA JANELA 35
O CLIMA, A ÁGUA E A TERRA NA CONSTRUÇÃO DA *OIKOS*
1.1 Na *Oikos* internacional, uma JANELA para a REAJA 42
1.2 O "mundo foi renovado com as chuvas": eis os colapsos do clima em Comunidades pesquisadas 49
1.3 Biografia arte-ecológica, uma JANELA ABERTA, sem trancas e taramelas 56
1.3.1 Uma JANELA ABERTA ao devir estudante 60
1.3.2 Uma JANELA ABERTA ao devir arte-educador 65

CAPÍTULO DOIS

SEGUNDA JANELA 75
CHÃO DE CUPIM NOS LABIRINTOS DA *OIKOS* QUE ACOLHEM ARTE-EDUCAÇÃO-AMBIENTAL
2.1 No chão de cupim, a topofilia da *Oikos* 78
2.2 A *Oikos* que queremos habitar - uma JANELA ao direito de sonhar 85
2.3 Comunidade Mata Cavalo – uma *Oikos* de griôs 92
2.4 Educação Ambiental – chão de cupim nos labirintos da *Oikos* 110
2.5 Arte-educação-ambiental – uma tríade de afeições, singular 122

CAPÍTULO TRÊS

TERCEIRA JANELA 128
FOGO TRANSFORMADOR NA FENOMENOLOGIA DA *OIKOS*
3.1 O fogo é um drama no exterior da *Oikos* 130
3.2 A Cartografia do Imaginário e os substratos fenomenológicos dos Quatros Elementos 138
3.3 Habitar o interior da *Oikos* Quilombola: procedimentos, processos e vivências ao redor do fogo 149

CAPÍTULO QUATRO

QUARTA JANELA 174
BRISAS QUE ASSOPRAM E REMODELAM A *OIKOS*

CAPÍTULO CINCO

TELHADO VIVO 193
OS ELEMENTOS NO HORIZONTE DA INCOMPLETUDE
5.1 No horizonte que me encontrei com a pesquisa 196
5.2 No horizonte da chama do fogão de barro 204

PORTA DA *OIKOS*
REFERÊNCIAS 208

ANEXOS

ANEXO I CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO 219
ANEXO II PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP 221

INTRODUÇÃO

PORTA DE ENTRADA



Fig. 4 Porta de entrada da Casa da Cultura Quilombola.
Foto do pesquisador, 2019

Para abrir as portas e janelas da *Oikos* Quilombola e para convidá-los a entrar no território do Quilombo Mata Cavalo[3], peço licença ao patriarca e líder político

[3] Nome originado de Rio de mesmo nome, que cruza a comunidade Mata Cavalo de Cima e, por muito tempo, serviu como fonte de abastecimento de toda a comunidade quilombola com água potável, lavagem de roupas, à alimentação, servir aos animais e à agricultura. Hoje a comunidade presencia a ausência da água, em função da significativa redução de suas fontes naturais, o que os levam ao apelo a poços artesianos. (Depoimento da Senhora Estivina Clemente da Cruz a Carlos Roberto Ferreira).

comunitário do Quilombo, Senhor Antônio Benedito da Conceição[4], mais conhecido como Antônio Mulato.

Peço licença a toda espiritualidade ancestral quilombola e peço licença ao povo da água, da terra, da mata, do fogo e do ar, por acreditar na força espiritual da natureza, sentir que as pedras são vivas e que têm espíritos.

Em nome do Senhor Antônio Benedito da Conceição, declaro aberta a nossa roda de conversa, para a troca de saberes sobre o presente trabalho: ***OIKOS QUILOMBOLA: Arte-educação-ambiental e a poética do pau a pique.***

Ao patriarca da família e das causas quilombolas em Mata Cavalo, Sr. Antônio Mulato,

In memoriam

> Sou um certo homem da América! Meu poema é ferida aberta, irmão! Sinto o cheiro do barro que toma a forma dos padecimentos e das alegrias da nossa gente. Sinto o cheiro molhado pela chuva e pelo sangue dos injustiçados. Sou um andarilho do cotidiano, bebendo das raízes e do gosto da cachaça que escorre com as marcas da violência no suor e na saliva das resistências. Sou um certo homem da América! Trago em meu corpo tenso, marcas dos chicotes dos poderosos e das mordidas das traições. Por onde passo, indago angustiado: Quem sou Eu? Quem somos Nós? Meus passos apenas ressoam no silêncio. Sou um certo homem da América! Caminhante sem caminho. Sonhador da liberdade! (RIBEIRO, 2005, p. 119).

Era o ano de 2016, mais precisamente o mês de julho, quando eu voltava, a trabalho, da cidade de Poconé - MT, distante a 105 km da capital. No caminho, passei pela Comunidade Mutuca, onde conheci a Festa da Banana. Chegando a Mata Cavalo de Baixo, deparo-me com a Casa da Cultura Quilombola, ao lado da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, à margem da MT 060, que liga Cuiabá ao Pantanal mato-grossense. Em função de estar fechada, não pude conhecê-la por dentro, só tendo essa satisfação, nos meses de novembro e dezembro do

[4] Descendente de pais também negros escravizados, nascido a 12 de junho de 1905, falecido em 15 de setembro de 2018, aos 113 anos. Homem mais velho de Mato Grosso, Antônio Mulato era o maior líder político e comunitário do Quilombo Mata Cavalo. Considerado em seu território, como o patrono da educação, – **um *Griô* Quilombola -** pela constante luta e incentivo na busca de construção de escolas para a sua comunidade e por se sentir responsável em manter todos os seus herdeiros em sala de aula. De três relacionamentos conjugais, teve 18 filhos, destes, 13 vivos; 34 netos, 41 bisnetos e 17 tataranetos.

mesmo ano, quando da realização de um Processo Formador e visita à Feira Cultural da Escola, da qual a Casa é espaço intrínseco, acolhedor.

Nesse ano, era aluno especial de uma disciplina no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE / UFMT, e lá estive em companhia do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte – GPEA, onde hoje, sou pesquisador participante. Nessa ocasião, ficou em mim, a confirmação da Casa da Cultura Quilombola como objeto de minha pesquisa em doutorado e assim, finalizei o projeto para a seleção. Em 2017, entro para o doutorado em Educação, na UFMT, com o projeto: *Casa da Cultura Quilombola: Arte-educação-ambiental e a poética do pau a pique.* Após as orientações iniciais, passou a ser: ***OIKOS QUILOMBOLA: Arte-educação-ambiental e a poética do pau a pique.***

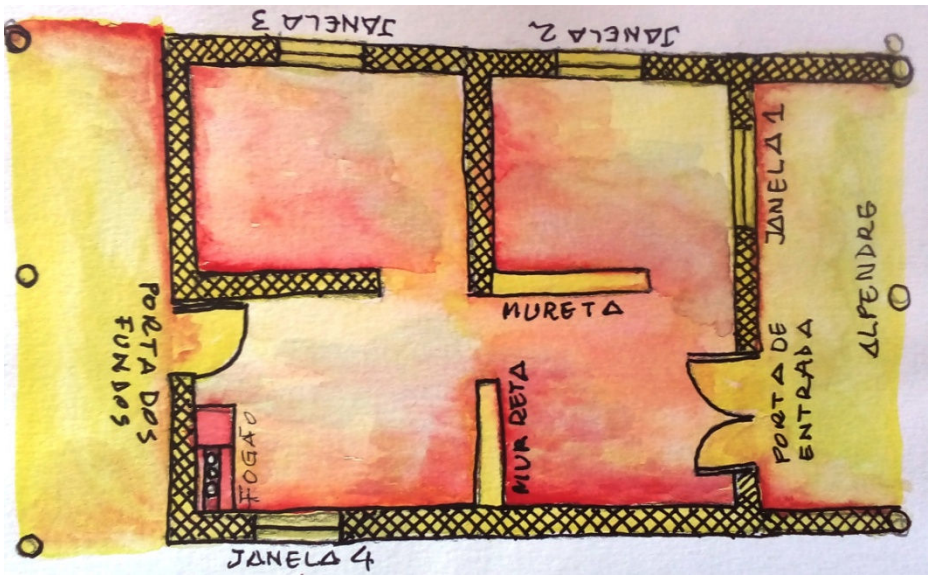


Fig. 5 Planta baixa da Casa da Cultura Quilombola. Desenho e foto do pesquisador, 2019

A casa possui: duas pequenas varandas localizadas na frente e fundos; quatro espaços internos, interligados, de amplo uso; duas portas, sendo uma de entrada e outra nos fundos, a saída; quatro janelas, o telhado vivo e no terceiro cômodo, temos um fogão de barro. Com o nome desses espaços-objetos-lugares, utilizando de metáforas e respectivas poéticas elaborei a capitulação deste trabalho.

São as portas e janelas por onde transitaram as amálgamas e as incompletudes na dimensão da pesquisa sobre a *Oikos* que habitamos. Nessa visita fenomenológica, a roda de conversas dará a todas e a todos,

> O direito de janela e o dever de árvore, isto é, ter o direito de enfeitar coisas íntimas, como o olho de nossa janela, mas respeitar o espaço coletivo, **reconhecendo a árvore como O*ikos* de todos**, anunciando uma nova estética ecológica (SATO, 2011a, p. 3. **Grifo nosso**).

Nesse pensar satiano, ampliaremos a nossa fenomenologia interna, íntima, biológica e ecológica, onde o "olhar de passarinho abre fronteiras nunca vistas, acenando que o arco-íris pode estar além do horizonte" (SATO, 2011a, p. 5). Aqui, reside o sentir, onde se "complementam as percepções metodológicas", com a Cartografia do Imaginário (SATO, 2011a).

Usarei o pronome "Nós", para que, ao dizer "NÓS PROSEAMOS", sua sonoridade esteja no acorde coletivo, íntimo da *Oikos* habitada, como uma imagem poética, mas desenhada em círculo, como os círculos de saberes do mundo. "O espaço habitado, transcende o espaço geométrico. **Ele pode** ser de uma imagem poética, que nessa percussão, terá uma sonoridade do ser" (BACHELARD, 1978a, pp. 184, 227, grifo nosso).

A primeira porta da *Oikos* Quilombola é a **PORTA DA ENTRADA**, a porta da frente, que fica voltada para a Escola Estadual Quilombola Professora Tereza Conceição de Arruda. Abre-se para receber toda a energia do Pantanal, com acesso pela MT 060. Podemos até já nos sentir passando por ela. Em nossa metáfora, trata-se da **INTRODUÇÃO** desta tese.

Dessa maneira, apresento a Casa da Cultura Quilombola, com seus espaços mapeados na condição de uma Casa-ancoradouro das percepções mais genuínas, para juntos, descobrirmos as inquietudes da pesquisa. A Casa foi também, o espaço físico que sempre nos recebeu para a labuta com a pesquisa e nos abrigou para a realização da Cartografia do Fogo, a nossa Prática Pedagógica como parte do Processo Formador.

Como já estamos dentro da casa e, nos colocando de frente para a Escola, à esquerda desta porta, fica a **PRIMEIRA JANELA**, também de frente para a Escola e para a MT 060. É o **PRIMEIRO CAPÍTULO** deste trabalho: **O CLIMA, A ÁGUA E A TERRA NA CONSTRUÇÃO DA *OIKOS*.** Neste capítulo, teremos em seu primeiro intertítulo: 1.1 **Na *Oikos* internacional, uma JANELA para a REAJA**. Nele, vocês poderão conhecer a Rede Internacional de Educação Ambiental e Justiça Climática, cuja propositura da ética e da política, é envergadura axiológica nos postulados ambientais e científicos da REAJA. É uma janela que se abre de dentro para fora das *Oikos* ambientais, nacionais e internacionais, onde o GPEA se faz presente, por meio de suas pesquisas. Assim o GPEA constrói a Educação Ambiental, considerando em seu processo de pesquisa, uma investigação sociopolítica junto a REAJA, na tentativa de amenizar as dores do mundo, com o pensamento de "mudar o sistema e não o clima" [5]. Em seguida, trataremos de entender sobre: **1.2 O "mundo foi renovado com as chuvas": eis os colapsos do clima em Comunidades pesquisadas.** Trata-se sobre as mudanças climáticas ou colapsos do clima que tem responsabilidade nas alterações e transformações da natureza, também provocadas pela ação humana e que tem contribuído negativamente, com os grupos em situação de vulnerabilidade socioambiental.

É uma marca Gpeana a construção e apresentação da **Biografia Ecológica** de seus pesquisadores, quando da realização de suas dissertações e teses de mestrado e de doutorado, respectivamente. Portanto, nesse primeiro capítulo, no terceiro intertítulo, vocês conhecerão: **1.3 Biografia Arte-ecológica: uma JANELA ABERTA sem trancas[6] e taramelas[7].** Ou seja, vocês terão a oportunidade de saborear peculiaridades da vida ecológica desse pesquisador, em minha relação com a arte-

---

[5] Campanha da REAJA – Rede Internacional de Pesquisadores em Educação Ambiental e Justiça Climática. Disponível em: https://gpeaufmt.blogspot.com/p/reaja_31.html. Acessado em: 30 set. 2020.

[6] Barra de ferro ou de madeira que se coloca, transversalmente, atrás das portas e janelas, como medida de segurança. (FERREIRA, 2008, p. 785).

[7] Também tratada como tramela. É uma peça de madeira, que gira presa a um prego, usada para fechar portas, janelas e porteiras, muito empregadas em casas de sítios e fazendas (HOUAISS, 2011, p. 919).

ducação-ambiental, praticada entre: **1.3.1 Uma JANELA ABERTA ao devir estudante** e, **1.3.2 Uma JANELA ABERTA ao devir arte-educador**.

A **SEGUNDA JANELA** da *Oikos* fica na lateral esquerda da Casa, totalmente de frente para a MT 060. Com ela, nomeamos o **SEGUNDO CAPÍTULO** da nossa pesquisa: **CHÃO DE CUPIM E OS LABIRINTOS DA *OIKOS* QUE ACOLHEM ARTE-EDUCAÇÃO-AMBIENTAL.** Nesse contexto, trabalharemos com cinco intertítulos, para tentar aproximá-los da compreensão de um tema bastante amplo e complexo, a Educação Ambiental: **2.1 No chão de cupim, a topofilia da *Oikos***. Cuidaremos de suas potencialidades epistemológicas para apresentar, segundo Yi-Fu Tuan, na "topofilia" da *Oikos*, o "elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico" (1980, p. 4), como surgiu a Casa da Cultura Quilombola: **2.2 A *Oikos* que queremos habitar – uma JANELA ao direito de sonhar.** Na *Oikos* que habitamos, trataremos da Casa enquanto um espaço também habitado pela arte-educação-ambiental e ainda, esta será conceituada no seu sentido de uma *Oikos,* junto aos objetivos desta pesquisa. Uma casa com a reflexão da espacialidade, do pensamento e da memória do homem e da mulher quilombola. No terceiro intertítulo: **2.3 Comunidade Mata Cavalo – uma *Oikos* de griôs,** chegaremos à Comunidade Quilombola Mata Cavalo, sua constituição territorial, sobre sua gente, sua cultura e suas lutas de resistências políticas e sociais e, ainda, sobre os "*griôs* quilombolas".

A *Oikos* Quilombola tem sua pedra fundamental assentada sobre chão batido de terras de cupinzeiros. Como é possível, seres tão minúsculos, invertebrados, que se alimentam, sobretudo, da sua própria saliva, que vivem submersos em labirintos de barro, habitar uma tese de doutoramento? Daremos atenção a esses seres "eussociais" (GOMES, et all, 2014), que ensinam a nós humanos, a viver em comunidade e, discorremos sobre: **2.4 Educação Ambiental – chão de cupim nos labirintos da *Oikos*.** Ao final do segundo capítulo, trataremos de: **2.5 Arte-educação-ambiental – uma tríade de afeições, singular,** que reúne o pensamento da arte, da arte-educação e da educação ambiental, conjugando saberes, junto ao território quilombola. Com esse pensar, teremos uma Arte-educação-ambiental, hifenizada,

"para revelar que se a educação não for ambiental, talvez nem seja educação" (BRASÍLIA, 2009, p. 17).

A **TERCEIRA JANELA**, na mesma posição da segunda, também fica na lateral esquerda da Casa, de frente para a MT 060. Em nossa metáfora, ela é o **TERCEIRO CAPÍTULO**: **FOGO TRANSFORMADOR NA FENOMENOLOGIA DA *OIKOS*.** Nesse capítulo iremos dialogar com o fenomenólogo francês, Gaston Bachelard, para tentar entender por que: **3.1 O fogo é um drama no exterior da *Oikos*** Quilombola. Um fogo que nos apresenta uma imagem de luta contra as forças reais, que pode nos ajudar a compreender sobre as "forças imaginadas" (BACHELARD, 2008a). No segundo intertítulo desse capítulo, aproximaremos da Cartografia do Imaginário (SATO, 2011a): **3.2 A Cartografia do Imaginário e os substratos fenomenológicos dos Quatro Elementos**: Água; Terra; Fogo e Ar. Serão esses pilares que nos ajudarão a: **3.3 Habitar o interior da *Oikos* Quilombola: procedimentos, processos e vivências ao redor do fogo**. Assim, no terceiro intertítulo, habitaremos o interior da *Oikos* Quilombola, onde conheceremos a Cartografia do Fogo enquanto uma Prática Pedagógica de um Processo Formador, que aproximou de todos os grupos da Comunidade Mata Cavalo, para entre outras questões, tentar visibilizar as catástrofes ambientais que os colocam como um grupo em situação de vulnerabilidade socioambiental.

A **QUARTA JANELA** é o nosso **QUARTO CAPÍTULO**. Por esta **JANELA**, que fica na lateral direita da casa, bem pertinho do fogão, entram, aquecidas, as **BRISAS QUE ASSOPRAM E REMODELAM A OIKOS.** Será o momento de apresentarmos os resultados e as discussões teóricas da pesquisa aqui tratada**.** Quem sabe aqui, conseguirei atravessar a vidraça imaginária da janela da *Oikos* que habitamos, para interpretar, ao lume de conceitos, a minha vivência na Comunidade Quilombola Mata Cavalo, ao longo do processo da pesquisa. Veremos também, as entrevistas realizadas como substratos da percepção dos observantes quilombolas, sobre a Cartografia do Fogo, na Prática Pedagógica, construindo uma sinergia ambiental entre a Escola e a Comunidade, por meio de um Processo Formador em Arte-educação-ambiental.

Agora é a vez de sairmos de dentro da casa, para observarmos o seu **TELHADO "VIVO"**, para que, no **QUINTO CAPÍTULO**, possamos refletir sobre **OS ELEMENTOS NO HORIZONTE DA INCOMPLETUDE** da pesquisa, sobre a Casa Quilombola. Para isso, foi necessário estudar com esmero e ir além do que estava expresso na palavra Casa Quilombola e em suas paredes que me romantizavam o desejo de morar em uma delas. Foi preciso traçar um roteiro onde eu pudesse encontrar no "problema da pesquisa", "respostas" que viessem a contribuir com a Escola e com a Comunidade, possíveis caminhos, de novas descobertas junto à Educação e à vida social dos quilombolas: **5.1 No horizonte que me encontrei com a pesquisa.**

Ao nos recolhermos, novamente no interior da *Oikos*, faremos nossa roda de prosa, bem perto do FOGÃO DE BARRO: **5.2 No horizonte da chama do fogão de barro.** Vamos acendê-lo com lenha de angico[8] vermelho e preparar um fogo brando para que o café da tarde não saia apressado. Então, enquanto o calor do fogo aquece os nossos corpos e o cheiro do angico, a nossa alma, teremos tempo para pensarmos nas CONSIDERAÇÕES FINAIS. Mas não desfaçamos a roda e, muito menos, daremos intenção de despedida! Vamos considerar de dentro para fora, algo que ainda pode ser "re-observado" em sua ressignificação. Olhar pelas frestas das portas e janelas e deixar algo em aberto, com a peculiaridade dos pássaros que fazem ninhos nas cumeeiras das nossas casas e sempre voltam para se "re-aquecer". Podemos ainda, anunciar a esperança do dever e do devir da arte-educação-ambiental, praticados, no interior da *Oikos.* Assim, deixar uma chama verde de esperança, iluminando de sol as árvores do Quilombo, para que outras sementes venham a germinar nos canteiros do cotidiano da *Oikos*, no território Quilombola.

[8] Angico vermelho é nome popular de uma árvore da família das Fabáceas (ex-Leguminosas). Trata-se de uma árvore de até 20 metros de altura que ocorre em todo o Brasil, exceto na região sul. Vive em florestas, cerrados e caatinga e produz flores brancas, pequenas, muito procuradas pelas abelhas. Também conhecida como: angico-branco, angico-preto ou angico vermelho, angico-do-campo, guarapiraca, entre outros. Sua espécie na coloração vermelha é muito empregada na construção civil e naval. Sua madeira é bastante empregada na produção de alimentos, pelo fato de suas brasas serem bastante incandescentes e duradouras. Muito utilizado também na indústria têxtil, no tingimento de tecidos. Disponível em: www.dicionarioinformal.com.br/angico-vermelho/. Acessado: 11 dez. 2019.

Mas não feche os meus olhos
Para que os meus desejos
Nunca sejam esquecidos
Guardarei mansamente as coisas do viver
Minha pequena poesia
De despedidas e canções
Meu cigarro
Meu tango
Minha bebida
E meu punhado de charme.

Astor Piazzolla[9]

Pela **PORTA DO FUNDO**, sairemos para buscar no vizinho, um pouco de rapadura, para temperar com o beijo das abelhas o nosso café, adoçado com o sabor agridoce da cana plantada no cerrado. Por esta porta, entrarão as nossas **REFERÊNCIAS** mais genuínas. Apresentar os cientistas, os pensadores ambientais, os filósofos e os pesquisadores que se irmanaram nessa viagem científica, fascinante. Conhecer com quem dialogamos, no afã de construirmos uma relação prazerosa com a epistemologia científica, por meio de uma pesquisa em Educação.

[9] Trecho da música: "Balada para minha morte", do original de Astor Piazzolla (1921 – 1992), com livre tradução para o português, por este pesquisador. Música disponível em: https://www.ouvirmusica.com.br/astor-piazzolla/1973104/. Acessado em: 13 Agos. 2019.

CAPÍTULO UM
PRIMEIRA JANELA
A ÁGUA, A TERRA E O CLIMA NA CONSTRUÇÃO DA *OIKOS*



Fig. 6 Primeira Janela – Janela da Frente da Casa da Cultura Quilombola.
Foto Flávia Bertier, 2018

Sob um filete de luz, com a energia fenomenológica de Gaston Bachelard, e os diálogos entre o Quilombo Mata Cavalo e o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte – GPEA construímos uma Casa da Cultura Quilombola. Como professor na educação básica, tive interesse nos Projetos Ambientais Escolares Comunitários – PAEC, em consonância com a política pública do Estado de Mato Grosso, em especial, ao Projeto de Educação Ambiental – PrEA

(MATO GROSSO, 2014). Além do PrEA, Mato Grosso possui a Lei 10.903/2019, da Educação Ambiental, recém aprovada, em conexão com a Lei Federal 9.795/1999 [10].

O GPEA coordena um projeto internacional entre 05 países e 24 entidades: Rede Internacional de Pesquisadores em Educação Ambiental e Justiça Climática – REAJA[11]. Para estabelecer conexões entre a minha pesquisa e a do GPEA, decidi que minha investigação estaria associada a esta Casa, já que, construída no chão da Escola, seria um terreno fértil aos Processos Formadores, além da possibilidade da criação da ressignificação arte-educativa, junto à Escola e dos desafios do magistério.

Contudo, os desafios do magistério não são os protagonistas dos conflitos socioambientais da atualidade. A crise climática está inviabilizada pelos *lobbies* e interesses do capitalismo. Uma política de necrose banaliza a vida, impondo o mercado acima das vidas humanas. Nas matérias de jornais, dificilmente se observa a conexão da pandemia da Coronavirus Disease (Covid-19) com o desmatamento ou o comércio de vidas selvagens. Diariamente há notícias sobre a pandemia, com elevação dos índices de mortes e contaminação pela Covid-19. Em contramão com este excesso de informações, uma parcela significativa da população parece desprezar as orientações de isolamento social, banalizando a vida.

> A complexidade da crise climática reflete seu caráter global; a interação, muitas vezes conflitiva, de um conjunto de elementos políticos, econômicos, sociais, ecológicos, educacionais, tecnológicos, comunicativos, ético-culturais e epistemológicos; reduzida vontade política para intervir e assumir compromissos e uma relativa dose de incerteza no conhecimento existente que favorece a controvérsia com os opositores, a confusão e a inércia da opinião pública. Estas características tipificam-na como uma crise multidisciplinar, de alta complexidade e de relevante interesse público porque implica em riscos sociais globais, em especial para as populações mais vulneráveis socialmente (LIMA; LAYRARGUES, 2014, ps. 76, 77).

[10] Disponível em: https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=378403. Acessada: 28 nov. 2019.
[11] O Projeto REAJA, foi apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso – FAPEMAT, Edital induzido n. 037/2016, faixa A. Disponível em: http://www.fapemat.mt.gov.br/documents/363786/3766863/Resultado+Final+-+faixa+A-+Edital+de+REDE+2016/9cab89db-43cf-4261-97dc-fc5b2547064b

Como hipótese, parti da premissa de que não bastam informações, mas a população carece de Processos Formadores que consigam evidenciar a importância da vida, nos cuidados sanitários de uma crise climática. Este pensamento faz parte do projeto internacional coordenado pelo Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte – GPEA. Com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de Mato Grosso - FAPEMAT, cinco objetivos são constituintes da REAJA (2014) [12].

> A - As investigações sistemáticas no campo do clima; sejam aspectos físicos, como os desastres e, quais são os grupos mais expostos;
>
> B - A valorização dos aspectos culturais dos grupos sociais, geralmente os economicamente prejudicados;
>
> C - A promoção de cursos, materiais educativos "cadernos de balbúrdia", e Processos Formadores que garantam a compreensão da emergência climática;
>
> D - A promoção da educomunicação, transmídia ou divulgação jornalística que consiga contribuir com o princípio de que todo ser humano consegue ser mídia; e,
>
> E - Avançar e consolidar os estudos que consigam contribuir com as formulações de políticas públicas e clima, evidenciando a importância da educação ambiental em todo percurso do projeto.

Como temática investigativa, pedi emprestados os signos gregos, e nomeei a Casa da Cultura Quilombola como *OIKOS* QUILOMBOLA – do grego [οἶκος] que significa casa, que deu origem à palavra economia (cuidado interno) e à ecologia (cuidado cósmico). Trata-se de um espaço dividido entre mulheres, homens, crianças e anciões quilombolas, como se desta história e da "*oikosnomia*" doméstica, fluísse uma energia que alcançasse a arte e a "*oikoslogia*" (HEIDEGGER, 1969), sob a regência cósmica da arte-educação-ambiental.

O nosso OBJETIVO GERAL foi o de investigar a Casa da Cultura Quilombola na dimensão de uma *Oikos*, observando a sua relação pedagógica com a Escola, onde

[12] Disponível em: https://gpeaufmt.blogspot.com/p/reaja_31.html. Acessado em: 25 out. 2020.

professores (as), técnicos (as), estudantes e pessoas da Comunidade, encontrassem na arte-educação-ambiental, uma direta relação da Escola com a Comunidade. Compreender de que maneira os quilombolas interpretam o fenômeno climático, que invisível, torna se difícil de ser questionado para alertar sobre catástrofes socioambientais.

Para tanto, foi pensado em OBJETIVOS ESPECÍFICOS, junto a esses grupos sociais: professores (as); técnicos (as), estudantes e pessoas da Comunidade, com a Participação Observante (PERUZZO, 2017) e, (FROMM, 1960):

- REALIZAR Processo Formador, pensando a Escola Quilombola como um Projeto Ambiental Escolar Comunitário, capaz de investigar a Casa da Cultura na dimensão de uma *Oikos*, sua relação com a Educação e com a Comunidade;

- REALIZAR a Cartografia do Fogo como Prática Pedagógica, cujo pensamento bachelardiano contribuísse com a praxiologia para entender de que maneira o elemento fogo dialoga com a sustentabilidade da *Oikos,* no cotidiano da Escola e da Comunidade;

- COMPREENDER de que maneira os quilombolas interpretam o fenômeno climático, que invisível, torna se difícil de ser questionado para alertar sobre catástrofes socioambientais.

Entre os cinco objetivos centrais da Reaja, interessou-me as metas relacionadas com os Processos Formadores, e acredito que minha pesquisa contribuiu ao contexto global da formação humana frente ao colapso climático. Inscrito conceitual e metodologicamente na fenomenologia, em especial na Cartografia do Imaginário (SATO, 2011a), ressignifiquei os objetivos da REAJA à construção da arte-educação-ambiental, considerando a arte como essência pedagógica que se assemelha à propriedade do fogo, na combustão de memórias, vivências e novas aprendizagens climáticas.

Busquei compreender de que maneira os Processos Formadores poderiam comunicar o clima numa comunidade quilombola, que representa um dos grupos em situação de vulnerabilidade climática. Por isso, o GPEA construiu um curso de extensão que pudesse incorporar os princípios da fenomenologia de Gaston

Bachelard e Michèle Sato, oferecendo as cartografias dos quatro elementos: água, terra, fogo e ar, bem como a Cartografia da Mandioca. O curso não é alheio ao escopo da investigação científica da REAJA, mas está entrelaçado fenomenologicamente em três dimensões (BRASÍLIA, 2009): teórico (epistemologia), prático (praxiologia) e, ética e política (axiologia).

No uso da metáfora ígnea, um dos quatro elementos Bachelardianos, busquei interpretar a Casa da Cultura como representação do quilombo. A casa (*Oikos*) foi construída entre GPEA e comunidade, num projeto anterior, que visava a construção de Projetos Ambientais Escolares Comunitários (PAEC), em consonância com a política mato-grossense de educação ambiental. Por intermédio de apoio financeiro do Fundo Mundial à Vida Selvagem (WWF-Brasil), esta casa foi construída com as tecnologias populares de pau a pique, com sofisticação ecológica do telhado verde, isto é, com grama no telhado para reduzir o calor e oferecer conforto térmico ao local.

A Casa da Cultura Quilombola, doravante chamada simplesmente de *OIKOS*, foi um marco significativo da cultura e da natureza do quilombo, porque além de envolver a comunidade e a escola, agrega parte da história por pequenos objetos, exposições e organização de Mata Cavalo. Em outras palavras, a *Oikos* se tornou o foco central da pesquisa, já que é também a representação da própria arte-educação-ambiental, compartilhada e dialogada entre cultura quilombola e natureza do Cerrado.

Em se tratando do Processo Formador, promovido pelo GPEA no marco do projeto internacional REAJA, com as Cartografias de Aprendizagens, fui um dos responsáveis pela Cartografia do Fogo, que foi oferecido no contexto da *OIKOS*, com interface dos demais três elementos e da Cartografia da Mandioca. Escolhi o fogo como metáfora principal da pesquisa, não somente pela responsabilidade da cartografia, mas como identidade pessoal.

Busco interpretar esta *Oikos* Quilombola em duas dimensões espaço-temporais: a primeira é a abordagem epistemo-praxiológica da arte-educação-ambiental, presente na vida e na memória da comunidade. A segunda refere-se às teias fenomenológicas que conectam a *Oikos* à emergência climática. São fluxos

conectivos que ligam cultura e natureza e vazam nos processos da arte-educação-ambiental.

> Cisne redondo no rio,
> Olho de alta catedral,
> Aurora falsa nas folhas sou!
> Quem se oculta?
> Quem soluça nos vales, entre os matagais?
> A lua deixa uma faca
> abandonada no ar
> que sendo espreita de chumbo,
> dor de sangue almeja ser.
> Deixa-me entrar!
> Venho fria por paredes e cristais!
> Abri telhados e portas!
> Onde me possa acalentar-me?
>
> *Federico Garcia Lorca*[13]

E no amálgama do barro, terra e água se misturam e se fortalecem entre mãos para a sova-feitura da Casa. "Água e chão amorosamente entram-se. O poeta se escura em natureza. E será escravo da terra, fisiologicamente. Sendo essa, uma escravidão redentora" (BARROS, 1992c, p. 319). E assim se cristalizam na liga-massa, para dar ao pau a pique, a manufatura do corpo da *Oikos*. Uma vez amalgamada, é erguida a morada de pertencimentos quilombola, que pelo lado de dentro, pulsa o calor do coração ancestral na habitação da casa-*oikos*. Pelo lado de fora, vibram as vicissitudes da vida sócio-política e cultural, presentes no corpo do homem e da mulher quilombola.

"Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas um fôlego de vida. O pó é um sopro! A vida é um sopro"! (BÍBLIA SAGRADA, 1983, p. 312).

E por meio de um muxirum[14], ergueram um sonho da memória coletiva do quilombo: a Casa da Cultura Quilombola, que aqui, a trato como "*Oikos* Quilombola", e adiante, descreverei em amiúde.

---

[13] Trecho da fala da personagem Lua em confronto com a personagem Mendiga, da Tragédia Andaluza: "Bodas de Sangue" (1932), do poeta espanhol, Federico Garcia Lorca (1898 – 1936), (LORCA, 1997, p. 117).

Aqui, o construtor da filosofia da ciência e poeta francês, Gaston Bachelard (1884 – 1962), propõe uma dialética do "interno e do externo" – o que está do lado de dentro e o que está do lado de fora da casa, "dando às imagens um valor ontológico, que vai repercutir no jogo do aberto e do fechado" (BACHELARD, 1978a, p. 198). Anoto aqui, um percentual intrínseco da poética da intimidade, presente na sua "Poética do Espaço" (1978a), quando descreve sobre o umbral como algo sagrado, ao sentir que a porta se encarnou de um pequeno deus dos umbrais. Vejamos que em sua poética, os devaneios do filósofo francês, nos convidam a observar que, no limiar junto à porta, estão os umbrais - "cada uma das peças verticais das portas e janelas que sustentam as vergas" (FERREIRA, 2008, p. 800) - e por entre cada fresta, das portas e das janelas, passa a respiração da *Oikos*. Talvez aqui, Gaston Bachelard (1978a) nos convida a prestar atenção, quando adentramos a uma Casa. Em cada passagem, sobretudo das portas com seus portais-umbrais, podemos nos encontrar com o sagrado, com o espiritual, que nos autoriza ou não, a adentrarmos na intimidade do interior da Casa. É quando passamos pelos arcos das portas, os umbrais nos protegem e coroam as nossas cabeças, nos abduzindo para a intimidade do Lar, da Casa, da O*ikos*, do espaço habitado pela família. Então, é hora de pedir licença, tirar o chapéu, como sempre fazia Seo Antônio Mulato que, antes dos umbrais, abaixava a cabeça como registro da sua humildade ancestral e respeito ao sagrado, no universo espiritual popular.

Então, passaremos pelos umbrais das portas e janelas da *Oikos* Quilombola, entendendo que em cada passagem, poderemos nos encontrar com os espíritos que residem na morada ancestral. Não esqueçam que o sagrado poderá lhes cobrar reverência, inclusive ao aproximar dos umbrais das JANELAS da REAJA, uma passagem fenomenológica, por onde ela passa para assinar seu compromisso político, internacional com a Educação Ambiental e com a Justiça Climática.

---

[14] Muxirum, Mutirão ou Muxirão – auxílio gratuito e voluntário que prestam uns aos outros, no espaço urbano e rural. A lavradores em colheitas, construções de casas, igrejas, ponte, estradas, entre outros serviços coletivos (FERREIRA, 2008, p. 570).

1.1 Na *Oikos* internacional, uma JANELA para a REAJA

A Educação Ambiental, a Justiça Climática e as Políticas Públicas, constituem-se palavras-chave do repertório da pesquisa, da formação e da comunicação junto ao clima, à água e a terra. Um conjunto de afeições epistêmicas que a ciência coloca em permanente diálogo nos processos de discussões, intra Fóruns, nos projetos do GPEA[15]. Assim, o grupo afina os seus diálogos com a REAJA, pelos portais da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. São Processos Formadores e reflexivos, com correlato diálogo com o PAEC[16] – Projeto Ambiental Escolar Comunitário, que atuam nas discussões com pautas na construção de táticas educativas que possam enfrentar os efeitos drásticos dos colapsos climáticos, em defesa dos direitos humanos e da terra. Essas táticas são elementos-parte das pesquisas, em foco maior, realizadas pela Rede Internacional de Pesquisadores em Educação Ambiental e Justiça Climática – REAJA, na construção de sociedades sustentáveis.

A REAJA é uma janela que se abre de dentro para fora das *Oikos* ambientais, onde o GPEA se fizer presente. Abre-se ao abraço de parceiros internacionais, instituições científicas, amigas e amigos de vários continentes, preocupados em reduzir as catástrofes frente às injustiças ambientais.

---

[15] Coletivo pesquisador, criado em 1997, pela pesquisadora e cientista, ambientalista, Profa. Dra. Michèle Sato (UFMT), com vistas a fortalecer não somente o campo teórico (episteme) da educação ambiental, mas também pelas vivências, intervenções e metodologia (práxis), além de colaborar com os valores éticos (axioma) e participativos de construção de políticas públicas. Mantém a investigação como alicerce de suas orientações, atua na formação dos sujeitos, reconhecendo a importância da educação inicial e permanente, tendo forte atuação e diálogo com a sociedade civil, as comunidades tradicionais e os grupos sociais vulneráveis. Disponível em: https://gpeaufmt.blogspot.com/p/historico.html. Acessado: 21 mai. 2019.

[16] São aqueles que planejam atividades, ações e eventos que compartilhem saberes, ideias e práticas, mobilizando a iniciativa e a atuação da escola em parceria com a comunidade local, por meio de uma educação ambiental crítica, participativa e emancipatória. Do PAEC, nasceram os Processos Formadores em educação ambiental à distância em diálogo com a Educação Ambiental e Mudanças Ambientais e Globais (BRASÍLIA, 2009).

Essa Rede é um coletivo de pesquisadores internacionais, constituído em 2015, por ocasião da aprovação do projeto pelo CNPq [17]. Com sua política, objetiva compreender os fenômenos climáticos e os desastres, atuando na educação popular com grupos em situação de vulnerabilidade como indígenas, canoeiros, ribeirinhos, pescadores, quilombolas e grupos de mulheres. Adiante, busca traduzir o fenômeno perceptivo do clima junto a estudantes e professores da educação básica de ensino (SATO, 2016b). Nesse sentido, importante justificar que:

> O estudo sobre o clima transcende o espectro da ciência neutra, revelando claramente os campos políticos que se manifestam e, por isso mesmo, uma arena fértil que a educação ambiental deve estar presente, não apenas nas disputas conceituais, mas no posicionamento da governança e das políticas públicas (SATO, 2016b, p. 7).

Em seu tratado de objetivos, a REAJA consolida seus elos científicos em suas pesquisas na aprendizagem coletiva da educação ambiental, abrindo, no campo geral, várias janelas, que as mantêm sempre abertas, para que as brisas epistemológicas e fenomenológicas possam entrar, com os timbres das serenatas da Educação Ambiental.

Trata-se de uma Rede com pensamentos sócio-político-educativos, com consoantes e vogais epistêmicas, de projeção nacional e internacional. De igual modo, expressa forças numa relação de sinergia científica, com instituições pensantes na resistência das vulnerabilidades, junto a grupos populares. Com seus objetivos, imprime em caixa-alta o enfrentamento contra as drásticas consequências dos colapsos climáticos. Insere-se maiúscula pela sua natureza multidisciplinar, que busca sublinhar em seus grifos políticos, uma sadia interpretação da natureza em toda a sua dimensão. Produz com significativo olhar para as epistemologias da arte, uma leitura de mundo, ambientalmente alada, voando aos céus da justiça, com asas de paz e de sustentabilidade. Ainda, subscreve-se em suas notas de rodapé, o alicerce

[17] **Conselho Nacional de Pesquisa**, fundado em 1951, que atualmente é chamado de Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Órgão público que tem o objetivo de incentivar a pesquisa no Brasil, sendo reconhecido no mundo, em especial nos países em desenvolvimento. Disponível em: http://cnpq.br/apresentacao_institucional. Acessado em: 25 out. 2020.

de suas pesquisas como um coletivo pesquisador, cuja fenomenologia e metodologia sempre estão presentes em seu modo de fazer, em constante processo praxiológico, de um interior orgânico. Assina uma planta cartográfica com estrutura de piso em chão batido e telhado "vivo", para que, nenhum grupo das comunidades em situação de vulnerabilidade, fique descoberto ou desamparado do seu direito à educação e à vida ambiental.

Enquanto Rede multidisciplinar, a REAJA edifica uma construção de meios comunicacionais para a divulgação científica. Pratica a cultura do pensamento coletivo no universo das ciências, para que possa informar a sociedade sobre os agravos do clima. De igual pensamento, incentiva a criação e o diálogo de saberes científicos e populares que gerem materiais pedagógicos (cadernos, vídeos, blogs, redes sociais, entre outros) por meio dos processos jornalísticos e de Educomunicação ambiental (SATO, 2016b).

Como estado coordenador da REAJA, Mato Grosso se alimenta do privilégio de possuir significante número de pesquisadores e estudantes, atualmente com um número de quarenta e três (43). Todos e todas, envolvidos no projeto, onde tenho assento como pesquisador participante. No estado, a Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, conta com dois biomas envolvidos no projeto: o Cerrado e o Pantanal, onde o GPEA atua, há aproximadamente, 14 anos, nas localidades de São Pedro de Joselândia, distrito de Barão de Melgaço e no Quilombo Mata Cavalo, pertencente ao município de Nossa Senhora de Livramento - MT.

Com expressiva ligação com a Rede Lusófona de Educação Ambiental e da Rede Ibero-americana de Educação Ambiental, a REAJA é uma das únicas que alia os processos pedagógicos, comunicacionais e artísticos à justiça climática. O 1º Seminário Internacional foi realizado em outubro de 2017, no campus da UFMT, em Cuiabá, Mato Grosso, sob a tutela do GPEA. O 2º Seminário Internacional foi realizado em outubro de 2018, pela Universidade de Santiago de Compostela, na Galícia, Espanha.

Enquanto meta principal deste coletivo, as políticas públicas têm como essência, duas dimensões da educação ambiental: a pesquisa e a formação junto à

comunicação. Para compreender o fenômeno da justiça climática e da educação ambiental, a REAJA aposta em cinco linhas temáticas: **Clima; Cultura; Formação; Comunicação e Políticas Públicas** (SATO, 2016b).

Com o tema **Clima**, busca compreender sua complexidade e abrangências locais, nacionais e mundiais, com ênfase na justiça climática. Assim, busca conhecer quais tipos de conflitos socioambientais e desastres são causados pela alteração do clima e, que considere quais grupos sociais estejam mais vulneráveis e expostos a estes riscos.

A **Cultura** cuida de identificar as comunidades como estudos de caso. Coloca-se como uma abordagem que busca compreender a etnografia local de diferentes grupos sociais que enfoquem a educação indígena, a educação quilombola e as expressões culturais da arte, mitologia, festejos e relações de gênero.

Tendo a **Formação** como terceiro componente, esta já se fez presente em algumas escolas e comunidades, por meio da educação popular de inspiração Freireana, na construção de diálogos de saberes que potencialize e reconheça a epistemologia popular como um requerente político em suas ações de resistência.

A **Comunicação**, enquanto quarta dimensão empresta sentido para conhecer as ressonâncias da poética da comunicação, para além de um signo duro da mensagem jornalística sobre a mudança climática. Esta dimensão busca a interpretação do leitor-ouvinte, que interpreta a imagem, o som ou o texto na liberdade de sua própria percepção, para que, nessa liberdade, se coloque como um jornalista popular, consciente da sua própria história.

As **Políticas Públicas** se colocam como a quinta linha, atentando para um pensar investigativo. Objetiva construir uma proposta de governança climática dialogada entre governos e sociedade civil. Assim, é possível conseguir fortalecer os grupos sociais marginalizados, povos e comunidades tradicionais a enfrentar as alterações climáticas de forma digna, inclusiva do ponto de vista social e responsável do ponto de vista ecológico (SATO, 2016b).

Os Processos Formadores são ofertas de práxis no percurso da pesquisa, cujas dimensões fenomenológicas conduzem a construção de uma educação popular que

consiga dialogar de igual modo e conjunto, com a escola e com a Comunidade. Pois, sabemos que, "a educação é popular quando, enfrentando a distribuição desigual de saberes, incorpora um saber como ferramenta de libertação nas mãos do povo" (BRANDÃO, 2017, pg. 47)

Esses Processos Formadores têm em sua propositura epistemológica a construção de uma formação que evidencie práticas singulares junto aos Componentes Curriculares (BNCC) e à Escola, bem como a construção de PAECs. Com esses subsídios formadores, temos alimento para aproximar das táticas de resistência das comunidades, no enfrentamento dos dilemas socioambientais. Com essa premissa, podemos observar a maneira pela qual essas comunidades conseguem transformar a realidade opressora, nos revelando contra quem promoveremos a educação ambiental e a justiça climática.

Compreendo que, a correlata relação das premissas já pontuadas, bem como o fortalecimento de Políticas Públicas, constitui-se elemento primordial, visualizando justiça climática, para além dos desastres ambientais. Nesse sentido, a janela do tempo se abrirá para as táticas que conseguirão colorir o horizonte com um tom de esperança, mais que verde; azul, ao sul da horizontalidade da REAJA, em cujas asas escrevem que "para encontrar o azul eu uso pássaros" (BARROS, 1999b, p. 8). Nesse pensamento, dialogamos com Sato (2016b), quando expressa e reafirma seu modo operante de pensar sobre a contribuição da arte, com significativo papel pedagógico, sobretudo, aquelas em situação de vulnerabilidade social.

> Nossa rede compreende que a arte tem significativo papel pedagógico não somente de denunciar as injustiças, mas essencialmente de inovar, rebelar-se, resistir e criar meios que possam tornar as causas das mudanças climáticas mais visíveis. Por isso, busca enfatizar a sustentabilidade da vida, para que os desastres e o extermínio das variadas vidas que acontecerão no futuro possam ser considerados no mundo de hoje, como forte política pública de solidariedade, inclusão, participação e justiça (SATO, 2016b, p. 7).

O coletivo internacional REAJA se constitui de Entidades Participantes, num total de vinte e quatro (24), sendo, dezesseis (16) Universidades, quatro (04) ONG e quatro (04) OG, situados em cinco (05) Países, o que revela uma ciranda de diálogos buscando consolidar a rede nos processos da pesquisa, formação, comunicação e

políticas públicas, que são: **Associação Estadual de Etnias Ciganas, AEEC; Associação Portuguesa de Educação Ambiental, ASPEA (Portugal); Centro de Controle e Monitoramento de Acidentes e Desastres Naturais – CEMADEN; Fórum de Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental, FMCJS; Instituto Caracol – ICA; Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio; Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT (Cuiabá, São Vicente e Cáceres); Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE; Operação Amazônia Nativa, OPAN; Secretaria de Estado de Educação – SEDUC; Universidad de Habana - UH (Cuba); Universidad Veracruzeana – UV (México); Universidade Católica Dom Bosco – UCDB; Universidade da Coruña – UDC (Galícia, Espanha); Universidade de Brasília – UnB; Universidade de Estado de Mato Grosso – UNEMAT; Universidade de Estado do Rio Grande do Norte – UERN; Universidade de Santiago de Compostela - USC (Galícia, Espanha); Universidade de São Paulo – USP (ESALQ); Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL; Universidade Federal de Rondonópolis – UFR; Universidade Federal de Roraima – UFRR; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio; Universidade Federal do Pará – UFPA,** (GPEA / REAJA) [18].

Com esse grupo de instituições pesquisadoras e com a atuação consoante de seus membros envolvidos com os pressupostos da ciência e da pesquisa, a UFMT, por meio do GPEA, se reinscreve na internacionalização com projetos e processos formadores na relação transformadora de grupos sociais em situação de vulnerabilidade.

Por se tratar de uma relação horizontal, com diversas entidades participantes, envolvendo vários pesquisadores de diferentes saberes, formações e objetivos, a metodologia é aberta, contudo, com mais ênfase na Pesquisa Qualitativa (GOLDENBERG, 2004). Em se tratando do GPEA como grupo coordenador do projeto, tem-se a ancoragem nas metodologias da Cartografia do Imaginário, criada "como uma contribuição de alta magnitude, desde que o conhecimento científico colabora com o que podemos alicerçar para o nosso futuro" (SATO, 2011a, p: 1) e do Mapeamento Social, que "busca compreender as identidades dos grupos sociais

[18] Disponível em: https://gpeaufmt.blogspot.com/p/reaja_31.html. Acessado em 25 out.2020.

mapeados em Mato Grosso" (SILVA, 2011) [19], cuja abordagem, se reinscreve na praxiologia da Participação Observante, que "pressupõe um nível mais elevado de participação ou envolvimento do investigador no grupo pesquisado" (PERUZZO, 2017, p.178), no tecido complexo da ecofenomenologia, com "a importância de transcender a dimensão humana" (SATO, 2016c, p. 14).

Compreendemos que não existe mais a necessidade de realizar pesquisa com comprovações matemáticas para gerar leis, paradigmas ou fundamentações dogmáticas que devam ser universalizadas. "A Pesquisa Qualitativa responde a questões muito particulares, [...] se preocupando com um nível de realidade que não pode ser quantificado" (LÉVY-STRAUSS, 1975, p. 220). No campo da educação ambiental, outras perspectivas mais subjetivas podem ter uma relação mais fenomenológica com o tempo presente.

> A fenomenologia é um ramo da filosofia que incita o desejo de perceber o outro e o mundo com nossos olhares, permitindo que as vozes tenham audiência para ouvirmos os campos diferentes que desfilam no palco do ecologismo, agregando sentidos aos nossos próprios sentidos (SATO & PASSOS, 2009, p. 49).

No pensamento de um presente com perspectiva futura, acredito que a REAJA será capaz de fortalecer políticas públicas frente à Justiça Climática, favorecendo as parcelas economicamente vulneráveis para que consigam ter a formação educativa necessária para o enfrentamento contra as drásticas consequências dos colapsos do clima. Nesse posto, o seu objetivo, mais que o de formar, é também o de fortalecer um coletivo educador e pesquisador com a participação de entidades de Mato Grosso, Brasil e Mundo. Temos educadores ambientais engajados em diversas redes e com forte constituição da horizontalidade, dos fóruns de debates e da capilaridade enraizada nos desejos de construir uma governança, capaz de enfrentar as injustiças ambientais (SATO, 2016b).

---

[19] "Do invisível ao visível: o mapeamento dos grupos sociais do Estado de Mato Grosso – Brasil", Tese de Doutorado de Regina Aparecida da Silva, 2011. Disponível em: https://gpeaufmt.blogspot.com/p/banco-de-tese.html. Acessado em: 25 out. 2020.

Com esse pensamento é que discutiremos a seguir as proposituras desta pesquisa em apresentar as comunidades onde praticamos as nossas investigações, que se apresentam como "grupos em situação de vulnerabilidade social":

> É importante lembrar que a situação de vulnerabilidade social não remete, necessariamente, a pobreza. O conceito caracteriza uma condição de fragilidade que determinado grupo está sujeito por conta dos fatores citados. A vulnerabilidade é composta por diversos fatores responsáveis pela "exclusão social" de uma parcela da população. Entre eles, podemos incluir questões históricas, de raça, de gênero e de orientação sexual (2007) [20]

1.2 O "mundo foi renovado com as chuvas" [21]: eis os colapsos do clima em Comunidades pesquisadas

Nesse universo de comunidades, municípios, estados e países horizontalmente diversos, presenciamos a dura realidade subscrita no mapa dramatúrgico social das comunidades de São Pedro de Joselândia, no Pantanal, pertencente ao município de Barão de Melgaço, no Quilombo Mata Cavalo, no Cerrado do município de Nossa Senhora de Livramento e no município de Poconé, em Mato Grosso. Cerrado e Pantanal na eminente interação dos biomas, para então, ter uma relação política e social com os biomas geo-territoriais, para talvez, reduzir a prática de uma cultura hegemônica que ronda tais comunidades em situação de vulnerabilidade econômica, política e social.

Entre os pesquisadores do GPEA, temos as pesquisas: "Conflitos Socioambientais que afetam a Soberania Alimentar de Comunidades do Cerrado do Pantanal" (VALLES, 2018); "As alterações ambientais e culturais em Comunidades do Cerrado do Pantanal, Poconé, Mato Grosso" (MARTINE, 2019); "Conflitos Ambientais e Currículo: reflexões de um processo formativo escolar comunitário" (FACHIN, 2019) e "Conflitos Socioambientais e Mudanças Climáticas sob o olhar das Juventudes Camponesas de Poconé - Mato Grosso" (BERTONCELLO, 2018). Estas,

---

[20] Instituto SER. VULNERABILIDADE SOCIAL: entenda o que caracteriza o conceito. Disponível em: https://sermais.org.br/vulnerabilidade-social/. Acessado em 30 set. 2020.

[21] Do poema "Mundo Renovado" de Manoel de Barros (1992c, p. 237).

realizadas entre os anos de 2018 e 2019, em Comunidades Quilombolas, Assentamentos Rurais, Comunidades Tradicionais Camponesas, numa região autodenominada de "Cerrado do Pantanal" (VALLES, 2018), que tratam, respectivamente, de conflitos socioambientais que afetam a soberania alimentar; elementos do universo cultural em algumas comunidades; conflitos socioambientais e mudanças climáticas sob o olhar das juventudes camponesas; conflitos e injustiças socioambientais vivenciados pelos/as moradores/as da Comunidade Quilombola Nossa Senhora Aparecida do Chumbo e, ainda, compreender como os/as educadores/as da Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida do Chumbo, trabalham no contexto escolar, esses conflitos.

Mas é presente nesses municípios e respectivas comunidades citadas, em geral, o enfrentamento às vulnerabilidades, que tem assolado de injustiças ambientais, dois territórios diversos, pela sua natureza ecológica, mas que sofrem as mesmas ausências de amparos sociopolíticos, em detrimento, da também ausência de políticas públicas específicas a cada uma dessas comunidades e regiões.

E talvez, para atender a essas comunidades e respectivas regiões,

> O mundo foi renovado durante a noite, com as chuvas. [...] No Pantanal, ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. E o pantanal não tem limites (BARROS, 1992c, p. 237).

É! "O mundo foi renovado"! Anunciava o "Demiurgo das Terras Encharcadas" [22], Manoel de Barros, em sua "Gramática Expositiva do Chão", em 1992, na última década do século XX. Acalentando-nos de que, talvez, ninguém precisaria se preocupar com a maior planície alagada do mundo, considerando que a dimensão territorial do "Mar de Xaraés" [23], fosse sustentável, para garantir uma natureza ambiental, desprovida de ataques humanos.

---

[22] Do título da tese de doutorado de Maria Cristina de Aguiar Campos: "Manoel de Barros: O Demiurgo das Terras Encharcadas – Educação pela Vivência do Chão". São Paulo: USP, 2007.

[23] A ideia de que ele – **o pantanal** - em algum momento de sua história foi denominado ou mesmo entendido, visto e pensado como um mar, e em especial como o Mar de Xaraés, é aceita com tranquilidade (LEITE, 2002, p. 7. Grifo nosso).

Na última década do século XXI, o mundo protagonizou colapsos do clima em todos os níveis. E não restam dúvidas de que estamos em face à maior crise planetária, com deterioração social e natural. Presenciei nas cidades de Cuiabá e Várzea Grande – MT, no primeiro semestre de 2018 e de 2019, diversos desastres climáticos que acabaram por destelhar casas, arrancaram árvores e postes e causaram catástrofes não somente naturais, mas que carregam responsabilidades enormes das ações humanas. O Pantanal, que Manoel de Barros anunciava estar protegido, "em seus limites", dos ataques humanos, também foi atingido. As queimadas assolaram toda a sua vegetação, o que resultou numa grande seca, sobretudo nos últimos meses de agosto, setembro e outubro, em detrimento da ausência de chuvas. O agravo virá, atingindo todos os territórios, com maior ou menor intensidade. Zonas costeiras e próximas aos rios serão as mais atingidas e, obviamente, as consequências não serão iguais, justas ou proporcionais. Os economicamente desfavorecidos serão mais vulneráveis às mudanças e alterações climáticas em escala, proporção e magnitudes. Sabemos que o efeito estufa existe e está afetando nosso clima e já apresenta sinais da crise, nos dias atuais.

Nesse contexto, a vulnerabilidade do quilombo Mata Cavalo é premente! Trata-se de uma Comunidade exposta a sérios riscos ambientais, já que as mudanças climáticas trarão agravos sérios, não apenas às plantações, alimentação ou conforto térmico. Agravarão também as questões físicas das edificações e trarão sacrifícios aos seus moradores e moradoras, com injustiças sociais de diversas ordens: ausência de água potável; ambiente de moradia e agrícola ameaçado pela seca; dificuldades de acesso ao escoamento da agricultura familiar; depreciação na remuneração da mão de obra agrícola afetada pelo capital; a distribuição de renda desigual; o não acesso ao trabalho no universo urbano, entre outros. Por consequência, afetam a organização natural, cultural e educacional da comunidade, da qual, a arte é parte intrínseca.

Os desastres são considerados como efeito extremo das condições climáticas que podem trazer mudanças ambientais como vento forte, chuva ou temporal, seca ou solo árido, calor tórrido, ausência de água, ou outros fenômenos. Comumente, se

tornam difíceis a sua visibilidade ao cunho de precauções, amenizações, superações, restauro, e mais, de políticas públicas de apoio ao universo ambiental para a Comunidade, que construam propostas a curto, médio e em longo prazo. Parece apropriado aplicar o termo "Antropoceno" (CHAKRABARTY, 2009) à época geológica atual, dominada por humanos, que tinha no Holoceno – o período quente dos últimos dez a doze milênios, como uma antecipação do Antropoceno. Assim, podemos entender que:

> O Antropoceno poder-se-ia dizer, é uma consequência não intencional das escolhas humanas. Mas também é claro que, para a humanidade, qualquer consideração sobre a saída desta nossa dificuldade atual não pode senão referir-se à ideia do exercício da razão na vida coletiva e global (CHAKRABARTY, 2009, p. 13).

Não podemos mais pensar os problemas ambientais de maneira isolada. Os seres humanos sempre serviram a natureza e esta, a eles. Sempre estiveram na inter-relação cultural, social, política e econômica, na contramão dos fluxos capitalistas que escolheram: seres humanos e natureza, para estigmatizá-los, separar, corromper. Esses problemas com o planeta, que já se acumulam em nossa sociedade há séculos, com agravo na ausência de cuidados políticos e justiças ambientais, sinalizam uma mudança da própria condição da humanidade, no planeta. "O que o termo Antropoceno traz de grande novidade é a presença radical do planeta na história humana. E da história humana no planeta" (PÁDUA, 2016, p. 09).

O pesquisador avança e nos sinaliza para uma reflexão sobre a cultura do consumo. "Mudanças na educação e nos padrões de consumo serão inevitáveis. Se criou toda uma ideologia da Grande Aceleração que não faz mais sentido" (PÁDUA, 2016, p.11). Desse modo, aproximamos da reflexão sobre a tomada de pensamentos na política do capital. No marco do Antropoceno, percebemos então a ausência de responsabilidades, por parte do capitalismo, junto aos colapsos climáticos e ambientais, presentes em nossa sociedade, como há muito deflagra o agronegócio no País.

> A contracultura da década de 60 é uma exteriorização contra o modelo de desenvolvimento excludente que promove as violações dos direitos humanos e da Terra, e a educação ambiental encontrava força para nascer e contribuir com as grandes guinadas socioambientais, por meio das denúncias contra o capitalismo que usurpava a natureza no nome da liberdade de enriquecimento individual, em detrimento de uma vida mais simples e coletiva. O tempo passou, mas o capitalismo continuou implacável (SATO et al, 2019, p. 3).

As crises climáticas, as guerras híbridas e a falta de emprego, vêm expulsando as pessoas do seu lugar de origem. Como se confirma em Mato Grosso a presença de número expressivo de haitianos, senegaleses e venezuelanos enfrentando uma imigração forçada. A ausência de água em seus territórios, no campo e na cidade é uma realidade que tem justificado a imigração. Nesse sentido, a desigualdade social, política e ambiental têm acrescido as crises socioclimáticas, ampliando o sentido de vulnerabilidade de pessoas imigrantes no Brasil. A grande desigualdade social, bem como a ausência de aceso aos bens e serviços sociais, impostos pelo capitalismo, entre esses grupos marginalizados é também, outra realidade. Sabemos que não somos iguais, sobretudo, quanto à ordem financeira, de trabalho, moradia, produção de subsistência, entre outras, sempre foi uma grande diferença. Nesse sentido, justifica-se mais ainda, o emprego do termo Capitaloceno, por se tratar,

> De uma extraordinária combinatória de exploração e expropriação, ao mesmo tempo pela produção e circulação de mercadorias e a exploração do trabalho com a apropriação da natureza e o esgotamento de recursos. Assim o processo de acumulação de capital torna a exploração capitalista do trabalho uma forma social de conformação do ambiente (BARCELOS, 2019, p. 12).

Dessa maneira, a exploração capitalista do trabalho, torna este como objeto de troca na exploração humana e vice-versa, colocando o trabalhador sem outra opção de viver em sociedade, como acontece no Brasil, com os imigrantes. Estes são seres humanos desprovidos de escolhas a enfrentarem atrocidades do capital e da política mundo afora que, se veem em situação de vulnerabilidade múltipla. Aqui, em solo estranho, erguem as suas *Oikos* de esperanças, desprovidas de telhado, paredes e portas. Erguidas com a coragem e a resistência cultural de suas famílias,

inspiradas no choro de suas crianças, sob as indiferenças sociais e do calor escaldante que temos como registro de uma crise, ambientalmente visibilizada, pelas ruas da capital mato-grossense.

A pesquisadora Daniela Klebis (2014) nos alerta para o aumento acelerado da população que chegará a superar os 10 bilhões de habitantes; o crescimento econômico desigual e a cultura de consumo enquanto modelo social dominante e a tecnologia como destino inescapável, é o que o Capitaloceno articula para a população mundial. Não bastasse, a hegemonia política e do capital, veem essa façanha "como a salvação da vida humana na Terra; e, ainda, o pressuposto de que o impacto humano é natural e contingente da nossa condição de seres providos de inteligência superior" (KLEBIS, 2014, p. 2).

Sabemos que pesquisas e comunicações que atentam sobre as mudanças climáticas, colapsos do clima, justiça e injustiça climática, na contribuição e formulação de políticas públicas ambientais têm agregado forças e valores sociopolíticos para tal; mas, percebemos que, em se tratando de proposituras políticas por parte dos governos, no mundo, que atendam os pressupostos da educação ambiental, enquanto ação educativa, ainda é insuficiente.

> O que se busca aqui é estimular a reflexão, a ação e a elaboração de políticas públicas que tenham foco na relação do fenômeno climático com a Educação Ambiental. Ou por outra, como a ação educativa pode contribuir para esse grande enfrentamento, tendo como referência os preceitos político pedagógicos do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis [24], as diretrizes e princípios da Política Nacional de Educação Ambiental (Lei 9795/99) e do Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA, 2005) (TAMAIO, 2013, p. 9).

Nesse sentido, ao observar a realidade referente às mudanças climáticas ou colapsos do clima, tratamos de ir ao encontro de conhecimento e cuidar de informações que visibilizem os desastres e ou catástrofes ambientais, mais frequentes, presentes na Casa da Cultura Quilombola. Necessário observar o

[24] O Tratado foi um documento elaborado pelo Grupo de Trabalho das organizações não governamentais (ONG), reunido no Fórum Global da ECO-92, no Rio de Janeiro, de 3 a 14 de junho de 1992 (TAMAIO, 2013, P. 9).

ambiente circundante, atingido pelas mudanças do clima que têm influências, diretamente, no cotidiano ambiental da Comunidade Mata Cavalo. Aventuramos ao encontro de um ambiente habitável no interior de uma *Oikos*, como espaço destinado aos fazeres, na manutenção dos saberes e vice-versa. Mas, presenciamos realidades que nos remetem a determinadas inseguranças, quanto ao estado e situação de vulnerabilidade social da Comunidade Mata Cavalo. Foram essas percepções que encontramos presentes numa complexidade de interrogações social e política, tanto para nós do grupo pesquisador, quanto para o grupo pesquisado.

Encontrei a nossa tese, no coração verde da Casa da Cultura Quilombola. Ela não é tão somente uma *Oikos* de pau a pique. É a representação fenomenológica da própria arte-educação-ambiental, erguida na praxiologia de um Processo Formador a nos trazer: cumplicidade com o tema proposto e com a Comunidade pesquisada, compromisso com a educação e problematização a par de conceitos (epistemologias) da educação ambiental. Registra em mim como pesquisador e nos grupos participantes da pesquisa, uma relação de diálogo com a arte, ressignificando pensamentos nas transformações de vidas e modo de viver, de uma comunidade em situação de vulnerabilidade socioambiental e política.

Diante do exposto, entendemos que, "nós seres humanos, podemos ter conhecimento propriamente dito apenas das instituições civis e políticas porque fomos nós que as criamos, ao passo que a natureza continua a ser obra de Deus" (CHAKRABARTY, 2009, p. 5).

A propósito, atento para parte da afirmação acima, onde o autor diz ser a natureza, "obra de Deus" (*Ibidem*), mas, é importante refletirmos que a natureza não é intocável. Assim, se ela se apresenta hoje alterada pelos colapsos do clima, pelas catástrofes ambientais e pela injustiça ambiental, toda essa alteração, foi e é, produto da prática humana.

1.3 Biografia arte-ecológica: uma JANELA ABERTA, sem trancas e taramelas

Encontrei minha tese, extra oficialmente, pelos percalços da vida, desde a tenra idade, quando a arte, a natureza e a educação se tornaram alicerces de minha existência. Mas lapidei a arte-educação-ambiental em processos coletivos do GPEA, o que faz com que a minha tese seja conjugada na primeira pessoa do singular e, em outros momentos, na primeira pessoa do plural. Grupo e solidão em transe, nas conexões vividas de um ser-em-grupo.

Nesse início de prosa sobre um EU que reside em mim, posso não conseguir abrir todas as janelas sobre o mesmo EU, que outros olhos poderiam ler, interpretar e escrever. Assim como o "poeta das terras encharcadas", Manoel de Barros, me apegarei às "coisas desimportantes". Trata-se de uma biografia arte-ecológica, presente em minha vida como ser humano, estudante, professor, artista e arte-educador-ambiental, que terei o imenso prazer de escutar do tempo, escrever para o vento. Contudo, talvez, algumas coisas serão inventadas.

Queria ser como Bernardo da Mata[25], quase árvore. Ele "guarda num velho baú, seus instrumentos de trabalho: um abridor de amanhecer; um prego que farfalha; um encolhedor de rios e um esticador de horizontes" (BARROS, 2000a, p. 97). Eu não tenho baú! Portanto, nada guardo! A não ser as insígnias da instituição social, que residem em meu corpo, que os seus olhos leem em mim, para interpretar ou escrever num depois.

Portanto, vou tentar nesta roda quase solitária, de conversa intra-poética, dizer-escrever:

> Que as minhas palavras não caiam de louvamentos à exuberância do Pantanal. Que eu não descambe para o adjetival. Que o meu texto seja amparado de substantivos. Substantivos verbais. Quisera apenas dar sentido literário aos pássaros, ao sol, às águas e aos seres. Quisera humanizar de mim às paisagens. Mas por que aceitei o desafio de glosar esta obra

[25] Grande amigo de Manoel de Barros que aparece em vários poemas do autor, em um deles: "O Guardador de Águas" (1989), é seu *alter-ego*, com quem dialoga, por meio de suas poesias, sobre a incompletude humana. "Um bandarra velho, andejo, fazedor de amanhecer e benzedor de águas" (BARROS, 1989, p. 322). Em sua última obra, entretanto, a personagem migra da terra ao céu, na leitura incrédula de quem cria, também é tenaz para destruir.

> exuberante de Deus? Aceitei, para botar em prova, minha linguagem. Que eu possa cumprir esta tarefa, sem que o meu texto seja engolido pelo cenário (BARROS, 1999b, p. 17).

Uma biografia arte-ecológica, não necessário, conter tão somente, afirmações e um histórico de tempos passados, sem a poética com a interpretação do tempo presente. As interrogações, exclamações e reticências, permeadas de subjetivações, podem querer sublinhar no subtexto, a interpretação das metáforas e as minhas incompletudes diante da vida. Sobretudo, da vida acadêmica, essa que, intrinsecamente, nos coloca no mundo científico, sem nos pedir licença. Ficamos como o vento, "apanhados pelo rabo" (BARROS, 1992c). "Pode um homem enriquecer a natureza com a sua incompletude?" (BARROS, 2000a, p. 97).

Vou me aproximar da bio-ecologia poética de Manoel de Barros (1916 – 2014). É uma janela que se abrirá como num relato de experiências da minha biografia arte-ecológica, e também, para que a roda de conversa comigo mesmo não seja um monólogo. Quem sabe nessa prosa tenha espaço para a beleza da poética manuelina, embora para ele, as coisas tinham uma "desutilidade poética". Assim, "as palavras invadirão esse ermo como ervas" (BARROS, 1992c, p. 285). Terá tempero e sabor, não arranhará tanto de sabedorias, a incompletude. E talvez, vocês não ficarão sem tantas respostas.

Nasci com um pouco do cheiro silvestre do agreste nordestino: dormindo em rede, arrastando chinelas de couro curtido no sebo bovino e comendo farinha de mandioca com manteiga de garrafa. Sou cuiabano! Filho e neto de nordestinos lavradores. Meus avós, depois de peregrinarem pelo interior de São Paulo, chegaram a Mato Grosso na década de 1950. Cansados da exploração trabalhista por fazendeiros na zona rural, adquiriram uma velha casa na cidade de Dom Aquino – MT, no Vale do São Lourenço, que a transformaram num hotel. No final dessa década, Josefa Roberta Ferreira, filha mais velha de meus avós, se uniu em matrimônio com José Ferreira Sobrinho; então, meus pais!

Minha mãe saiu do interior para a capital mato-grossense, só pra eu nascer cuiabano. Sou da capital! Grande coisa!

Fui aparado na Santa Casa de Misericórdia, em Cuiabá – MT, às 22 horas do dia 07 de junho, no último ano da década de 1950. Sou geminiano e tenho o elemento AR, como regente na minha cosmologia artística. Outra desimportância! Por isso "eu vim pra cá sem coleira, meu amo. Do meu destino eu mesmo desidero. Quando cheguei neste lugar – só batelão e boi de sela trafegavam" (BARROS, 2000a, p. 35).

Nasci de pai baiano de Canudos, lavrador e de mãe pernambucana, de Quipapá. Doméstica e lavadeira, assim criou cinco filhos.

Nessa época, a capital era "um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas" (BARROS, 2000a, p. 103), mas não tive o privilégio de Manoel de Barros, de nascer no Porto, no Beco da Marinha, onde seu pai teve uma venda de bananas.

Isso é parte ínfima do cenário onde fui criado. Não carece rabiscar tudo, pra não ficar feio! Mas desde sempre me sinto um ser, culturalmente, pantaneiro! Coisa de sovada importância pra mim! Ao ponto de, hoje, construir uma casa ecológica, do ponto de vista ético, no cerrado, abençoada pelo "Coração de Santo Antônio" - Morro de Santo Antônio de Leverger - umedecida pelas brisas, já poluídas, do rio Cuiabá, no caminho que nos leva ao pantanal.

Fui educado pela minha avó! Embora ágrafa, me deu aulas de culinária, costura, entre tantas prendas que me ajudaram a "matar" os leões da vida quando vim morar na capital. Assim, dona Irene Roberta Bonfim, uma alagoana de São José da Laje, administrou um hotel por aproximadamente, 30 anos. Ali viveu com seus oito filhos: quatro mulheres e quatro homens, e de sobra, eu, o primeiro neto, que também a tratava como mãe.

A casa-hotel, o hotel-casa, era uma grande *Oikos* ao modo família. Muitos quartos, grande cozinha com varanda e fogão à lenha. Vários banheiros, quintal sem muros ou cercas, aberto à circulação dos filhos e da vizinhança e uma fartura danada de necessidades. Cachorros, galinhas, plantações e a criançada compunham o cenário de vidas, dadas ao costume de viver do pouco, com muita simplicidade. Tudo parecia ter um tamborilar de alegria, com timbres-tons de esperança. As nossas refeições eram regradas. A melhor carne era sempre servida aos hóspedes, uma atenção relativa ao comércio. Mas nunca presenciei a fome nem de longe! Aos filhos

sobrava um variado repertório de trabalhos do fazer e necessidades domésticas, que mais tinha sentido de educação-popular-ambiental, do que de uma obrigação.

Mas, esse mesmo cenário dava à vida social uma dignidade sem igual. Como exemplo: as festas familiares, sobretudo, as do natal. A fartura era tanta que a pobreza criava rumo e desocupava a casa. Só voltava após a festa de ano novo.

Tive uma infância, próxima, culturalmente, à de Manoel de Barros, respeitada as devidas proporções poéticas. Criei-me também "entre bichos do chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios (BARROS, 2000a, p. 103). Não fui abençoado a garças (BARROS, 2000) e sim, a Mutuns. Nome derivado da grande quantidade desses pássaros galiformes da família dos cracídeos, existentes na época (2019) [26]. Dele originou o nome do pequeno córrego Mutum e do povoado, que era distrito da cidade de Poxoréo - MT. Ao se emancipar em 1965, passa a se chamar Dom Aquino, em homenagem a Dom Francisco de Aquino Correia (1885 – 1956), arcebispo de Cuiabá.

Por meio da memória infanto-juvenil e da educação popular, impossível não desejar a práxis de uma educação restauradora que alimente no ser humano, os sonhos de uma vida aflorada no encontro com a natureza, pela humanização. A essa humanização, peço licença para convidar à nossa roda, o educador, filósofo e patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1921 - 1997), que assim como Manoel de Barros, não necessitará utilizar bancos ou cadeiras, ou abrir a roda física, ele se assenta em nós, para irmanar saberes, por meio da sombra da sua árvore ecológica, sempre viva, espiritualmente, em nós.

> O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica, que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim, uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz (FREIRE, 1992a, p. 51).

[26] História do município de Dom Aquino. Prefeitura Municipal de Dom Aquino – MT. Disponível em: https://www.domaquino.mt.gov.br/historia/. Acessado em 30 set. 2020.

Acredito que no tempo presente, eu e muitos de nós, estejamos praticando essa "exigência de sonhar"! Uma condição imposta pelo processo sócio-político hegemônico, que a todo o momento nos condena à desumanização. Tentar manter vivas as imagens poéticas de outrora, tentar recuperar os sonhos perdidos ou o valor da moeda socioambiental, parecem tarefas de casa, que ficaram incompletas em nossos cadernos. Os rabiscos e garatujas ali colocados no afã de não querer diminuir, mas também de não saber somar, mais sujaram o nosso caderno de aritmética, pela ausência de uma caligrafia ambiental, restauradora, "que nos faz e re-faz" (FREIRE, 1992a).

1.3.1 Uma JANELA ABERTA ao devir estudante

As áreas do conhecimento eram disciplinas do currículo escolar, o que me oportunizou uma iniciação em arte, num eminente diálogo às questões ambientais, introduzindo em mim um pensar infinitivo, pessoal. Tais práticas eram muito comuns no seio familiar, em função de ter duas tias professoras e ainda, pela direta relação da minha família com a natureza, na zona rural e urbana, por toda a infância e adolescência. Nessa Escola, tive iniciação ao teatro, à dança, ao canto, às artes manuais mais diversas, por meio das manifestações artísticas escolares, que praticava com muito gosto. A carência de materiais específicos para a produção das apresentações dava-nos a oportunidade da criação. Era um criar de pura ingenuidade, mas de um aprendizado que minava relíquias do fazer autóctone. E assim, aprendia-se, criando e criava aprendendo.

A essa Escola e professores, a minha gratidão pela iniciação na arte-educação-ambiental e à prática da datilografia, áreas que me encaminharam para o trabalho e para a vida. Por elas, adentrei ao universo do magistério, onde me realizo como arte-educador, há 30 anos.

A minha infância foi de uma educação pontuada por disciplinas domésticas e escolares, recheada de sonhos e de liberdade. Um desses sonhos era o de ser lixeiro! É, isso mesmo! Talvez por enxergar tamanha beleza e cuidado com que o Sr.

Francisco - funcionário da Prefeitura Municipal - recolhia o lixo da cidade. O seu cuidado com a limpeza da charrete e do cavalo branco que a conduzia "reluzia à garça" (BARROS, 1992c). Talvez, no pensamento dele, a charrete não fosse para carregar o lixo, mas sim, as desimportâncias poéticas dos nossos quintais, pois muitas dessas desimportâncias, eu as buscavam de volta, para brincar. Acho que desde essa época, eu já invadia, sem saber da existência, a poesia biológica de Manoel de Barros. Como o Sr. Francisco era muito próximo da minha família, não perdia a oportunidade de pegar carona na rabeira da charrete, até ao final da rua. De lá, eu vinha carregado de restos! Acho que o meu gosto por lixo vem de lá. Onde a poesia da criança, não tinha idade na incompletude adulta. Acredito que "nos fundos do quintal há **sempre** um menino e suas latas maravilhosas. Seu olho enxerga o azul" (BARROS, 2000a, p. 75, grifo nosso).

Os compromissos com os trabalhos em casa e as tarefas escolares eram organizados num mundo lúdico correlato, intrínsecos à vida e à educação formal. A familiaridade entre elas era de tamanha sinergia, que parecia que eu tinha duas escolas, ou talvez, duas casas. Será que aqui não reside a educação freireana, onde as salas de aula não precisavam ter paredes e portas?

Gratificante lembrar a sonoridade dos repentes[27] que a minha avó materna cantarolava ao som de uma colher, percutida na "lata de goiabada"- nosso prato nos momentos da merenda. Com essa magia sonora, que invadia o quintal, saboreávamos deliciosos capitães[28], feitos ali mesmo, na nossa frente, como uma aula da culinária nordestina. Ainda hoje me lembro da música, de domínio popular, que aprendi com ela, com essa letra: *Eu plantei mandioca, nasceu macaxeira. Nego macho fede, nega fêmea cheira. Nego macho fede porque tem suor, nega fêmea cheira porque passa pó.*

[27] Gênero de poesia cantada presente em todos os estados do Nordeste do Brasil, e naqueles que receberam imigrantes nordestinos. Em duplas, os cantadores se enfrentam, alternando-se na criação de estrofes, a partir de rígidas regras de métrica e rima e respeitando a exigência de coerência temática (oração). O objetivo é convencer o público da superioridade sobre o parceiro (SAUTCHUK, 2012, p. 365).

[28] Bolinho tradicional da culinária nordestina, feito com o feijão amassado e farinha de mandioca, onde se podia também, colocar no seu interior, alguns pedaços de carne cozida e desfiada. Muito utilizado nas merendas da tarde.

Talvez hoje, o texto dessa letra musical, possa arranhar de incompletude social, as questões do preconceito racial. Mas à época, era brilhante o seu conjunto musical.

Hoje, me parece pertinente entender que, as minhas iniciações na arte, na educação ambiental e nas prendas artesanais domésticas, práticas comuns para a época, tenham me trazido ao que Freire (1992a) e Barbosa (2008a), chamam de "leitura de mundo". Que eu tenha percorrido um processo, talvez inconsciente, do fazer arte no contexto sociocultural, que aqui trato como arte-educação e mais, como arte-educação-ambiental. Nesse pensar, compreendo que "é a leitura de mundo exatamente que vai possibilitando a decifração cada vez mais crítica da, ou das "situações – limites", mas além das quais se acha o "inédito viável" (FREIRE, 1992a, p. 54).

Agora, a nossa roda se abre fisicamente para um diálogo com a responsável pela sistematização do ensino da arte nas escolas brasileiras. Influenciada por Paulo Freire, na criação da "Abordagem Triangular" [29], Ana Mae Barbosa traz as suas afeiçoes ambientais, sobre a "leitura de mundo". Nesse contexto,

> Trata-se de uma experiência com o mundo empírico, com a cultura e a sociedade personalizada pelo processo de gerar significados, pelas leituras pessoais autossonorizadas do mundo fenomênico e das "paisagens interiores" (BARBOSA, 2008a, p. 12).

Agora, somos um coletivo bio-ecológico-educativo, nessa roda de conversas: eu, Manoel de Barros, Bernardo da Mata, avó, tios, tias, Paulo Freire e Ana Mae Barbosa. Por isso é sempre bom compartilhar experiências e as vicissitudes da vida. Foi a partir dessas experiências que,

> Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas. [...] O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida, um certo gosto por nadas... (BARROS, 1999b, p. 23).

[29] Criada em 1987, por Ana Mae Barbosa, incentivada por Paulo Freire, a Abordagem Triangular é baseada em três pilares: contextualização histórica; apreciação artística; e fazer artístico. A prática é uma das mais utilizadas nas escolas brasileiras e pode até ser conhecida com outros nomes, mas a educadora não gosta de chamá-la de metodologia nem de proposta. Veio contribuir com a sistematização no ensino da arte no Brasil. (BARBOSA; CUNHA, 2010, p. 96).

Até isso, "invejo" a Manoel de Barros! Tenho afeição por coisas desimportantes!

A cada momento, mais janelas se abrem; ou quem sabe, uma grande porta! Agora, é a vez de Gaston Bachelard (1884 - 1962) nos iluminar, pela força dos elementos da natureza. Filósofo e poeta francês, que entre outras, cuidou da filosofia da criação artística, nos lembra de que, "uma gota de água poderosa basta para criar um mundo e para dissolver a noite. A água assim dinamizada é um embrião; dá à vida, um impulso inesgotável" (BACHELARD, 1978b, p. 10). Essa água que era regrada, nas atividades do hotel, no rio era um mundo líquido que se transbordava em devaneios aquáticos, pela ambiência transparente que, a ação de lavar roupas, praticada pelas minhas tias, semanalmente, trouxe para a minha adolescência. Com uma lata furada de velha, tinha a tarefa de "regar" as roupas estendidas sobre a grama, à margem do rio, onde o sol transferia a elas, o seu raio de limpidez, pela ação do quarar[30].

Dado ao fluxo de frequentação do hotel pelos hóspedes, meu contato com o elemento terra era cotidiano; tanto com a limpeza do quintal e calçadas, como com as plantas e pedras. Estas tinham que ser selecionadas para servir como ornamento dos ambientes. As latas eram revestidas com folhas de revistas; na época: "Contigo", "Sétimo Céu" e principalmente, "Manchete", pelo tamanho físico das suas folhas, já que apenas duas cobriam toda a lata. As pedras cobriam a terra no seu interior. "É facilmente reconhecível que os homens adorem as pedras. Não é a pedra. É o mistério da terra, poderosa e pré-humana, que mostra a sua força" (BACHELARD, 2013c, p. 152).

O elemento fogo me remetia a um mundo mágico e encantador, ao medo! Mas também, aos mistérios e beleza da noite, pela dança sinuosa e serpentina das suas chamas. Era um momento de pura intimidade noturna, que para "apalpar as intimidades do mundo é preciso saber: [...] Qual o lado da noite que emudece primeiro" (BARROS, 2000a, p. 9).

---

[30] Hábito cultural das lavadeiras, nas margens dos rios e em casa, nos quintais, de colocar as roupas ensaboadas ao sol. Prática antiga e muito utilizada na época, pois as roupas eram na maioria das vezes, brancas e ficavam expostas à luz e calor do sol, para clarear.

Era minha a tarefa de todas as tardes, dar manutenção às lamparinas, cujos pavios, por serem de material de puro algodão, eram facilmente devorados pelo fogo. Era uma tarefa exigente, considerando a minha idade e pouca destreza, e não podia fracassar. Afinal,

> Fracassar ao acender um fogo teria sido uma estupidez imperdoável. O fogo é bem-estar e respeito. É um deus tutelar e terrível, bom e mau. Pode contradizer-se, por isso é um dos princípios de explicação universal" (BACHELARD, 2008d, ps. 12, 13).

Como a luz elétrica da cidade era movida a motor - fornecida pela Prefeitura Municipal - funcionava somente até as 22 horas. Por isso, as lamparinas precisavam cuidar da iluminação dos vários ambientes da casa-*oikos*-hotel, que não era pequena. Ao ser desligado o motor, o cenário íntimo do interior da casa me remetia a uma "*Oikos* teatral". A cenografia era comandada pelas chamas das lamparinas que, presas às paredes ou sobre os móveis, criavam sombras, desenhos de seres jamais descritos em qualquer drama. Essas chamas eram tão vivas, que avisavam quando iam apagar. Piscavam iguais a olhos de crianças quando estão com sono; até que desapareciam. De dentro delas, um enorme dragão dava sentido de vida - um arco-íris de fogo que me lambia de calor os olhos. Era então, chegado o momento da vida íntima da *Oikos* Bonfim, do Hotel de dona Irene Roberta Bonfim, que era de uma peculiar imensidão, se encontrar também, com a intimidade da noite. Lavar e guardar as tralhas do jantar; organizar a sobra de alimentos próximos ao calor do fogão para não estragar; recolher as cadeiras da calçada; organizar os apetrechos de dormir e esperar que os devaneios noturnos, ao pintar de breu a noite, clareassem a nossa sonhadora imaginação!

Antes dos quinze anos, descobri que podia voar! E era fácil! Talvez aqui, sem mesmo saber, já fazia uma espécie de poesia alada. "Poesia é voar fora da asa" (BARROS, 2000a, p. 21). Ajuntei-me com tios e a gurizada vizinha e "construímos um circo". Era eu, o trapezista! A altura do galho da mangueira nos permitiu colocar cordas longas e meu tio Zé – José Roberto Bonfim - fez um belo trapézio. Foi ai que descobri que "o princípio do voo onírico é mais profundo. [...] Em seu voo onírico, se

voltamos ao chão, uma nova impulsão nos devolve imediatamente a liberdade..." (BACHELARD, 2001e, ps. 28, 29). Aqui reside em mim o elemento ar. Descobri que voar era tão fácil que eu poderia fazer balé clássico: voar sem trapézio! E o circo marcou a minha memória teatral na infância, pela beleza e magia da lona e pela impressão da pobreza material com a qual a trupe trabalhava. Era o Circo do Palhaço "Bananinha", que quando chegava à cidade, se instalava na praça central, próximo ao Hotel de minha avó, onde eles faziam refeições, e eu, pegava carona com ingressos de cortesia. Um mundo de imaginação se descortinou na minha vida. Mas logo veio a frustração! Proibido pela avó, não pude ir embora com eles. Por isso que "o voo onírico é então uma queda lenta, uma queda da qual nos reerguemos facilmente e sem sofrer nenhum dano. O voo onírico é a síntese da queda e da elevação" (*Ibidem*, p. 35).

E por falar em poesia, sempre brinco de voar, escrevendo!



Ninhar! [31]

Ninhei em mim
Uma montoeira de passarinhos
Azuis, dourados, amarelos, cintilantes, furta-cor, lilás
Todos com asas de Bachelard
Os músicos assoviam devaneios
Os sapecas, vão pra debaixo d'água brincar
Os poetas, com os bicos escrevem poesias na terra
Os noturnos brincam com fogo pra se esquentar
Os trapezistas fazem estripulias no ar
Tem aqueles que sonham em serem alados
Que bobinhos!...
Nem sabem que tem asas pra voar

Fig. 7 Ninho. Foto do pesquisador, 2015.

1.3.2 Uma JANELA ABERTA ao devir arte-educador

Nesse período, longe de ter ouvido falar em arte-educação. Mas creio que, ao transformarmos velhos cadernos, em "novos" cadernos artesanais, customizados

[31] Poema de autoria deste pesquisador, criado em setembro de 2018, durante a construção de um trabalho científico, para um Colóquio do doutorado, inspirado em leituras de textos do filósofo francês, Gaston Bachelard (1978a).

com papel de padaria, folhas de papéis de presente, papelão e costurados à mão, o fazer arte-educativo nos visitava por meio da poética da praxiologia. Vejo aqui, a presença da espiritualidade da "beleza do gesto", como nos ilumina o francês, professor de estética da USP, Jean Galard (1997), em sua "Poética das Condutas", quando trata da ação simbólica, que agora nos dá a "beleza do gesto", esclarecendo que:

> O gesto é a poesia do ato. [...] Há, portanto, um efeito do gesto, que não se reduz aos resultados que se separam de um ato. O gesto se mostra. Ele tem sentido, ao marcar um tempo de pausa no encadeamento dos atos. Há, em qualquer gesto, algo suspenso que dá margem à repercussão simbólica, ao valor de exemplo (GALARD, 1997, pp. 27 e 59).

Ao que vejo, me parece que, quanto menor o passarinho, mais agudo é o som das suas asas e mais rápido, os seus movimentos. Nesse fazer, pude transferir aos alunos, as minhas poucas experiências de vida, junto àquelas obtidas na Escola das Freiras, no período do ginásio, com as práticas de jardinagem, hortaliças, pomar e, sobretudo, com os trabalhos manuais.

Ao completar 18 anos, fui contratado como professor, pelo Governo do Estado de Mato Grosso. Mas logo percebi que a cidade se tornara "pequena". Eu queria muito mais! Foi quando, de férias, após terminar o ensino médio, vim passar uns dias na capital e me encontrei com o teatro "profissional". Assisti à peça "Cuiabá! Cuiabá!" (1980), uma criação coletiva do Grupo UNITELA – Grupo Universitário de Teatro e Laboratório, da UFMT, coordenado pelo Prof. Dr. Alcides José Moura Lott.[32] Voltei à cidade e tratei de me organizar para a mudança à capital, com a desculpa de estudar, fazer vestibular e ingressar em algum curso de graduação. Após dois anos morando em Cuiabá, tive uma significativa experiência em dança clássica, teatro, canto coral e já atuava como ator no Grupo UNITELA. Viajei com o Grupo pelo Projeto "Mambembão", coordenado na época, pelo INACEM – Instituto Nacional de Artes Cênicas, com sede no Rio de Janeiro, hoje, FUNARTE. Percorremos cinco capitais brasileiras com a peça "Amazônia 2000",

[32] Doutor em Teatro pela Escola de Comunicação e Arte da USP. Autor do livro: TEATRO EM MATO GROSSO: Veículo da dominação colonial. Professor de Teatro do Departamento de Artes da UFMT. Diretor da peça "Amazônia 2000", que na década de 1980, percorreu cinco capitais brasileiras pelo Projeto: Prêmio "Mambembão" de Teatro, do INACEN/Rio de Janeiro.

também de criação coletiva, que tratava das questões indígenas na Amazônia mato-grossense e sobre o desmatamento que, em 1981, já era destaque em notícias nacional. Nessa época, pesquisava costumes e expressões indígenas na Comunidade Indígena Xavante, em Sangradouro, no município de Primavera do Leste – MT, coordenada pela Missão Salesiana de Mato Grosso.

As experiências com o teatro e a dança me levaram a residir, por três anos, na cidade de Rosário Oeste – MT, distante, rio acima, 105 km da capital, onde fui Diretor Executivo da FUNCULTUR – Fundação de Cultura e Turismo de Rosário Oeste. Os projetos artísticos culturais e de turismo tinham atividades arte-educativas dirigidas a crianças e adolescente, jovens esportistas e professores, por mim coordenadas. Mas foi a criação de um grupo teatral, o elemento decisivo para a minha permanência na cidade. Por meio dele, aproximei-me de um contexto popular, singular, da cultura daquele povo. Como a cidade é ribeirinha, banhada pelo rio Cuiabá, logo encontrei tento, para que a cultura pudesse ser a minha relação direta com a população. O antropólogo e professor emérito da UNB, Roque de Barros Laraia, que chegou de mansinho em nossa roda, como um "mineirim", de Pouso Alegre, nos diz que "a cultura é como uma lente, pela qual o humano vê o mundo" (LARAIA, 1999, p. 69).

Os laboratórios teatrais com a juventude, as práticas pedagógicas com professores, as manhãs de recreações culturais das quais os filhos dos pescadores ribeirinhos no sentido rio abaixo participavam, nos aproximaram. E por meio deles, cheguei às festas de santos da Rua da Barra, da cerâmica de dona Eugênia, adornada com tintas de esmalte para unhas, das benzedeiras e dos artesãos de gamelas, coxos e batelões. Com essa relação, mesmo que ainda, à espreita, havia encontrado uma maneira pela qual, eu pudesse provocar alguma interferência sociocultural nessa gente, até mesmo por entender que, "a cultura interfere no plano biológico" (LARAIA, 1999, p. 77).

Enfim, era um mundo que se descortinava a favor do teatro, da arte-educação e da arte-educação-ambiental, por onde os demais projetos e atividades tiveram curso pachorrento, sem pressa, como as águas dos corixos, no Pantanal. Diversos projetos foram atendidos pelo curso de uma política sociocultural, com o

objetivo de atender ao público estudantil e a grupos de ribeirinhos em situação de vulnerabilidade, que eram muitos.

Em 1984, já deixando a cidade, me tornei pai! Nasceu, Nayara Roberto Martins Ferreira, fruto de um relacionamento com uma atriz da cidade. Quando ela completou18 anos, revelou o desejo de fazer uma graduação, quando morou comigo por dois anos em Várzea Grande - MT. Não se adaptando às "intempéries" do curso de enfermagem e à vida do mundo urbano, voltou a morar no interior.

Com a minha saída da cidade de Rosário Oeste, encerrava um ciclo de significativa importância com o fazer da arte-educação, com as abordagens ambientais e, sobretudo, com o universo sociocultural e político da cidade. Esse ciclo de conhecimento só foi possível pela minha aproximação aos grupos de ribeirinhos e de mestres da cultura popular. Foi na vivência cotidiana, cercado pela cultura popular, que tive as primeiras formações. Mais tarde, essas experimentações tiveram contribuições dialogantes com as ciências que buscam novas epistemologias.

Ao retornar à capital mato-grossense, com o desejo de retomar os estudos e à vida artística com maior fluxo, me vi desempregado! Com uma máquina de costura emprestada, passei a fazer camisas para vender. Logo apareceram encomendas, o suficiente para bancar o aluguel e garantir a alimentação, de maneira regrada. Esse trabalho acabou me apresentando a pessoas envolvidas com o meio artístico, onde pude ampliar o trabalho com figurinos para peças de teatro, o que me levou a ser convidado a trabalhar como diretor das atividades teatrais, na Fundação Cultural de Mato Grosso. Com essa oportunidade, me aproximei do dramaturgo, ator e mestre da cultura popular, Luiz Carlos Ribeiro[33] (1942 – 2018), a quem abro uma janela veneziana, em madeira de lei, para que a respiração e a emoção façam parte dessa prosa. Luiz Carlos Ribeiro, além de advogado de formação, foi o ator mais pantaneiro do mar de Xaraés, com quem passei a trabalhar, por me identificar com o seu fazer cultural com base na pesquisa, pela busca de uma cultura popular ambientalmente, genuína. E ainda, por saber que com ele eu tinha muito a aprender!

[33] Advogado de formação (UFMT), ator, autor e diretor teatral e militante de resistência do teatro em Mato Grosso. Foi secretário da CONFENATA – Confederação Nacional de Teatro Amador, com sede no Rio de Janeiro. Atuou como Advogado no Teatro Universitário (UFMT), onde foi funcionário efetivo. Atuou como Procurador Federal junto ao INSS, por onde foi aposentado.

A partir desse encontro, as nossas propostas de trabalhos individuais, passaram a ser coletivas. Assim, buscamos apoio em Manoel de Barros e em Ana Mae Barbosa para inserir a cultura popular como elemento de arte-educação, em projetos, tanto para atores e atrizes, quanto para professores e professoras. Essa proposta passou a ser então, nosso caminho de trabalho ao longo de trinta anos. Encantado com a cultura popular mato-grossense, dizia não ver outra saída para se produzir teatro em Mato Grosso. Para ele, a cultura popular sempre foi elemento de construção sociocultural, política e de resistência às produções caça-níqueis do "sul maravilha", que aqui chegavam.

Paralelo a esse período, retomo os meus trabalhos como bailarino, ator e adentro para o Coral da UFMT, o que me trouxe a experiência de cantor e diretor artístico de um grupo do canto coral, por um período de dez anos.[34] Como diretor e pesquisador teatral, realizamos a montagem do espetáculo *Siá Mariana*, com o Grupo UNITELA, com pesquisa coletiva na Baía de mesmo nome, no Pantanal mato-grossense, com texto e direção de nossa autoria. Esse espetáculo foi premiado no Festival Mato-grossense de Teatro de 1996, pelo ineditismo de sua pesquisa com abordagem antropológica, inspirada em Manoel de Barros; trilha sonora autoral do grupo e figurino confeccionado, coletivamente, a partir de objetos do lixo. Talvez, isso contribua para afirmar, na poética manuelina, em sua Matéria de Poesia (1992c), que a arte, que também "não serve para nada", pode estar re-afirmando, que essa mesma arte que vem do "lixo", serve para poesia.

> Todas as coisas cujos valores podem ser
> disputados no cuspe à distância
> servem para a poesia
> O homem que possui um pente
> e uma árvore
> serve para poesia
> Terreno de 10×20, sujo de mato – os que
> nele gorjeiam: detritos semoventes, latas
> servem para poesia
> Um Chevrolet gosmento
> Coleção de besouros abstêmios

[34] A partir de 1987, passo a fazer parte da equipe de produção do Teatro Universitário e, juntamente com Luiz Carlos Ribeiro, ministramos oficinas teatrais com montagens de espetáculos para grupos de atores e atrizes e também à comunidade intra e extra universitárias.

O bule de Braque sem boca
são bons para poesia
As coisas que não levam a nada
têm grande importância
Cada coisa ordinária é um elemento de estima
Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma
e que você não pode vender no mercado
como, por exemplo, o coração verde
dos pássaros,
serve para poesia
O que é bom para o lixo é bom para poesia
(BARROS, 1992c, ps. 179, 180, 181).

Adentro a UFMT em 1989, como aluno de graduação, pelo curso de Educação Artística com Habilitação em Música e, paralelo à graduação, ministrei aulas de Arte na Escola Estadual Raimundo Pinheiro da Silva, por três anos.

Em decorrência de uma disciplina de Expressão Sonora, no curso citado, realizo uma pesquisa pontual, na Comunidade de São Gonçalo Beira Rio: *A fibra sonora do timbre do barro*. Em razão do significativo volume de elementos culturais e teatrais dessa pesquisa, escrevi o Poema Dramático: *Homem do Barranco*, com estreia no Teatro Universitário em maio de 1995, sob a direção de Justino Astrevo Aguiar[35] e iluminação de Lorivaldo Rodrigues[36]. Esta peça teve temporada encerrada no ano de 2000, após percorrer onze (11) municípios de Mato Grosso e cinco (05) festivais nacionais, obtendo um total de dezessete (17) prêmios teatrais.

Após fazer uma Especialização em Dança pela Faculdade de Educação Física da UFMT, em 1996/1997, trabalhei como Professor Substituto no Departamento de Artes da UFMT, por dois anos. Nesse trabalho, ministrei aulas para o Departamento de Artes e para o Instituto de Educação, no curso de Pedagogia, na sede e na Pedagogia Parcelada, no interior do Estado. Em 1998, participo junto com Luiz Carlos Ribeiro do Congresso Internacional: Anchieta em Coimbra – 450 anos, com a comunicação: *Sincretismo musical e religioso nas festas de santos de Cuiabá* [37]. De nossa

[35] Especialista em Gestão Cultural, graduado em Letras pela UFMT, autor, ator e diretor teatral. Criador da dupla Nico & Lau em Mato Grosso. Atualmente, Sub Secretário de Cultura da cidade de Cuiabá – MT.

[36] Graduado em Letras pela UFMT, fotógrafo do laboratório teatral do processo de pesquisa e iluminador da peça: *Homem do Barranco*. Professor de iluminação cênica em Mato Grosso.

[37] *In*: Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548 – 1998). Coimbra – Portugal: Ed. Fundação Eng. António de Almeida, 2000.

autoria, o trabalho foi apresentado tendo como elemento fenomenológico a abertura e procissão de uma festa de santo, ao cunho da cultura popular mato-grossense. O que era para ser uma única apresentação resultou em três réplicas, pela solicitação da Coordenação do citado Congresso.

No ano de 2000, sou efetivado como professor de arte da rede pública, onde trabalho, até o presente momento, na Escola Estadual Professora Adalgisa de Barros, no município de Várzea Grande - MT. Nessa Escola, me encontro cotidianamente com a arte-educação, com a arte-educação-ambiental e com a cultura popular, por meio das aulas de arte. Como se trata de Ensino Médio, meu trabalho se desenvolve com adolescentes entre 15 e 20 anos, o que tem me trazido enorme satisfação pessoal e significativas experiências profissionais com diversas experimentações, acerca das linguagens artísticas.

Paralelo ao magistério, os projetos e atividades pessoais na área de teatro, arte-educação e de cultura popular continuaram, o que me oportunizou ser selecionado pelo SESC Nacional, onde atuei, interinamente por um ano, como Coordenador de Cultura, contribuindo com a idealização espacial e cultural do SESC Arsenal, para a sua inauguração, como Centro Cultural.

Em 2003, assumo como Coordenador de Intercâmbio Cultural da Secretaria de Estado de Cultura, onde fico até 2008, período em que fiz mais uma especialização acadêmica, dessa vez, em Planejamento e Gestão Cultural.

Após a experiência junto à Secretaria de Estado de Cultura, assumo a Gestão Cultural do Cine Teatro Cuiabá, até o ano de 2014. Em 2014 e 2015, faço o Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea, pelo ECCO/UFMT e concluo com a dissertação: *HOMEM DO BARRANCO: Pesquisa e dramaturgia na cena ribeirinha*, com orientação da Profa. Dra. Maria Thereza de Oliveira Azevedo. O objetivo do projeto foi o de apresentar as transformações físicas, ambientais, socioculturais e econômicas ocorridas na comunidade, nos últimos vinte anos que separam as duas montagens da peça. A primeira montagem que se deu em 1995 e a segunda, realizada em 2015.

Em 2017 entro para o doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE, da UFMT. Ao me organizar para a seleção do doutorado, entre

outros estudos e pesquisas sobre o projeto, fiz duas disciplinas como aluno especial, para um contato mais aproximado com a linha de pesquisa à qual pensava em me candidatar: "Movimentos sociais, política e educação popular". Ainda, pelo fato de querer participar de estudos e pesquisas na área da educação ambiental, junto ao Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte – GPEA, coordenado pela Profa. Dra. Michèle Sato. Esse querer foi inspirado pela indicação do amigo e também ator, Ivan Belém, que acabara de defender o seu doutoramento e se demonstrou entusiasmado ao me abrir as portas da *Oikos* GPEA. Essa recepção, mais que calorosa, deu-me segurança em apresentar o projeto de pesquisa, tendo como objeto, a Casa da Cultura Quilombola, pensada na perspectiva da arte-educação-ambiental e da poética do pau a pique.

Com esse projeto, fui aprovado para o doutorado, sob a orientação da Professora Dra. Michèle Sato, que sugeriu alteração, em parte, do título do projeto para: *OIKOS QUILOMBOLA – Arte-educação-ambiental e a poética do pau a pique.* Assim, o projeto foi sendo adequado, dentro das perspectivas da linda de pesquisa, bem como dialogando com as práticas pedagógicas, junto ao Processo Formador, desenvolvido pelo GPEA, junto à Comunidade Mata Cavalo, onde o Grupo atua, há aproximadamente, 14 anos.

E, para dialogar, fenomenologicamente, com os pressupostos da arte-educação-ambiental, que trata das mudanças e injustiças climáticas, junto à Comunidade Mata Cavalo, utilizamos a metodologia da Cartografia do Imaginário (SATO, 2011a). Com essa metodologia, fica clara a necessidade de se re-afirmar a utilização das abordagens em três dimensões intrínsecas: arte – educação - ambiente, com eminente processo de diálogo com os autores e autoras: Michèle Sato; Paulo Freire; Ana Mae Barbosa e Gaston Bachelard.

Nesse pensar, importante observar que as "considerações finais" na elaboração do projeto, encaminham para entender e refletir que o projeto citado, bem como a práxis que escolhemos junto à metodologia da "Cartografia do Imaginário", evidencia ter a **arte-educação**, somada a **educação ambiental** chegando à **arte-educação-ambiental**. Assim, doravante utilizarei esse termo.

Considero sobremaneira, imensurável, o meu aprendizado com e sobre a educação ambiental durante o processo de cumprimento dos créditos das disciplinas, bem como com o processo de pesquisa na Comunidade Mata Cavalo. As mudanças dos valores sociais, morais, políticos, econômicos, culturais e ambientais vão sendo acrescidos de relevantes contextos científicos ao amparo da minha vida profissional no magistério.

Aprendo ainda mais a continuar valorizando os seres humanos e os não humanos, me fortalece o entendimento de que a importância da vida na cultura não está desconectada da vida na natureza e do universo ambiental.

Passo a entender que os grupos em situação de vulnerabilidade necessitam da minha aproximação, tanto como arte-educador, quanto como pesquisador, para que juntos, possamos mitigar as injustiças climáticas e ambientais. Assim, me senti mais presente aos grupos vulneráveis, por estar em seu meio, cuidando da natureza, do ambiente e dos seres que nele vivem. Daí o pensamento de entender a educação ambiental como um todo e não só em partes. Nela, nada está desconectado, tanto em função das espécies que nela vivem, quanto com a própria diversidade do ambiente. Entender talvez, os conflitos dos seres humanos que insistem em afrontar e agredir a própria natureza onde vivem, como se esses seres humanos, dela não dependessem. Por isso, se faz necessário conduzir, entre as epistemes e a práxis, uma "leitura de mundo". De um mundo ambiente, onde seres humanos e não humanos estejam UNO, mesmo que, respeitada a diversidade, onde cada grupo, pessoa, família, pense de maneira diferente. Precisamos construir "O Bem Viver" (ACOSTA, 2016) para todo o universo, sem partilhá-lo por categorias, gêneros, raças e credos, mas pensar no mundo onde vivemos, aprendendo e aceitando a sermos diferentes, e não iguais.

Pensando em um "Bem Viver", como "uma oportunidade para construir outra sociedade, sustentada em uma convivência cidadã, em diversidade e harmonia com a natureza" (ACOSTA, 2016, p. 7), faço um convite a todas e a todos, a pisarmos juntos no chão de cupim, nos labirintos da *Oikos,* onde continuará a nossa roda de conversas, para acolhermos, de dentro da *Oikos* Quilombola, a arte-educação-

ambiental. Assim, juntos poderemos, num muxirum de confetos, sovar o barro e barrear com conceitos e afetos, a poética do pau a pique, com o corpo inteiro.

CAPÍTULO DOIS

SEGUNDA JANELA

CHÃO DE CUPIM E OS LABIRINTOS DA *OIKOS* QUE ACOLHEM ARTE-EDUCAÇÃO-AMBIENTAL



Fig. 8 Segunda janela da Casa da Cultura Quilombola. Foto do pesquisador, 2018.

Ao abrir esta segunda janela, estamos do lado de dentro da Casa da Cultura Quilombola, de frente para a MT 060. Por esta janela, podemos olhar o movimento da estrada-caminho que atravessa-corta-cruza o território Quilombola e o divide em dois: Mata Cavalo de Baixo e Mata Cavalo de Cima. Estamos falando de Mata Cavalo de Baixo, onde está instalada a Casa da Cultura Quilombola e a Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda, com quem também dialogamos. É a mesma estrada que nos leva ao Pantanal mato-grossense, de quem o quilombo é vizinho. De lá, do Pantanal, as brisas das terras encharcadas vem umedecer no cerrado, suas pedras

cangas, para que depois, as raízes das árvores desçam até elas, a três, quatro metros de profundidade, para beber água.

É uma janela aberta para receber um dos líquidos mais preciosos da vida, a água de beber. Pote cheio e com "água fresca, restitui as chamas ao olhar. Eis o princípio da inversão que vai explicar o verdadeiro frescor das contemplações da água" (BACHELARD, 1997b, p. 152). Então, vamos receber a primeira visita! Novamente, não me apraz monologar! Abrimos a roda e vamos prosear! De lá do Pantanal, Manoel de Barros vem abrir esta janela, com o seu poema-oração:

> Senhor
> Ajudai-nos a construir a nossa casa
> Com janelas de aurora e árvores no quintal -
> Árvores que na primavera fiquem cobertas de flores
> E ao crepúsculo,
> Fiquem cinzentas como a roupa dos pescadores
> (BARROS, 1992c, p. 97).

Com a segunda janela, nomeamos o segundo capítulo deste trabalho: **Chão de cupim e os labirintos da *Oikos* que acolhem arte-educação-ambiental.** Com esta janela, por ela e sobre ela, prosseguiremos com a nossa investigação a par da arte-educação-ambiental. Afinal, uma janela aberta é como um eco da prosa necessária e oportuna ao acordo da comunicação com o mundo; com outros mundos; com o "eu-outro-mundo". Uma janela é sempre uma fresta aberta, um filete de luz que anuncia-denuncia a cena-drama no interior da casa. "Quanto mais fino é o filete de luz, mais penetrante é a vigilância. A lâmpada à janela é o olho da casa. [...] Uma lâmpada acesa atrás da janela, vigia no coração secreto da noite" (BACHELARD, 2008d, p. 219).

Assim nasceu a Casa da Cultura Quilombola, por um filete de luz de ideias entre o GPEA, a Comunidade Mata Cavalo e a Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda. Nesse diálogo evidenciou-se a necessidade da existência de um local destinado às reuniões das associações de moradores, a comercialização da produção artesanal local, entre outras ocupações socioculturais, educacionais e de convivência. Desse encontro, nasceu também a abordagem do gênero, estética e perfil da construção, apostando no pau a pique, no telhado "vivo" e no chão batido,

atendendo a um pertencimento ancestral e, em função da realidade ambiental da Comunidade, onde os diversos materiais são de fácil acesso e a mão de obra, qualificada.

Criado em 1997, o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte – GPEA há muito pratica parcerias e relações de sinergias educativas e ambientais, na construção de Processos Formadores junto à Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, na Comunidade aqui tratada. Os processos de formação sempre foram constituídos de ações com práxis na arte-educação-ambiental, na comunicação e na formulação de políticas públicas, atendendo para a formação dos sujeitos no âmbito da educação inicial e permanente.

Com significativa experiência em educação popular, o GPEA tem se preocupado com grupos sociais e comunidades em situação de vulnerabilidade, onde se projeta com diálogos na formação continuada às escolas sustentáveis, na relação com o PAEC - Projeto Ambiental Escolar Comunitário. Nesse sentido, a sua relação com o ser humano e natureza corrobora a construção de sonhos para "um outro mundo possível", onde reafirma suas experiências com os biomas: Amazônia, Cerrado e Pantanal. Esse Grupo Pesquisador tem se aventurado a aproximar dos conflitos socioambientais, das identidades e da cultura mato-grossense, na tentativa de estreitar relações sociopolíticas e interpretar o mosaico humano em eminente contato com a cultura ambiental (SATO, 2013).

Segundo Sato, (2013), há 23 anos o GPEA se engajou como grupo pesquisador aliando conceitos, teorias e campos epistemológicos, tateando na prática a criação de métodos, errando e construindo atos praxiológicos. O GPEA sempre buscou alicerçar a pesquisa no substrato axiomático de valores, fé, ideologia e ética de quem não se cansa de tentar combater as injustiças sociais, em defesa ao meio ambiente. Em outra mão da sua luta e resistência socioambiental, o GPEA está sempre motivado "a outra parte, a "fracassada", pela qual ninguém se interessa, porque marginalizada, do ponto de vista econômico e social, pulsa um poder político e imaterial que oferece um denso arcabouço teórico de pesquisa" (SATO, 2019,

pôster) [38] em arte-educação-ambiental. Como podemos notar o GPEA em sua formulação de proposituras a par da construção de políticas públicas, vai além de uma pretensão científica, pelo seu compromisso, marcadamente social.

"Como quem anda em busca do ali e do bem depois, no desejo vão de recuperar a terra proibida, a terra perdida de seus antepassados" (RIBEIRO, 2005, p. 106), o GPEA vai mais adiante, amplia a sua pasta a frente de projetos brasileiros e coordena diversos destes por meio de intercâmbios e convênios internacionais com países da América, África, Ásia e Oceania, bem como mantém diversos contatos e intercâmbios científicos em diversas universidades brasileiras (SILVA, 2011). Nos últimos anos tem sido um colaborador do Fórum de Direitos Humanos e da Terra, atuando em várias frentes de injustiças socioambientais.

Aos leitores dos nossos escritos cartográficos, resultados de nossa roda de conversa, informo que prosseguiremos com um NÓS e, ao mesmo tempo, com um EU, tentando um acordo pronominal, mais praxiológico entre o pesquisador e observador com o grupo de companheiros e companheiras de trabalho, na participação observante.

2.1 No chão de cupim, a topofilia da *Oikos*

Sob um filete de luz, com a energia fenomenológica de Gaston Bachelard, anunciamos a Casa da Cultura Quilombola, como uma *Oikos;* uma *Oikos* Quilombola! Assim, objetivamos investigar a Casa da Cultura Quilombola na dimensão de uma *Oikos*, observando a sua relação pedagógica com a Escola, onde professores (as), técnicos (as), estudantes e pessoas da Comunidade, encontrassem na arte-educação-ambiental, uma direta relação da Escola com a Comunidade.

Com esse pensamento, procedi a uma investigação científica, que revelou por meio de um Processo Formador, a dimensão da vivência na Casa da Cultura Quilombola como um Projeto Ambiental Escolar Comunitário. Nesse Processo

[38] Disponível em: https://gpeaufmt.blogspot.com/. Acessado em: 01 Out. 2020.

Formador, NÓS: este pesquisador, o GPEA e todas e todos os participantes quilombolas do processo: professoras, professores, técnicos e técnicas e pessoas da Comunidade, investigamos a Casa da Cultura, na dimensão de uma *Oikos* e sua relação com a arte-educação-ambiental. Uma relação que tanto se abriu para uma sala de aula à luz da construção de saberes populares, quanto para uma relação com as táticas epistemes do mundo científico, que se deu, de dentro da própria *Oikos*. Nesse sentido, a poética do pau a pique nos revelou a presença de possíveis catástrofes ambientais, advindas das mudanças climáticas locais. Tentamos encontrar um sentido de Justiça Climática para uma *Oikos*, no seio de uma Comunidade Quilombola.

Assim, presenciamos os pressupostos da educação ambiental, inseridos no encontro com a arte, pela presença de diversas linguagens artísticas. Essa presença nos possibilitou aproximar de objetivos mais específicos da nossa pesquisa, revelando-nos que a arte e a cultura popular, estão plantadas, do chão de cupim, até ao telhado verde da *Oikos*. Por isso "é necessária a união de uma atividade sonhadora e de uma atividade ideativa para produzir uma obra poética. A arte é natureza enxertada" (BACHELARD, 1997b, p. 11).

Para tanto, foi possível compreender de que maneira os quilombolas interpretam o fenômeno climático que, invisibilizado, torna-se difícil de ser percebido. Sem nenhuma pretensão de algum resultado, e ainda, quantitativo, alcançamos talvez, alguns caminhos de respostas entreabertas, no seu subtexto, para esses questionamentos: como a escola dialoga com a educação ambiental; o que busca alertar sobre tais desastres? Será possível compreender a poética do pau a pique, aliada ao clima? "Ainda que centremos nossas pesquisas nos devaneios da tranquilidade, não devemos esquecer que há um devaneio do homem que anda, um devaneio do caminho" (BACHELARD, 1978a, p. 204).

Diante do exposto, os nossos objetivos gerais e específicos foram sendo, dialogicamente, absorvidos por todo o grupo que se abriu a uma relação horizontal, sem hierarquia, sem a métrica convencional pontuada por questionários, a par de perguntas e respostas. Observamos então, que os objetivos pensados e apresentados,

dialogaram também, com os anseios sociopolíticos da comunidade. Conseguinte, aproximamos de reflexões na transformação das táticas pedagógicas e metodológicas do currículo escolar, com sua base episteme e praxiológica quilombolas. Assim posto, presenciamos que, diversos desdobramentos dos objetivos foram sendo anotados, corporalmente, pelas atitudes dos presentes e por depoimentos, o que acentua um grifo sociológico dos participantes, na interação observante, com o todo do processo.

Essa comunhão de pensamento e percepção, só foi percebida, sentida e vivida, ao pisarmos com os pés nus, no chão de cupim da *Oikos* Quilombola. Desnudos e descalços das pertenças físicas, peles estéreis, extra-corpos, sentimos a temperatura do chão batido vibrando em nossas artérias. Essa massa amálgama é produzida pelos cupins. São seres não humanos, operário-patriotas, que doam suas salivas, para que a arquitetura subterrânea dos labirintos da terra, tenha a necessária liga, para acolher a arte-educação-ambiental.

Eis que pisamos no chão da *OIKOS QUILOMBOLA*! Sentimos o vigor da terra e a vibração da água na liga da massa modelada em barro, que criou a casa. "O deus argileiro, multiplicou as suas obras. É difícil conceber Criação sem uma massa para modelar" (BACHELARD, 2013c, p. 139).

Então, pisamos no espaço da *topofilia* do quilombo! Encontramos com a paixão pelo lugar habitado (BACHELARD, 1978a), pisamos na horizontalidade imaginária do território quilombola, que resume: o abrigo do aconchego da moradia, em toda a sua dimensão interna e externa. O termo *topofilia*, além da perspectiva bachelardiana, é explicado pelo geógrafo chinês, Yi–Fu Tuan como,

> Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. A palavra *topofilia* é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços efetivos dos seres humanos como o meio ambiente material (TUAN, 1980, p. 107).

E, expandindo ainda mais o pensamento sobre a *topofilia*, encontramos no Professor de Mitologia Comparada da USP, Marcos Ferreira Santos (2006), uma anotação fenomenológica que dialoga com os pensadores, Bachelard (1978a) e com Tuan (1980):

> A topofilia seria o sentido intenso de pertença e ou frequentação, amorosa a um espaço, região, que está na base do respeito ao equilíbrio de suas forças naturais, ao qual o ser humano se integraria numa concepção mais harmônica, o que não quer dizer que seja isenta de conflitos (FERREIRA SANTOS, 2006, p. 47).

Os conflitos podem ser elementos que, mesmo se ainda não expressivos em específicos, aparecem entreabertos, no subtexto cartográfico político e social do cotidiano da lida como a *Oikos* Quilombola. Podem estar presentes na ausência da água para a umidade do telhado "vivo"; na falta de recursos financeiros para a manutenção da Casa; na frequência do calor excessivo pela invasão do fogo produzido pelas queimadas descontroladas e pelos fazendeiros vizinhos invasores. Esses conflitos, não são exclusivos da *Oikos* Quilombola. Podem estar presentes em toda a Comunidade, no cotidiano doméstico, agrícola, na Escola, na lavoura. Muitas vezes, esses conflitos são superados quando a reflexão individual se irmana com a compreensão coletiva, a partir de discussões entre o grupo quilombola. Esses conflitos são contornados muitas vezes, pela própria resistência dos moradores e moradoras, em se situarem como produtores de ações coletivas. Essas ações, estão relacionadas a terra, aos trabalhos domésticos e também, à maneira como lidam com a construção de ações econômicas, junto ao que produzem no campo, na lavoura. Assim, os conflitos, em suas várias situações, acabam por reforçar a união do grande grupo quilombola, quando percebem que, politicamente, resistir e ou lutar no coletivo, superam os desgastes de conflitos individuais.

Ao denominar a Casa da Cultura Quilombola como uma *Oikos*, parece-nos estar nela, instalada, a morada de um *demiurgo.* Um *demiurgo* do quilombo. Indo mais, estar a própria *Oikos*, instituída como tal. Ser a casa, não só um Ser, mas um Ser de Barro, um elemento *demiurgo* do barro, intrínseca à poética do pau a pique. Um elemento a declamar mistérios e sabedoria popular, pelo próprio corpo-espaço arquitetônico construído. Um corpo-espaço construído com a autoria da espiritualidade ancestral quilombola, re-percutida, no corpo dos quilombolas, que ali, colocaram suas mãos, como Seres do imaginário mundo *demiurgo*, registrando nele, a presença da topofilia.

Segundo Vilar (2009), aparece na história da *Oikos,* no período compreendido entre 1.200 a 800 a. C, a figura do *demiurgo*. Era um viajante que ia de *Oikos* em *Oikos* prestar determinados serviços como: adivinhação; feitiçaria; curandeirismo; trabalhos artísticos; entre outros, que não eram comumente, praticados por todos. A figura do *demiurgo* era muitas vezes, contratado pelo senhor da *Oikos,* para tocar e cantar músicas, dançar e contar histórias para alegrar as festas sociais. Em troca dos seus serviços, o *demiurgo* ficava hospedado na propriedade da *Oikos*, tinha direito a refeições e ganhava-se presentes. Entendo assim que, "o demiurgo é todo ele bom e, após ter criado a sua obra, retira-se, não interferindo mais. É, pois, um agente divino que se situa num patamar superior ao das outras divindades tradicionais" (PLATÃO, 2010, p. 38).

Ainda em Platão (2010), encontramos dois tipos de demiurgia que a sua narrativa apresenta:

> A primeira, que diz respeito ao mundo e à parte divina do Homem, é da autoria do demiurgo; já a segunda, que trata das coisas mortais (a parte mortal da alma do Homem, inclusive), foi delegada às divindades criadas por si. Em sentido inverso, o demiurgo aparece caracterizado no texto mais como um homem do que como um deus. Chega a ter emoções: quando se apercebe que a sua obra estava a tomar um rumo certo, já que representa com verossimilhança o arquétipo, rejubilou e ficou satisfeito. [...] O demiurgo empreende uma actividade mimética. Ao criar o mundo sensível por imitação do arquétipo, assemelha-se em grande medida a um artífice, que, antes de produzir alguma coisa, tem em conta uma forma da qual assimilará as propriedades que fará corresponder no material que trabalha (PLATÃO, 2010, ps. 38, 39).

As práticas cotidianas na dimensão do espaço doméstico, escolar e agrícola quilombola, se constituem de vivências coletivas, tendo como primeira instância espacial, lugar de fazeres e ofícios, a casa. A casa enquanto espaço doméstico agrega, para além dessa intimidade, tarefas outras na dimensão profissional. Estende-se como espaço também de trabalho: na fábrica-oficina de farinha; confecção de roupas e artesanatos; manufatura de iguarias da gastronomia local, como: remédios e chás medicinais, rapaduras e licores, entre outros artefatos e produtos que contribuem com os recursos financeiros, no sub-sustento, de diversas famílias. Toda essa

cotidianidade e intimidade doméstica habitam a casa. Por isso "carregamos na casa nossos deuses domésticos" (BACHELARD, 2008 d, p. 200).

Pensando no cotidiano doméstico, a casa sempre se apresenta como espaço onde habita, intrinsecamente, a cotidianidade da imensidão íntima, (BACHELARD, 2008d) do lar, tanto no seu interior: sala, quartos, cozinha, banheiro; quanto no seu exterior: varandas, quintais, barracões de trabalho, roça, lavoura, horta. Compreendo que, o espaço casa, enquanto lugar da cotidianidade se expande, horizontalmente, pelos diversos grupos de moradores da espacialidade geográfica da comunidade. A casa pode se afeiçoar, tomar gosto e sentido de lar, de família, de coletividade, de habitação, moradia e residência, de um Bem Viver (ACOSTA, 2016), em vários outros espaços-lugares comunitários. Por isso, a Casa se estabelece como a *Oikos: n*a igreja, nos terreiros, na escola, no centro comunitário, nas rodas de conversas sob a sombra das árvores, nos pátios e salões das festas populares, nos batizados, casamentos, noutros quintais. Observando o sentido doméstico da casa, onde tudo e todos se apegam em coisas e afeições, perguntamos: qual o benefício mais precioso da casa? A casa abriga o devaneio dos humanos e a referência espacial dos não-humanos sobre as coisas materiais, "a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz" (BACHELARD, 1978a, p. 201).

A casa é um bem vertical, horizontal e transversal. Aquele bem que cobre e abriga as nossas cabeças, dá segurança à nossa família, acomoda os visitantes e nos plasma em "posição de sentido" na porta e ou na janela, à espera do tempo que a poesia do dia se encarrega de nos trazer a desocupação da lida com o trabalho. Assim, a casa se verticaliza no sentido corpo-árvore, no sentido corpo do pai e da mãe e de outros membros da família, como um "Bem Viver" ambiental, que se prolonga no horizonte tridimensional do quilombo. Quase tudo dentro da casa, torna-se corpo vertical. A porta, as vassouras atrás destas, as varas de pescar e os remos das canoas na espera da boa pescaria. As conchas-pás de braços longos para a cura da farinha, as cortinas que brincam com a escrita sinuosa do vento, dando movimento e sonoridade às palavras mudas. São palavras e textos no imaginário coletivo dos habitantes da casa, dizendo que ela está viva, cheia de cores, pois o

vento veio visitá-la e se sentiu arlequim dentro dela. Os espaços de passagens, tudo se verticaliza no sentido corpo-casa, no sentido do corpo dos donos, que esperam a visita em pé. "A casa é imaginada como um ser vertical, ela se eleva. Ela se diferencia no sentido de sua verticalidade. Ela nos convida a uma consciência de centralidade". (BACHELARD, 1978a, p. 208). Entre outros contra fluxos, a casa pensada na sua verticalidade, sinaliza para a postura das portas fechadas, indicando que esta "[...] deve guardar a sua penumbra "(*Ibidem*, p. 205), e a intimidade interna do lar. Esta é uma casa uterina, uma *Oikos*-útero, cuja vida começa bem: começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa. (BACHELARD, 1978a). É do interior da casa que se tem acesso ao seu olho-janela, ao seu olho-porta, por onde se vê a casa externa e o mundo que mora, dentro-fora dela, num mundo de horizontes. A casa pensada na sua horizontalidade abre espaços desprovidos de portas e janelas, ampliando o espaço do coração, para a intimidade interna do lar, mesmo estando do lado de fora. Ali, pode-se também, horizontalizar o corpo, rente ao chão da casa-sombra, na casa terrena. Nesta casa dorme-se e sonha; sai e volta; amplia-se na sua sombra noturna, a capacidade de imaginá-la chão – um mundo íntimo no seu interior. Nestas duas casas, mora-se numa *Oikos,* tanto os que a habitam na dimensão da verticalidade da árvore-tronco, quanto os que a habitam na dimensão da horizontalidade da árvore-raiz-rizoma. Nela habitam também, nossas ancestralidades ambientais e biológicas. Chave oblíqua que cai, fumaça dançando que sai!

Nesta poética da cotidianidade da *topofilia* da casa, enquanto espaço e lugar dos fazeres e ofícios comunitários, encontramos nela o sentido de *Oikos*; a *Oikos* Quilombola. A *Oikos* na construção e dimensão do pertencimento e da memória coletiva dos atores-poetas que a habitam, redimensionando e ressignificando espaços outros, num estabelecimento da convivência, como poder político-social, no ato de habitar. Nesse sentido, a Casa da Cultura Quilombola é uma *Oikos* fenomenológica, que abarca várias linguagens conjugadas aos contextos da arte-educação-ambiental (AEA). A *Oikos*, assim, tem a arquitetura da AEA, com diversos níveis de tijolos, vigas, assoalho e telhado. O clima que ameaça a *Oikos* deve ser repensado ao lume

das resistências contra as injustiças. Alicerçado pela potência da AEA, deve ser um convite a reinventar a existência da *Oikos* maior, chamada TERRA.

A *Oikos* Quilombola pode e deve ser compreendida para além dos afetos sociais, podendo residir nela, a habitação das sinergias da manufatura coletiva, na produção de artefatos da cultura local e sua respectiva comercialização. Nesse sentido, amplia-se a dimensão de um Centro Cultural para também, um Centro Comercial. Um bolicho, uma venda, um comércio de variedades de artefatos culturais, cujo trânsito corporal dos de dentro - pessoas da Comunidade; e, dos de fora - visitantes, pesquisadores e turistas, justifique na poética da sua frequentação, mais um sentido de estar e viver na *Oikos* Quilombola.

2.2 A *Oikos* que queremos habitar - uma JANELA ao direito de sonhar

As janelas de uma casa, de todas as casas, inclusive as janelas das *Oikos* do mundo, podem estar abertas ao direito de sonhar. Sonhar e habitar! Sonhar com o espaço a ser habitado, sempre foi uma realidade humana, social e política. Habitar a *Oikos* que desejamos, muitas vezes foge a essa realidade, sobretudo à realidade política. Esta política, quase sempre, fora do prumo de ser uma casa com alicerce e estabilidade para construir e permitir o habitar enquanto uma *Oikos* – espaço da família. "A casa é um corpo de imagens que dão ao homem e à **mulher**, razões ou ilusões de estabilidade" (BACHELARD, 1978a, p. 208. Grifo nosso).

Em sua Ontologia do Habitar, Silva e Mira (2016), nos dizem que o lugar de habitar é aquele onde a vida pode estar relativamente bem quanto ao estado e manutenção da existência e, a partir dos sentidos possíveis apreendidos do lugar, a vida ai se caracteriza. "Os sentidos de habitar, se definem ao ser habitado" (SILVA e MIRA, 2016, p. 157).

Nesse caso, não podemos deixar passar em branco, a questão do *lugar*. Embora aqui, nesse tratado sobre o habitar, o termo *lugar* se apresente como um coadjuvante, dando sentido, também, de onde se habita: em algum lugar. Para tratar de *lugar*, Silva e Mira (2016), partem do conceito fenomenológico e geográfico, de que

"o lugar de habitar é antes de tudo, a plataforma do ser, a partir da qual, este transcende; é o sustentáculo do ser, no que diz respeito ao locacional, ao situacional, ao extensivo, entre outros" (*Ibidem*, p. 158).

Trataremos aqui, *Oikos* como *espaço habitado*. "O espaço habitado transcende o espaço geométrico" (BACHELARD, 1978a, p. 227). Podendo transcender também, o espaço físico e fixo. É o lugar de onde se fala na cotidianidade sociocultural do território quilombola. Uma casa com habitantes não-fixos. Mas que, ao habitá-la, transformam-na, numa casa simples, mas que transborda de significados que marcam e registram a herança cultural de seus habitantes. "Quanto mais simples é a casa gravada, mais ela trabalha minha imaginação de habitante" (BACHELARD, 1978a, p. 230).

A *Oikos* enquanto um espaço habitado é uma casa com a reflexão da espacialidade, do pensamento e da memória do homem e da mulher quilombola. Traz um eminente diálogo com os seus partícipes no estabelecimento da habitação sociocultural da casa. Tratamos da casa enquanto um espaço construído ali, pelos moradores (as) quilombolas. Que ali estiveram irmanados (as) sociocorporalmente, na mesma roda de sinergia, conversas e diálogos – no canteiro de obras - a prestarem sentido sob o mesmo ofício de construir uma Casa, de erguer uma *Oikos* para a habitação, também, da sua cultura. Uma construção singular, cuja "pedra angular" do Processo Formador, deu origem a um alicerce educativo, sem a feitura de ações precedentes, sem autoridades construtivas particularizadas, mas de uma *topofilia* coletiva, carregada de pertencimento, inspirada na memória do quilombo.

Muitos autores tratam o termo *Oikos* no masculino, como em Vilar (2009) "A época do *Oikos*", por estar relacionado a polis, a um período político, mais específico o período de 1200 a 800 a.C, que marca a época da decadência do domínio da cidade de Micenas sobre a Grécia, também conhecido como "Idade das Trevas grega". E ainda, por estar a *Oikos*, relacionada ao "território do senhor feudal" (VILAR, 2009), fortalecendo, para a época machista, o uso da palavra, no masculino.

Em nosso trabalho, utilizaremos *Oikos,* enquanto um sentido, que traduza a palavra em um substantivo feminino. E assim será tratada no feminino, por entender

que o processo de pesquisa foi direcionado a investigar uma Casa, a Casa da Cultura Quilombola, a *Oikos* Quilombola e a sua poética. Portanto, se a casa é tratada no feminino, ao estender a ela a função-ocupação de uma *OIKOS*, recebe-se assim, igual tratamento, a *Oikos,* no feminino. Uma morada-moradia, uma residência, uma casa, uma toca que também no feminino se estende, várias das suas funções: a política, a social, a cultural, a ancestral, a educacional, a doméstica. E, sobre essa poética feminina, bordada na *Oikos* em pau a pique, novamente Ferreira Santos (2006), nos traz um prolongamento desse discurso:

> Libertária, a palavra pode assumir qualquer posição e ajudar o menino *inaugurar* – augurar o início, cantar o mito de origem. Assim se pode dar às pedras um costume de flor e florescer nas pedreiras. O canto assume, de imediato, um formato de sol. O imperativo poético e metafísico em *manuelês* arcaico é abrir a palavra e entrar dentro dela. Habitar a palavra. Fazer dela, a casa primeira: a *Oikos*, o abrigo do ser, expressão e condição de ser. Não apenas "dizer" como se diz das coisas cotidianas, sem muito cuidado nem atenção, mas, na lição guaranítica, re-lembrar que a alma-palavra (*nhe'e*) é o próprio Ser em floração (*poty*). (FERREIRA SANTOS, 2006, p. 43).

Portanto, no universo da poética, elegante dar lugar-espaço-assento ao feminino, assim como o fez Gaston Bachelard, em seu tratado de "A Poética do Espaço" (1978a), que trata a casa, nos revelando uma imagem na dimensão uterina, de onde provém a fertilidade, a força orgânica da mulher, na fertilização da vida, de outras vidas.

Oikos é uma palavra de origem grega e que pode ser traduzida para a língua portuguesa como casa, ambiente habitado, família ou espaço da família. A palavra *Oikos* também é utilizada como um prefixo que dá a origem etimológica da palavra ecologia, em que *Oikos* significa "casa" e logos "estudo". Na Grécia Antiga, a *Oikos* era o nome dado para a unidade básica de uma sociedade, formada pelo chefe, representado pelo homem mais velho, sua família (filhos e esposa) e seus escravos, que conviviam em um mesmo ambiente doméstico, a "*Oikos*logia – ECOLOGIA – physis" (HEIDEGGER, 1969).

> Os gregos não experimentaram o que seja a physis nos fenômenos naturais. Muito pelo contrário: por força de uma experiência fundamental do Ser, facultada pela poesia e pelo pensamento, se lhes desvelou o que havia de

> chamar de physis (...) physis significa o vigor reinante, que brota, e o perdurar, regido e impregnado por ele (HEIDEGGER, 1969, p. 45).

No pensamento de Aristóteles (1998), *Oikos* é concebida como um espaço comunitário e doméstico, mas com certa oposição ao conceito de *polis*, como lugar do político. *Oikos*, como lugar privado onde das realizações das necessidades, *Oikos nomia* – ECONOMIA.

Segundo Vilar (2009), a palavra *Oikos* pode designar tanto a casa quanto a propriedade de um senhor entre o período de 1200 a 800 a. C. Nesse entendimento, a *Oikos* se assemelharia a uma propriedade rural, algo semelhante ao feudo medieval. Enquanto uma organização administrativa, a *Oikos* consistia na casa do senhor, onde havia uma população local livre, que poderia permanecer nas terras, sob o comando do senhor da *Oikos*, mas que, também, poderia deixar a propriedade, quando quisesse.

É novamente Vilar (2009) que nos brinda com a relevante importância do papel da mulher na administração social da *Oikos*. A esposa do senhor, ou a senhora da *Oikos*, era responsável pela organização dos banquetes, refeições e hospedagens dos visitantes do senhor. Entre as tarefas, a de maior importância estava em carregar as chaves do tesouro. Tratava-se de um depósito onde se armazenavam alimentos, tecidos, os presentes ganhos pelo senhor, os metais preciosos, jóias, armas, entre outros objetos considerados importantes. Aqui, reafirmamos a imagem do feminino, no acordo com a imagem da casa, cuja participação da mulher, solidariza com a memória da *Oikos,* a presença natural da poética, no espaço doméstico, como novamente, recebemos a colaboração de Gaston Bachelard:

> Assim, abordando as imagens da casa e o cuidado de não romper a solidariedade da memória e da imaginação, esperamos fazer sentir toda a elasticidade psicológica de uma imagem que nos comove a graus de profundidade insuspeitos. Pelos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, tocamos o fundo poético do espaço da casa. (BACHELARD, 1978a, p. 201).

A economia da *Oikos* era basicamente oriunda da agricultura e da pecuária. Cada família da *Oikos* tinha uma determinada responsabilidade com o cultivo da

terra e com a criação de animais. A produção artesanal interna também fazia parte da economia, com um relativo comércio local. Segundo Silva e Mira (2016), na questão social da *Oikos,* além do senhor e sua família, outras famílias possuidoras de certa posse, também participavam, em função das partilhas relativas, da produção agrícola. Estas famílias eram tratadas como população camponesa e junto a essa população, incluem-se também os escravos que atendiam ao senhor, sua família e a algumas famílias camponesas de posse. Dando continuidade ao pensamento filosófico sobre a palavra *Oikos*, temos em Silva e Mira (2016), entendimento de que:

> *Oikos* é a expressão ontológica do habitar Gaea[39] para além da sua dimensão da divinização mítica[40]. *Oikos* devolve a Gaia os sentidos de casa, de habitação, bem como das condições e possibilidades de manter o caráter situacional do ser humano, isto é, a adaptabilidade, a familiaridade, a convivencialidade. Enquanto Gaea era a expressão cosmogonia do habitar, um paradigma advindo do mito (da Terra em seus aspectos geracionais, como fonte, como mãe), *Oikos* se tornaria a expressão cosmológica deste habitar (SILVA e MIRA, 2016, p 156).

A edificação da *Oikos* considerou os aspectos ecológicos do enfrentamento às mudanças climáticas, mas simultaneamente, recuperou o conhecimento popular da arte e da poética do pau a pique, reforçando assim o sentido da *Oikos*. Cultura e natureza se entrelaçaram explicitando o território quilombola e, a memória, jamais será finalizada. Mas está em pleno processo de construção de identidade não - fixa, que enfrenta alguns esvaziamentos, e assim, transborda de sentidos.

A *Oikos* Quilombola na comunidade aqui tratada vislumbra-se, igualmente, um espaço habitado pelos diversos grupos quilombolas. É a extensão da casa da família de cada um. Ambiente onde se possa restaurar, além dos afetos, a prosa que ficou guardada no final de uma festa popular; a sonoridade sacra da reza cantada que por não caber no bolso auditivo, fixa-se na memória; o paladar dos quitutes das crianças no intervalo das aulas de bordado, que lhes "fura" a mão como uma agulha

---

[39] A palavra Gaea = Gaia cuja raiz, provém de γῆ (gê), do dórico γᾶ (gâ) que significa Terra em oposição ao sentido de Pátria (pater, patrimonium), cuja expressão latina masculina pater não corresponde ao sentido arcaico do termo que poderia ser relacionado às expressões latinas femininas de mater, matr, matris, isto é, "Matria". No entanto essas expressões foram vulgarizadas no seu uso cotidiano, em seu contexto histórico (SILVA e MIRA, 2016, p. 156).

[40] Experiência hermenêutica de compreensão de mundo a partir do mito (*Ibidem*).

aquecida de sabor em sua palma; uma tarde de conversas umedecida pelos chás de dona Maria do Chá[41].

Essa *Oikos* que pode nos imprimir segurança e confronto é também o lugar de onde se fala com o corpo do homem e da mulher quilombola, presentes em seus conflitos. Um lugar de resistência: residência e diálogo da sociopolítica e da cultura ambiental; uma casa de debates, de estados de relações epidérmicas e de poéticas educativas do acaso. Uma casa onde possa ser discutida a ausência da água na comunidade, enquanto a resistência quilombola espreme a outra água; a da massa da mandioca, na manufatura da farinha na habitação-*Oikos*, na ecologia da mandioca, na *Oikos*-casa-fábrica de dona Estivina[42], onde a farinha tem habitação e produção cultural em família, como podemos observar o que Castro (1992), nos contribui:

> Primeiro: *Oikos*, que significa: habitação, família, raça; este, em grego, se forma do verbo oikizein, que siginifica: instalar, construir, fundar. Segundo: Logia, que se formou do verbo leguein: dizer, anunciar, ler, ordenar. A este verbo se prende também a palavra logos, (daí logia), que significa: palavra, razão, discurso. [...] Se há um significado central no termo ecologia, este é HABITAÇÃO (CASTRO, 1992, p.14).

Assim, a *Oikos* Quilombola estende-se à dimensão de árvore, dando à Comunidade o direito a uma sombra fixa. Portanto, a comunidade não se preocupa com o caminhar do sol, quando lhes tira a sombra do lugar, estando estes, debaixo das árvores. Com essa *Oikos*-árvore, de sombra fixa, pode-se agora ambientá-la, ou seja, "ter o direito de enfeitar coisas íntimas, como o olho de nossa janela, mas respeitar o espaço coletivo, reconhecendo a árvore como a *Oikos* de todos, anunciando uma nova estética ecológica", ampliando, no habitar a *Oikos,* "o direito de janela e o dever de árvore" [43] (SATO 2011a, p. 3).

---

[41] Moradora da comunidade Mata Cavalo, uma "Griô Quilombola". Exímia pesquisadora das tradições da medicina popular e artesã na manufatura de remédios caseiros, licores e chás medicinais.
[42] "Griô Quilombola", residente em Mata Cavalo de Cima. Artesã na fabricação da farinha de mandioca e mestre da cultura popular.
[43] Pensamento do arquiteto austríaco, artista de muitos talentos, Friedensreich Hundertwasser (1928 – 2000), que para ele, significava: "O teu direito de janela – o teu dever de árvore. Homens e mulheres criativos têm o direito de enfeitar a teu gosto, e tão longe quanto teu braço alcance, a tua janela ou fachada exterior". Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-163014/os-edificios-de-hundertwasser-manifestos-construidos-de-uma-arquitetura-para-o-ser-

Contudo, é o que anotamos sobre a Casa da Cultura Quilombola, a dimensão de uma *Oikos* como um lugar para o habitar da comunidade quilombola junto à educação, superando a necessidade de ser, tão somente, um lugar-espaço ao lado da escola. Uma habitação do conhecimento cultural de todo o quilombo, de um grupo de homens e mulheres que possam ter essa *Oikos* como palco da representação da sua resistência social, econômica, cultural e política.

A casa se constitui uma *Oikos*, desde o momento da concepção do seu projeto construtivo, até a realização do projeto do Processo Formador que alimentou e sensibilizou a Comunidade, para a construção da Casa da Cultura Quilombola. Nesse momento, a presença da coletividade dos diversos grupos de famílias da comunidade pode se mostrar afetivo ao chamado intra-quilombo, reafirmando o desejo na construção e feitura da sua *Oikos*. Foi um momento único e uno, para todos os grupos envolvidos.

> No Ocidente, os matizes de expressão *Oikos*, tornaram-se com o tempo, conceitos basilares para refletir o mundo, bem como categorias analíticas que organizam nossas representações, nossos discursos e nossas ações (SILVA e MIRA, 2016, p. 160).

Esta construção de epistemes da "pedagogia popular cotidiana" está presente na *Oikos*-Escola e na Escola-O*ikos*, como referência da habitação coletiva da educação quilombola. Essa pedagogia popular cotidiana, de que trato, é o diálogo presenciado na educação popular, transitando com condutas afetivas e íntimas de determinado grupo – um modo de estudo e fazer, no cotidiano de grupos populares. É assim, um modo de estudo e fazer, no cotidiano quilombola, onde a pedagogia alimentada pela cultura popular do grupo participante auxilia-o em suas práxis, também populares. Assim como nas práticas da cultura popular, esse grupo popular quilombola, exercita de maneira participante e participativa, a educação popular, por perceber que, "a educação popular não é uma atividade pedagógica para mas um

---

humano#:~:text=Seu%20direito%20%C3%A0%20janela%20%E2%80%93%20Seu,que%20ali%20vive%20uma%20pessoa. Acessado em: 10 set. 2020.

trabalho coletivo em si mesmo, ou seja, é o momento em que a vivência do saber compartido cria a experiência do poder compartilhado" (BRANDÃO, 2017, p. 50).

Dessa maneira, Escola e Comunidade de braços dados na mesma morada-habitação, na construção de saberes, cujas vozes, promotoras desse conhecimento, ecoam da mesma *Oikos*. Daí, ou de lá, reverberam consciência de saberes e fazeres das *Oikos* sociais, econômicas, culturais, políticas e ambientais da Comunidade Mata Cavalo, para as *Oikos* de educação ambiental, do mundo.

2.3 – Comunidade Mata Cavalo – uma *Oikos* de *griôs*

Chegar à Comunidade Mata Cavalo é rota fácil e prazerosa. Basta seguir o frescor das brisas que vem do Pantanal pela MT 060, que nos leva à cidade de Poconé – MT. Após passar pelo portal da pitoresca cidade de Nossa Senhora do Livramento, num entretempo de prazer junto ao descanso, com uma pausa no Km 25, avista-se a *Oikos;* a *Oikos* Quilombola. Ela está situada à margem direita da rodovia, ao lado da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda. Pronto! Você está em Mata Cavalo de Baixo, de onde falamos; de um "território de *griôs*". Ao final desse inter-título, abordarei detalhadamente sobre o termo *Griô.*

Seja bem vindo! Pode chegar! Aqui é a Casa da Cultural Quilombola, nosso Centro Cultural. A casa é simples, mas tem chão fresco pra pisar e água de pote pra beber. Desculpe não chamar Seo Antônio Mulato para te receber, ele está em estado de repouso como *Griô* espiritual quilombola. Agora ele reside em várias outras *Oikos*, em um Quilombo *Opus Dei*.[44] Mas eu posso te contar o pouco que sei, sobre a Comunidade, sobre o território quilombola, sobre sua gente, sua cultura e suas lutas de resistências políticas e sociais e, ainda, sobre os "*griôs* quilombolas".

[44] Do Latin, Obra de Deus. Instituição criada pela Igreja Católica, em 1928, na Espanha, com o objetivo de ajudar as pessoas que vivem no mundo, homens e mulheres moradores de rua. Disponível em: https://cooperadoresopusdei.org.br/opus-dei. Cooperadores Opus Dei Brasil. Acessado em 27 marc. 2020.

O território da Comunidade Quilombola Mata Cavalo conta com uma área de, aproximadamente, 14.690,341 hectares (2020) [45], e tem na sua maior extensão o bioma Cerrado, inserindo-se ao Pantanal.

A aproximação geográfica da Comunidade Mata Cavalo ao bioma Pantanal, insere o território quilombola e várias outras comunidades próximas da cidade de Poconé - MT, como pertencendo ao "Cerrado do Pantanal". É a vegetação típica do cerrado que margeia o Pantanal e, ao se hibridar entre veredas desse bioma, apresenta outra transição biológica ambiental. Essa transição, acaba imprimindo uma textura-trama de vegetação, que anuncia uma poética visual, com harmonia biológica com os dois biomas. Uma área de cerrado se apresenta baixa e rala, em solo seco, com árvores retorcidas pela aridez do solo, tornando a cultura agrícola mais exigente. Outra área de mata mais densa, alta e úmida, uma espécie de floresta, mais conhecida na região como "cerradão", dialoga melhor com uma diversificada agricultura. Nessa transição, temos um diálogo pachorrento e úmido como os charcos do Pantanal; noutra ambiência, uma conversa mais árida, como o sabor agridoce do solo e dos frutos do Cerrado. Valles (2018) contribui mais, sobre esta aproximação, por meio da sua experiência com comunidades, próximas da cidade de Poconé – MT, um dos portais do Pantanal:

> Poconé possui uma localização privilegiada, tendo em seus limites territoriais dois importantes biomas, o Cerrado e o Pantanal. Tem uma extensão territorial de transição entre os dois biomas, chamada pelos moradores de "Cerrado do Pantanal". Essa característica de transição entre os dois biomas foi determinante para a configuração histórica e social do município de Poconé - MT (VALLES, 2018, p. 77).

Nessas terras se pratica, sobretudo, a agricultura de subsistência como uma das possibilidades de apoio e sustento aos grupos familiares, das seis comunidades do complexo Mata Cavalo. A produção é bastante diversificada em grãos, farinha, vegetais, legumes, hortaliças, artesanato, ervas medicinais, criação de pequenos animais, entre outros. Segundo Barcelos (2015), ali vivem, aproximadamente, 500

[45] Disponível em: https://cpisp.org.br/comunidade-mata-cavalo/. Acessado em: 30 set. 2020.

famílias, que há mais de cem anos, se construíram por meio de lutas políticas em defesa ao seu território, na tentativa de manter os seus direitos preservados.

Quando falamos em Mata Cavalo, estamos tratando de um complexo de seis comunidades, irmanadas no mesmo território quilombola, assim denominadas: Aguaçu; Estiva; Mata Cavalo de Baixo e Capim Verde, que recebem em seu corpo físico geográfico, a intervenção da MT 060. São comunidades que estão do lado direito e esquerdo da rodovia, em direção à cidade de Poconé – MT. As comunidades de Mata Cavalo de Cima e Mutuca, estão localizadas à margem direita da rodovia, não recebendo a intervenção física da MT 060.

Conforme dados do Governo do Estado de Mato Grosso e informações do CAD Único/PBF[46] (2015), o Estado de Mato Grosso conta com 70 comunidades quilombolas distribuídas em 18 municípios: Acorizal; Água Boa; Barra do Bugres; Cáceres; Chapada dos Guimarães; Comodoro; Confresa; Glória D' Oeste; Nossa Senhora do Livramento; Poconé; Pontes e Lacerda; Porto Alegre do Norte; Porto Estrela; Rosário Oeste; Santo Antônio de Leverger; São José do Rio Claro; Várzea Grande e Vila Bela da Santíssima Trindade.

A comunidade quilombola Mata Cavalo, tem em sua referência de lutas, um "aceiro histórico", que sempre foi o de práticas de resistências, no sentido de se apagar o fogo da hegemonia política, que lhes atacam em várias frentes. Fosse à expropriação territorial, o desarmamento sócio econômico e político, de moradia, educação, entre outros, com os quais, sempre tiveram que enfrentar os diversos tipos e espécies de fogo. E sempre, de muito perto, com ataques surpresas, sem o direito ao tempo de se prepararem para um aceiro, seja qual fosse a sua espécie.

Tratamos aqui, de dar atenção, ao termo ACEIRO. É uma prática de limpeza tradicional, comumente realizada na agricultura de subsistência. Consiste na retirada da vegetação, muitas vezes já seca, alta e rente aos dois lados da cerca, que se faz entre uma propriedade e outra; podendo ser entre o pasto e a lavoura, entre o quintal da casa e a mata. No caso do "aceiro tradicional" (RIBEIRO, 2006), praticado nas

[46] **Cadastro Único** para Programas Sociais ou **CadÚnico** - instrumento de coleta de dados e informações que objetiva identificar todas as famílias de baixa renda existentes no país para fins de inclusão em programas de assistência social e redistribuição de renda.

propriedades rurais, é bastante variada a largura e ou a metragem do aceiro, entre as áreas a serem protegidas. Os cuidados com a segurança da não travessia ou propagação do fogo, de um lado para o outro, sempre é tratado pela experiência do agricultor, considerando a incidência do vento e respectiva corrente do ar. Em alguns casos, os rios, pequenos córregos, trieiros e estradas, tomam o lugar do aceiro. Ai está a presença natural e fixa, na divisa, entre uma área de pasto e de mata com a área de agricultura, reduzindo gastos financeiros com a mão de obra. Encontramos em Ribeiro (2006), apontamentos que contribuem para o emprego de aceiros praticados nas comunidades com agricultura de subsistência, tratado pelo autor, já citado anteriormente, como "aceiros tradicionais".

> O emprego de aceiros da forma tradicional tem algumas restrições quando se relaciona à fragilidade do solo com a topografia e com os recursos financeiros disponíveis. Essas variáveis, consideradas isoladamente ou em diferentes combinações, contribuem para a redução de danos ambientais, para o aumento da eficiência do aceiro e para a maximização dos benefícios a custos mais reduzidos. Os custos são um dos principais elementos a serem considerados no manejo do material combustível, sendo importantes a extensão da área manejada e a metodologia empregada. (RIBEIRO, 2006, p. 03).

Num processo de lutas e conflitos sociopolíticos, entre remanescentes e senhores proprietários das Sesmarias [47], surge o quilombo Mata Cavalo que, entre tantos conflitos no moroso processo de distribuição das terras, muitos descendentes de escravos africanos, morreram. Do outro lado, ficaram os chamados "homens brancos". Conforme o que nos diz Barcelos (2015), de posse do território quilombola, esses senhores, "homens brancos", cuidaram das terras, sempre à maneira hegemônica.

O quilombo Mata Cavalo teve a sua origem com a descoberta de ouro na antiga região onde hoje se encontra a cidade de Cuiabá, pelo processo de distribuição de terras das Sesmarias, cuja área quilombola, foi denominada como Boa-Vida, hoje, Quilombo Mata Cavalo (SATO et al., 2019). Esse processo teve início em 1849, por meio de ato público-judicial, com a ação de arrematar a Sesmaria Boa-Vida, por

[47] Área de terra não cultivável ou abandonada, cedida no Brasil pelos reis de Portugal, aos novos povoadores (HOUAISS, 2011. p. 858).

Ricardo José Alves Bastos, esposo de D. Anna da Silva Tavares, que pagou pela área a quantia de um conto de réis. Em cinco de dezembro de 1874, após a morte de sua esposa e, declarando o seu testamento aberto, Ricardo José Alves Bastos, na presença de cinco testemunhas, dá liberdade a todos os seus escravos, como se, "de ventre livre nascessem" (BARCELOS, 2015, p. 10). Segundo Barcelos (2015), a data de 15 de setembro de 1883 marcou o momento em que os escravos de D. Anna da Silva Tavares recebem parte da propriedade da Sesmaria Boa-Vida.

A Comunidade de Mutuca é parte do complexo da Comunidade Mata Cavalo, que tem origem como Ribeirão Mutuca, que fora doado por Dona Anna da Silva Tavares a Leopoldino Alves da Costa. Dois anos após a referida doação e seu respectivo registro jurídico, o titular e sua esposa, venderam a referida terra. Com data em 18 de junho de 1896, a venda se deu por meio de escritura pública, a Vicente Ferreira Mendes, um ex-escravo que teve a sua libertação em 1888, em decorrência da assinatura da Lei Áurea.

Após a morte de Dona Anna da Silva Tavares, "os ex - escravos tomaram posse de suas terras que foram distribuídas entre diversos troncos familiares, constituindo assim, segundo categorias sociológicas pertinentes, um campesinato negro" (BARCELOS, 2015, p.11).

Esse histórico conturbado de distribuição de terras entre os quilombolas segue lado a lado com a história de lutas dos remanescentes de escravos por igualdade, mas sempre colocando-os, em desqualificação: humana, social, política e econômica. Nesse sentido, avançam com a recusa de permitir aos grupos quilombolas, o direito a terra, ao ambiente de habitação, bem como aos bens e serviços correlatos a terra e sua produção. Assim, caracteriza-se a prática do racismo ambiental e da injustiça ambiental, desfavorecendo as classes menos favorecidas. Portanto, "um sistema regulatório que favorece o racismo ambiental se vale da institucionalização de bens e serviços a determinados grupos e da discriminação de populações de minorias étnicas em piores condições de vida" (ALMEIDA, et al, 2017, p. 6). No que tratamos sobre injustiça ambiental, entende-se que:

> É o mecanismo pelo qual sociedades desiguais destinam a maior carga dos danos ambientais do desenvolvimento a grupos sociais de trabalhadores, populações de baixa renda, grupos raciais discriminados, populações marginalizadas e mais vulneráveis (HERCULANO, 2008, p. 2.).

A Constituição Federal é o documento jurídico-político que limita o poder estatal e o regulamenta. Em seu Art. 225, está registrado:

> Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASÍLIA, 2017).

Nesse sentido, a Comunidade Mata Cavalo, tem enfrentado divergências jurídicas e ambientais com relação à sadia qualidade de vida, que lhes garantam a jurídica visibilidade ao seu real sentido. No meandro das divergências jurídicas e ambientais, anotamos a ausência de uma política pública que garanta a Comunidades Quilombolas, a prática da Justiça Climática. Ou seja, numa perspectiva que reduzam os efeitos desiguais e injustos, como vejamos:

> A perspectiva da justiça climática evidencia o fato de que num mundo globalizado, hipercomplexo, marcado pela desigualdade social e pela irracionalidade ambiental os processos de alterações do clima geram efeitos desiguais e injustos, reforçando a certeza da íntima relação existente entre as questões ambientais e sociais (RAMMÊ, 2012, p. 6).

Necessário entender, no contexto da justiça climática, que,

> O território quilombola é muitas vezes, invisibilizado em seu real sentido, pelo jurista. Sua compreensão deve transcender o sentido individual e material da terra, sendo oportuno, que considerem os aspectos identitários dos quilombolas, em sua relação intrínseca com o quilombo (HELD, 2017, p. 71).

Presenciamos a dificuldade com que os quilombolas tentam, insistentemente, abrir, construir, demarcar um aceiro de vitórias no cenário de sua resistência, dentro do seu território. Sabemos que "o quilombo Mata Cavalo, mais do que uma porção de terra, é um território composto de identidades construídas no cotidiano e nas lutas

e vivências que pontilham sua história" (SATO et al., 2010, p. 23). Ainda presenciamos uma história fortemente marcada por embates, narrada em uma arena de luta.

O ano de 1980 foi marcado pelo retorno de um novo conflito entre quilombolas e fazendeiros. Com o pensamento de resistir, juridicamente, aos costumeiros ataques dos fazendeiros da região, em 1996, criaram a associação dos moradores da comunidade Mata Cavalo. De acordo com (SATO et al, 2010), nesse período, acontece um marco histórico de grande relevância. Trata-se do início da mobilização política em favor dos direitos de trabalhadores negros rurais do complexo Mata Cavalo, com relação ao acesso a terra.

O governo do Estado de Mato Grosso reconheceu, em 1998, a comunidade Mata Cavalo como território remanescente de quilombos. A fundação Cultural Palmares concedeu à comunidade quilombola, o Título de Reconhecimento de Domínio. Infelizmente, até a presente data, existe uma demanda que busca a titulação de seus territórios, junto ao INCRA, sem finalização (SATO et al., 2010).

Como resultado negativo, esses conflitos afetaram e ainda afetam a Comunidade: destruição de nascentes e minadouros, desmatamento descontrolado, incêndios oportunistas, exploração irregular de atividade garimpeira, entre outros. Tais conflitos ocasionaram ainda prejuízos financeiros, culturais, ambientais e climáticos na região do território quilombola, junto à agricultura e à vida doméstica. Dessa maneira, ações de injustiça ambiental estão presentes, sistematicamente, junto à comunidade quilombola. Como se não bastasse, desterritorializam o seu universo de produção cultural e agrícola, deslocando-os para uma desuniversalização do ser e estar presente em seu território. Tornam-se pessoas desamparadas da sua própria vontade de estar ali, no seu devir homem e no seu devir mulher do campo, no cotidiano da lida com o que é de sua propriedade humana, doméstica e íntima. Ainda, nos apraz entender que esse homem e essa mulher quilombola, passam pelas mudanças, que também passam as coisas em seu próprio devir. Segundo Deleuze e Guattari (2007), "o devir é sempre uma ordem outra. O devir é involutivo, a involução é criadora" (DELEUZE, GUATTARI, 2007, p. 19).

Desamparados dos afetos que lhes estendam a condição de seres humanos seguros de uma possível justiça ambiental, esses homens e essas mulheres em seus devires campesinos, sentem-se desamparados de suas intimidades de sonhar, de amar, de corresponder a si e aos seus. Se sentem absortos no tempo imaginário, estão sempre presos no tempo, tanto de um passado, quanto no tempo presente, numa realidade de eterna esperança. Distanciam-se uns dos outros em demasia às catástrofes presentes nos seus devires ambientais, pela incompletude da interpretação das catástrofes ambientais e humanas que os cercam. Assim, mais se debruçam sobre as defesas aos ataques do "fogo armado", do que a construir um "aceiro encantado", que os coloquem em devires da sua própria memória social e da sua pertença humana, para um Bem Viver (ACOSTA, 2016).

> O Bem Viver, sem esquecer e menos ainda, manipular suas origens ancestrais, pode servir de plataforma para discutir, consensualizar e aplicar respostas aos devastadores efeitos das mudanças climáticas e às crescentes marginalizações e violências sociais. Pode inclusive, contribuir com uma mudança de paradigmas em meio à crise que golpeia os países outrora centrais. Nesse sentido, a construção do Bem Viver, como parte de processos profundamente democráticos, pode ser útil para encontrar saídas aos impasses da Humanidade (ACOSTA, 2016, ps. 35, 36).

O quilombo Mata Cavalo, durante várias décadas, teve que conviver com as peculiaridades ambientais junto ao seu acesso à educação escolar. As construções das escolas ali existentes, por longo tempo, foram improvisadas, cujas estruturas eram "tão somente cobertas". Uma espécie de barraco de palha, um empalizado [48]. Esses empalizados, que muitas vezes, duram apenas uma ou duas estações, também são comuns nos quintais das residências, para a lida com as tarefas domésticas. São peças fundamentais para o abrigo da população na realização das festas de santos, ou espaço de reuniões das associações de moradores, abrigo de trabalhadores no espaço da lavoura, entre outros. Com telhado de palha de babaçu e ou de acuri, as paredes das escolas não passavam de duas ou três: uma onde se fixava o quadro de giz e,

[48] Como culturalmente se denomina na região, os barracos ou coberturas de construções improvisadas, de pouca durabilidade, feitos de madeira rústica e palhas, geralmente de babaçu ou acuri, espécies de palmeiras muito conhecidas em todo o estado. Os impalizados são também muito utilizados para dar certa estrutura às festas de santos tradicionais.

outras duas, que nem sempre lhes davam segurança e abrigo, para lhes proteger do vento, do sol, do calor, das chuvas e do frio. Pouco depois, essas salas de aulas foram sendo transferidas para outros espaços físicos da comunidade, agora com construção de madeira. No entanto, boa parte da construção, mantinha-se no modo improvisado em função da carência de recursos material e financeira e, sobretudo, à ausência de políticas públicas voltadas à educação, por parte do poder público. Observamos aqui, a prática da injustiça ambiental, atuando diretamente no ambiente escolar, afetando a qualidade de vida saudável dos moradores, no trato à educação. Tal situação registra nos professores, alunos, pais e demais moradores, o desestímulo sócioeducativo e político, frente ao direito de conviver e frequentar um espaço escolar com segurança e salubridade.

Em nossa metáfora, a expressão "aceiro encantado" não denota tão somente a sedução pelo encantamento do que se apresenta pelas belezas, física e estética do objeto construtivo. Anotamos para "aceiro encantado", o espaço de consistente segurança ambiental, que transfira para o ser humano, o direito de viver em um ambiente biofísico com integridade moral e tecnológica, individual e coletiva. Um ambiente com estima social, que o coloque numa relação saudável com o ambiente circundante, para que se possa absorver porcentagem qualitativa, daquilo que o levou a buscar naquele ambiente. Também, denota o gesto sócioeducativo tratado de maneira fenomenológica, resposta ao encantamento humano, nas práticas socioculturais, manifestado como experiências dos sentidos. Maneira com que a Comunidade Quilombola se constrói sensível à "beleza do gesto" (GALARD, 1997). Esse encantamento pode ser uma reação individual ou coletiva involuntária, que brota, até mesmo diante das suas situações de vulnerabilidade social e econômica. Embora essas situações de vulnerabilidade estejam sempre os expondo às catástrofes e injustiças ambientais.

Diante do exposto e, percebendo o volume de situações de vulnerabilidade social e econômica, bem como de injustiça ambiental, pelas quais passam os diversos grupos da Comunidade Mata Cavalo, nos traz um questionamento: de onde brotam

tantas belezas e gestos infindáveis de pertencimento e de resistência, que não os invalidam diante das catástrofes hegemônicas da política e do capital?

É Galard (1997), que nos acende a chama do gesto, do "aceiro encantado", dialogando com o aceiro dessa beleza e da pertença, nos dizendo que "o gesto nada mais é que o ato considerado na totalidade de seu desenrolar, percebido enquanto tal, observado, captado" (1997, p. 27). E prossegue, anunciando em sua *Estética das Condutas* sobre o gesto humano, na *poesia do ato*, quando nos diz que:

> O gesto se revela, mesmo que sua intenção seja prática, interessada. O ato é o que resta de um gesto cujos momentos foram esquecidos e do qual, só se conhecem os resultados. O ato se resume em seus efeitos, ainda que quisesse se mostrar espetacular ou gratuito. Um se impõe com o caráter perceptível de sua construção; o outro passa como uma prosa que transmitiu o que tinha a dizer. O gesto é a poesia do ato (GALARD, 1997, p. 27).

Só mesmo o estado do "aceiro encantado" pode reacender na comunidade, a chama da pertença de se viver num território de herança ancestral, limpo de suas amarras hegemônicas, desprovidos de resíduos antipolíticos que os impeçam de alçarem voos, com asas de uma possível liberdade. Um território habitado por quilombolas, com um sentido mesmo de seu significado mais genuíno de aceiro, uma limpeza de segurança no ambiente habitado, para que se tenha a certeza de que não terá que continuar a lutar contra o "fogo armado". Nele, o volume das injustiças ambientais ali presenciadas, não os impediram e ou impedem de se encantar diante da vida, do trabalho e da própria luta política cotidiana. As lutas também os uniram ao afeto coletivo, à beleza do gesto! Nesta forma de união, se fazem presentes, as diversas maneiras com que a Comunidade se organiza para se proteger, politicamente, do "fogo armado" pelas ações de instituições do governo, que se repetem ao longo de um século, na tentativa de tirar-lhes o direito a terra, à moradia, ao trabalho, à vida.

O "aceiro encantado", ainda se faz presente como um estabelecimento de vida cultural, mantida há séculos, como conservação das manifestações culturais de origem africana, sinalizando saberes e fazeres, para o aceiro da pertença e da memória. Essas manifestações culturais, autóctones, de origem africana são

mantidas, na sua maioria, em municípios com população quilombolas, como é o caso de Nossa Senhora do Livramento, Poconé e Vila Bela da Santíssima Trindade, em Mato Grosso. Nesses três municípios, concentram-se, aproximadamente, trinta e nove comunidades quilombolas, (SATO, et al, 2019). Na cidade de Nossa Senhora do Livramento temos o Congo [49]; em Poconé, a Dança dos Mascarados [50]; em Vila Bela da Santíssima Trindade, temos o Congo e o Chorado[51]. Em específico, na Comunidade Quilombola Mata Cavalo, diversas manifestações da cultura popular de origem africana, tomam espaço no sentido de restaurar a memória coletiva dos remanescentes. Lá, professores, alunos e comunidade se uniram na criação do Grupo Cultural, "Hop Quilombola" [52]. Uma ação sociopolítica para o diálogo com a educação, por meio das linguagens artísticas da dança e do teatro. Um tratado cultural com o objetivo de, não só atender ao currículo escolar quilombola, bem como, desenvolver potencialidades crítico-afetivas. E mais, inscreve-se na liga com o pertencimento junto aos jovens da comunidade, num eminente diálogo com a arte, aproximando-os das expressões culturais que dialogam com as suas origens. Temos aqui então, a encenação do popular num território quilombola, construído na relação

[49] De origem africana, o **Congo** é uma manifestação praticada em Mato Grosso nas cidades de Nossa Senhora de Livramento e Vila Bela da Santíssima Trindade, desde o Sec. XVIII. Chega ao Brasil, pelos escravos, ainda no período colonial e tem como instrumentos adufes e tambores, com coreografias e trajes típicos próprios e cânticos que evocam os deuses. É a dramatização de uma luta simbólica travada entre dois reinados africanos. Além do cunho folclórico, tem cunho religioso, com homenagens a São Benedito e a Nossa Senhora da Penha (SEDEC/MT, 2019).

[50] A **Dança dos Mascarados** é uma manifestação da cultura popular mato-grossense, praticada na cidade de Poconé, região pantaneira de Mato Grosso. Sua origem, controversa, está ligada a misturas tanto da contradança europeia — influência dos colonizadores espanhóis e portugueses — quanto das tradições indígenas locais com ritmos negros. É parte das comemorações da Festa do Divino Espírito Santo e de São Benedito. Executada exclusivamente por homens, cujos trajes masculinos e femininos, representam os galãs e as damas, respectivamente. O marcante tem a função de conduzir a dança, e os balizas de segurar o mastro com fitas coloridas e a bandeira de São Benedito (SEDEC/MT, 2019).

[51] Oriunda do período colonial, quando escravos fugitivos e transgressores eram aprisionados e castigados pelos Senhores, o **Chorado** é uma dança praticada em Vila Bela da Santíssima Trindade, exclusivamente por mulheres. Em seu enredo, mulheres esposas dos escravos aprisionados, dançavam o **Chorado** com o objetivo de ter como recompensa, o perdão e a liberdade dos maridos aprisionados. Com o tempo, a dança passou a fazer parte da programação das festividades de São Benedito, dançada pelas mulheres cozinheiras, na cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade. Na coreografia variada, destaca a desenvoltura e equilíbrio das dançarinas pelo uso de uma garrafa nas cabeças (SEDEC/MT, 2019).

[52] Nome de grupo cultural de teatro e dança com pesquisa e representações das manifestações de origem africana, criado em 2015, com a participação de estudantes, professores da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda e de moradores da comunidade Mata Cavalo.

da arte-educação-ambiental, dialogando com a política e com a biologia sociocultural do ambiente onde vivem. Assim, fortalecem os laços de pertencimento com a manutenção do "culto ao popular", onde fortalecem também a sua resistência nas conquistas políticas da comunidade com o intento de se manterem inseridos nos processos dinâmicos da cultura social. Aproximamos do antropólogo argentino contemporâneo, Néstor Garcia Canclini (2011), em sua relação com a pós-modernidade, em *Culturas Híbridas* (2011):

> O popular é nessa história o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado; os artesãos que não chegam a ser artistas, a individualizar-se, nem a participar do mercado de bens simbólicos "legítimos"; os espectadores dos meios massivos que ficam de fora das universidades e dos museus, "incapazes" de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem a história dos saberes e estilos (CANCLINI, 2011, p. 205).

É na manutenção desse conjunto de manifestações da cultura popular, com origem nas raízes africanas que as comunidades quilombolas se veem fortalecidas e culturalmente, amparadas. Assim, reacendem a chama da sua memória coletiva, com o desejo de construir, fazer, realizar, um "aceiro encantado" como demarcação do seu espaço sociocultural, de seu lugar de fala e de habitação. Ao aproximarmos do sociólogo francês, Maurice Halbwachs (2003), em seu tratado sobre *memória coletiva e espaço*, entendemos que:

> Assim, não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda (HALBWACHS, 2003, p. 179).

Há muito esses "habitantes *griôs*", das terras quilombolas tentam expulsar os demônios de chamas hegemônicas que insistem em lhes atear fogo, em tirar-lhes o sentido à vida, impedindo-os do direito e prazer aos seus aceiros culturais. Há muito enfrentam o queimar das duras batalhas cotidianas que agem como "fogo armado". Esse fogo armado são labaredas, línguas de fogo que estão sempre em estado de combustão social; explodem as cercas de segurança do território humano e da alma

quilombola. Dessa forma, tiram-lhes a imunidade e valor do universo da riqueza da pertença, aproximando-os de uma pobreza social e da desigualdade sócioambiental, transformado-as em uma grande fogueira de medo, de ódio e de coletiva tristeza. Em nosso encontro científico com Sparemberger e Copetti (2010), tratando da "busca da harmonia entre homem, mulher e meio ambiente", destacamos o que as autoras assinalam sobre pobreza e desigualdade ambiental:

> Neste sentido, a pobreza não é um fenômeno na natureza das coisas. É um produto dos processos sociais. Ela não é um estado, mas um efeito, fruto de um processo social. E, desta forma, a desigualdade ambiental nada mais é do que uma distribuição desigual das partes de um meio ambiente, injustamente dividido, onde a desigualdade social e de poder é o cerne da degradação ambiental. Por esta razão, não há que se falar em enfrentar a crise ambiental sem promoção da justiça social (SPAREMBERGER, COPETTI, 2010, p. 30).

Refletindo sobre a pobreza como "produto dos processos sociais" (SPAREMBERGER, 2010), compreendemos também, que a degradação ambiental é parte intrínseca desse processo social, pelo qual a Comunidade Quilombola Mata Cavalo vem passando desde sempre. É um processo que dialoga com uma realidade mais que presente no território quilombola brasileiro, em geral. Basta olharmos para o horizonte ambiental e para a geografia física territorial onde os quilombos estão instalados. Em terras, cuja maioria percentual, é improdutiva, de difícil acesso, com enorme escassez de água potável, cercadas por vizinhos fazendeiros que tem a suprema posse de suas nascentes, e que ainda, já se ocuparam de destruí-las. Dessa maneira lhes cercam de ameaças físicas, sociais, ambientais e psicológicas. Talvez esta reflexão nos ajude a reforçar o entendimento sobre os significados da palavra Sesmaria. "A sexta parte de terras abandonadas e incultas", ou seja, terras improdutivas, onde não se cultiva a agricultura. Assim, a vulnerabilidade constrói situações que marginalizam a qualidade de vida dos quilombolas, produzindo um cenário dramático de guerra com a própria terra, onde atuam sempre com significativa porcentagem de desestímulo frente à produção agrícola, à sua participação social e à vida.

Trata-se de um cenário árido junto ao ser humano, ao meio ambiente, que cobra, sistematicamente, que a política interna da comunidade, necessita ser constantemente alterada, repensada. Essa imposição de mudanças, sempre forçadas pelo capital, contribui negativamente, com um cenário de grande pobreza material e ambiental no conjunto do contexto sociopolítico da comunidade. Porém, de grande riqueza de conhecimento e experiências junto a terra, a agricultura é a própria vida cultural. Nesse cenário de inconstância política, que lidam para driblar o estado de pobreza, seja ele qual for, reside o "Ser *Griô*", onde atuam com a riqueza de conhecimento e experiências, transmitidos de geração em geração, tendo como maior contexto sociológico e antropológico, a fala, a oralidade.

> O termo *Griô*, que seria uma apropriação do termo *Griot* africano, é um termo apropriado para identificar as rendeiras, as mães e pais-de-santo, os reiseiros, os mestres de capoeira, os mestres de samba-de-roda, as rezadeiras e curadores, as parteiras e muitos outros personagens como representantes da sabedoria da tradição oral e referência de ancestralidade, identidade e cultura no Brasil (LIMA; COSTA, 2015, p. 237).

Diante do acima exposto, podemos entender que, em Mato Grosso, os *Griôs* estão por toda parte do seu território. São os cururueiros; os festeiros das festas de santos tradicionais; os violeiros tocadores e cantadores de Siriri; as rezadeiras das rezas cantadas; os ceramistas e as ceramistas; as benzedeiras; as tecelãs das redes lavradas de Limpo Grande [53]; as parteiras; os raizeiros e as raizeiras, os artesãos da viola de cocho, do mocho, do ganzá, dos cochos, gamelas e canoas, entre tantos outros. Eles representam, segundo a tradição oral, nossos *griôs*, pelo fato de ensinar, pelo uso da fala, da oralidade. Esses *griôs* usam da sua oralidade, para também, construir uma militância política, sobretudo, em busca de uma política pública para a sua classe cultural, como fazem os quilombolas de Mata Cavalo, sobre o seu contexto histórico, político, econômico e cultural.

O contexto histórico do território Mata Cavalo e sua luta pelo reconhecimento e certificação jurídica, se confundem com a história dos quilombos

[53] Distrito da cidade de Várzea Grande – MT, com aproximadamente 250 famílias, com significativa produção de redes artesanais, onde aproximadamente, 95 artesãs vivem da renda dessa produção.

brasileiros. A acirrada disputa pela posse definitiva da terra é mais um local de idas e vindas de despejos, invasões e ameaças praticadas por fazendeiros e grileiros vizinhos, que ainda acontecem nesse Brasil afora.

É nesse cenário dramático e de eterna resistência, que os quilombolas resistem aos agressores. Resistem para se manterem em suas terras, resistem às ações políticas hegemônicas e a tantas outras catástrofes sociais, que tentam lhes tirarem os seus direitos sociopolíticos, até mesmo o direito à vida.

Somada a tantas lutas e enfrentamentos políticos e sociais, paralelamente, os quilombolas de Mata Cavalo foram, aos poucos, construindo suas forças coletivas de resistências, de aprendizagens e ensinamentos. Aprenderam que resistir é conservar-se firme, a não ceder, a não desistir, a não sucumbir-se, e, sobretudo, a enfrentar o corpo agressor do inimigo invasor. Aprenderam que, resistir é um ato político! Há tantas décadas resistindo, a Comunidade Quilombola foi também, aprendendo a ensinar. A ensinar-se! A ensinar na luta e pela luta – elemento que, de tanto com ele conviver, acabou se inserindo, sociopoliticamente, como pressuposto da educação popular quilombola: ter como força-tarefa, RESISTIR! Assim, ensinam aos seus e aos outros. Ensinam a toda sociedade, demonstrando com humildade, o gosto em transferir saberes, por meio de seus fazeres, presentes na "pedagogia da resistência". De pai para filho, de avós para netos, de líderes para aprendizes, nasce o Mestre, nasce o ser *Griô* Quilombola. Este ser que sabe que ensinar a resistir é educação de valores políticos ancestrais. São herdeiros e herdeiras dos saberes e fazeres da tradição oral que, por meio da palavra, da oralidade, da corporeidade, da vivência e experiências, dialogam, aprendem e ensinam. Ensinam dialogando e falando, como nos contribui o escritor, *Griô*, mestre da tradição oral africana, Hampaté Bâ (1901 – 1991):

> A fala é, portanto, considerada como a materialização, ou a exteriorização, das vibrações das forças. Toda manifestação de uma só força, seja qual for a forma que assuma, deve ser considerada como sua fala. É por isso que o universo tudo fala: tudo é fala que ganhou corpo e forma. Se a fala é força, é porque ela cria uma ação de vaivém, que gera movimento e ritmo, e, portanto, vida e ação. A tradição africana, portanto, concebe a fala como um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo, divina no sentido descendente, e sagrada, no sentido ascendente (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 172).

Com esses fazeres, os *Griôs* tornam-se memórias vivas, mantendo a afetividade da tradição oral numa relação com a espiritualidade coletiva, na formulação de uma educação para a vida. Dessa maneira, a mãe e o pai, professores das prendas da intimidade do lar, *Griôs* de uma praxiologia ancestral, ensinam aos filhos: o modo-de-fazer o café; o doce da fruta colhida no quintal; a rachar a lenha para acender o fogo; a encher o pote com água coada num pano de estima; a cuidar de si e dos irmãos mais jovens. Ensinam a plantar as sementes que, em bom tempo, irão brotar de aprendizagens na memória dos filhos aprendizes de *Griôs*. Vejamos o que nos esclarece Lílian Pacheco, em sua *Pedagogia Griô* [54] (1998), sobre o *Griô* aprendiz:

> O Griô aprendiz tem um lugar social fundamental na missão da Pedagogia Griô, de facilitar o diálogo entre as idades, entre a escola e a comunidade, entre grupos étnico-raciais, entre tradição e contemporaneidade, interagindo e mediando saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais. Mas o Griô aprendiz é mais do que um lugar social e político de mediação. Ele é antes de tudo, um arquétipo, ou seja, um personagem mítico, um encantado de alguém que doa sua corporeidade como lugar de registro, biblioteca viva e transmissão dos saberes e fazeres de comunidades, grupos e povos de tradição oral, garantindo assim a continuidade da rede de transmissão oral (PACHECO, 1998, p. 72).

Importante compreender que, na tradição cultural da Comunidade Quilombola Mata Cavalo, não é empregado, em suas práticas metodológicas culturais cotidianas, o termo *Griô*. Mas, é perceptível que, nas suas práticas, entendidas como um modo-de-fazer cultural, na cotidianidade de pertencimento ancestral quilombola, há a presença do ensinar a aprender e do aprender a ensinar, por meio da fala, da oralidade. É uma via de mão dupla – é o dia e a noite, de um pensamento que não dorme na epistemologia e na filosofia literária de Gaston

[54] Criada em 1993, pela educadora Lillian Pacheco, a partir da sua prática pedagógica no Grãos de Luz e *Griô,* Lençóis, Bahia. A Pedagogia *Griô* tem como referências teóricas e metodológicas o povo que caminha e reinventam a roda todos os dias no Brasil e na África: educadores, psicólogos comunitários, educomunicadores, gestores políticos e principalmente mestres *Griôs* brasileiros e africanos. (PACHECO, 1998, p. 67).

Bachelard - que reside, intrinsecamente, nos costumes domésticos da intimidade cultural da comunidade, onde os atores se revezam entre "Mestres e Aprendizes".

Trata-se de, enquanto um olhar de pesquisador participante, que se propõe a observar e compreender os valores culturais ancestrais ali presentes, registra a citada intimidade cultural, como outro fenômeno a ser anotado como um desdobramento *sui generis* de sua pesquisa. Com esse pensamento, ao dialogar com a comunidade sobre o objeto de pesquisa de que tratamos, tal fenômeno percebido, amplia a poética do que se presencia sobre o ensinar e aprender, enquanto uma fenomenologia cultural local, genuína. Provoca um desdobramento do conhecimento vivenciado na "pesquisa de convivência", sobre as práticas naturais cotidianas, presenciadas na relação sociocultural da e com a comunidade pesquisada.

A considerar o universo interdisciplinar de práticas culturais, presenciadas na Comunidade pesquisada, o ser Mestre e ou, o ser *Griô*, é elemento mais que presente na fenomenologia da história cultural e ancestral quilombola. São elementos de práticas autóctones, que nascem com os fenômenos cotidianos na lida com o seu modo de ser e produzir cultural, onde aprendem e ensinam: plantar, colher, costurar, bordar, cozinhar, lutar, resistir, entre tantos outros. Reforçamos aqui, sobre a "pedagogia popular cotidiana", o que já fora formulado no intertítulo 2.2 – A *Oikos* que queremos habitar – uma JANELA aberta ao direito de sonhar. Trata-se de um diálogo presenciado na educação popular, transitando com condutas afetivas e íntimas de determinado grupo – um modo de estudo e fazer, no cotidiano de grupos populares.

Eles atuam com outro fenômeno cultural, que reside no ser e no estar, orgânico e biológico de cada um. Possível, até mesmo, que essa atuação tão íntima e de uma oralidade pertencente e natural, não seja percebida ou sentida pelos próprios praticantes. Isso se dá, pelo fato de não ser algo de fora, externo, e sim, do seu interior; está dentro do seu vir a ser, do seu devir *Griô,* é algo do Ser. "O ser *Griô*, está ligado à tradição oral, em toda a sua construção cultural" (HAMPATÉ BÂ, 2010, p 175).

Diante do que nos apresentam Hampaté Bâ (2010), sobre o "Ser *Griô*" e, respectivamente, Lílian Pacheco (1998), sobre o surgimento e emprego da palavra *Griô* na comunidade onde atua, bem como a caminhada dos educadores do "Grãos de Luz *Griô*", é importante compreender que nenhuma caminhada histórica, cultural, ancestral está desprovida da realidade de um caminhar autóctone. Essa autenticidade do caminhar está presente na originalidade sociocultural da região onde é encontrada e, conseguinte, praticada pela gente dali. Ou seja, esse caminhar deve seguir os trieiros já limpos, desbastados há tempos, pelos ancestrais, em tempos outros. Precisam dialogar com as coisas dali, ouvir seus partícipes, habitantes, nativos, onde se manifestou. Em todas as caminhadas socioculturais, os caminhantes constroem primeiro, mesmo que involuntariamente, diversos "trieiros", e às vezes,"tortos". Muitas vezes, cheios de pedras soltas, absortas. Sem o propósito de que os seus aprendizes caminhantes pisem sobre elas, mas para sejam recolhidas ao caminhar. Ao praticar esse poema, diversos caminhos periféricos, muitas vezes, se tornam a estrada principal. Acredito que todos os caminhos vão se construindo como parte de um processo, sobretudo de um processo coletivo, comunitário, uno. Nenhum processo surge na dimensão aleatória, após um sonho, numa noite mal dormida. O sonho é um rio que nunca dorme! Está sempre úmido em seu minadouro, no devaneio do homem e da mulher sonhadores, mesmo que estejam estes, acordados. Por isso é preciso sonhar várias vezes com o mesmo caminho, mesmo que seja ele, outro caminho, ou um novo caminho. Mas é também necessário que, qualquer que seja o caminho, seja pensado como um processo do caminhar, e muitas vezes, em silêncio, pra não acordar do sonho estéril e traiçoeiro, o inimigo, também sonhador.

O complexo de comunidades do território Mata Cavalo é uma cartografia de vários caminhos, de trieiros e aceiros, mapeados e trilhados no silêncio cotidiano de luta e de resistência. É uma comunidade que sonha com outros caminhos e com outros processos e maneiras de caminhar, que talvez, lhes tragam táticas de um novo aprender em ser caminhantes, ou ainda, por saberem que "dentro dos caramujos, tem silêncios remontados" (BARROS, 2001d, p. 57).

De igual maneira, o "Ser Griô" pode ter, quem sabe, já transitado por algum caminho dos caminhantes quilombolas, pelos sonhos e devaneios que constroem ao resistir. Em seus caminhos, mesmo que talvez, ainda estejam em estado de trieiros improvisados e ou periféricos, a palavra, enquanto ação oral, sempre esteve presente em sua tradição, pela prática natural da oralidade, numa realidade sociocultural, ancestral. "Palavras têm sedimentos. Tem boa cópia de lodo, usos do povo, cheiros de infância, ancestralidade" (BARROS, 1992c, p. 341). Assim, em nossos sonhos de pesquisadores participantes, rogamos para que os termos e palavras a fazerem partes de seus caminhos, estejam na presença do caminhar espiritual, não sendo necessária, serem copiadas ou repetidas, tão somente, por uma construção ou escolha científica. "As palavras de nascer adubam-se de nós" (BARROS, 1992c, p. 314).

2.4 Educação Ambiental – chão de cupim nos labirintos da *Oikos*

Ainda temos tempo para percebermos que a vida em sociedade não é uma peculiaridade humana. Somos todos, humanos e não humanos, uma sociedade e, assim, somos todos, natureza – meio ambiente - entes e seres do mesmo COSMOS. Outros animais interagem com seus semelhantes em sociedades constituídas, das mais variadas formas, em diversos abrigos, espaços e lugares, no horizonte da natureza. Muitas vezes nos indagamos sobre esses seres e sobre essas sociedades. Indagamos sobre os espaços-lugares onde se abrigam, vivem e habitam esses seres não humanos. São animais sim! Que vivem em suas casas-moradas-habitações: ninhos, ocas, tocas, cupins, poleiros, entre tantos "refúgios", submersos em água e terra. Inclusive, residem em condomínios, dentro dos nossos habitats sociais individuais e coletivos, mas, a eles, nunca damos a devida atenção. Mas estão ali, habitando a sua *Oikos*, cuidando da sua prole! Essa atenção só é praticada, quando estes seres, na qualidade de "pragas", por algum fenômeno ou alteração climática em seu habitat, provocada pelos humanos, deixam os seus ninhos e "invadem" os nossos.

> É bastante surpreendente o fato de que, mesmo na casa confortável, a consciência do bem-estar apela para as comparações com os animais em seus refúgios. O bem-estar que experimento diante do fogo, quando o mau tempo desencadeia tempestade, é todo animal (BACHELARD, 1978a, p. 256).

Mas, pergunto: como é possível, seres tão minúsculos, invertebrados, que se alimentam, sobretudo, da sua própria saliva, que vivem submersos em labirintos de barro, habitar uma tese de doutorado?

Respondo: Habitam! Com todo o sentido do verbo Morar. "Só mora com intensidade aquele que já soube encolher-se. Encolher pertence à fenomenologia do habitar" (BACHELARD, 1978a, p. 197). Residem em nossas discussões científicas, inclusive, para se alimentar de novas investigações, a nossa incompletude social, diante do mundo ambiental habitável.

Habitam ainda e também, para contribuir com a formulação de proposituras educativas, conceitos e epistemologias científicas, dialogando com a arte-educação-ambiental. Inserem-se em conflitos biológicos, gerando luta política e nos revelam saberes popular. São seres patriotas pela sua natureza biológica, que à sua e à nossa pátria prestam serviços. Contribuem para construir reflexões sobre o ambiente onde vivem, sobre as suas moradas e sobre as nossas. Inclusive, sobre as nossas moradias sem o devido "teto ambiental", desprovidas da saliva-líquido, elo-social, que poderia nos anunciar como seres "eussociais" (DIEHL, 2006), mas nos denunciam como seres egocêntricos, carregados de práticas políticas ambientais, INJUSTAS.

Segundo a doutora em biologia molecular e genética da UNISINOS, Elena Diehl (1972 – 2008), os cupins são seres sociais da ordem *Isoptera* – uma subordem do mesmo grupo -, que engloba os indivíduos também conhecidos como *térmitas* – cupins (DIEHL, 2006).

Eles estão por toda parte, sinalizando os destinos de uma sociedade, sobre as catástrofes ambientais. Ignorados pelos humanos na sociedade, esses operários ambientais, desde sempre, tem nos ensinado a preservar o nosso território e, mais ainda, a nos prepararmos para uma desterritorialização política e ambiental, como podemos observar em Sato (2005), em sua formulação de conceitos:

> A Educação Ambiental deve se configurar como uma luta política, compreendida em seu nível mais poderoso de transformação: aquela que se revela em uma disputa de posições e proposições sobre o destino das sociedades, dos territórios e das desterritorializações; que acredita que mais do que conhecimento técnico-científico, o saber popular igualmente, consegue proporcionar caminhos de participação para a sustentabilidade por meio da transição democrática (SATO, et al, 2005, p. 3).

Trata-se de seres democráticos! Produzem a sua transição de sustentabilidade e se organizam em grupos, famílias e gêneros. Observamos em (FERREIRA, et al, 2011), que os cupins se encarregam de diferentes tarefas: busca e consumo imediato dos alimentos, e "os soldados", atuam na defesa da espécie, enquanto a casta fértil, representada pelo casal real (rei e rainha) está envolvida nas atividades reprodutivas. Ou seja, são seres na eminente prática da "eussocialidade, que nos informa como sendo o mais alto grau de organização social dos animais presente nas sociedades mais complexas" (DIEHL, 2006, p. 5). São seres de igual importância biológica para o equilíbrio ecológico do ambiente, como os demais. Estão presentes na natureza, na organização de uma complexidade de informações, no acordo com a vida social própria (DIEHL, 2006).

Mas é claro, são invisibilizados pelos humanos que, ao tratarem-nos como pragas, não imaginam o poder dessa sociedade ecológica, dentro de seus labirintos. "Que poder para uma simples casa ser construída sobre um emaranhado de subterrâneos!" (BACHELARD, 1978a, p. 210). Assim, muitas vezes não aparecem como autores nas transformações da natureza, quando esta se "renova", após uma noite de chuva, carregada de dramas invisíveis. Manoel de Barros, em seu poema "Mundo Renovado" (1992), deixou escapar essa incompletude, de uma "desutilidade poética":

> Nos pátios amanhecidos de chuva, sobre excrementos meio derretidos, a surpresa dos cogumelos! Nas beiras dos ranchos, nos canteiros da horta, no meio das árvores do pomar, seus branquíssimos corpos sem raízes se multiplicam.
> Sai o garoto pelo piquete com olhos de descobrir.
> Choveu tanto que há ruas de água. Sem placas, sem nome, sem esquinas.
> Incrível a alegria do capim. E a bagunça dos periquitos!
> Há um referver de insetos por baixo da casca úmida das mangueiras.
> Alegria é de manhã, ter chovido à noite! Os bagoaris e os caramujos tortos.
> Lagartos espaceiam com olhos de paina. Borboletas desovadas melam.

> Biguás engolem bagres perplexos. Espinheiros emaranhados guardam por baixo filhotes de pato. [...]
> Até as pessoas sem eira nem vaca se alegram. E as éguas irrompem no cio os limites do pátio.
> Um cheiro de araticum maduro penetra as crianças. Os meninos descobrem de mudança formigas carregadeiras (BARROS, 1992c, p. 237).

E os cupins? Onde eles estavam após os "des-limites" do Pantanal, provocados por uma noite de chuva? Como esses seres patriotas dos labirintos da *Oikos Gaia* do mundo, comunicarão tais colapsos climáticos, de dentro de uma *Oikos,* num território quilombola, em pleno Cerrado? Como a Educação Ambiental residirá no interior de uma *Oikos*-porão, erguida em argila, para tentar comunicar os sentidos de habitação desses seres sociais, que os humanos insistem em ignorá-los? São seres por resistir? Resistir ao drama da incompletude ambiental, humana? "O porão é, pois, a loucura enterrada, dramas murados. O drama é muito fácil ai, mas exploram os medos naturais, medos que existem na dupla natureza do homem e da casa" (BACHELARD, 1978a, p. 210).

De acordo com Reginaldo Constantino (1999), doutor em Entomologia pela University of Kansas, os cupins são mais conhecidos pela sua importância econômica, como pragas de madeiras e de celuloses. Essa população de insetos, com mais de 2.750 espécies, no mundo, tem chamado a atenção de cientistas, devido ao seu singular sistema social. A grande diversidade ecológica brasileira, considerando a sua extensão territorial, registra cerca de 290 espécies, embora ainda, pouco conhecidas. Segundo Constantino (1999), Mato Grosso divide com a Argentina e Paraguai, importante contribuição ambiental ao conhecimento dessa fauna, a partir de pesquisa realizada em 1903, pelo entomólogo italiano, Filippo Silvestri (1873 – 1949).

A maioria das espécies de cupins vive nas regiões tropicais e subtropicais do Brasil. Mesmo provocando considerável dano em áreas urbanas e rurais, os cupins têm significativa importância enquanto componentes da fauna de solo de regiões tropicais, com contribuição aos processos de decomposição e ciclagem de nutrientes (CONSTANTINO, 1999).

Num outro diálogo com Diehl (2006), ela nos informa que os cupins são seres "eussociais", pelo fato de apresentarem três características fundamentais, assim como as formigas, as abelhas e algumas vespas:

> Vivem em colônias nas quais ocorre sobreposição de gerações; os indivíduos mais velhos cuidam dos mais jovens (cuidados com a prole); ocorre a divisão do trabalho reprodutivo, havendo uma casta responsável apenas pela reprodução e uma casta assimilativa responsável pelas demais funções da colônia. Esta terceira característica é a que define especialmente a eussocialidade (socialidade verdadeira ou completa). Os demais insetos não apresentam estas características, podendo viver em grupos anônimos (onde não há reconhecimento individual). Em geral, não constroem ninhos para proteger e cuidar da prole, e, exceto pelo comportamento de corte e cópula, são solitários (DIEHL, 2006, p. 3).

São esses seres, cuja "eussocialidade", praticam os mais velhos, cuidando dos mais novos, que comumente os chamamos de cupins. São os responsáveis pela construção dos famosos "cupinzeiros". Essas edificações, erguidas em barro, emergem do solo, nos revelando um fenômeno natural, ainda por ser descoberto na sua intimidade científica, ambiental e ecológica. São elaboradas com o barro da região onde se instalam. Às vezes, pode ser um complexo de material terroso de barro – terra – argila. Esse material é refinado, pelo processo natural de degustação, pela umidade de suas salivas, trocada de boca-a-boca e por isso, suas casas possuem controle de temperatura e umidade interna. De dentro de seu palácio de barro, esses pequeninos seres controlam a vida externa da flora que os circundam, selecionando, para o seu almoço, o que não se deve alimentar no jantar. Vivem do que produzem! Ao contrário dos humanos, não produzem lixos; alimentam-se destes, já descartados pela ordem natural biológica, do meio ambiente. Quem sabe aqui, a "sociopoética", com "um objetivo muito ousado que é o de criar [...] novos conceitos ou *confetos*, os quais, ainda que não cunhados por autores consagrados, nos façam filosofar" (HAYDÉE PETIT, 2003, p. 23). E, para tanto, filosofemos, buscando uma atenção biocêntrica para uma reflexão sobre o modo de fazer e viver dos cupins. Esses seres invertebrados que, ao praticarem suas ações fenomenológicas, nos preenche de *confetos*. Assim, sugerem biologicamente, que a Educação Ambiental deve ser praticada de boca-a-boca, refinando, cristalizando, purificando a terra orgânica que

está dentro de nós, para então, num depois, oferecer política ambiental à sociedade. Depois, cristalizar o ambiente onde podemos viver de forma humana, com o seu devido equilíbrio com a natureza, assim como fazem os cupins, em seu mais alto grau de organização social, entre os insetos.

> O equilíbrio que buscamos só será possível se respeitarmos a diversidade. Isto implica em buscar novos caminhos, novas formas de proteção da vida. Precisamos construir um novo paradigma de vida que nos levará a um novo estádio da humanidade – é preciso definir uma nova antroposérie (FERREIRA, 2003, p 30).

Os cupins (térmitas) são invertebrados dominantes em ambientes terrestres tropicais e estão espalhados desde as florestas úmidas até as savanas, sendo encontrados até mesmo em regiões áridas, nos mais variados habitats, é o que nos contribui (FERREIRA, et al, 2011). E acrescenta, com o seu estudo referente à "Ciência do Solo", sobre as ações dos cupins, no solo brasileiro:

> Esses insetos têm um papel destacado e ainda pouco estudado nos ecossistemas tropicais. Ciclagem de nutrientes, aeração, infiltração de água do solo, bioturbação, formação de agregados e decomposição de material orgânico, são processos influenciados pela ação dos térmitas, que vão, direta ou indiretamente, influenciar a formação dos solos e da paisagem onde se encontram (FERREIRA, et al, 2011, p. 37).

O autor prossegue com seu estudo, nos sugerindo que uma maior abordagem deva ser dirigida em futuras pesquisas para a influência desses insetos no solo, sob condições específicas de uso e manejo, na produção sustentável de alimentos e das mudanças climáticas.

Portanto, com esses seres, comumente chamados de cupins, avançamos com a nossa discussão sobre Educação Ambiental (EA). Na *Oikos* Quilombola, eles têm participação ecológica, subjacente, mas de significativa relevância ambiental. Produzem, ecologicamente, a terra utilizada na feitura do piso, para a técnica – modo de fazer, do "chão batido" [55], da respectiva Casa Quilombola.

---

[55] Tipo de chão comum em casas na região rural em que não se coloca piso cerâmico, de madeira ou cimentício. O chão é firmemente batido, socado, utilizando a terra de cupinzeiros que, por serem umedecidas com a saliva dos cupins, tem importante liga natural, não se desgasta e não solta poeira.

São os sentidos da EA que, na Lei nº 9795/1999, em seu Art. 1º, da Política Nacional de Educação Ambiental, nos sinaliza sobre as competências para a conservação do meio ambiente, a uma vida de sustentabilidade:

> Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (PNEA. Lei nº 9795/1999, Art. 1º).

Ao considerar o pressuposto acima, sobre a construção de valores sociais, atitudes e competências voltadas à conservação do meio ambiente, é que, entre outras atenções ligadas à construção da Casa da Cultura Quilombola, tratamos aqui do "chão batido", o piso empregado na construção da citada Casa. Sobre ele, não argumentamos tão somente, a técnica empregada como referenciado anteriormente! É muito mais que isso! Insere-se no universo biológico da EA e tem um diálogo com a história arquitetônica, na construção de casas, entre outros objetos da moradia, com valores ecológicos, do ponto de vista ético. Do ponto de vista estético, insere-se na arte-educação-ambiental, nos brindando com a peculiaridade de se ter um chão térmico, onde pisamos diretamente na terra, na natureza, sem a intervenção de pisos cerâmicos e cimentícios, produzidos industrialmente. Tem grande destaque no período colonial brasileiro e, na atualidade, tem sido elemento de significativa conquista arquitetônica ambiental, em construções alternativas das mais diversas, no que se refere à tentativa de uma possível sustentabilidade.

Assim foi procedido na feitura do piso da Casa da Cultura Quilombola. Nele foi utilizada a terra de cupinzeiros desativados, muito comuns na zona rural: no Pantanal, Amazônia e Cerrado. Sobre aterro de terra comum, geralmente vermelha, já compactada no interior da casa, foram colocados os cacos da terra do cupinzeiro, uniformemente. Estes cacos foram firmemente batidos e socados por várias vezes; entre cada ação de socar, utilizou-se água para umedecer, dando assim, segurança na

---

Disponívelem: http://www.terramater.com.br/default.asp?mostra=brasil/MT_Chapada_Atracoes.htm. Acessado em: 30 set. 2020.

compactação do piso e garantia da umidade natural, advinda das salivas dos cupins, evitando danos futuros, bem como, a penetração de insetos.

Em "Terra Mater" (2019), que discute questões sobre o meio ambiente, cultura e turismo sobre o município de Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso, encontramos contribuição sobre construções de casas, no período colonial:

> O estilo barroco colonial é presente em todas as construções que ainda resistem ao tempo, datadas dos séculos XVII e XVIII, espalhadas pela cidade de Chapada dos Guimarães. Os pisos são de chão batido com terra de cupinzeiro ou feitos com "mesanelas", espécie de tijolo quadrado. As telhas de barro amassado eram moldadas nas coxas dos escravos (TERRA MATER, 2019) [56].

Como podemos observar sobre o piso de "chão batido", realizado a partir da terra de cupinzeiro, na Casa da Cultura Quilombola na Comunidade Mata Cavalo, este tem origem ancestral, praticado em todo o Brasil, desde o século XVII. Compreende elemento de significativa relevância para o meio ambiente, para a educação ambiental e garantindo uma temperatura interna amena, reduzindo o calor do ambiente. Esse calor é reduzido em porcentagem de temperatura, que pode variar de acordo com a dimensão física de cada cômodo, e do conjunto total de cômodos, de cada construção. Ainda, deve-se considerar a projeção física de cada parede na construção, ou seja, o seu "pé direito" – altura entre o piso e o teto de um cômodo ou pavimento (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. 710). Nesse sentido, encontramos diversos profissionais, cientistas e pesquisadores, que têm contribuído com epistemologias que nos levam a melhor compreender a origem do piso de "chão batido", a partir das construções dos cupinzeiros. Roberto Muylaert Tinoco (1988), especialista em Biologia, do Instituto Butantã, em São Paulo, nos informa sobre a construção dos cupins, para entendermos, um pouco mais, sobre a origem e feitura do piso aqui citado e de sua significativa eficiência e utilização:

---

[56] Disponível em: http://www.terramater.com.br/default.asp?mostra=brasil/MT_Chapada_Atracoes.htm. Acessado em 30 agot. 2020.

> A argila é moldada enquanto está úmida e misturado com a saliva do próprio cupim, que age como aglomerante. Algumas vezes, as fezes dos cupins, constituídas principalmente pela lignina da madeira sob a forma de pequenas esferas, são aproveitadas como agregado no "solo-cimento". As construções são feitas por instinto. Não existe um gabarito ou um padrão de construção. São efetuadas por sequência de comandos desconhecidos, visando obter paredes impermeáveis, termicamente isolantes e resistentes. O cupim executa uma emaranhada rede de galerias com abóbadas e até mesmo com colunas, resolvendo simultaneamente, os problemas de estrutura e de esgoto (TINOCO, 1988, p. 17).

Como vemos, temos diversos grupos de seres sociais, não humanos, cuidando da natureza para o bem estar social e ambiental dos humanos. Purificam a argila a partir de suas salivas, para se auto-sustentarem – os cupins; para curar os humanos, extraem o mel ao purificarem o néctar das flores – as abelhas; fornecem-nos a medicina mais eficiente à nossa cura – a flora ambiental. Pena que poucos humanos tenham se dedicado a colocar a sua saliva a serviço da humanidade. Na maioria, a saliva se encontra na prática da hegemonia política e social. Assim, praticamos escolher o "progresso e o desenvolvimento"! Como nos relata o economista e político equatoriano, Alberto José Acosta Espinoza, em seu tratado de "O Bem Viver" (2016):

> O mundo então se ordenou para alcançar o "desenvolvimento". Surgiram planos, programas, projetos, teorias, metodologias e manuais de desenvolvimento, bancos especializados em financiar o desenvolvimento, capacitação de formação para o desenvolvimento, comunicação para o desenvolvimento e uma longa lista de etcéteras. [...] Inventou-se o Terceiro Mundo, e seus membros foram instrumentalizados quais peões no xadrez da geopolítica internacional. Uns e outros, direitas e esquerdas, estabelecendo diversas especificidades e diferenças, assumiram o desafio de alcançar o "desenvolvimento". Este se transformou no destino comum da Humanidade, uma obrigação inegociável (ACOSTA, 2016, ps. 46, 47).

E assim, adentramos o paradigma da Modernidade sem saber superar a ideia de progresso enquanto permanente acumulação de bens materiais. Para pagar essa dívida, a ingenuidade ou mesmo a incapacidade intelectual humana, sobre os seus bens e riquezas naturais, usou e usa das cartilhas da economia internacional e oferece-se o seu maior patrimônio: a NATUREZA, como moeda de troca. Pronto:

tudo está queimado; a moeda transformou-se em cinzas! E o objetivo de restaurar o País da pobreza capitalista, foi por terra! Então vejamos:

> Colombo abriu as portas para a conquista e a colonização. Com elas, em nome do poder imperial e da fé, iniciou-se uma exploração impiedosa de recursos naturais e de seres humanos, com o conseguinte genocídio de muitas populações indígenas (ACOSTA, 2016, p. 57).

Qual a saída ambiental?

O navegador italiano, por nome Cristóvão de Colombo (1451 – 1506), explorador dos recursos naturais, especialmente especiarias, sedas, pedras preciosas e ouro, por sua tão "generosa" exploração das riquezas naturais, foi parar em "O Navio Negreiro" [57]. Trata-se de um dos mais emocionantes poemas da literatura brasileira, também conhecido como, "Tragédia do Mar", escrito pelo poeta e Bacharel em Direito, Antônio Frederico de **Castro Alves** (1847 – 1871), na Bahia, em 1866, aos 19 anos de idade e, finalizado na cidade de São Paulo, em 1868, quando já tinha 21 anos. Lembremos que, em 4 de setembro de 1850, vinte anos antes, Euzébio de Queirós, havia promulgado a Lei que proibiu o tráfico de escravos. Vejamos parte do poema, onde o autor deflagra o drama de "O Navio Negreiro", numa "Tragédia do Mar", tendo negras e negros escravizados.

> [...]
>
> Era um sonho dantesco... o tombadilho
> Que das luzernas avermelha o brilho.
> Em sangue a se banhar.
> Tinir de ferros... estalar de açoite...
> Legiões de homens negros como a noite,
> Horrendos a dançar...
> Negras mulheres, suspendendo às tetas
> Magras crianças, cujas bocas pretas
> Regam o sangue das mães
>
> [...]
>
> Fatalidade atroz que a mente esmaga!
> Extingue nesta hora o brigue imundo

[57] Aqui utilizo um fragmento do poema, considerando a sua necessária qualidade ao que apresentamos. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf . Acessado em 10 set. 2019.

> O trilho que Colombo abriu nas vagas,
> Como um íris no pélago profundo!
> Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga
> Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
> Andrada! Arranca esse pendão dos ares!
> Colombo! Fecha a porta dos teus mares!

Como vimos, as tragédias eram praticadas aos humanos em alto mar, à luz do sabor do sal e do suor dos africanos escravizados. Submetidos à ordem hegemônica, não conseguiram praticar a "eussocialidade" ambiental, como fazem os cupins. A ausência da amalgama humana entre a comunidade negreira e seus senhores do tráfico de pessoas, anunciava e denunciava a tristeza e a desumanidade ambiental, infinita. Tudo então estava desterritorializado. Ou melhor, "des-MAR-torializado"! Talvez aqui caiba a reflexão de Acosta (2016), quando constrói pensamento a par de uma Europa que consolidou uma visão que colocou o ser humano, figurativamente, falando por fora da Natureza. "Definiu-se a Natureza sem considerar a Humanidade como sua parte integral, desconhecendo que os seres humanos, também somos Natureza. Com isso, abriu o caminho para dominá-la e manipulá-la" (ACOSTA, 2016, p. 55).

Se entendermos que, tudo o que fizermos para a natureza, fazemos em prol de nós mesmos (ACOSTOA, 2016), talvez combatesse o enorme volume de situações de vulnerabilidade diante dos seres humanos e da própria natureza; e, destes dois, mutuamente.

Diante do exposto acima, é chegada à necessidade de refletirmos sobre as mudanças de paradigmas, frente aos valores até então construídos e mantidos sobre o que seja Natureza e seus Direitos. Bem como, refletirmos sobre o que se apresenta enquanto direitos dos seres humanos e dos não humanos. Sabemos que a natureza é o todo de um centro e, neste centro, o ser humano é parte intrínseca.

> A Natureza vale por si mesma, independente da utilidade ou dos usos que se lhe atribua. Isto representa uma visão biocêntrica. Estes direitos não defendem uma Natureza intocada, que nos leve, por exemplo, a deixar de cultivar a terra, de pescar ou de criar animais. Estes direitos defendem a manutenção dos sistemas de vida – do conjunto da vida. Sua atenção se volta aos ecossistemas, às coletividades, não aos indivíduos. Pode-se comer

> carne, peixes, grãos, por exemplo, desde que se assegure que os ecossistemas sigam funcionando com suas espécies nativas (ACOSTA, 2016, p. 131).

Com esse pensamento, talvez consigamos entender, aproximar o que seja Educação Ambiental, bem como, a sua função em nossas vidas, a partir de um entendimento de Natureza a serviço-prazer do ser humano e vice-versa. Se assim for, entendemos também que, aprendemos com a Natureza todos os dias, seguidamente – é um vir a ser, biológico, orgânico, está nos humanos e não humanos. É nessa escola de aprendizados biocêntricos que anunciamos e denunciamos uma Natureza a favor dos seres humanos e não humanos e às suas respectivas valorizações. Com o pensamento de aprendizados sobre a Natureza, intrínseco é fortalecer o entendimento de que a Cultura não está desconectada da Natureza, do universo ambiental, dos seres vivos, do Cosmos. Não podemos esquecer que, ao se afetar a Natureza, a Cultura e a Humanidade, que também são partes dela, serão afetadas, igualmente. A esse disposto, encontramos em Acosta (2016), significativo entendimento de que:

> Fazem-se necessárias propostas específicas no que se refere à biodiversidade, ao patrimônio cultural, aos ecossistemas, aos recursos naturais renováveis e não renováveis – e também aos conceitos sobre responsabilidade jurídica ambiental, tanto individual quanto coletiva (ACOSTA, 2016, p. 139).

Aprender com a Educação Ambiental é mais que prudente aos seres humanos, para que estes possam ter uma relação também biocêntrica com os seres não humanos, e desta relação, tornar sadia a vida em comunidade. Esta Educação Ambiental de que tratamos, deve ser pensada enquanto uma interação da sociedade e natureza, no seu conjunto, e não só em partes, pois nela, nada está desconectado. "A Educação Ambiental precisa ser vista como uma qualidade da educação, contribuindo para a reconstrução da relação sociedade – natureza vigente e o exercício da cidadania plena e ecológica" (ANDRADE; LOUREIRO, 2001, p. 512).

Aprendemos ainda, a entender que nessa relação entre seres humanos e não humanos, se faz necessária a consciente presença da liberdade do agir e do pensar,

para entendermos que não estamos desprovidos de conflitos. E ainda, pensar na diversidade dos seres como uma solução e não como um problema. Afinal, vivemos num mundo onde aprendemos a sermos diferentes, e não iguais.

2.5 Arte-educação-ambiental – uma tríade de afeições, singular

Desde sempre, convivo com a arte-educação-ambiental, em todas as proposições da educação, formal e não formal, em minha vida! Essa tríade de afeições, com postulados fenomenológicos, me aborda de CONFETOS singulares, ao ponto de não separar um elemento do outro: ARTE, EDUCAÇÃO e NATUREZA estão juntas em mim, em NÓS, pela relação orgânica, cultural e antropológica desta, com os seres humanos e vice-versa. Ela está, culturalmente e fenomenologicamente, presente na vida dos humanos e não humanos. "A antropologia procura, antes de mais nada, determinar em que momento e de que maneira os homens e mulheres se afirmam como diferentes na Natureza, fazendo o mundo cultural surgir" (CHAUI, 1996, p. 294).

Assim, arte-educação-ambiental, trata-se, a meu ver, de uma área de conteúdos e contextos exigentes, do ponto de vista científico, em educação. Ou seja, trata-se de três áreas do conhecimento, cujos conceitos, requerem prudência e ética. Pelo fato de estarem hifenizadas, o seu postulado ético e político, torna se UNO. Na separação de uma área da outra, em sua propositura de relações culturais, se encontra a NATUREZA como origem, tanto da sua epistemologia, quanto da sua praxiologia. Nem sempre, do que gostamos, seja fácil dirimir conceitos, epistemologias, defesas científicas e, sobretudo, acercarmos de posturas, condutas e ou afeições fenomenológicas. Esse último campo, por exemplo, a fenomenologia, nos exige mais ainda. Trata-se de um conjunto de conflitos, "cujo postulado básico é a noção de intencionalidade, pela qual é tentada a superação das tendências racionalistas e empíricas surgidas no século XVII" (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 123). E, sobre a fenomenologia, dialogarei com vocês mais adiante.

Mas, assim como na arte, tudo, ou quase tudo, está em torno de um conflito. É assim na Arte, em todas as linguagens artísticas, sobretudo no Teatro. É assim na Educação, na Arte-educação e, igualmente, na Educação Ambiental. É assim na vida! E por que então, esse ajuntamento de áreas, carregadas de conflitos epistemológicos, sociais, culturais, políticos, econômicos? Por estarem hifenizadas reduzem-se os conflitos? Felizmente NÃO!

Na condição de pesquisador em arte-educação-ambiental, penso que a arte esteja no subtexto fenomenológico da educação ambiental e vice-versa. Sempre que a educação ambiental se faz presente, seja pelas suas epistemologias e ou praxiologias, existe nelas, um HÍFEN de CONFETOS. É exatamente este HÍFEN que aparece como um traço na horizontalidade das palavras, na horizontalidade das suas relações culturais: ARTE-EDUCAÇÃO-AMBIENTAL. Ou seja: a tríade de AFEIÇÕES se projeta para a criação, "fazendo o mundo cultural surgir" (*Ibidem*), e ainda, colocando o homem e mulher ao encontro com a arte. Ser Humano e a Natureza, num sentido SINGULAR, como possível, em outras tríades, que conjugam o mesmo pensamento.

> Uma tríade **húmus-humano-humanidade** e, assim, consonante com outras tríades do EU-OUTRO-MUNDO merleau-pontyano, e possivelmente nunca conseguiremos enxergar, face a face, nossas ideias e nossa liberdade, e talvez por isso, nunca paramos de trabalhar (SATO, 2011a, p. 4. Grifo da autora).

O hífen nos informa que essas áreas não se separam, são correlatas em nosso mundo orgânico, social e político. Mas não são palavras apenas de corpo físico; elas têm tom, cheiro, cor, ritmo e respiração próprios. É novamente este HÍFEN que dá as mãos hifenizadas, do corpo inteiro, às três abordagens ou áreas do conhecimento, unindo-as de CONCEITOS e AFETOS.

Nesse sentido, os campos: teórico, o prático e o ético cruzam-se absortos e concentrados na própria relação; caminham uníssonos no horizonte de sentidos culturais, mas tem sonoridades e ritmos próprios, quando da individualidade ética, que ascende a uma verticalidade moral e política. Novamente, Seres Humanos e Natureza numa eminente relação orgânica, viva, ocorrente, cuja fenomenologia da criação, a denominamos ARTE. Essa área do conhecimento que muitos deixam de

ver, por não estarem abertos ao sentir. Não sentem nem a si, nem ao outro e nem à natureza.

A arte é uma área do conhecimento, construída ao longo da história da humanidade, por isso, traz intrinsecamente, em seu contexto político, o elemento conflito, e como tal, deve ser praticada na escola, na sociedade, na vida. Assim, se quisermos contribuir com a formação de seres humanos íntegros, críticos e inseridos na sociedade como seres políticos, a arte não pode jamais ser excluída do processo de formação integral do ser humano. Como nos colabora a doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, arte-educadora, Almerinda da Silva Lopes:

> Não se justifica mais a escola continuar sendo vista e transformada em agência formadora de mão-de-obra para os setores produtivos prioritários. Deve preocupar-se com a formação do estudante enquanto indivíduo social e cidadão (LOPES, 1993, p. 20).

Na qualidade de arte-educador, não imagino e nem quero para a Arte, um espaço especial ou privilegiado, na educação, do ponto de vista físico. A Arte na Educação necessita de um espaço chamado de "espaço político" enquanto ação transformadora, na concretude dos debates. Uma roda de conversas mutante, no intra-físico da Escola, que dê às salas de aulas, outras pernas, para que estas caminhem pelos corredores e pátios, dialogando com a comunidade. Deveriam ser rodas de conversas hifenizadas pelos corpos pulsantes. No eterno desejo de recuperar o espaço que sempre deveria ser de diálogos e não de dúvidas. Dúvidas geradas pelas ideias hegemônicas, que roubam a fidelidade humana de se manterem como seres dialogantes. A arte deve ser praticada nas Escolas, como um vir-a-ser de conflitos políticos e sociais, a par da nossa aproximação do conhecimento cultural da contemporaneidade, sem perdermos de vista a nossa relação com a tecnologia e suas mídias correlatas. Mas também e prudente, não perder de vista a história cultural de nossa gente.

Necessário lutar pela igualdade da arte e sua relação horizontalizada, hifenizada, entre todas as áreas do conhecimento do ponto de vista prático, efetivo, crítico, construtivo, social e político, que nos ensine a aprender a "entrar e a sair da

Modernidade", como nos sugere Nestor Garcia Canclini, em seu tratado "Culturas Híbridas" (2011), sem que nos tornemos marginalizados de nós mesmos. A arte precisa ser valorizada na escola, sobretudo, enquanto elemento estético, político e crítico. Pela sua natureza de agregar reflexões múltiplas do mundo, de um mundo social. E mais, que não seja marginalizada, pelo fato de ser um dos grandes elementos políticos de transformações em campos periféricos sociais, tirando dos oprimidos, o seu desejo social de serem seres políticos. Em sua "Pedagogia do Oprimido" (1987), o Patrono da Educação brasileira, Paulo Freire, nos sinaliza seguro, sobre essa realidade social:

> A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na "invasão da práxis", se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é a tarefa histórica, é tarefa dos homens **e das mulheres** (FREIRE, 1987b, p. 20. **Grifo nosso**).

Adiante, necessário enxergarmos a Arte na Educação como um elemento intrínseco à formulação da própria Educação. Que "sobreviva sozinha" enquanto expressão e linguagem, mas que se fortaleça no coletivo amparo de interdisciplinaridades com outras áreas do conhecimento, como assim é a sua propositura de ser Arte – eminente diálogo sociopolítico e cultural. Por isso e talvez, arriscando mais um pouco, encontro uma saída de entendimento para o hífen que Ana Mae Babosa (2008) colocou na Arte-educação, para melhor compreendermos a necessidade de estarmos em eterno diálogo, a partir do Ser, Arte-educativo.

Estamos agora, já de mãos dadas: a Arte e a Educação, ou seja, ARTE-EDUCAÇÃO. Aqui ligadas por um hífen, com o sentido de "mútuo pertencimento" (2008), mas que, pensando na praxiologia, a proposta de Ana Mae Barbosa é que a "Arte-Educação e ensino de Arte são faces diferentes de uma mesma moeda, a moeda concreta da intimidade com a arte" (BARBOSA, 2008, p. 98). Assim, a Arte-Educação carrega em seu contexto, um diálogo praxiológico entre Arte e Educação que, no pensamento de Lopes (1993), é tratado como "os pressupostos filosóficos da Arte-Educação":

> Só os pressupostos filosóficos da Arte-educação - sensibilização, percepção enquanto consciência, ampliação do imaginário, expressão enquanto organização da linguagem, o homem enquanto sujeito do seu processo, a capacidade criadora e a criatividade como elementos de transformação, por exemplo – pode reverter o quadro educacional brasileiro, e mais ainda, a qualidade de vida (LOPES, 1993, p 23).

Com esses pressupostos é que encontramos em Barbosa (2008) a Arte como conhecimento possível de desenvolver a percepção e a imaginação, para que o educando possa absorver e apreender a realidade do meio ambiente. De igual modo, apreendemos tal contexto, junto à Prática Pedagógica, realizada na Comunidade Mata Cavalo, com o título de Cartografia do Fogo, onde a Arte-Educação, corrobora com os Processos Formadores, realizados na Comunidade citada, pelo GPEA, há aproximadamente, 14 anos.

Como nos acrescenta a arte-educadora, Olga Reverbel, em seu contexto: "Um Caminho do Teatro na Escola" (1989), refletindo sobre o pensamento do filósofo, teórico, político e escritor suíço, Jean Jacques Rousseau (1712 – 1778):

> A primeira fase da educação da criança deveria ser inteiramente baseada em jogos. Considere o homem no homem e a criança na criança. A natureza deseja que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se tentarmos inverter a ordem, produziremos frutos precoces, que não terão nem maturação nem sabor, e logo estarão estragados. [...] Vamos jogar o jogo, como fazem as crianças. Se não der certo, recomeçaremos... (REVERBEL, 1989, p. 14, 15).

A considerar os pressupostos abordados à ARTE, à ARTE-EDUCAÇÃO e à ARTE-EDUCAÇÃO-AMBIENTAL, importante observarmos que em todos esses enunciados, intrinsecamente, encontramos o PROCESSO. Ele atua como parte de um caminho, percurso, abordagem ou mediação de Práticas Pedagógicas em Arte-educação-ambiental e ainda, como elemento praxiológico relevante para o Processo Formador. A arte-educação-ambiental, inserida no corpo de uma Pesquisa em Educação, traja de vigor o PROCESSO e investe preponderante para que este se qualifique como O TODO da pesquisa.

> É preciso ponderar **o que**, **por que** ou **onde** queremos chegar. Mas estas não são as únicas perguntas a serem feitas numa viagem investigativa. **Como**

> iremos chegar é um processo que interessa metodologicamente a construção do sabor da viagem (SATO, 2011a, p. 5. **Grifo da autora**).

Por isso a necessária afirmação da pesquisa em Educação, que nos coloque como seres "ensinantes e aprendentes", como nos ensina o Professor Paulo Freire, em seu postulado da "Pedagogia da Autonomia" (1996):

> Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996d, p. 16).

Assim, a tríade de AFEIÇÕES de que tratamos aqui, nos gerou CONFETOS: Conceitos e Afetos e nos gerou também, a "Beleza do Gesto", revelado na ação política de uma educação substantiva nos seus pronomes e predicados, presentes numa aula de Arte.

CAPÍTULO TRÊS
TERCEIRA JANELA
FOGO TRANSFORMADOR NA FENOMENOLOGIA DA *OIKOS*



Fig. 9 Terceira Janela da Casa da Cultura Quilombola. Foto do pesquisador, 2018

Abro a TERCEIRA JANELA desta proposição científica, com a chama fenomenológica do fogo, acesa, num fogão de barro, no interior da *Oikos* que habitamos – a Casa da Cultura Quilombola. A JANELA é aberta para receber o

"fogo-princípio, o fogo-luz" (BACHELARD, 2003e, p. 38), da nossa alquimia para que assim, *tudo seja movimento, tudo flua, tudo se mova*, na intimidade da *Oikos*, como nos ilumina com a chama de filósofo grego pré-socrático, o "Pai da Dialética", Heráclito (540 – 470 a. C.), para quem *o fogo é a matéria fundamental*. Assim, "uma janela traz o mundo externo para o nosso interior, e dialeticamente, ela nos projeta ao exterior cintilando nossos sonhos" (SATO, 2011a, p. 6). A mudança acontecerá em todas as coisas, com a devida alternância entre os contrários: *coisas quentes esfriam, coisas frias esquentam; coisas úmidas secam, coisas secas umedecem.*

Por se tratar da fenomenologia sob o pensamento de Gaston Bachelard, importante compreender que as abordagens mais frequentes, lidarão, no sentido da poética do autor, com os termos, também frequentes. Eles estão presentes em sua epistemologia: fenômeno e fenomenologia; imagem e imaginação; caminho e labirinto; interior e exterior; fixo e devir, conflito e liberdade, água e fogo, devaneio e realidade, entre outros. Com estes outros, iremos encontrando e "reencontrando pelo contato ingênuo com o mundo, para dar-lhes enfim, um estatuto filosófico" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 2).

Dialogarei também com a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty (1908 – 1961). Assim como Gaston Bachelard, trata-se de um filósofo fenomenólogo francês que em sua "Fenomenologia da Percepção" (1999), nos traz reflexões a par da subjetividade e da intersubjetividade, pelas quais, nos auxiliará ou nos colocará numa catarse dramática, para entender sob qual ângulo veremos a Casa.

Também me encontrarei com as metáforas, pela natureza interdisciplinar com que Gaton Bachelard transita entre a Filosofia, a Psicologia e a Literatura. Parece-me que o noturno habita em Gaston Bachelard ao nos embriagar com o licor de anis abstrato da Arte-fenomênica, contido nas garrafas "derretidas" do surrealismo de Salvador Dali (1904 – 1989) e no azul anis das nuvens aladas de René Magritte (1898 – 1967). Nesse devaneio, Gaston Bachelard nos brinda com a sua inscrição na arte fenomênica, nos deixando uma emanação de gotas do perfume diurno e ora do noturno, a nos embriagar a alma. Em sua fenomenologia dos contrários, de dia se mostra epistemológico, à noite, poético. Ele se comportaria

taciturno no calor de uma *Oikos*. Aquietando-se na intimidade da Casa, cujas janelas lhe abrem inspirações para ver outros mundos.

Considerando a habitação desta pesquisa, no interior de uma *Oikos*, a alquimia com o fogo transformador em seu "mundo fenomenológico"estará presente no movimento intersubjetivo, entre os cômodos de pertencimentos, na imaginação da *Oikos*. Essa intersubjetividade está presente em "A Poética do Espaço" (BACHELARD, 1978a) e na "Fenomenologia da Percepção" (MERLEAU-PONTY, 1999), cuja subjetividade do barro, pode ser imaginada, na poética do pau a pique.

> O mundo fenomenológico é, portanto, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha (MARLEAU-PONTY, 1999, p. 18).

Ainda teremos a alquimia entre a água e o fogo - o barro moldado pelo calor das mãos, cuja água está seca, pelo sol, pelo calor.

> A discórdia mais profunda, a discórdia entre a substância e as suas qualidades. As imagens materiais de um fogo frio, de uma água seca, de um sol negro, nós a encontramos seguidamente em nossas leituras de alquimia (BACHELARD, 2003e, p. 57).

3.1 O fogo é um drama no exterior da *Oikos*

Nesse drama fenomênico, trago a presença da imagem de uma outra *Oikos* do Quilombo. Aliás, a imagem de uma *Oikos*-drama, onde se pode habitar a fenomenologia do fogo físico. Onde se pode ter a imagem de uma catástrofe socioambiental! Uma imagem de luta contra as forças reais, que pode nos ajudar a compreender o pensamento de Gaston Bachelard, sobre as "forças imaginadas". "A maior luta não é travada contra as forças reais, é travada contra as forças imaginadas. O homem é um drama de símbolos" (BACHELARD, 2003e, p. 69).

Assim, as forças imaginadas, acabam por agir sobre as forças reais, nas vidas das e dos quilombolas. A seguir, trataremos de diversas forças reais, cujas

imaginações de outrem, interferem no cotidiano da Comunidade, afetando, sobremaneira, diversos seguimentos da vida no Quilombo. Aqui, em especial, trataremos sobre as peculiaridades no que se refere à moradia e sobre as espécies e gêneros dessas, na habitação do homem e da mulher quilombola. São depoimentos de entrevistadas e entrevistados registrados com o uso de gravações com aparelho de celular, por este pesquisador, durante o processo da pesquisa. As perguntas semiestruturadas, foram sendo parcialmente alteradas, de acordo com a necessidade de cada realidade presenciada, na "introdução" dos diálogos com as pessoas da comunidade, para melhor familiarizar a nossa relação de trabalho. Cada um, uma, dessas pessoas, tem um jeito-maneira próprio de receber "visitas" em suas casas. Assim, os textos introdutórios meus, deles e delas, tiveram naturezas socioculturais, diferentes.

Antes de prosseguir, uma pausa para uma pergunta:

Pesquisador:

- A senhora moraria numa casa de pau a pique, assim como é a Casa da Cultura Quilombola?

Um enorme silêncio tomou conta de nós! Deste pesquisador e da senhora com a qual eu dialogava, uma moradora do Quilombo Mata Cavalo, durante uma das entrevistas, no processo da pesquisa.

Após um silencioso *black-out* de imagens, luzes e sons, fui convidado a sentar-me. Tudo emudeceu! Senti-me espectador, numa arena de conflitos.

> Os silêncios deixam de serem as pausas da significação; os ruídos tornam-se coisa diferente de parasitas da comunicação; a qualidade das luzes não se reduz mais às funções da iluminação. [...] O intervalo entre o espetáculo e o tempo profano (GALARD, 1997, ps. 93, 94).

A seguir veremos o relato, sob a interpretação deste pesquisador, de uma entrevistada, que aqui tem o codinome de "Casa de Palha"- uma das poucas, dessa espécie de casas, que ainda existem na Comunidade Mata Cavalo. Trata-se de uma moradora, que assim é tratada, para não ter a sua identidade civil revelada, como

solicita o CEP Humanidades – Comitê de Ética em Pesquisa - da Plataforma Brasil / UFMT.

Fig. 10 "Casa de Palha"
Moradora da Comunidade



Foto do Pesquisador, 2019.

Era um dia de sexta feira, por volta das nove horas da noite, quando recebi a visita de um primo que veio me avisar, que tia Maria tinha falecido. Como a casa dela era longe e já era tarde pra levar as crianças, deixamos os quatro dormindo e fomos. Quando chegamos lá, já estava tudo arrumado para o velório e o enterro no dia seguinte. Fiquei ajudando a fazer uma janta pros parentes que vinham de longe e, quando foi por volta de meia noite e meia, voltamos, eu e meu marido. Já tava tarde e as crianças tinham ficado sozinhas.
Ainda no caminho, começamos a avistar uma fumaça que tomava conta de toda a região da casa. Ficamos preocupados! Pensei: Será que aconteceu o pior? Pois era! Não conseguimos chegar a tempo! Os fazendeiros invasores atearam fogo no telhado da casa que era de palha e queimou tudo. Não sobrou nada! Meus quatro filhos morreram! O fogo é um drama na nossa vida! Sempre foi e sempre vai ser! Por isso que não moro mais em casa de palha. Desculpe!

O relato-depoimento, de uma moradora do Quilombo Mata Cavalo, com a interpretação do pesquisador, conta o drama da perda de quatro filhos, que acontecera com uma de suas tias, há alguns anos. Esse relato é resultado da pergunta citada anteriormente. E para chegar à resposta desta pergunta, ela me fez este emocionante relato-depoimento. Talvez, para que eu pudesse melhor entender, em sua resposta, a força física do fogo, guardada em sua memória, na fenomenologia do silêncio e também, para justificar a resposta "negativa", em relação a Casa.

O fogo é urticante e febril na poesia que queima: "Taturana", de Lucinda Persona (2008), que:

> No coração do cerrado afetado pela seca, o fogo surgiu de súbito de um desconhecido foco inicial tomando um rumo qualquer. No inferno que se fez, o reino animal se pôs em fuga. [...] Desesperadas, centenas de taturanas enfileiradas fugiam (PERSONA, 2008, p. 5).

É quando "a poesia aparece então como um fenômeno da liberdade. A imagem poética é o acontecimento psíquico de menor responsabilidade" (BACHELARD, 1978a, p. 190).

Realmente, O FOGO FÍSICO É UM DRAMA! Está sempre a queimar as esperanças. O fogo queima por dentro e por fora. Por fora é labareda viva! Queima a vegetação e, em seguida, seca a terra, deixando o solo estéril. Dele retira, pelo poder do calor, a água-líquido das nascentes, dos minadouros, dos rios e da vegetação. Queima a plantação da cultura agrícola; queima as casas. Por dentro, é "Taturana"! Queima a esperança de dias melhores; queima o estado e sentido de pertencimento, a alma; queima a vida! Essa é uma realidade de há décadas, no território quilombola, onde o fogo sempre foi visto como inimigo. Eis a fenomenologia da insensatez, na condição antropofágica do invasor.

Como o Quilombo é instalado no bioma Cerrado, na época da seca, o fogo é elemento que sempre cobra de toda a Comunidade, grande preocupação e estado de alerta. Seja pela invasão silenciosa, mas rápida, deste que chega de surpresa em suas propriedades, seja pelo fogo criminoso, pela ação dos fazendeiros invasores.

À primeira instância, trata-se de um drama social, familiar, na vida humana. Mas encontramos nesse drama social familiar, tanto a presença de um crime, também social, quanto à presença de algo nunca explicativo ou afirmativo, diante da sua abordagem fenomenológica, paramentado com o figurino de um drama, em uma cena, sem a devida iluminação. Vale entender que, no conflito desse drama, "o movimento de todos", nunca existiu para os que se opõem do lado de lá da cerca: os invasores. O fenômeno dramático se coloca como unilateral, expulsando da cena, a "fenomenologia da percepção" (MERLEAU-PONTY, 1999). Algo a ser inserido no campo subjetivo, entre o se e o talvez, diante de determinado fenômeno na e com a natureza humana. Nesse caso, seria o fogo, um fenômeno, criminoso?Aproximamos de Gaston Bachelard, e da sua fenomenologia, em "A Terra e os Devaneios do Repouso" (2003e), que, entre tantos fenômenos, trata também do "fogo não verdadeiro":

> O próprio fogo, não é o verdadeiro fogo. É apenas o fogo flamejante, crepitante, fumegante, produtor de cinzas. Imagem remota do verdadeiro fogo, do fogo-princípio, do fogo-luz, do fogo puro, do fogo substancial. Percebe-se bem que o sonho das substâncias se realiza *contra* os fenômenos da substância, que o sonho da intimidade é o devir de um segredo. O caráter *secreto* da alquimia não corresponde a um comportamento social da prudência. Deve-se à natureza das coisas. Não é um segredo que se conhece (BACHELARD, 2003e, p. 38).

O fenômeno não se encontra no fogo, propriamente dito, mas no drama provocado pela ação humana, ao utilizar o "fogo-princípio, o fogo-luz, o fogo puro, o fogo substancial" (*Ibidem*), para se fazer valer do fogo "produtor de cinzas". Assim, "percebe-se bem que o sonho das substâncias se realiza *contra* os fenômenos da substância, que o sonho da intimidade é o devir de um segredo" (*Ibidem*). Podemos afirmar então que, o fogo praticado sobre a *Oikos* da família, não é o "fogo-princípio" que encontramos na fenomenologia de Gaston Bachelard, mas o fogo "produtor de cinzas", de corpos queimados, presente na ação de um drama social. De uma única cena em relâmpago-monólogo: a cena do crime. De uma única vítima: a família quilombola. De um único malfeitor, delituoso, criminoso: o fazendeiro invasor.

Observo aqui, ser difícil, até mesmo, de pontuar afeições epistemológicas, como: o "Bem Viver" (ACOSTA, 2016) e a "Beleza do Gesto" (GALARD, 1997), onde os dois autores nos trazem uma "fenomenologia da resistência", carregada de CONFETOS – Conceitos e Afetos.

O nível a que chegou o drama social relatado, não nos traz uma imagem ou a imaginação, onde seja capaz de expurgar os conflitos para além das cercas, ficando os de dentro – pessoas da Comunidade Quilombola, desprovidos de afeições praxiológicas, para com os de fora – os fazendeiros invasores. Estes por sua vez, ao querer se sentirem seguros em dominar o costumeiro conflito hegemônico, jamais administrariam axiologia em suas imaginações, diante do que se pretende, enquanto luta e oposição. Assim, o Quilombo não se cala diante de mais um fenômeno: a ausência da ética e da política, por parte dos fazendeiros invasores. Eis a fenomenologia da resistência, na ontologia do ser.

> A imaginação que se compraz com tais imagens de oposição radical enraíza em si a ambivalência do sadismo e do masoquismo. Sem dúvida essa ambivalência é bem conhecida dos psicanalistas. Mas eles quase só estudam o seu aspecto afetivo, as suas reações sociais. A imaginação vai mais longe; ela faz filosofia, determina um materialismo maniqueísta, em que a substância de cada coisa torna-se o lugar de uma luta renhida, de uma fermentação de hostilidade. A imaginação aborda uma *ontologia da luta* em que o ser se formula em um *contra-si,* totalizando o algoz e a vítima, um algoz que não tem tempo de saciar-se em seu sadismo, uma vítima a quem não se deixa comprazer-se em seu masoquismo (BACHELARD, 2003e, p. 56).

Na tentativa de absorver o que Gaston Bachelard trata como "a felicidade de imaginar e de sentir" (2003), entendo que, quando a primeira prolonga a segunda, a qualidade propõe-se como uma cumulação de valores. O autor nos afirma que, "no reino da imaginação, não há valor sem polivalência" (*Ibidem* p. 63). Ainda, nos sugere que a imagem ideal deve nos seduzir por todos os nossos sentidos. "É este o segredo das correspondências que nos convidam à vida múltipla, à vida metafórica" (*Ibidem*).

A presença sistemática desses dramas, na vida dos moradores do Quilombo, pode ter como respostas, a ausência, em seu pertencimento, do prazer pela vida íntima doméstica. Dessa forma, distancia-se também, toda a possibilidade da presença, *in corpus,* da topofilia – o prazer, o amor e o elo afetivo entre estes e o lugar ou ambiente onde vivem. Com esse estabelecimento de novos conflitos, a fenomenologia dos contrários amplia-se para: topofilia e topofobia, sendo este último, outro drama fenomênico: o medo mórbido pelo espaço ou ambiente onde vive. Para tanto, os fenômenos do drama, no território quilombola, não se restringem à exclusividade da Casa-objeto, mas se expande a todo o ambiente territorial do Quilombo. Com Bachelard, afirmo que, "os valores da intimidade aí se dispersam, não se tornam estáveis, passam por dialéticas" (1978a, p. 206), no interior do quilombo.

O fogo na sua tessitura transformadora engaja-se de combustão na própria chama, revelando um conjunto de minúsculas flâmulas que, em cada cômodo da *Oikos*, apresenta determinado corpo de calor – um laboratório fenomênico a ser explorado. Laboratório explorado no interior da terra, pela razão do piso de chão batido ter como alquimia biológica, a saliva dos cupins. Esse combustível-seiva é o

próprio fenômeno em seu estado orgânico, cuja amálgama se cristaliza nas jazidas do labirinto subterrâneo, chamado cupinzeiro. É sobre essa morada que a pertença da *Oikos* foi erguida, sobre o calor dos térmitas. Aqui reside uma fenomenologia do subterrâneo – ato e ação de gesto silencioso. "O gesto silencioso e medido, desencadeando por si só, a transformação de sentido de uma situação, representará, por tanto, um caso notável do efeito estético, pelo menos como ele é encarado"

(GALARD, 1997, p. 51). Nessa tarefa, somente a poética do pau a pique tem ferramenta para desenterrá-la do subterrâneo e colocá-la sobre o Jirau da *Oikos.* Esse é o Jirau-mesa-banquete da sala principal, para o Ofertório Sacro de salivas, cujos castiçais têm a amálgama do bronze e do fogo noturno. É a cena guardada na manga do manto africano do *demiurgo* do Quilombo, para revelar o fogo transformador no interior e na intimidade da *Oikos*. Nesse caso, "a beleza do gesto deriva aqui da ambiguidade da palavra fogo, de seu simbolismo" (GALARD, 1997, p. 29).

É exatamente a saliva dos térmitas que, em sua modesta alquimia, procura dialogar com a fenomenologia de Gaston Bachelard, no subtexto da poética do pau a pique. Nesse caso, a "modéstia" dos cupins se revela como mais um fenômeno em querer cristalizar, purificar, filtrar o barro, pela ação da sua degustação. "O verdadeiro fenomenólogo deve ser sistematicamente modesto. [...] Para ele, a imagem existe, a palavra fala, a palavra do poeta lhe fala" (BACHELARD, 1978a, p. 189, 192).

Todas essas experiências nos revelam as essências de seus fenômenos, a essência da percepção. Essa percepção está sempre presente na fenomenologia das essências, sobretudo, no pensamento merleau-pontyano, onde "a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira, senão a partir de sua facticidade" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 10).

Acredito que a Casa não é somente uma Casa. Não é somente um objeto arquitetônico na perspectiva espacial a pousar num horizonte terrenoso. Primeiro, vi a Casa pelo lado de fora, na "planta baixa" imaginária de um Projeto Pedagógico de Educação Ambiental, como elemento transformador de um Processo Formador

conduzido pelo GPEA. Era a Casa dos sonhos de uma Comunidade, cuja situação de vulnerabilidade socioeconômica, iluminou de início, a imagem da Casa objeto. Do objeto-casa a ser ocupado pelas suas necessidades mais prementes. Talvez estivessem os quilombolas, com as vossas retinas, pagã: cegas de esperanças. Segundo, vi a Casa pelo lado de dentro. Agora, trata-se de outra Casa. Não mais a casa de ontem! Agora vejo a Casa-*Oikos*, como a morada-habitação de um mundo de pertencimento ancestral, cuja imagem pode ter nos remetido significativos valores. Por eles e com eles, podemos caminhar por um espaço da morada de nossas memórias, de residências fenomenológicas mais genuínas. Contudo, podemos apreciar na fenomenologia de Merleau-Ponty, a imagem das essências sobre os "condutos" de possibilidades que ele mesmo se encarrega de cristalizar e abstrair em nosso universo psicológico. Talvez, sinalizando para uma Casa-objeto, com "lugares físicos", a sua residência também dos contrários, sem que tenhamos que nos preocupar com a imagem real ou subjetiva do termo Objeto, presente em nossa memória, no antes e no depois de ter visto a casa, por fora e por dentro.

> A casa tem seus condutos de água, seu chão, talvez suas fissuras que crescem secretamente sob a espessura do telhado. Nós nunca os vemos, mas ela tem ao mesmo tempo em que suas janelas ou suas chaminés são visíveis para nós. Nós esqueceremos a presente percepção da casa: cada vez que podemos confrontar nossas recordações com os objetos aos quais elas se reportam, levando em conta outros motivos de erro, somos surpreendidos pelas mudanças que eles devem à sua própria duração. Mas acreditamos que há uma verdade do passado, apoiamos nossa memória em uma imensa Memória do mundo, na qual figura a casa tal como ela verdadeiramente era naquele dia e que funda seu *ser* do momento (MERLEAU-PONTY, 1999, ps. 107, 108).

Por outro lado, Gaston Bachelard (1978a), que também sinaliza sobre espaços físicos, trata de uma fenomenologia da nossa vida íntima, sugerindo que a Casa é corpo e alma na vida do ser humano. "A casa, é o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser atirado ao mundo, como professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. A casa é um grande berço" (BACHELARD, 1978a, p. 201). Com essa afirmação, acredito que o fenomenólogo francês tenha nos apresentado a topoanálise (1978) como uma imagem da fenomenologia da nossa vida

íntima. “Ela seria então, o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima” (BACHELARD, 1978a, p. 202).

Creio ser o estudo da fenomenologia, uma tarefa para variadas cartografias, cujos imaginários, estão para um tempo futuro e não só para ser decodificada no tempo presente. E, concordando com Gastom Bachelard, acredito que, “ainda que centremos nossas pesquisas nos devaneios da tranquilidade, não devemos esquecer que há um devaneio do homem que anda, um devaneio do caminho” (BACHELARD, 1978a, p. 204).

Essa *Oikos, r*echeada de fenômenos internos e externos, aéreos e subterrâneos, diurnos e noturnos, revela um estudo que ainda é pouco extenso, para defini-los na sua completude. Assim, dividirei minhas oportunidades com outros pesquisadores que também possam, num futuro bem próximo, habitar a mesma *Oikos*-casa, onde tão somente, iniciei essa prazerosa viagem, sem saber quando e onde ela poderá ter completada a redação, das suas considerações finais.

3.2 A Cartografia do Imaginário e os substratos fenomenológicos dos Quatro Elementos

Abrirei com a água da Formação o pote de barro do Imaginário Quilombola! A terra modelada em sua Deformação deixará escorrer sobre a “Cartografia do Imaginário”, a água “gênese do desejo” (SATO, 2011a), encharcando de frescor, o minadouro da nossa memória. Em sua Transformação, o fogo físico será a combustão da chama, iluminando o interior da *Oikos*, para que nenhum fenômeno seja apagado de nossa memória e, adiante, se revele como o ato na Reformação do ar, em um tempo de repouso, para a próxima viagem.

Nosso percurso de viagem teve como itinerário Metodológico a Cartografia do Imaginário (SATO, 2011a), num diálogo prazeroso com os substratos fenomenológicos dos Quatro Elementos apresentados por Gaston Bachelard (1988). Assim, seguiremos em um processo de produção, criação e investigação, sabendo que a cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995),

que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, "trata-se sempre de investigar um processo de produção" (PASSOS, et al, 2015, p. 32).

Tomemos tento com o horário da partida; com os apetrechos de dormir; com a higiene do embornal para a guarda da matula; com as tralhas de cozinha que possam ir ao chão. Nossos banquetes serão no interior da *Oikos*-Gaia; nossas tarimbas, sob as copas das *Oikos*-verdes; as lamparinas da noite serão os olhos dos marimbondos a beira dos caminhos. Aqui, não praticaremos a pedagogia da arte de atiçar, como uma vaidade. Todo animal tem fogo por dentro (BACHELARD, 2008a).

Escrever sobre pesquisa é da ordem cartográfica! É preciso registrar com apego e afinidade, cada palavra-traço na ponta do bico-de-pena, do lápis, do giz, do carvão. Com esse bordado, as rasuras fogem da borracha, criam asas, um corpo novelo-alado de múltiplas linhas, viram cartas no ar de muitos imaginários.

> Trata-se de um exercício contínuo de pensar e repensar a dinâmica da escrita, já que, por muitas vezes, ocorreu um processo de descrédito da minha parte em romper com algo tão cristalizado. Contudo, estar num grupo pesquisador exige uma coerência entre ser e agir; assim, numa construção coletiva, vamos dialogando sobre fragilidades e potencialidades (SANTOS SOUZA, 2019, p. 102).

Cada linha redigida, uma vez demarcada, cria seu próprio território, seu mapa: pinta a marca da sua cor; registra o nível da curva-tura; denuncia a espessura de cada contorno; percute um som audível na linha azul do horizonte. Só assim, ela ficará em-palavrada, não carece de legenda, como contribuem os pesquisadores em Educação, Thiago Oliveira e Marlucy Paraiso, da UFMG:

> Uma cartografia não adota a lógica do princípio e do fim; nem começa pelos princípios, pelos fundamentos, pelas hipóteses; nem termina com as conclusões, ou com o final, ou com a tese; ou tem a pretensão de ter esgotado o objeto ou tema de pesquisa. Uma cartografia se situa de entrada, no meio, no complexo, no jogo das linhas (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 169).

Cartografar é da ordem do rizoma! Não se tem emendas, é canoa batelão[58] – de um pau só. Na fenomenologia do Pantanal, a canoa é rizoma em suas águas. E estas, são rizomas líquidos, abraçando e des-abraçando o destino pachorrento que escorrem por entre seus braços-raízes, chamados corixos [59]. Mas mesmo em seu tempo de ordem pachorra, a água é fugaz. "A água é o elemento transitório. É a metamorfose ontológica entre o fogo e a terra" (BACHELARD, 1997b, p. 7). A água possui a Cartografia do rebojo, escrita pelo percurso dos remoinhos. Não apruma em linhas, dança sinuosa e ligeira com a contra-força do rebojar, sai do prumo, afronta a sua própria ordem.

Cartografar é criar e re-criar; é um eterno re-significar-se em seu nome próprio. Constrói-se substantivada, para dela nascer, crescer, expandir outras radículas e raízes. É o filósofo francês, Gilles Deleuze (1925 – 1995), que nos traz anotações sobre as implicações da Cartografia: "Cartografar implica alguma coisa que violenta o pensamento, que o tira do seu natural estupor, de suas possibilidades apenas abstratas" (DELEUZE, 1998, p. 56).

Foi uma viagem sem pressa, mas tinha horário para a sua chegada final. Fui bem acomodado de devires, pois "[...] guardo mansamente as coisas do viver. Minha pequena poesia de despedidas e canções, meu cigarro, meu tango e meu punhado de charme!" [60]

Assim se inscreve na pesquisa, a "Cartografia do Imaginário" (SATO, 2011a), no tom poético de uma viagem labiríntica, ao som de um tango piazzolliano, guardando a beleza da paisagem, no substrato fenomenológico da Água, da Terra, do Fogo e do Ar.

---

[58] Tipo de embarcação muito utilizada na região do Vale do Cuiabá e grande Pantanal. Também conhecida pelos ribeirinhos como canoa de um pau só. Feita por artesãos e pescadores ribeirinhos, a partir de um único tronco de madeira ainda verde, sem emendas. Canoa considerada de grande porte, ideal para transportar cargas pesadas.

[59] Termo usado em Hidrografia que significa um canal que liga as águas de lagoas, baías, alagados, com os rios próximos, ou seja, é um pequeno rio que se forma em épocas de chuvas, até que vem desaguar em outro rio maior. Disponível em: https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/corixo/11221/. Acessado em: 07 out. 2020.

[60] Trecho do poema/música: "Balada para minha morte" de Astor Piazzolla (1921 – 1992), com livre tradução para o português, por este pesquisador. Disponível em: https://www.cifraclub.com.br/astor-piazzolla/balada-para-mi-muerte/letra/. Acessado em: 02 de out. 2019.

> Dito de outro jeito, talvez possamos usar a metáfora dos quatro elementos naquilo que Bachelard (1988) considerava sobre o processo de aprendizagem: formação – deformação – transformação – reformação (SATO, 2011a, p. 6).

A autora da metodologia, Cartografia do Imaginário (SATO, 2011a), nos convida a conhecer o seu tratado fenomenológico, lembrando aos leitores que, nesta viagem, não encontrarão "nenhum receituário ou heurística que esbanje revolução, é só um texto. Todavia, um texto que retrata uma de nossas faces em estar no mundo: um fazer e pensar pesquisa em **arte**-educação-ambiental". (SATO, 2011a, p. 1, **grifo nosso**).

No grifo acima, inseri a palavra **arte**, não somente pelo fato de ela estar no título e contexto da nossa pesquisa, mas também, por ser a Cartografia do Imaginário uma metodologia que corre os mesmos riscos da arte. Que se estabelece crítica e política em seu contexto, na construção de conhecimento. Que alimenta um processo pontuado, mais por incertezas, que por evidências. Não é uma metodologia fixa, "muito menos uma orientação fechada e imutável em sua proposição. É, sobretudo, uma provocação para que os pesquisadores reinventem a palavra, iniciando nesta orientação pontilhada, novas investigações" (SATO, 2011a, p. 2). Com essa provocação, a autora sinaliza uma liberdade de agir e pensar a pesquisa, nos convidando a usar a imaginação e permitindo que a intuição também faça parte dela. Ou seja, ela nos orienta que a Cartografia pode ser um método de pesquisa com intervenções, sem prescrições e normas, mas que tenha direção e um caminho definido no percurso da pesquisa.

> A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (metá-hódos), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. (PASSOS, et al. 2015, p. 17).

Na dimensão da imaginação, a arte é parte intrínseca, é pura criação! É o que nos afirma a professora titular em Educação, da UFRG, Sandra Mara Corazza: "A criação está como que entranhada em qualquer pesquisa – pesquisar é criar, e criar é problematizar" (CORAZZA, 2004, p. 27).

Assim como na metodologia aqui tratada, a arte-educação-ambiental cuida do processo, de um vir-a-ser, e não de um produto. "Entretanto, o que talvez mais importe não seja o destino final, mas a rota e a viagem realizadas nos percalços de uma longa viagem" (SATO, 2011a, p. 4).

Trato aqui da Cartografia do Imaginário, como uma metodologia, que tem o intuito de ajudar os participantes do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte - GPEA, a encontrar em suas pesquisas, outra maneira de "cuidar do mundo" (2011a). Que poderão "iniciar a trajetória na ressonância ontológica de um mundo singular, abrindo as arestas, lançando-se nos mistérios subterrâneos, ganhando corpo, asas e reiniciando um novo ciclo pela repercussão do devir". (SATO, 2011a, p. 2). Encontramos em Deleuze e Guattari (1997), um prolongamento da repercussão do devir, pontuado por Sato (2011a):

> Devir é um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica. Devir não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes, nem produzir uma filiação (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 19).

Por isso, entre tantos outros tratados a serviço da pesquisa, a Cartografia do Imaginário (SATO, 2011a) é uma metodologia INSPIRADORA, pela sua também conexão com a ARTE. Uma conexão que se inicia epistemológica e invade a praxiologia dos ritos de passagens nas Cartografias da Água, da Terra, do Fogo e do Ar. Nesse sentido, ela se multiplica em possibilidades correlatas. Mas instiga o pesquisador a refletir, ao mesmo tempo, com a CRIAÇÃO e com o CONFLITO e deles, tirar-lhes a poética, a estética, as metáforas fenomenológicas e construir seu próprio tratado de devir, seu rizoma de problemas. Ela propõe a união dos contrários, na elegante maneira de ser e de vir-a-ser, uma metodologia a serviço da LIBERDADE. Em fazer pesquisa em educação, em arte, em filosofia, em engenharia,

em antropologia, em física, em arte-educação-ambiental. Ou seja, ela se aproxima dos seres humanos e não humanos, na sociedade, na natureza. A conexão da Metodologia Cartografia do Imaginário (SATO, 2011a) com a arte e outras áreas do conhecimento, está expressa em diversas pesquisas e teses, como podemos ver em: "LIU ARRUDA: A travessia de um bufão cuiabano, sob a inspiração de Augusto Boal" (BELÉM, 2015). Uma pesquisa notadamente inscrita na arte, trafegando com a fenomenologia da cena teatral cuiabana, sob a abordagem da Cartografia do Imaginário (SATO, 2011a). Do mesmo modo, temos em: "Antropofagia e Educação Ambiental em seus sentidos estéticos e políticos" (OLIVEIRA, 2017), onde o pesquisador trata da antropofagia como eixo investigativo proposto por Oswald de Andrade, que desde a Semana de Arte Moderna de 1922, nos afronta com a necessidade de se devorar a carne do outro para se ter a força do inimigo. Ainda, temos em "Justiça Climática: "cantos" de resistência da deficiência visual" (GOMES, 2019), que nos sugere o uso das duas mãos para ler a sua "anagliptografia", na arte do Braille, antes que nos privem da visão política da educação ambiental. Em "Palavras científicas sonhantes em um território úmido feito à mão: a arte popular da canoa pantaneira" (QUADROS, 2013), a autora nos coloca em uma canoa-batelão na poética travessia do Pantanal, na sua relação entre arte e ciência. As pesquisas do GPEA têm somado esforços para agregar epistemologias que evidenciem axiologia, revigorando em um modo de fazer pesquisa, com a ética e a política. São pesquisas que dialogam com a arte, com os quatro elementos bachelardianos, com os colapsos climáticos, com as vulnerabilidades presentes na migração climática, com o território cultural e ambiental quilombola, com a Educação. Assim, o GPEA tenta aproximar os seres humanos de uma arte-educação-ambiental mais sólida, política no seu tratado da relação dos seres humanos e não humanos com a natureza e, sobretudo, com a sociedade.

Mas, o que entendemos por Cartografia? Ela foi pensada para ser uma metodologia? Um método? É uma espécie de diálogo com a fenomenologia da pesquisa, por meio de uma metodologia que se abre a abraçar o correr riscos de um processo investigativo, em toda a sua propositura. A metodologia é nosso "Fogo

Substância", que acende e apaga em seu natural devir. Por isso, assim como na metodologia da Cartografia do Imaginário, o fogo "transforma-se a cada instante, comanda as crenças, a fé, as paixões e a existência humana" (SATO, 2011a, p. 12).

Por muitas décadas, o termo cartografia ficou restrito ao campo das ciências geográficas. Mais recentemente, tem presença nas artes da cena e nas artes visuais. Ela se faz presente na "Cenografia das paredes Brancas: O *Não-lugar* da Obra de Arte" (GONÇALVES, 2004).

O mundo Moderno com sua tecnologia nos informa que não se deve pensá-la tão somente como a "arte ou ciência de compor cartas geográficas ou mapas" (FERREIRA, 2008, p. 216). Mas afirmamos presenciar em sua epistemologia fenomenológica, bem como em sua abordagem, intrinsecamente qualitativa, não se tratar de uma metodologia "convencional". Recordemos que, a escrita de cartas nunca foi, tão somente, um aparelho geográfico de linhas pontilhadas e referendadas por suas legendas, na geografia. A redação de uma carta, também presenciou a comunicação de massa no mundo, entre grupos de famílias rurais e urbanas, entre municípios, cidades, países. A carta, esse papel croqui de sonhos, amores e de conquistas políticas, habitou porões e atravessou mares e continentes. Galopou em lombos de animais, percorreu terras e florestas e cumpriu sua fenomenologia da escrita, da comunicação, na viagem da esperança de outros devires. Fosse pela necessidade de comunicar uma guerra civil; fosse pela aventura de tratados políticos entre nações; fosse para "anunciar a declaração de princípios fundamentais para a construção de uma sociedade global no século XXI, que seja justa, sustentável e pacífica" (CARTA DA TERRA, 1992, p. 3) [61].

Da escrita de cartas, viveu a ex-professora, Dora (Fernanda Montenegro), em "Central do Brasil" [62], de Walter Salles (1998), que a fazia para tentar ganhar dinheiro e, na subjetividade do gesto, manter e construir o encontro de trabalhadores nordestinos que viviam na cidade do Rio de Janeiro, com suas famílias no nordeste do Brasil. A dramaturgia dessa obra fílmica, revelou para a época, em sua "intro-

[61] Disponível em: https://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/carta-da-terra.html. Acessado: 02 de out. 2019.
[62] Disponível em: http://www.adorocinema.com/filmes/filme-19250/. Acessado em: 02 de out. 2019.

pesquisa", uma realidade sociopolítica nacional: um meio alternativo de trabalho para pessoas idosas e desempregadas; a ausência de uma tecnologia da comunicação, que pudesse atender os trabalhadores da periferia brasileira no contato regular com as suas famílias. E mais, revelou também, o percentual expressivo de nordestinos, migrantes dentro de seu próprio país, vivendo em situação de vulnerabilidade nos grandes centros urbanos.

Portanto, é necessário coletivizar o trabalho do cartógrafo, no sentido de encontrar outras pistas no pensamento e experiências dos colaboradores de um grupo de pesquisa, observando cada caso.

> De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre um método *ad hoc*. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo. (PASSOS, et al. 2015, p. 32)

A Cartografia do Imaginário postulada por Sato (2011a) nos abre muitas portas e janelas; inclusive, abre-rasga todos os envelopes. Ela nos diz que a sua cartografia não necessita de envelopamento. Muito menos de um lacre salivado ou de selos mensurando o seu valor. Ela nos orienta para encontrarmos caminhos próprios, para realizar uma pesquisa em educação, que saia "da rigidez do método científico da Modernidade" (SATO, 2011a, p. 2). Ela nos "abre miríades de possibilidades" (*Ibidem*). Ou seja, ela nos permite que façamos o nosso "malote", à nossa maneira; que inclusive, caibamos dentro dele. Assim, cuidaremos muito de perto de cada letra, palavra ou frase de nossas caratujas cartográficas. Delas, apanhemos os cheiros ou odores dos papéis guardados; as curvas ou linhas de cada letra; o destino de outros caminhos que se possa bifurcar, de cada palavra.

Assim posto, em seu prolongamento rizomático, a Cartografia do Imaginário se conecta por "rizomas" (DELEUZE; GUATTARI, 1995b), ligada a outras radículas, que escorrem pelas veias do processo na fenomenologia da pesquisa. Nela, o pesquisador ladino precisa se desterritorializar do pesquisador de ontem. Precisa

ressignificar-se no cartógrafo do tempo presente. Neste termo, esse andarilho equilibrista, deve imprimir no seu imaginário, uma "função lente"- enxergar de longe e, ainda, sobre uma longa corda-bamba equilibrar-se, se assim a direção dos ventos lhe permitir. Deve empenhar-se na humilde tarefa de catar o "lixo" dos insumos férteis e ou inférteis da pesquisa, que muitas vezes são jogados fora do contexto Cartográfico, pela pressa de se chegar a uma coleta de dados, às respostas pontuais. Esta, muitas vezes, não terá a tática da ambivalência entre o estudante e o cientista; entre o ser pesquisador e o ser cartógrafo em sua própria investigação científica. Para tanto, estará fora do seu processo-meio e do seu processo-fim.

> Mais do que abrir mão do método, a cartografia começa por repensar o estatuto da pesquisa em educação, injetando na própria ideia de método, a precariedade que lhe é intrínseca, afim de que ela possa libertar tudo aquilo que não cessa de escapar. Expressão de uma pesquisa errante que navega na embriaguez do movimento da sua própria mudança. Partir. Sair, deixar-se um dia perder a cabeça. Ir quebrar em algum lugar. A Cartografia não dispensa a viagem (OLIVEIRA; PRAÍZO, 2012, p. 164).

É preciso, vez outra, ou quase sempre, perambular por caminhos nunca antes percorridos. Ora mais longos e sinuosos, ora mais curtos e íngremes, distantes das mesmas paisagens. É sempre oportuno vestir outros calçados, bem como, tirá-los dos pés e assumir os pesos e volumes que precisamos carregar, das "desutilidades poéticas" encontradas pelo meio do caminho. Mesmo que à frente, esse caminho lhe ofereça bifurcações, pela força do vento. Eis que a fenomenologia do labirinto pega o pesquisador "pelo rabo". Neste outro termo, talvez, o pesquisador necessite da metáfora manuelina: "Vento? Só subindo no alto da árvore que a gente pega ele pelo rabo" (BARROS, 1992c, p. 129).

Nesse contexto, a Cartografia do Imaginário nos apresenta vários e diferentes caminhos, roteiros a descobrir, oblíquos percursos, contrastes a trilhar, relevos a esculpir. Ora seremos navegadores que, mesmo sobre um batelão, podemos nos afogar com a Formação da ÁGUA; ora seremos caminhantes do silêncio que, sem algum cajado, teremos que tatear cada grão na Deformação da TERRA. Caso necessitemos chamar o FOGO, a combustão de nosso próprio corpo será a

Transformação desejada. E, quem sabe, num tempo de repouso, respiraremos a Reformação do AR. Eis a fenomenologia dos Quatro Elementos, ancorada na epistemologia de Gaston Bachelard (1997b; 2001e; 2008d; 2013c), cujos devaneios são tratados como o silêncio do voo das aves; são devaneios alados.

A considerar a maneira fenomenológica com que a pesquisadora Michèle Sato (2011a) aborda sobre sua Metodologia, em seu pensamento cartográfico sobre os quatro elementos, fica intrínseca a conexão epistemológica e surrealista entre ela e o filósofo francês Gaston Bachelard. Essa conexão nos inspira na construção praxiológica de outras Cartografias. Delas surgem substratos fenomenológicos, que revelam tanto ao pesquisador, quanto ao grupo pesquisado em sua Participação Observante (PERUZZO, 2017), a presença do diálogo da arte com a educação e com a natureza. Por isso: arte-educação-ambiental. Assim, anotamos a presença também, do universo imaginário na fenomenologia dos quatro elementos, referendados por Gaston Bachelard. Para ele, "a água já não é uma substância que se bebe; é uma substância que bebe; ela engole a sombra como um xarope negro. (1997b, p. 57). Essa é a água que encontramos na Cartografia do Imaginário. "A água encontrada será, por conseguinte, um líquido inventado" (*Ibidem*, p. 63). Esse líquido inventado é a água ambulante. Não é fixa; locomove-se; migra e mina entre todos os demais elementos e ressignifica-se. Ora mina da própria terra, aquecida pelas pedras; ora sai do interior da madeira, convidada pelo fogo. Ela perambula pelo imaginário dos seres. É quando a sentimos na Reformação do AR, pairando a nossa intimidade respiratória, nos informando da necessidade de um tempo de repouso, de silêncio, mas também de prazer.

Para tanto, a abordagem fenomenológica satiana sobre os quatro elementos, nos permite um mundo imaginário, também de um Processo Formador. Nesse processo, temos como condutor praxiológico, os quatro elementos: Água, Terra, Fogo e Ar. Com eles e por eles, podemos construir, junto ao grupo pesquisado, as chamadas Cartografias de Aprendizagens e delas, as Práticas Pedagógicas por meio das Cartografias dos quatro elementos. É um universo onde se descortinam as práticas pedagógicas arte-educativas no tratado de um processo, sempre em

construção, como já vimos anteriormente em Ana Mae Barbosa (2008). Mais a frente, voltaremos a cuidar com outros detalhes do assunto, quando da abordagem da Cartografia do Fogo como Prática Pedagógica realizada com professores, professoras, técnicos educacionais e pessoas da Comunidade Mata Cavalo.

Mas ainda, é importante ressaltar que, utilizar a Metodologia da Cartografia do Imaginário (SATO, 2011a), não se trata de uma viagem à deriva, do seu processo científico e epistemológico. Sempre se faz necessário um olhar mais que atento ao grupo com o qual estamos lidando, pesquisando, investigando. E com eles, dialogar sobre a Metodologia escolhida, para auscultar os ruídos das proximidades, distâncias ou desconhecimentos. Observar à sua volta, a sua vivência com relação ao objeto de pesquisa e aproximar do valor social desse grupo, bem como dos valores sociais da Comunidade com quem estamos dialogando. Portanto, trata-se de um grupo social. Assim, também o é a nossa pesquisa. Toda pesquisa é social, como nos afirma Baffi, "é toda pesquisa que busca respostas de um grupo social" (2005, p. 6). A pesquisa social nasce de um grupo de cientistas sociais e se destina a algum outro grupo social. Juntos, esses dois grupos sociais, em eminente diálogo, podem contagiar toda uma sociedade. "A pesquisa social é sempre tateante, mas ao progredir, elabora critérios de orientação cada vez mais precisos" (MINAYO, 1994, p. 13). Deve ser construída por vários pesquisadores, mesmo que parta de uma realidade particular, mas destina-se a uma finalidade coletiva, participativa e que atenda a um grupo social. Portanto, liberdade e conflitos à parte, sempre é necessário aportarmos de um compromisso social, ético e político com a pesquisa em Educação. E mais ainda, com o universo social do grupo a ser pesquisado. É preciso compreender este grupo como parte intrínseca do Processo Formador, cuja participação observante nos alimente de subsídios praxiológicos, para melhor atuar na postura ética do PAEC – Projeto Ambiental Escolar Comunitário (BRASÍLIA, 2009).

Só terá o "direito da janela" e o "dever de árvore" (SATO, 2011a), aquele que der "importância às identidades que cada qual carrega nas máscaras que nos envolvem em múltiplas relações sociais" (SATO, 2011a, p. 6).

> Uma janela traz o mundo externo para o nosso interior e, dialeticamente, ela nos projeta ao exterior, cintilando nossos sonhos. A árvore tem sentido imanente e transcendente: das raízes profundas ergue-se um tronco que se verticaliza pela terra, com fúria rebelde contra a lei da gravidade, abrindo-se delicadamente em folhas para religar a terra ao céu azul (SATO, 2011a, p. 6).

Com o pensamento satiano sobre o "direito da janela" e o "dever de árvore", compreendemos que o universo social da pesquisa se insere na "casa com janelas para ingressar numa **pele social de inquietação** de um "mundo sendo" (FREIRE, 1992) e por isso, não mais meramente contemplativo" (SATO, 2011a, p. 6, 7, grifo nosso).

Assim, o pesquisador cauteloso, mas também sonhador, deve tomar a Cartografia do Imaginário (2011a), como seu livro de cabeceira. Próximo à sua fronte, para aquecer as suas imaginações, sonhos, alucinações científicas e poéticas. Tê-la à mão para consultá-la na oportunidade de seus surtos e catarses imaginários. Usá-la como um mapa, desprovido de limites, mas recheado de signos, símbolos e ícones que possam vir a perambular em sua cabeça como um espectro de emoções, sensações e fluidez do verbo consoante sobre uma palavra diminuta.

3.3 Habitar o interior da *Oikos* Quilombola: procedimentos, processos e vivências ao redor do fogo

É chegado o momento de acender a fogueira!

A fogueira fenomenológica do Processo Formador e de suas Cartografias de Aprendizagens: da Água, da Terra, do Fogo e do Ar. É tempo de atentar para os substratos imaginários que iluminarão as nossas memórias no interior da *Oikos* que habitamos. É chegado o momento de acender em nós, a fogueira do nosso imaginário.

A boa conduta junto ao fogo na pedagogia de acender a fogueira é tarefa a se imprimir apuro lógico. A escolha do material lenhoso e suas epistemes; o combustível transformador mais orgânico; a lata-metal-flandres que vai proteger o chão batido do calor, para não afugentar os cupins; intuir qual das janelas se manterá

aberta e, auscultar o ruído do vento, para não se opor contra a força das chamas. "A pedagogia do espírito científico ganharia em explicar assim, as seduções que falseiam as induções. Não seria difícil refazer para a água, o ar, a terra, o sal, o vinho, o sangue, o que esboçamos aqui para o fogo" (BACHELARD, 2008d, p. 7).

O fogo sempre nos atrai pelo calor interior do seu círculo dourado, que nos aquece, ao redor da fogueira. É com esse calor que o GPEA se aquece, na construção epistemológica dos Processos Formadores em Educação Ambiental que realiza, há aproximadamente, 14 anos, na Comunidade Quilombola Mata Cavalo. É no minadouro de epistemes desse Grupo Pesquisador que me amparo na pedagogia do diálogo, absorvida ali, no calor das rodas coletivas, formuladas em cada Projeto, no percurso de cada pesquisa e pelo calor com que somos recebidos em cada Comunidade.

O GPEA é em si, um Processo Formador em eterno movimento, onde quer que esteja, onde quer que vá, onde quer que habite. Seja pelo curso das ÁGUAS de São Pedro Joselândia, a remar a "Canoa Pantaneira" de Imara Quadros (2013); seja pela "Travessia e Silêncio" de Júlio Resende (2019), a tocar cada palmo de TERRA nos caminhos de Santiago de Compostela; seja pela coragem investigativa de Flávia Bertier, em querer "Apagar o FOGO" (2019) das queimadas do Parque Nacional de Chapada dos Guimarães – MT; seja pela Reformação do AR de Giseli Dalla-Nora em dialogar com as Marisqueiras da Galícia na Espanha (2017). Enfim, onde o GPEA estiver, haverá um Processo Formador a desaguar a Arte e a Educação Ambiental com a coragem, o compromisso e a responsabilidade de serem pesquisadores com o "ofício *Griô*", a encontrar com o grupo a ser pesquisado, pela força e singeleza da oralidade, onde se faz presente a educação popular.

Com tantos processos e vivências, fui aprendendo a bordar outras tramas, a modelar outras argilas, a coreografar outros ritos, a desenhar outras Cartografias, para então, hoje me orgulhar de fazer parte do círculo de pensamentos de CONFETOS, do GPEA. São Conceitos e Afetos guardados à luz da humildade de um Grupo Pesquisador, que há 23 anos assume a sua força política, em fazer pesquisa em arte-educação-ambiental. Um fazer sempre de frente para a axiologia, cujas

dimensões da ética e da política, amparam as pesquisas, como sendo um Projeto Ambiental Escolar Comunitário, coletivo.

É por estas e outras tantas razões que assumo o GPEA, como o Co-orientador da minha pesquisa. Por entender e sentir que todos os seus membros residiram e ainda residem comigo, no interior e exterior da *Oikos* Quilombola. Amparando-me, auxiliando, dialogando, no afã de que juntos, erraremos menos. Na ÁGUA que talvez eu tenha deixado faltar no pote de barro; na TERRA que por ventura eu não tenha dado conta de adubar o suficiente nas nossas vivências; no FOGO que pode nos ter faltado na hora de acender a fogueira, por ter-lhes oferecido lenha molhada. Mas continuamos UNO, no AR que ainda respiramos, na Reformação como "um tempo de repouso, para que um novo ciclo reinicie" (SATO, 2011, p. 6).

Nessa Co-orientação, o GPEA se dedica a fazer parte de todas as pesquisas com o mesmo apreço com que cada membro se envolve com as suas. É o sentido coletivo operando na mesma direção dos ventos individuais que, mesmo que sopre contrários, a força eólica é a energia dos nossos moinhos, mesmo sob o calor dos conflitos, todos giram em igual direção.

O Processo Formador realizado na Comunidade Quilombola Mata Cavalo, a par de atender, entre outras, esta pesquisa, teve como título: Cartografias de Bachelard: Educomunicação e Justiça Climática. A partir desse contexto, o Processo Formador foi dividido em sete etapas distintas. Para cada uma, determinado grupo com pesquisadores e pesquisas correspondentes, realizaram Cartografias de Aprendizagens. O Processo teve início e introdução com uma palestra sobre Justiça Climática e outra, sobre Educomunicação. Esta última, cuidando de cartografar subsídios praxiológicos, para que um grupo de estudantes pudesse realizar os registros em textos, vídeos, som e áudio, de todas as vivências das Cartografias de Aprendizagens. O Processo seguiu então, com cinco Cartografias: da Água, da Terra, do Fogo, do Ar e a Cartografia da Mandioca. Cada Cartografia de Aprendizagem teve a sua Prática Pedagógica correspondente, sendo a sua praxiologia, coordenada por um pequeno grupo, onde os demais membros do GPEA assumiram tarefas das

mais variadas: relatoria; registro fotográfico, em vídeo, áudio e fotografia; suporte tecnológico, ambientação espacial, entre tantos outros.

Nesse trabalho, eminentemente coletivo, é presenciado o calor com que o GPEA reforça a sua postura política em realizar pesquisa, fazendo evidenciar em cada pesquisador, a sua luz própria.

O fogo será iluminação em nossos corpos, por dentro e por fora de nossas cabeças. Será a pirofagia [63] da imaginação, como a nossa arte de manipular o fogo: "engolindo", "cuspindo", aquecendo o nosso corpo por dentro e por fora! O fogo é então a metodologia da luz! "A luz não é apenas um símbolo, mas um agente da pureza. Lá onde a luz não encontra nada a fazer, nada a separar, nada a unir, ela passa" (BACHELARD, 2008a, p. 156).

Mas, na Cartografia do Fogo, a luz fica! Na Cartografia do Fogo, não haverá cinzas, mas a comunhão da luz dos conflitos que nos iluminam enquanto seres diferentes e não iguais. Essa é a iluminação na fenomenologia dos contrários: "como fazer com que a paixão se ilumine sem se esfriar?" (BACHELARD, 2008a, p. 162).

Uma Prática Pedagógica, como elemento de aprendizagens de um Processo Formador em Arte-educação-ambiental, tem a luz da Metodologia da Cartografia do Imaginário (SATO, 2011a), iluminando as frestas do pau a pique em nosso rito de passagem com a Cartografia do Fogo. É o "FOGO SUBSTÂNCIA, o laboratório a ser explorado e a metodologia privilegiada junto ao FOGO ONÍRICO – as escolhas dos processos, dos métodos e dos caminhos traçados" (SATO, 2011a, p. 8).

Antes de prosseguir, importante trazer à luz das chamas da pesquisa em educação, Carlos Rodrigues Brandão, que contribui com a sua metáfora presente em "A terceira margem do rio: anotações e fragmentos sobre a experiência da pesquisa como um encontro" (2017), onde podemos apreciar em seu texto, tantos achados "sobre um encontro chamado pesquisa" e, que aqui, contribui com o processo metodológico da pesquisa, esclarecendo sobre o percurso desse processo, no que se

---

[63] Do latim: Piro – fogo e Fagia – arte de comer, engolir fogo. Essa atividade aparece no Egito e em Roma, antes de Cristo. Atividade artística que consiste em manipular o fogo pelo corpo, muito explorada em intervenções ao ar livre, teatrais e circenses. Vídeo disponível em: https://www.corpomagico.art.br/pirofagia/. Acessado em: 25 jan. 2020.

refere às entrevistas realizadas na Comunidade Mata Cavalo e, principalmente, sobre as interpretações destas, de autoria do pesquisador:

> Você que está diante de mim e responderá às perguntas que eu faço (em um inventário, um questionário, uma entrevista aberta ou fechada) ou deverá agir, atuar, realizar um desempenho expressivo diante de mim que o observo, registro, fotografo, gravo. Você não conhecerá a íntegra do resultado do trabalho de pesquisa de que você participa como meu objeto de, ou mesmo como sujeito de minha pesquisa. E se acaso você vier a ter algum acesso aos meus "resultados", provavelmente não os compreenderá no todo ou parcialmente. Pois faz parte da lógica de meu trabalho científico, uma motivada e indispensável transferência de linguagens ente as suas diversas gramáticas. Assim, o que eu vi, ouvi, registrei, gravei junto a você, longe de você será convertido por meio de uma outra lógica, em uma outra narrativa que se destinar a ser compreendida pelos que compartilham comigo os meus saberes e segredos, na mesma medida em que, como um critério de legitimidade científica, deverá tornar-se algo incompreendido, mal compreendido ou imperfeitamente compreendido por você e os seus. E, justamente atestado de meu trabalho será transformar algo de sua cultura e compreensão, em algo de minha cultura e de minha pessoal e coletiva compreensão. Eu profissional e, vocacionalmente, não posso e não devo realizar algo que, iniciando-se como uma pesquisa científica a partir de você, venha a tornar ser algo que você, tal como é, sabe, pensa e vive agora, possa conhecer, compreender e interpretar (BRANDÃO, 2017, p. 33).

Com esse pensamento esclarecedor de BRANDÂO (2017), informamos que a Cartografia do Fogo foi realizada ao encontro de uma Prática Pedagógica, no interior da Casa da Cultura Quilombola – a *Oikos* que habitamos. Nesse Processo Formador estiveram presentes, professores e professoras, técnicas educacionais e educandos da Escola Estadual Quilombola Professora Tereza Conceição de Arruda, bem como pessoas das mais diversas profissões, residentes na Comunidade Mata Cavalo.

Com essa Prática Pedagógica, buscamos proceder com uma investigação científica, que revelasse por meio de um Processo Formador, a dimensão da vivência da Casa da Cultura como um Projeto Ambiental Escolar Comunitário.

Dentro dos nossos objetivos, procuramos investigar a Casa da Cultura Quilombola, na dimensão de uma *Oikos* – espaço habitado pela família, pelos moradores do Quilombo. Onde pudesse ser observada a sua relação com a Escola e com a Comunidade, por meio de um Processo que objetivava a formação dos diversos grupos sociais da Comunidade. Com esse propósito, realizamos uma

Cartografia com o elemento FOGO, com um olhar para a fenomenologia de Gaston Bachelard (2008d), para entender de que maneira esses elementos dialogam com a sustentabilidade da *Oikos*. Ainda, aproximar de um pensamento mais questionador, o de tentar evidenciar de que maneira a arte comunica as mudanças e injustiças climáticas que, invisíveis, tornam-se difíceis também de denunciar a situação de vulnerabilidade, presente no Quilombo.

Para tanto, foram necessários procedimentos, processos e vivências coletivas, numa relação de diálogo dos participantes, com a Educação, por meio de diversas linguagens artísticas. A esse cunho pedagógico, recorremos à Arte-educação formulada pelo pensamento de Ana Mae Barbosa (2008a), que dialoga com o mesmo pensamento de Sato (2011a), onde sua praxiologia torna relevante o PROCESSO e não o resultado final. Da mesma forma, a metodologia da Cartografia do Imaginário dialoga ainda com o pensamento de Paulo Freire que, em sua Pedagogia da Esperança (1992a) e na Pedagogia do Oprimido (1987b), reafirma a presença de uma Educação Transformadora, cujo pensar do oprimido, traz de dentro para fora, a força de uma Educação Popular. Assim pensando, encontramos nos três autores a comunhão de três abordagens: arte, educação e educação ambiental. Por isso a nossa pesquisa se fundamenta no pensamento satiano, de irmos ao encontro de uma ARTE-EDUCAÇÃO-AMBIENTAL, que nos revele para o tempo presente, as incompletudes que atravessam, com tamanha situação de vulnerabilidade, a era da Modernidade. Por se tratar de um processo metodológico, formador, cartográfico e pedagógico, reforçamos nele a presença do dado coletivo. É o estar coletivo atuando na formulação de todo o processo, no seu percurso, na Prática Pedagógica. É um vir a ser constante: praxiológico, participante, observador.

É justamente nesse pensar que a Cartografia é frente e verso do Imaginário. Epistemologia e Praxiologia fazendo parte do mesmo pensar a ser e a agir. É escrita e lida por duas faces que se unem na mesma espiral de um caderno de memórias. Está presente no ambiente, no lugar ocupado, na roda da fogueira, na chama do fogo, no corpo do fogão de barro; está presente em NÓS! A Cartografia do Fogo é combustível orgânico, está presente no interior de cada participante.

Portanto, a memória é sempre coletiva. Mesmo que, em algum momento você pense que ela esteja só em você, individualmente, ela está em nós, dialogando com todas as outras memórias, pela relação da sua, com as demais. Dessa forma, todas as memórias, naturalmente se inserem corroborativas, se tornando coletivas no contexto do grupo pesquisador e no contexto do grupo pesquisado.

A memória está presente, tanto no interior da *Oikos,* quanto no interior da Escola e do Quilombo. Aqui, aproximamos do sociólogo francês, estudioso das condutas da memória coletiva, Maurice Halbwachs, que contribui:

> Assim se explica como as imagens espaciais desempenham esse papel na memória coletiva. O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro de giz no qual se escreve e depois se apaga números e figuras (HALBWACHS, 2003, p. 159).

Do mesmo modo, temos a presença do coletivo, quando aproximamos a Cartografia do Imaginário, da Arte-educação, para então, esse mesmo coletivo aparecer na correlata significação metodológica da Arte-educação-ambiental, presente na Cartografia do Fogo e na pesquisa que ora apresentamos.

Então, veremos no próximo capítulo, o relato de experiências da nossa Prática Pedagógica, onde "na transformação do fogo, na combustão da chama, encontramos a mudança desejada" (SATO, 2011a, p. 6). Essa investigação se insere num processo de busca, que transcende envolvimento em engajamento para um dedo de prosa, numa roda de conversa, fora da sala de aula, na comunidade, no campo, no terreiro do Quilombo.

A realização da Cartografia do Fogo foi um fazer de ações, cujas atividades podem e devem ser ressignificadas nas salas de aulas e na comunidade, ampliando e desdobrando os objetivos deste fazer pedagógico, para outras dimensões da Escola e da Educação. Dessa maneira, aproximamos do currículo quilombola, no momento em que a Prática Pedagógica aqui tratada, pode ser realizada por cada professor e professora, por meio dos componentes curriculares. Nesse processo, esses profissionais podem contar com a participação de todos os grupos sociais da comunidade. Este Processo Formador irá nos assegurar de que o retorno da Prática

Pedagógica atenderá aos anseios da Escola e da Comunidade, confirmando nos participantes, a sua presença política como agentes transformadores do seu meio. Nesse vir a ser pedagógico coletivo e transformador "um campo teórico (epistemologia), associado a um campo prático (praxiologia), sem jamais esquecer as dimensões da ética e da política (axiologia) (BRASÍLIA, 2009, p. 13) será um dado intrínseco no cotidiano da Escola e da Comunidade.

A Cartografia do Fogo trabalhou, num só tempo e local, com quatro grupos distintos: Professores e professoras, Estudantes e com Profissionais da área técnica, todos e todas pertencentes à Escola citada. O quarto grupo são moradores e moradoras da Comunidade, que se ocupam de várias funções profissionais, no cotidiano do Quilombo.

A considerar de superior relevância, a participação dessas pessoas; importante informar que, entre elas, o grupo de estudantes, em função de terem participado exclusivamente da Oficina de Transmídia, foi convidado a participar do registro em texto, vídeo, áudio e fotografia de todas as demais Cartografias realizadas pelo GPEA. Assim, o grupo de estudantes integrou-se ao grupo dos pesquisadores do GPEA, colaborando com o seu aprendizado sobre transmídia. Dessa forma, este grupo não participou das entrevistas como os demais, por não praticarem a participação observante na Prática Pedagógica.

Ao final da Cartografia do Fogo, contou-se com a participação direta de todos e todas, com apresentações culturais e pedagógicas, por meio de diversas linguagens artísticas. As apresentações, das mais diversas como: declamação de poesias, composição e apresentação de música, leitura de textos dramáticos, apresentação de cartazes e encenações teatrais, anunciavam e denunciavam o pensamento e a interpretação de cada pequeno grupo autor, sobre questões relacionadas ao fogo e a sua incidência física sobre a Comunidade.

Em outro momento, após a realização da Cartografia do Fogo, os participantes também responderam a um pequeno questionário, relativo às questões tratadas na Prática Pedagógica da Cartografia do Fogo e às questões relacionadas à construção da Casa da Cultura Quilombola, sobre Justiça Climática e sobre a moradia

em uma casa de pau a pique. Para essa etapa da pesquisa, participaram pessoas em número de 10, sendo: 04 Professores da Escola; 04 pessoas moradoras da Comunidade e 02 pessoas da área técnica da Escola, sendo uma TAE e a outra AAE.[64]

Tanto o número de pessoas quanto ao grupo a que cada um, uma pertence, não foram escolhidas aleatoriamente. Deu-se em função de serem pessoas que, ao participarem Prática Pedagógica da Cartografia do Fogo, demonstraram espontaneidade em participar também, das entrevistas. Assim, foi entendido entre eles e o pesquisador, dias da semana possíveis, bem como horários, para as entrevistas. Trata-se também, de pessoas que, pelo fato de residirem próximas à Escola, participavam dela, em outras atividades organizadas pela própria escola. A relação direta, dessas pessoas com a Escola, facilitou sobremaneira, a realização das entrevistas.

O conjunto de atividades não teve momentos isolados entre conceitos, teorias, epistemologias, das atividades práticas. Deu-se atenção a um conjunto de práticas que, com igual contexto pudesse atender a diversidade sociocultural dos grupos participantes. A formação de que tratamos, compreende um conjunto de Práticas Pedagógicas, realizadas em sete sextas-feiras, com data, duração de cada encontro e horários, organizados pela Escola em conformidade com o calendário escolar e a disponibilidade de professores, educandos e pessoas da Comunidade.

As perguntas foram construídas a partir de um roteiro aberto, que considero com menor estrutura de formalidade, tendo como referência, apenas temas, como já citados. Assim, cada participante pode inclusive, alterar, inverter e ou sugerir o destino de cada pergunta, a partir da escolha de um dos temas, para também e naturalmente, melhor verbalizar o contexto das suas respostas, a partir da sua reflexão, experiência e da sua relação com a Prática Pedagógica.

---

[64] TAE – Técnico Administrativo Educacional e AAE – Apoio Administrativo Educacional são nomenclaturas oficiais, da política de formação profissional da SEDUC, regida pela Lei Complementar n. 50, de 1º. de outubro de 1998, que cria a carreira dos Profissionais da Educação Básica de Mato Grosso. Disponível em: http://www2.seduc.mt.gov.br/documents/8501214/0/29.12.04+LEI+COMPLEMENTAR+N+206+cria+a+carreira+dos+Profissionais+da+Educa%C3%A7%C3%A3o+B%C3%A1sica+Educa%C3%A7%C3%A3o-2004.pdf/1430ab05-f2c1-c7ae-81ae-ad05f6174f60 Acessado em 1º. Out. 2020.

Por outro lado, preocupei-me em dar-lhes liberdade de reflexão, expressão e pensamento, fugindo das operações convencionais, sempre presentes em respostas, às vezes dirigidas, como: certo ou errado; sim ou não; gostei ou não gostei; do quantitativo e de dados, em uma coleta de dados. Embora, em alguns poucos casos, em função de algumas primeiras respostas das entrevistadas do grupo de moradoras da Comunidade, e sua maneira de relatar respostas, foi natural a presença de alguns: sim, não, gostei, não gostei; mas, sem mudar o contexto da entrevista.

Ainda preocupei-me também, em dar às "respostas", o curso de um processo, assim como foi proposta a Prática Pedagógica, e não de um produto final. Dessa maneira, ficou evidente a natureza espontânea, de um retorno qualitativo, proferido por todos os envolvidos, indistintamente.

Para cada um, uma dos e das entrevistadas, foi dado, de livre escolha por este pesquisador, um codinome, respeitando assim, a sua identidade ou identificação, sendo do seu direito, a não divulgação de seu perfil e ou imagem. Para tanto, cada codinome foi dado, respeitando a temática do objeto de pesquisa: A Casa da Cultura Quilombola e seu contexto físico, cultural e fenomenológico, bem como, com elementos da cultura local.

Assim, foi pensado nos seguintes codinomes, que são: 1 - Pau a Pique[65]; 2 - Jardim da Casa[66]; 3 - Pote de Barro[67]; 4 - Ralo de Farinha[68]; 5 - Telhado Vivo[69]; 6 -

[65] Modo de construção, também conhecida como taipa de mão. Técnica antiga que consiste no entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo, com vigas horizontais, geralmente de bambu, amarradas entre si, por cipós. Assim se forma uma grande treliça, cujos vãos são preenchidos com barro, que se transforma em parede: o pau a pique.

[66] Espaço ornamentado na poética doméstica na particularidade de cada família, onde se plantam flores e folhagens, geralmente nativas da região e algumas ervas medicinais, utilizadas na culinária e medicina popular local.

[67] Objeto de uso doméstico, muito comum nas comunidades ribeirinhas, feito de barro cerâmico, encontrado nas margens dos rios e alagadiços, queimados em forno próprio, para se armazenar água.

[68] Objeto doméstico, geralmente artesanal, feito em zinco ou lata, furada com pregos, preso a uma madeira, muito utilizado nas comunidades para ralar mandioca, na fabricação da farinha e em outras tarefas domésticas.

[69] Técnica utilizada na Casa da Cultura Quilombola, que consiste em colocar vegetação de grama, entre outras espécies, sobre uma estrutura de madeira, possibilitando a casa, significativa redução de calor, pela umidade do telhado verde.

Fogão de Barro[70]; 7 - Lamparina[71]; 8 - Casa de Palha [72]; 9 - Broto da Mandioca[73] e 10 - Devoção[74].

Nas entrevistas com Professores da Escola, foram feitas, o máximo de três (03), entre as seis (06) perguntas, construídas abaixo e, ainda, de maneira alternada.

Roteiro de perguntas:

> - Em outro momento, em um Processo de Formação, tivemos a construção da Casa da Cultura Quilombola. Você deve se lembrar de que ela foi uma solicitação da própria Comunidade. Você percebe que ela está atendendo às demandas da escola? Ela está sendo útil para a Comunidade?
> – A Prática Pedagógica realizada com a Cartografia do Fogo oferecida pelo GPEA-UFMT trouxe benefícios à escola e fora da escola?
> - Você considera que a aprendizagem em Justiça Climática foi importante pra você? Por quê?
> - Como podemos usar a Arte e a Educação Ambiental para combater as Mudanças Climáticas?
> - Como podemos utilizar a Casa da Cultura Quilombola para promover a arte-educação-ambiental nos diálogos da escola com a comunidade?
> – Você moraria numa casa de pau a pique, assim como é a Casa da Cultura Quilombola?

As perguntas dirigidas às pessoas moradoras da Comunidade foram pensadas em número de três (03), embora a cada uma das quatro (04) pessoas participantes, só foram feitas, duas (02) perguntas, e também, de forma alternada. Observem que para este grupo, utilizei o termo "curso", por ser muito utilizado por eles em suas falas e de fácil compreensão para as pessoas da Comunidade.

---

[70] Fogão, tradicionalmente utilizado nas casas e ranchos do período colonial, de alvenaria em tijolos, adobes, pedras da região e barro, material geralmente encontrado nos quintais.
[71] Objeto de auxílio na iluminação das residências nas comunidades, geralmente de fabricação artesanal, cuja manutenção é feita com querosene e pavio de barbante e ou tecido de algodão.
[72] Habitação muito comum nas comunidades rurais, com estrutura de madeira da região, palha das palmeiras babaçu ou acuri, ainda existente na Comunidade Mata Cavalo.
[73] Elemento natural do caule da mandioca que, ao estar viçoso e sem determinada plaga, significa a boa safra na lavoura.
[74] Prática muito comum na maior parte dos moradores da Comunidade Mata Cavalo, em acender velas para o Santo de devoção, em sentido de fé e culto ao Santo padroeiro.

Roteiro de perguntas:

> - Em outro momento, em um Processo de Formação, tivemos a construção da Casa da Cultura Quilombola. Você deve se lembrar de que ela foi uma solicitação da própria Comunidade. Você percebe que ela está atendendo, de alguma forma, às necessidades da Comunidade?
> - O que você mais gostou do curso, da Cartografia do Fogo? E o que menos gostou na atividade?
> – Você moraria numa casa de pau a pique, assim como é a Casa da Cultura Quilombola?

Para as pessoas que trabalham na área técnica da Escola, TAE e AAE, foram construídas também, três (03) perguntas, mas somente duas (02) foram feitas a cada entrevistado, considerando, como nos dois outros grupos já citados, o curso de um processo, o tempo de permanência de cada um nas entrevistas, e ainda, relacioná-las de maneira mais próxima, com a sua atuação na Escola e ou na Comunidade, a partir do contexto da Cartografia do Fogo e sua Prática Pedagógica realizada.

Roteiro de perguntas:

> - O Processo Formador, oferecido pelo GPEA-UFMT trouxe algum benefício para o seu trabalho na Escola? Por quê?
> - Você conseguiu perceber nas atividades da Cartografia do Fogo, se teve algum conteúdo ligado às mudanças climáticas? Como?
> –Você moraria numa casa de pau a pique, assim como é a Casa da Cultura Quilombola?

Eu, pesquisador (P), perguntei:

P - Em outro momento, em um Processo de Formação, tivemos a construção da Casa da Cultura Quilombola. Você deve se lembrar de que ela foi uma solicitação da Comunidade. Você percebe que ela está atendendo às demandas da escola? Ela está sendo útil para a Comunidade?

Fig. 11 A "Pau a Pique"
Professora da Comunidade

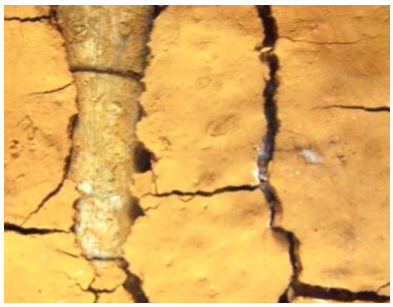


Foto do Pesquisador, 2018.

- Eu acho que ela contribui! Levando os alunos até lá, a gente conserva um pouco da cultura, da memória da casa ao realizar um momento de contar histórias. Assim a gente tenta manter a cultura local, pra não perder a nossa tradição. A casa ficou um marco, porque podemos mostrá-la sempre. Quando você mostra um objeto que tem na casa e fala como ele surgiu, eles passam a conhecer um pouco da história de seus ancestrais.

A mesma pergunta acima foi feita para outra participante, vejamos a resposta:

Fig. 12 "Devoção"
Moradora da Comunidade



Foto do Pesquisador, 2019.

- Claro que sim! Os professores da escola usam bastante essa casa. Na feira cultural de final de ano, vêm muitos estudantes e professores e todos eles visitam a casa. A casa fica bonita, parecendo casa de festa quando se faz a festa de São Benedito. Mas precisa melhorar! Tem que ensinar as crianças a gostar dela e saber o significado de uma casa de pau a pique. As poucas casas de pau a pique que tinha aqui, foram todas destruídas. Meu irmão mesmo já derrubou a dele e fez uma nova, de tijolos. Hoje ficou muito difícil para tirar o barro e a palha. Além de longe, o frete é caro. As pessoas que sabem fazer, já são idosas e não tem mais força pra dar conta na construção.

P - Você moraria numa casa de pau a pique, assim como é a Casa da Cultura Quilombola?

Fig. 13 A "Pote de Barro"
Técnica da Escola

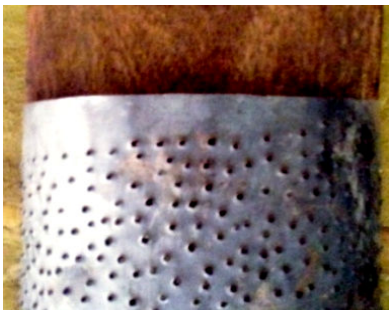


Foto do Pesquisador, 2018.

- Acho difícil! Hoje mudou muito os costumes da construção na Comunidade. Antigamente dormíamos de portas e janelas abertas. Não tinham grade e nem cadeados. Saíamos e quando voltávamos, achava tudo no mesmo lugar. Hoje, se deixarmos uma porta aberta, roubam tudo! Esse é um dos motivos de muitos moradores da Comunidade, morar em casas de alvenaria. Eles querem mais segurança pra si e pra sua família!Você pode ir às comunidades aqui por perto, as portas e janelas são todas de ferro, com cadeados. Antigamente não, era de tábua, com uma tramela e pronto.

Ao fazer a mesma pergunta para outra entrevistada, tive outra resposta. Observamos o que "Ralo de Farinha" respondeu:

Fig. 14 "Ralo de Farinha"
Técnica da Escola



- Eu e minha irmã, moramos em casas de palha. Mas a de barro é melhor. É mais segura, mais forte e não tem problema de entrar bicho e nem de estragar rápido. Dá vontade de ter uma casa de pau a pique. Mas nós não temos condições físicas e muito menos a mão de obra para construir uma casa dessas. As pessoas daqui acham que não dá mais certo. Ai faz tudo de tijolos porque quando fecha a porta, fica mais seguro.

Foto do Pesquisador, 2019.

Ainda para a mesma pergunta, uma resposta de uma entrevistada que mora afastada do Quilombo. Vejamos o que ela respondeu:

Fig. 15 A "Telhado Vivo"
Professora da Comunidade



- Partindo da minha vivência, eu não moraria! Dentro da minha família tive experiências muito tristes em relação a essa estrutura. A minha avó morou muito tempo na comunidade Mata Cavalo e seus quatro filhos morreram queimados, dentro de uma casa de palha. Alguns dizem que foi por acidente; mas ela afirmava para todos nós que, alguém de uma forma maldosa, ateou fogo na casa dela. Por isso eu não moraria! Foi uma experiência muito triste, pela carga negativa que ela carregou consigo até os últimos dias da sua vida.

Fonte: GPEA, 2015.

Abordando outro tema, temos a seguinte pergunta:

P - A Prática Pedagógica realizada com a Cartografia do Fogo oferecida pelo GPEA-UFMT trouxe benefícios à escola e fora da escola?

Fig. 16 A "Broto da Mandioca"
Professora da Comunidade



Foto do Pesquisador, 2019.

- Creio que sim. Porque, eu participei dessa construção com vocês e percebo que foi um crescimento. Não só pra mim, mas para todos. Minha postura diante dos alunos mudou ao transmitir esse conhecimento sobre o fogo, o ar, a terra, e os seus benefícios. Agora sabemos o que devemos ou não ensinar. Estávamos por fora das tecnologias pra saber de que maneira ela pode contribuir com a educação.

Para a mesma pergunta, temos outra resposta.

Fig. 15 B "Telhado Vivo"
Professora da Comunidade



Fonte: GPEA, 2015.

- Sem sombras de dúvida. Depois da Cartografia do Fogo, despertou em nós, profissionais da Educação, outros olhares sobre os Processos Formativos que acontecem aqui em Mata Cavalo. A gente recebia esse processo aqui, somente do CEFAPRO, esporadicamente da SEDUC. Era uma formação que vinha de cima para baixo. E não fazia diferença na sala de aula com os educandos. E depois desse processo formativo do GPEA, do GEPEC e de outros parceiros da UFMT, a gente percebeu que os profissionais começaram a ler mais, a procurar mais conhecimento, não ficar só na teoria. Começaram a transformar esse processo formativo na prática dentro do ambiente escolar e dentro das suas respectivas áreas do conhecimento.

Para a mesma pergunta, temos uma terceira resposta.

Fig. 11 B "Pau a pique"
Professora da Comunidade

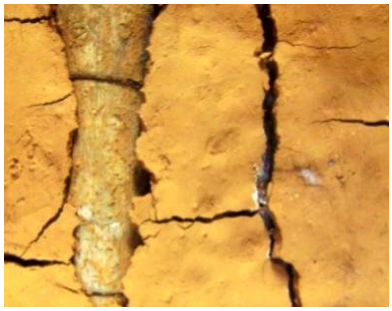


Foto do Pesquisador, 2018.

- Acho que a gente passou a ver a Educação Ambiental com um outro olhar. Antes, dávamos menos importância. Hoje valorizamos mais e transmitimos isso também para os alunos. Não só como professores, mas como pessoa. Muitas das coisas que eu tinha o hábito de deixar passar despercebido, após aquele encontro, passamos a ver com outro cuidado. É ter outra visão sobre a natureza e para tudo em sua volta. Hoje como professora, trabalho com mais qualidade.

P - O Processo Formador, oferecido pelo GPEA-UFMT trouxe algum benefício para o seu trabalho na Escola? Por quê?

Fig. 13 B "Pote de Barro"
Técnico da Escola



Foto do Pesquisador, 2018.

- Sempre traz! Tudo o que vocês têm ensinado aqui é de grande proveito. Eu nunca imaginei que um dia eu fosse ajudar a limpar essa Casa assim, pra ficar tão bonita. E depois, eu mesmo tirar proveito de tanta coisa que aconteceu ali. Hoje, se me pedirem pra eu limpar lá farei bem feito, porque ficou linda. No meu trabalho, faço bem feito, igual faço na minha casa. Agora, uma coisa que me chamou a atenção, foi de saber, a tamanha importância da água e do fogo. E como aqui na Comunidade falta água, a gente precisa dar valor pra água porque sem a água o fogo fica perigoso. Foi isso que mais me preocupou.

A próxima pergunta foi feita para uma moradora da Comunidade.

P - O que você mais gostou do curso, na Cartografia do Fogo? E o que menos gostou?

Fig. 17 "Jardim da Casa"
Moradora da Comunidade



Foto do Pesquisador, 2019.

- Ah! Foi muito bom, tudo muito bonito e gostei muito! Assim que devia ser a escola das crianças, cheia de coisas coloridas e bastante alegres. Tava parecendo um dia de festa. Se o senhor desse aula aqui, nossa, ia ser muito bom. Até eu queria estudar com o senhor (risos). Mas já passei do tempo. Aquelas coisas que vocês falaram lá da água, do fogo é muito importante até pra nós mais velhos daqui. A água falta mesmo! O fogo tem até de sobra, (risos). Ele já é um perigo pra nós aqui, no tempo da seca. Aquilo no final que foi apresentado, que cantaram e colocaram fogo no papel, achei muito bem feito. Aquilo é o teatro? E foi feito por gente nossa daqui. Então eles sabem! Por que num é assim todo dia?O Senhor viu como a Casa pode ser boa pra escola? Tem que colocar as crianças lá dentro pra ir acostumando. As crianças pequenas aprendem mais depressa que nós idosos. Os professores delas participaram, agora já sabe ensinar! Teve até filme! Bonito que foi.
Do que eu não gostei? Agora! Como que eu podia num gostar? Tava tudo muito bonito, foi tudo bem feito, não tenho do que reclamar. Vai ter mais desse dentro da casa, ou já acabou? Precisa continuar!

Para a mesma pergunta, tive outra resposta, de uma moradora entrevistada, cujo codinome é:

Fig. 18 "Fogão de Barro"
Moradora da Comunidade



Foto do Pesquisador, 2019.

- Foi muito importante tudo que eu vi lá. Mas por que não faz mais coisas assim lá na Casa? Ela é simples, mas do jeito que ficou, ficou muito bom e todo mundo gostou. É assim mesmo, quando tratam as coisas simples, parece que fica mais bonito tudo, não fica? Quando tem a feira da Escola, podia fazer desse jeito, porque quem vem pra cá, vai gostar. O chá foi bom também! Faltou dona Maria aqui. Ela que gosta muito de chá e faz bastante tipo, (risos). A outra agora vai ser quando? Podia repetir! Lá na Casa fica mais alegre do que no pátio.
Ah! Não tenho do que reclamar de nada. Como que pode alguém num gostar do que é feito com tanto gosto. Tirou muitas fotos, né? Vão ficar bonitas as fotos.

Em outra temática, foi perguntado sobre Arte e Educação Ambiental junto às mudanças climáticas:

P - Como usaríamos a Arte e a Educação Ambiental para combater as mudanças climáticas?

Fig. 19 A "Lamparina"
Professora da Comunidade



Foto Flávia Bertier, 2018.

- A educação ambiental ajuda muito!Temos que pensar: o que estamos fazendo com o nosso planeta? Não se pensa e não se debate sobre o que vai acontecer com o lixo. Então, a educação ambiental é para refletir sobre isso. Precisamos trabalhar a redução de gastos de materiais poluentes. Eu fico pensando sobre essas comunidades que vivem com reduzida tecnologia, preservam mais do que aquelas pessoas que estão na cidade. Então eu acho que a educação ambiental tem que ser trabalhada no PPP da escola. O uso indevido de material reciclado é um problema aqui na escola. Eu acho que falta formação e interesse também, porque formação o GPEA já deu. Professores que realmente prestaram a atenção e participaram efetivamente dos cursos, já tem essa noção básica, sabe o que deve ser ensinado. Falta mais responsabilidade para todos os educadores. Ficam todos os professores formados em ciências

Fig. 19 B "Lamparina"
Professora da Comunidade



Foto Flávia Bertier, 2018

biológicas com essa carga e os outros educadores não tem esse compromisso. Então a questão da educação é sobre o que já foi descartado, que eu posso aproveitar e não gerar mais lixo e mais consumo.

Sobre Justiça Climática, foi feita a seguinte pergunta:

P - Você considera que a aprendizagem em Justiça Climática foi importante? Por quê?

Fig. 19 C "Lamparina"
Professora da Comunidade



Foto Flávia Bertier, 2018

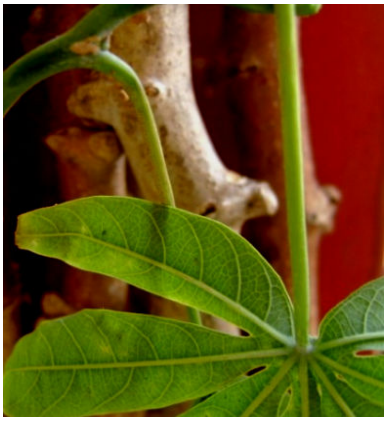
- Eu tive contato com a Justiça Climática e sua realidade, por meio do GPEA. Quem não tem acompanhado a mídia, ou não participa de algum grupo de educação ambiental, não tem conhecimento do que seja esse conteúdo. Ajudou muito aos professores e aos estudantes. Hoje já pensam sobre o que está acontecendo no mundo sobre as questões climáticas. Muitos pensam só sobre o efeito estufa e esquecem as outras problemáticas que vem surgindo com as mudanças do clima. Sabemos que as pessoas menos favorecidas são as que mais sofrem. Elas não saberão o que fazer quando faltar água em suas casas. Aqui no quilombo, falta água para uma grande parte. Tem moradores que têm que percorrer longas distâncias pra conseguir água. Isso afeta tudo: a plantação, a moradia, alimentação, higiene, entre outros. Então toda essa problemática foi importante discutir, abriu os olhos de todos para não ficarmos alienados. Muitos acham que é ficção e esquecem o que está acontecendo no Rio de Janeiro e em São Paulo com tantas chuvas e deslizamentos. Não é apenas uma cena cinematográfica! Isso já ocorre e nos assusta muito!

Foi questionado também, sobre o uso da Casa da Cultura Quilombola pela Escola e pela Comunidade, com a seguinte pergunta:

P - Como podemos usar a Casa da Cultura Quilombola para promover a arte-educação-ambiental nos diálogos da escola com a comunidade?

Tive a seguinte resposta pela participante com o codinome de:

Fig. 16 B "Broto da Mandioca"
Professora da Comunidade



- Nós tivemos esse trabalho que foi o de construir a Casa. Foi um envolvimento dos gestores, dos educandos, de todo mundo. Eu sinto que falta mais desenvolvimento em nós educadores. Fazer mais esse trabalho com os educandos junto a Casa. Mostrar pra eles a necessidade que se tem de se trabalhar o antes e o depois na Casa da Cultura. Mostrando a nossa realidade, as nossas culturas. Então, na época da construção, foi aquele avanço e hoje eles estão mais calmos. Então tem que reviver e mostrar para os nossos alunos a realidade e a necessidade. Eu até fico meio preocupada de que temos que explorar a Casa da Cultura, melhor.

Foto do Pesquisador, 2019.

Na realização da Cartografia do Fogo, participei com duas companheiras de pesquisa, Denize Aparecida de Amorim e Roberta Simione. A nossa experiência com a Cartografia do Fogo, cuja Prática Pedagógica, além de contemplar os objetivos desta pesquisa, dialoga com o PAEC e, ainda, com os pressupostos políticos institucionais da Secretaria de Estado de Educação – SEDUC, no que se refere ser a pesquisa, um elemento aglutinador de epistemologias e praxiologias, a serviço da educação, nas Escolas do Ensino Básico, no Estado de Mato Grosso.

A experiência de que tratamos, começa com a ação das pedras sendo guardadas, uma a uma, em água aromatizada, para que, submersas e irmanadas, aconteça entre elas, uma troca de energia e do calor interior. Esse princípio de sensibilização deu aos participantes, um sentido de apreço e convite à liberdade de agir e refletir sobre os elementos: água e terra, presentes no cotidiano quilombola, protagonistas de colapsos climáticos e de injustiças ambientais. Mesmo que o grupo demonstre uma participação ainda ingênua e tímida, é possível perceber que na sua subjetividade corporal, está presente a sua ação como um ser político que observa, participa e reage aos conflitos da vida. Dessa mesma forma, atua na Comunidade e na Escola.

Como são muitos os conflitos no território quilombola, eles acabaram por imprimir em cada corpo, um sentimento de resistência com relação ao fogo que sempre instiga cuidado e medo. Nesse cenário de conflitos, a situação de

vulnerabilidade socioambiental entra em cena, constituindo-se elemento de denúncia da presença da injustiça ambiental, no território quilombola, quando da participação em algumas atividades.

Ao assistirem ao vídeo de um show, com a canção: *Barco Negro* (1954), do escritor e poeta português, David Mourão-Ferreira (1927 – 1996), interpretada pela cantora angolana Marisa dos Reis Nunes, as expressões corporais imprimiram nos presentes outras sensações, indagações, curiosidades e estados de tensões, variados. A expressiva sonoridade da música, regada ao tom do universo criador do instrumento de percussão do Bombo *Leguero* [75], nos remeteu às rodas festivas de grupos populares da Argentina, país onde se originou tal instrumento. Sabemos que "o tambor é síntese criadora, união dos contrários" (DURAND, 2001, p. 335). O volume do som dos tambores, agregado à cor preta do figurino dos instrumentistas, o vibrante e forte timbre vocal contralto da cantora, pode talvez, ter contribuído para imprimir nos presentes, o calor das fogueiras nas rodas populares. Os pensamentos e imagens sugeridos pelo vídeo-documentário sobre o fogo reanimaram nos participantes, tanto a releitura do elemento fogo, quanto os seus benefícios à vida humana e ambiental na comunidade. Foi percebido que tais imagens rememoraram, no sentimento e na memória coletiva dos participantes, a presença do elemento fogo que devasta a vegetação por meio das queimadas no período das secas, incendeia moradias, destrói plantações e também, vidas humanas e não humanas.

Na "escrita" da Cartografia do Fogo, presenciou-se também, o calor humano em toda a sua extensão. Era nítido e sensível o acordo corporal emanado pelos e pelas participantes, quando das propostas e ações por meio da música, do teatro, da pintura, do desenho e da expressão corporal. Neste momento, todos e todas, espontaneamente, se ocuparam de uma cartografia coletiva, revelando zelo e prazer com a arte-educação-ambiental, mais que presente em suas vidas, conjugando outros verbos, aqueles ausentes dos nossos cadernos pedagógicos, mas presentes na memória da herança cultural quilombola.

---

[75] Originário da Argentina, seu nome *leguero*, deve-se ao fato de que a sua sonoridade pode ser ouvida e alcançar, até duas léguas de distância. O instrumento é produzido a partir de um tronco de árvore oco, geralmente corticeira, revestido com pele de animais, curtida artesanalmente.

Ao acaso das participações tão naturais e verdadeiras, presenciamos expressões espontâneas, anotadas talvez como "respostas", fazendo parte de um contexto mais que singular na vida humana e ambiental da comunidade. Aqui, revelaram para o tempo presente, novos questionamentos, que outrora haviam ficado sem respostas.

Em todas as linguagens artísticas ali exploradas, as expressões evocavam: lutas, vitórias, conflitos, festanças, violência, pedido de respeito, a quebra de grilhões, o direito a terra e à vida. Estas manifestações, também ficaram expressas, no cortejo do fogo, onde todas e todos os participantes empunharam velas acesas para o alto, como que anunciando a "glória" pelos benefícios do fogo. Afinal, "o fogo comanda tanto as qualidades morais quanto as físicas. A sutileza de um homem provém de seu temperamento quente" (BACHELARD, 2008a, p. 74).

Em sentido de apreço aos benefícios do fogo à vida, o cortejo foi finalizado com a ação das velas sendo apagadas, na sua maioria, pelo elemento água. Talvez pela necessidade de expressar, por meio desta ação, a importância da água para toda a comunidade. E ainda, lembrar que, no seu cotidiano, realizam outro cortejo, aquele da "lata d'água na cabeça" [76], como procissão de fé, de reflexão e de resistência, pela ausência desse líquido tão precioso, na Escola e em suas vidas. É o que nos confirma a pesquisadora em Educação Ambiental, do Grupo GPEA, da UFMT, Profa. De geografia da rede pública, Priscilla Mona de Amorim:

> Segundo relatos, atualmente o principal problema enfrentado pela escola é a dificuldade de acesso à água, já que o poço que abastece a escola se encontra interditado por que desbarrancou, impossibilitando seu uso. Com a inviabilidade de usar o poço da escola, esta é abastecida pelo poço da comunidade, fato que é alvo de muitos conflitos (AMORIM, 2017, p. 54).

Mas é também essa mesma água, agora aromatizada, de onde retiraram a "nova" pedra, a pedra "despetrificada" pelo processo de sua re-energização, que ali

---

[76] Título de uma Marchinha de Carnaval de autoria de Jota Jr e Luiz Antônio, levada ao sucesso em 1950, eternizadas nas vozes das cantoras, Marlene e Elza Soares. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=mV0hTeXqXCM. Acessado em 14 out. 2019. Ela é também parte do título de Dissertação de Mestrado de Priscilla Mona de Amorim (2017). Disponível em: https://gpeaufmt.blogspot.com/p/banco-de-tese.html. Acessado em 14 out. 2019.

ficou submersa por todo o processo da Cartografia. A "pedra da esperança" - de um novo porvir -, "lavada" pela espiritualidade da força da água e da própria terra, refletindo a energia de cada participante dentro da comunidade, dentro da sua cultura, inseridos em sua resistência social e política. De volta ao recipiente da água, cada participante, assim como as pedras, "mergulharam" em sentimento e sensibilidade, retirando agora, outra pedra, não mais a sua, mas a pedra que ali foi colocada pelo outro, que traz outra força, outro calor e energia, numa troca de pertencimento, em um território irmão. Talvez aqui, a "Beleza do Gesto" (GALARD, 1997), pode ter suscitado nos participantes, a possibilidade da comunhão entre as forças e lutas ancestrais com as forças e resistências do tempo presente. "Os gestos de outrem aparecem como os índices de seu ser. Emitimos os nossos, sabendo que eles contribuem para revelar a pessoa que somos" (GALARD, 1997, p. 103). Parece-nos aqui que, a troca de energia praticada, ultrapassa os limites individuais, deixando transparecer uma relação indissociável, afetiva, coletiva e irmã entre todas e todos. Ainda, nos sinalizando nessa comunhão que, no Quilombo, todos e todas são UNOS, diante dos conflitos sociais.

> Os costumes locais resistem às forças que tendem a transformá-los e essa resistência permite entender melhor a que ponto nesse tipo de grupo a memória coletiva se apoia nas imagens espaciais (HALBWACHS, 2003, p. 168).

Conjugaram todos e todas, um fazer de diálogos com o interior e o exterior da escola e de suas salas de aulas, apostando numa só Comunidade, numa relação de dentro para fora. Assim, num só espaço de comunhão, convivência, habitação, de credos, pertencimentos, saberes e fazeres, emprestando sentido para que todos convivam em uma única *Oikos* sociocultural – um espaço onde todas e todos habitam, construindo assim, o verdadeiro sentido de uma educação restauradora. Entendo que, na dimensão coletiva, o grupo reafirmou que se sentem coesos com o próprio grupo. Que estão adaptados aos seus hábitos, pela essência cultural coletiva que lhes é peculiar. Por isso, "responderam" às ações com naturalidade e se assumiram na Participação Observante como um grupo com sentido coletivo, cuja

demonstração natural de envolvimento, revelou o calor do afeto do fogo e a iluminação do círculo dourado da fogueira.

> Quando um grupo humano vive por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas a seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele (HALBWACHS, 2003, p. 163).

Ao deixar "em aberto", os registros do Processo Formador, por meio da Prática Pedagógica da Cartografia do Fogo, entendemos que este elemento não se coloca na cena como protagonista, mas no pensamento coadjuvante, numa relação irmanada de processos e de forças cósmicas com os elementos da Água, da Terra e do Ar. Nesse "consenso" de práticas e desejos cartográficos do Processo Formador, os participantes em suas ações, nos afirmaram que, juntos, foi possível também, conjugar um processo pedagógico, desenhado socioambientalmente, pela metodologia da Cartografia do Imaginário (SATO, 2011a), em comunhão com os propósitos dos anseios da Comunidade e do currículo escolar quilombola.

Assim, entendemos ter ficado registrado, para um breve futuro, uma pedagogia com possíveis caminhos para o encontro de Justiças, que possam cuidar do clima e de suas mudanças e injustiças climáticas ambientais. Ou ainda, entender o labirinto onde nos encontramos diante de tantas interrogações ao longo do processo da pesquisa, mas sem perder de vista, que podemos juntos, "reconstruir a condição humana em querer mudar a vida, reinventando a paixão"! (SATO, 2011a, p. 2).

Para cada entrevistado, fiz um relato do que se tratava, esclarecendo sobre os objetivos da pesquisa, colocando a entrevista como uma das partes desses objetivos, como também foi a Prática Pedagógica da Cartografia do Fogo. Assim, expus sobre os direitos de cada entrevistado (a), ficando eles e elas, bastante à vontade para falar e expressar, somente aquilo que lhes fossem de livre e espontânea vontade.

Uma das preocupações na realização das entrevistas foi a de tentar criar um espaço de diálogo e conversas informais, para deixar os participantes à vontade. Outra foi também, a de não causar nenhum desconforto com a utilização de um aparelho de celular nas gravações das entrevistas, em áudio. Assim, me dediquei a

registrar a maioria das entrevistas com o grupo de moradores e moradoras da Comunidade, no caderno de campo. Esse dado me trouxe uma aproximação maior com alguns entrevistados (as), sobretudo com os moradores e moradoras da Comunidade, embora eu já soubesse ser este dado, mais exigente para mim, no momento do registro de todas as entrevistas e seus detalhes. Ainda, procurei caminhar com cada pessoa, pelos quintais, ao redor das residências, tentando conhecer o envolvimento de cada um, uma, com a sua realidade ambiental: o que plantam; do que mais gostam de plantar; das vegetações ornamentais e ervas medicinais mais presentes; a presença de animais, enfim, conhecer a paisagem ambiental no entorno do cotidiano de cada pessoa. Embora esse universo não se remetesse de forma direta com a pesquisa, pode trazer mais conforto e naturalidade para todos nós. Com essa oportunidade, fui percebendo que ao relatarem sobre as espécies de vegetações mais presentes no solo, surgiram, inconscientemente, informações sobre: clima e mudanças climáticas; ausência de água na residência; cuidados com o tempo da seca na região e, sobretudo, alertas sobre a incidência do fogo, nas plantações em tempo de seca. Talvez, esse elemento pode me afirmar que, em algum momento, os diálogos sobre o clima, contidos nas palestras e nas Cartografias de Aprendizagens, puderam contribuir, em parte, com o grande grupo de participantes.

Os procedimentos para o registro das entrevistas apresentadas tiveram dois momentos/espaços: um momento na Escola, com professores (as) e técnicos (as) e, outro momento, em residências de moradores da Comunidade, por se tratar de grupos diferentes, com atuações distintas na Comunidade. Em cada um deles, foram necessárias várias visitas, idas e vindas à Comunidade e à Escola. Isso, por se tratar do número de pessoas a serem entrevistadas, e ainda, coincidir com seu dia de trabalho na Escola, bem como o seu dia e horário de trabalho na lavoura e com as lidas domésticas.

Foram momentos de grande importância para a pesquisa, bem como para a minha pessoa. A minha interpretação desses momentos, poderá ser apreciada a seguir, no quarto capítulo. Trata-se de um dado imensamente desafiador para um

pesquisador, considerando a dimensão epistemológica que pude perceber diante da pesquisa, à luz da arte-educação-ambiental e da poética do pau a pique.

CAPÍTULO QUATRO
QUARTA JANELA:
BRISAS QUE ASSOPRAM E REMODELAM A *OIKOS*



Fig. 20 Quarta Janela da Casa da Cultura Quilombola.
Foto: Flávia Bertier, 2018

Na quarta e última JANELA da *Oikos* Quilombola, o "direito da janela" (SATO, 2011), perceber e sentir, "a apreensão de um mundo em devir que se oculta em seu interior (SATO, 2011, p. 6). Da mesma forma, ter a janela aberta como o olho do mundo, por onde podemos perceber e compreender os fenômenos internos e externos, presentes no entorno da *Oikos* Quilombola, tendo a janela como uma lente de aumento, na captura desses fenômenos.

A janela se fecha no momento do solipsismo individual, à busca de teorias, memórias e criação que consigam interpretar a pesquisa. Mas a janela deve ser aberta para que a lente aumente a práxis amalgamada da episteme. É hora de entreabrir a janela, entre a reflexão solitária e a vivência coletiva ao lume dos princípios da arte-educação-ambiental. No entrelaçar e tramar de janelas, trincos e cortinas, surge a poética do pau a pique, num contra-fluxo da arte-educação-ambiental. No pau a pique, o barro tem função aglutinadora entre terra e água. Ao secar, o barro protege por determinado tempo, a água contida no interior da madeira que, após esse tempo, a protege do fogo.

Assim pensando, interior e exterior estão interligados pela moldura da janela do mundo. De um mundo que se abre para fora e para dentro, pela pedagogia geográfica do vão de uma janela. "O exterior e o interior formam uma dialética de dissecação, e a geometria evidente dessa dialética nos cega desde o momento em que a fizemos aparecer nos domínios metafóricos" (BACHELARD, 1978a, p. 235).

As janelas da *Oikos* Quilombola é também, uma janela-mundo! Se nos encontramos dentro ou fora da *Oikos,* estamos situados no mundo. Num mundo imaginário, cujo estado físico em nosso pertencimento, pode ser construído, também, pelo nosso imaginário. Mais uma vez, Gaston Bachelard nos insere na fenomenologia do contrário, nos dizendo que a janela "tem a nitidez da dialética do ***sim*** e do ***não***, que tudo decide. [...] Nós nos damos conta de que a dialética do interior e do exterior se multiplica e se diversifica em inúmeros matizes "(*Ibidem,* p. 338, grifo do autor).

Quem sabe aqui, conseguirei atravessar a vidraça imaginária da janela da *Oikos* que habitamos, para interpretar, ao lume de conceitos, a minha vivência na Comunidade Quilombola Mata Cavalo, ao longo do processo da pesquisa. A interpretação das respostas será aliada à compreensão epistemológica deste pesquisador, cuja fenomenologia dos "resultados", poderá encontrar novos caminhos e respectivas epistemologias, para outras pesquisas. Assim, teremos as brisas do Quilombo assoprando na direção das pesquisas, para que estas possam ser remodeladas, no interior de outras *Oikos*.

Considerando a realização da Prática Pedagógica da Cartografia do Fogo, no interior da Casa da Cultura Quilombola, necessário se faz reafirmar, que se trata de um Processo Formador que dialoga com a pedagogia do Projeto Ambiental Escolar Comunitário – PAEC. Ainda, anotar como peculiar, a realidade do corpo físico da casa de que tratamos, frente às interpretações repercutidas durante o processo. Para tanto, peço paciência aos leitores e leitoras ao se aproximarem de cada ponto de um bordado feito a várias mãos, mas que agora, tentarei tirá-lo do bastidor, sozinho.

Trata-se de uma escrita, redigida a partir da praxiologia, assumida no fazer pesquisa pelo GPEA: construir um tratado cartográfico sempre em processo, mas que seja eminentemente COLETIVO. Na sua intersubjetividade, essa escrita é praticada num papel mata-borrão, que absorve todo o processo, desprovido de linhas físicas, mas que se encharca de conceitos. Essas linhas, mesmo que acompanhem as diferenças dos relevos da linha do horizonte, vão sendo construídas no conjunto da sua praxiologia e representa o anúncio fenomenológico de uma Cartografia Coletiva: "A Cartografia do Imaginário" (SATO, 2011a).

Relembremos aqui, o que já nos formulou, Carlos Rodrigues Brandão (2017), no Capítulo Três que, as entrevistas, na minha interpretação, terão "uma outra lógica":

> O que eu vi, ouvi, registrei, gravei junto a você, longe de você será convertido por meio de uma outra lógica, em uma outra narrativa que se destinar a ser compreendida pelos que compartilham comigo os meus saberes e segredos, na mesma medida em que, como um critério de legitimidade científica, deverá tornar-se algo incompreendido, mal compreendido ou imperfeitamente compreendido por você e os seus. E, justamente atestado de meu trabalho será transformar algo de sua cultura e compreensão, em algo de minha cultura e de minha pessoal e coletiva compreensão (BRANDÃO, 2017, p. 33)

Como foram três os grupos entrevistados: 1 - professores (as), 2 - moradores (as) da Comunidade e, 3 - funcionários (as) da escola, entre as perguntas realizadas, duas delas se repetiram em dois grupos: o de Professores e Professoras e o de pessoas da Comunidade.

A primeira pergunta: Em outro momento, em um Processo de Formação, tivemos a construção da Casa da Cultura Quilombola. Você deve se lembrar de que

ela foi uma solicitação da própria Comunidade. Você percebe que ela está atendendo as demandas da escola? Ela está sendo relevante para a Comunidade?

A segunda pergunta se repetiu em dois outros diferentes grupos: o grupo de pessoas da Comunidade e o de Técnicas da Escola: Você moraria numa casa de pau a pique, assim como é a Casa da Cultura Quilombola? Essa pergunta se justifica pela necessidade de tentar entender a ausência de casas de pau a pique na Comunidade. Ainda, pelo fato de a maioria dos (as) entrevistados (as) darem atenção cuidadosa ao ambiente doméstico onde vivem, mantendo seus quintais com plantações de ervas medicinais, jardins e pequenos pomares, embora as construções destas, serem construídas em material de alvenaria. Percebo que a arte-educação-ambiental continua presente no universo quilombola, tanto doméstico, quanto na lavoura, imprimindo compromisso pelo cuidado com a terra, sua vida econômica, com a saúde e a segurança. Nesse sentido, confirma-se que, as casas de pau a pique, na atualidade, geram desconforto, insegurança e ainda, destrato com o meio ambiente, pela retirada de grande material vivo, da natureza.

Pude perceber nas respostas da primeira pergunta sobre a "serventia ou utilidade e ocupação da Casa da Cultura Quilombola", que foi demonstrado significativo valor ao que foi questionado na pergunta. Isto se deu, ao ser identificado pelas entrevistadas que, no quesito ocupação da Casa pela Escola, as respostas entre as entrevistadas, são diferentes, entre positivas e negativas.

Vejo na identificação das respostas, dois pontos de vista: O primeiro positivo, pelo fato de uma das entrevistadas, ter residido por algum tempo, em uma casa de palha e ainda, frequentar a Casa da Cultura Quilombola constantemente, quando da sua passagem cotidiana pela Escola, julgando-a de grande importância para a cultura local. No segundo ponto, que considero negativo, percebi na resposta, a ausência da identificação com a casa, por parte de alguns Professores, no que se refere ao seu valor sociocultural e educacional. Mas reconheço tal postura, considerando que alguns desses professores, professoras e pessoas da Comunidade têm nas suas experiências de moradias, dados negativos, com relação à estrutura física desse tipo de Casa, que sempre lhes remetem à insegurança, morte de pessoas da família, entre

outros. Vejamos o que nos diz Gilbert Durand, em sua teoria sobre "As Estruturas Antropológicas do Imaginário" (2001):

> Foi frequentemente dito, sob diferentes formas, que vivemos e que trocamos a vida, dando assim um sentido à morte, não pelas certezas objetivas, não por coisas, casas e riquezas, mas por opiniões, por esse vínculo imaginário e secreto que liga e religa o mundo e as coisas ao coração da consciência; não só se vive e se morre por ideias, como também a morte dos homens é absolvida por imagens (DURAND, 2001, ps. 433, 434).

Na qualidade de pesquisador, absorvo dessa reflexão, uma dualidade de vida e morte. À vida, presenciamos o bem estar arquitetônico dialogando com a poética da *Oikos*, em toda a sua dimensão física, cultural e ancestral; fenomenológicas de uma natureza aparente. À morte, entregamos o medo, suscitado pela consciência do perigo que, uma arquitetura de pau a pique gerou num passado ainda próximo, um expressivo drama familiar.

Entre duas pessoas entrevistadas, uma respondeu de maneira negativa, ou seja, não moraria numa casa de pau a pique, justificando, em outras palavras, o que escrevemos acima.

A segunda depoente, disse que moraria numa casa de pau a pique, mas não a pratica. Uma, pelo fato de não ter na comunidade mão de obra disponível; outra, considerando que o material específico, onde mora, além de escasso, exige força física para retirá-lo e, segundo ela, disse não ter mais força para fazê-lo.

São depoimentos divididos: um pelo drama das chamas do elemento fogo, destruindo vidas de sua família; o outro, pelo apego ao pertencimento ancestral de ainda, tentar manter viva, as suas tradições culturais, mas, como lhe falta a experiência cotidiana de viver, morar em uma casa de palha e ou de pau a pique, nota-se nesse caso o "devir involutivo, a involução é criadora" (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 19). Assim, cria-se o desejo, a imaginação, alimentando a memória.

"Assim se explica como as imagens espaciais desempenham esse papel na memória" (HALBWACHS, 2003, p. 159), sobretudo na memória coletiva. Nesse sentido, encontramos na arte-educação-ambiental, uma relação praxiológica, na

tentativa de entender que essa entrevistada pode habitar uma casa de pau a pique, mesmo que, com a sua arquitetura ressignificada enquanto um Centro Cultural de vivências coletivas. Ali, aqui nessa *Oikos* de pau a pique, também se mora, reside e habita-se, temporariamente, na intenção de se pertencer ao espaço, sem que seja necessário, tê-lo por inteiro, em seu cotidiano. O espaço, ao qual se almeja gosto e prazer, torna-se nosso, reside na intimidade da nossa pertença de habitá-lo, tem afeição ancestral com as identidades, marcas e registros fenomenológicos de nossas vidas.

Respeitando os parâmetros distintos dos depoimentos, devemos observar que nos dois casos, a "memória coletiva" sempre está protagonizando, em uma espécie de tentativa de restaurar a memória dos grupos familiares do Quilombo. A estrutura da *Oikos* que é tratada nos depoimentos, pode ter ferido os dois grupos familiares. Tanto pelo drama instaurado na fenomenologia da morte, quanto pelo desejo restaurador cultural, sem sucesso. Então, pertinente entender que "[...] a estabilidade da habitação e sua aparência interior não deixam de impor ao grupo a imagem pacificante de sua continuidade" (HALBWASCHS, 2003, p, 159).

Nessa conduta da aproximação da "habitação e sua aparência interior" (*Ibidem*), continuo a arriscar, quando observo que, mesmo no estabelecimento do drama e do desejo, em ser restaurador, as duas entrevistadas se expõem rizomaticamente, "residindo" na espacialidade imaginária e íntima da Casa da Cultura Quilombola. Na Casa erguida em pau a pique, onde se instaurou o Centro Cultural do Quilombo; um braço-rizoma pedagógico da Escola; um corpo-rizoma de pertencimento para a Comunidade. Há nesse habitar de pertença, o universo rizoma pelo fato de as duas depoentes, ainda que, uma delas envolvida em um drama familiar, se demonstrar afeiçoada culturalmente com a existência da Casa e com a sua estética, ressignificada, na poética do pau a pique. É essa afeição que lhes trazem o estado rizomático de pertencimento, com o universo ancestral quilombola, que se estende e se expande no território do quilombo. Assim, percebem-se na Casa, o direito de suas várias entradas: portas, janelas e as suas frestas-rizomas, que respira

lá fora, no terreiro do Quilombo, pra trazer o rizoma da luz ao interior da Casa ancestral.

> Uma das características mais importantes do rizoma, talvez seja sempre ter várias entradas; nesse sentido, a toca é um rizoma animal que às vezes apresenta uma distinção clara entre a linha de fuga como um corredor de deslocamento e estratos de reserva ou habitat (DELEUZE; GUATTARI, 2010c, p. 10).

Assim, a Casa de que tratamos nesta pesquisa, ressignifica a estética ancestral, na procura de manter em outro tempo e lugar, o prolongamento da casa de outrora. É uma Casa irmanada pelas forças das suas raízes, que cotidianamente brotam e se rizomatizam no corpo do homem e da mulher quilombola. A Casa tem gemas em quatro espaços internos interligados; seu corpo físico brota das raízes-rizomas subterrâneas dos dutos dos cupins. Ela possui escamas em barro sovado; tem um telhado a espera de plantas vivazes e um possível jardim, com ramos floríferos. A Casa é raiz! É rizoma ancestral.

A interpretação segue agora, com outra temática da entrevista. Da mesma forma, terá uma observação a um único grupo, a quem foi dirigida a pergunta a seguir: A Prática Pedagógica realizada com a Cartografia do Fogo oferecida pelo GPEA - UFMT trouxe benefícios à escola e fora da escola?

Para esta pergunta, tivemos quatro respostas que, embora distintas, dialogam entre si, em função da presença, entre elas, de contextos como: Educação; Currículo Quilombola; Arte-Educação-Ambiental; Mudanças Climáticas e Formação.

De significativa importância, a percepção das entrevistadas que fizeram determinada relação entre a Prática Pedagógica da Cartografia do Fogo com a Educação. A evidência dessa relação aparece no sentido de, uma entrevistada, declarar o acesso a conhecimentos por meio das linguagens artísticas, em trabalhos com a "Educação formal", que não imaginava pertinentes. Esse dado aparece na fala de outras entrevistadas, ao assumirem que tal conteúdo ou contexto, deve fazer parte do Currículo Quilombola, pelo fato de dialogar com os anseios da Escola e da Comunidade e, ainda, colocar os alunos e alunas dentro do contexto quilombola, por meio da arte. Como vimos, é bastante evidente a força de uma Prática Pedagógica,

que consegue chegar aos alunos e alunas por meio da presença dos seus professores, cuja práxis, vai "estruturando a vida e a existência", como nos afirma a pesquisadora em Práticas Pedagógicas, Maria Amélia Santoro Franco (2015), da Universidade Católica de Santos:

> A pedagogia e suas práticas são da ordem da práxis; assim, ocorrem em meio a processos que estruturam a vida e a existência. A pedagogia caminha por entre culturas, subjetividades, sujeitos e práticas. Caminha pela escola, mas a antecede, acompanha-a e caminha além (FRANCO, 2015, p. 3).

Os elementos da água, terra, fogo e o ar, também receberam abordagens junto à Educação Ambiental, quando da fala de uma entrevistada. Ao considerar a Prática Pedagógica da Cartografia do Fogo como uma aprendizagem do Processo Formador, importante observar que uma entrevistada define esse momento, entre o antes e o depois. No momento **antes** da Formação oferecida pelo GPEA – UFMT, a entrevistada declara a ausência de formação continuada na Escola. Talvez, em decorrência da ausência de implementação de políticas públicas por parte da Secretaria de Estado de Educação - SEDUC. Sobre o momento **depois**, a entrevistada declara ter percebido maior envolvimento dos profissionais locais com leituras, na busca de outros conhecimentos, bem como, ampliar o conhecimento adquirido, em práticas educativas nas salas de aula.

O processo educativo exige, intrinsecamente, a busca de uma autenticidade, no cotidiano da Prática Pedagógica, em todos os níveis. Todo o processo educativo é um ato político pela sua ideologia, enquanto origem das ideias. Observamos no mestre maior da Educação, Paulo Freire (1996), sobre o que aqui exponho:

> Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 1996d, p. 15).

Importante perceber, nesse contexto, que a busca de conhecimento tem a pedagogia da Prática Pedagógica em ensinar e aprender. É um vir a ser educador e

educando, no seu devir pedagógico que muitas vezes, nos deparamos mais aprendendo, que ensinando. Carlos Rodrigues Brandão (2005) sempre nos salva com as suas epistemologias pedagógicas:

> Muita coisa que não sei, ainda, está guardada, está escondida dentro de mim. Do mesmo modo como está também nos diálogos que eu vivo com as outras pessoas. Pessoas com quem eu aprendo, enquanto ensino, e a quem eu ensino, enquanto aprendo (BRANDÃO, 2005, p. 62).

Ou seja, diante da "autenticidade exigida", necessário se faz um constante diálogo com as pessoas que também precisam dialogar comigo, para que assim, haja um crescimento de ambas as partes, um crescimento coletivo. Um crescer coletivo em sala de aula, como afirmou uma entrevistada, em perceber mudanças de posturas entre professores e alunos, após a participação destes, no Processo Formador.

A unanimidade aparece, quando todas as entrevistadas declaram a expressiva importância do Processo Formador realizado pelo GPEA – UFMT, junto à Escola Quilombola Tereza Conceição de Arruda, bem como, junto à Comunidade, há aproximadamente 14 anos. Nesse contexto, a "coda" da pergunta, finaliza a orquestração do Processo Formador, quando tratado sobre a contribuição da Prática Pedagógica, dentro e fora da Escola.

Dando prosseguimento, continuaremos a dialogar com o mesmo grupo de entrevistadas, ao trabalhar na Prática Pedagógica, com a temática da Justiça Climática. Considero o assunto/tema aqui tratado, necessário, importante, reflexivo e instigante. Porém, ainda bastante desconhecido em algumas comunidades, grupos de estudantes, de professores e professoras nas Escolas, como é o caso da Comunidade Mata Cavalo. De igual peso, acontece com os temas: Mudanças Climáticas e Injustiças Ambientais como sinalizou uma entrevistada em seu depoimento.

Adiante, a ausência de uma divulgação didático-metodológica sistematizada desses temas nos meios mais populares de comunicação junto à sociedade, sobretudo àquela em situação de vulnerabilidade, é outra preocupação. "No âmbito das soluções, os meios de comunicação e a publicidade tendem a difundir respostas às

alterações climáticas mais próximas dos interesses econômicos do que de alternativas desejáveis" (FUNDAÇÃO MAFRE, 2012, p. 14). Da mesma forma, "a mídia não tem dado o devido destaque à dimensão ambiental, já que tornamos "biodesagradáveis" na medida em que desafiamos o poder do capital" (SATO; SILVA; JABER, 2018, p. 17).

Essa seria uma contribuição na política socioambiental e cultural, que pudesse se projetar como um sentido *sine qua non,* sócio-educativo no cotidiano da vida cultural de toda a sociedade.

As catástrofes ambientais há muito já denunciam as necessidades aqui apontadas. Os colapsos do clima têm afetado toda a sociedade em desigual proporção. A ausência de Justiça Ambiental é uma realidade. A diferença está na sobreposição quantitativa por atingir as camadas mais vulneráveis, as menos favorecidas, as excluídas e as marginalizadas.

Os Processos Formadores realizados pelo GPEA - UFMT, nas comunidades aonde vem atuando, independente do objeto de pesquisa e respectivo objetivo, assumimos, todas as pesquisadoras e todos os pesquisadores, a temática em pauta, como conteúdo intrínseco aos projetos e suas respectivas dissertações e teses. Trata-se de um compromisso político e preocupação com a Educação, com a Educação Ambiental e com a Arte-educação-ambiental, em todos os níveis. Uma Educação pensada e praticada por este Grupo Pesquisador, em atender aos campos: social, ambiental, cultural, político e econômico, presente em toda e qualquer área de estudo e de conhecimento, no seio de uma comunidade, quando se tratar de educação ambiental e de arte. É uma prática que deve se colocar superior e premente no campo das vulnerabilidades mais presentes no mundo contemporâneo, em qualquer grupo social, em qualquer comunidade, em qualquer sociedade.

O contexto das necessidades epistemológicas não está em somente mudar os nomes dos componentes curriculares, mas sim, ampliar o compromisso dos educadores que as praticam. O contexto das necessidades praxiológicas, não está em mudar o clima, mas sim, o sistema que opera sobre ele. O contexto das necessidades axiológicas não está na criação ou mudanças das leis. Elas já existem! Mas está na

opulenta necessidade da ética e da política como dimensões sociais que jamais poderão ser esquecidas.

É com esse pensamento que compreendo a dificuldade com que alguns membros dos grupos participantes, esforçaram-se para compreender tais necessidades de superior emergência política, junto à Educação, pelo fato de se tratar de uma pauta desamparada politicamente, pelo setor público. Dado ao volume de atenções políticas que se desdobram no cotidiano quilombola, bem como ao contexto crítico de situações vulneráveis em que se encontram na Comunidade, há que se respeitar o grau de comprometimento de todos os grupos aqui citados, na busca de conhecer e perceber, o que parece ser invisível.

A maioria das respostas tem a presença de muitas dúvidas e poucas certezas junto aos temas. Trata-se de algo bastante delicado epistemologicamente para que se possa presenciar uma praxiologia a contento. Foram presenciadas, na Prática Pedagógica, as expressões cênicas, deflagradas com tamanha segurança, liberdade e espontânea iniciativa criativa com o intento de denunciar as injustiças ambientais presentes na Comunidade Quilombola, sobre abordagens aqui tratadas. Acredito que, por meio das apresentações, o grande grupo tenha se antecipado em dar, inconscientemente, atenção a outros contextos, inseridos em outras perguntas da entrevista.

A essas perguntas, foram apresentadas várias respostas, por meio de poesias, músicas, pinturas, desenhos, entre outras expressões, onde pude presenciar o domínio do grupo, em aliar a Arte à Educação Ambiental. Nítido perceber tal compreensão, irmanada ao contexto do Currículo Quilombola, tratando assim de escrever com outras palavras, não sonoras, a qualidade do que praticam na Educação Escolar, no Quilombo. A presença do Fazer-Arte estava explícita no desejo que todos demonstravam em fazer parte de "uma apresentação", embora o elemento "apresentação", enquanto elemento artístico, não estivesse previsto nos objetivos da Prática Pedagógica. Mas entendo a intrínseca maneira com que a arte nos contagia diante de oportunidades tão pouco oferecidas no contexto escolar. E, afirmando, sei

também, ser esta área do conhecimento, primordial para o desenvolvimento da "dimensão estética" do ser humano. Como sabemos que,

> O ensino da arte deve ser meio primordial em manter vivo o espaço para a "dimensão estética", enquanto afirmação de uma das atividades humanas mais significativas e vitais para a compreensão da alfabetização artístico-estética do indivíduo (LOPES, 1993, p 12).

Nesse sentido, compreendo que na "dimensão estética" tratada acima, pela pesquisadora e educadora em arte, Almerinda da Silva Lopes (1993), esteja assinalando para o que na atualidade tratamos como "letramento", quando reafirma a necessidade de se aprender a ler e escrever, em outras áreas do conhecimento, como no caso da arte. Compreendamos o que a pesquisadora, ainda justifica:

> Assim como para ler e escrever textos é preciso que sejamos alfabetizados na língua, para ler e interpretar textos visuais, sonoros, corporais e teatrais é preciso uma alfabetização artístico-estética específica de cada linguagem expressiva. A alfabetização artístico-estética se dá por meio da leitura de mundo, enquanto possibilidade de interpretação da realidade, que envolve a razão, a emoção, os sentidos (LOPES, 1993, p. 14)

Assim, adentraremos na dimensão da liberdade de expressão, bem como a comunicação consigo, com o outro e com o mundo à nossa volta, praticando assim, a leitura de mundo. Portanto, "trata-se de uma experiência com o mundo empírico, com a cultura e a sociedade, pelo processo de gerar significados, pelas leituras pessoais autossonorizadas do mundo fenomênico e das paisagens interiores" (BARBOSA, 2008a, p. 12).

Trata-se de compreender facilmente, outro dado, muito presente em todo o universo da pesquisa. Acostumados com as questões práticas da nossa vida sociocultural, a epistemologia muitas vezes é redigida pelo nosso próprio corpo: pelos gestos, pelo tom de voz, o ritmo de cada caminhar, as preferências musicais, o gosto estético denunciado inconscientemente, o modo de ver e sentir a si e ao mundo, as conversas guardadas na intimidade do grupo. Essas ações se apresentam como sendo uma linguagem que carrega, naturalmente, outra forma de escrever, denunciar, inquirir, responder.

No contexto de apresentar "respostas", os participantes acabaram por anunciar, denunciar o seu grau de educação, os traços de sua herança cultural e o nível de escolaridade percorrido; muito natural num grupo diverso, que pratica no cotidiano escolar e comunitário, a Educação Popular. Uma educação popular que, na realidade do Quilombo, tem partido de uma também realidade sociocultural e política, buscando mesclar a praxiologia dessa realidade cultural com a epistemologia dos componentes curriculares quilombola. Com esse intento, acabam por se comprometer com a axiologia, mais que presente em seus compromissos políticos e éticos com a Educação. Acredito que o Diretor do Instituto Paulo Freire e Professor da Universidade de São Paulo, Moacir Gadotti (2007), pode contribuir com o nosso pensar:

> É verdade, a educação popular hoje se constitui num mosaico de teorias e de práticas. Mas elas têm em comum, nas diversas partes do mundo, o compromisso com os mais pobres, portanto, com a emancipação humana. São perspectivas razoáveis, sérias, fundamentadas, cotejadas constantemente com a dureza dos fatos. Todas refletem uma recusa à educação do colonizador. Não uma recusa oportunista ou servil, mas uma recusa utópica e amorosa; uma recusa que aceita duvidar das próprias condições de produção científica e das certezas alcançadas, para evitar a mistificação da razão prática (GADOTTI, 2007, p. 25).

Acredito que tal espontaneidade tenha sido evidenciada, pelo fato de a maioria dos participantes, estarem intrinsecamente, irmanados com a intimidade do contexto sociocultural e político da Comunidade, da Escola e do Quilombo. Ainda e, sobretudo, por estarem todos, no interior da Casa da Cultura Quilombola – espaço que prolonga, culturalmente, a vida íntima do grande grupo na Comunidade. Essa relação corpo-homem-mulher com o corpo-casa-ancestralidade, talvez esteja nos dizendo: somos feitos de barro, como foi erguida a casa de pau a pique. Ou seja, estamos falando de dentro da *Oikos* Quilombola. Aqui, só mesmo Maurice Halbwachs (2003), com a sua epistemologia da memória e sua fenomenologia do espaço, para nos brindar:

> Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada

> detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável (HALBWACHS, 2003, ps. 159, 160).

Desse modo, fácil também entender e perceber que, entre tantas vulnerabilidades socioambientais presentes na Comunidade Quilombola: ausência da água potável; aridez do solo; a seca das nascentes, rios e minadouros; a constante presença das queimadas criminosas, entre tantos outros, são fatores por anunciar a eminente necessidade de se aproximarem de estudos correlatos às temáticas de que aqui tratamos. Nesse sentido, presenciamos a real evidência da crise climática, atuando no interior da Escola, da Comunidade, do Quilombo e na vida dos quilombolas, o que, muitas vezes, fogem à interpretação do grupo, pela também ausência de debates sobre o tema. "O segundo elemento estruturador da complexidade da crise climática diz respeito ao conhecimento existente sobre o fenômeno, à comunicação e interpretação do mesmo e à percepção final do público" (LIMA; LAYRARGUES, 2014, p. 79)

Observamos que as catástrofes ambientais, em todos os seus níveis e dimensões de vulnerabilidade ambiental, presentes no universo do território quilombola, são de todo, sabidas pelos presentes da Prática Pedagógica; embora estejam acostumados a conviver, com outras terminologias. As catástrofes de que tratamos estão presentes em seu cotidiano e são atingidos há décadas, convivendo diretamente com injustiças ambientais, das mais diversas. O elemento novo são as nomenclaturas que aparecem nas práticas pedagógicas dos Processos Formadores que, muitas vezes, não são da lida cotidiana do grande grupo, em diversas comunidades. Dada à ausência de implementação de uma política pública específica em Educação Ambiental, esses contextos, temáticas e assuntos, com sentido educativo, junto à rede pública estadual de Educação, demora a chegar aos ouvidos comunitários, aos seus cadernos de exercícios escolares cotidianos, por falta de comunicação; mas também, por falta de muita vontade política.

Agora caminho no diálogo, para tentar interpretar uma última resposta do grupo de pessoas moradoras da Comunidade, na conversa introdutória à Entrevista,

quando duas delas trataram a Prática Pedagógica como um "curso". A Prática Pedagógica é parte intrínseca aos Processos Formadores e tem a marca da formação para a educação, com Professores, Professoras, estudantes e Técnicas da Escola. Dialoga com o cotidiano da Comunidade, com a cultura popular na vivência socioambiental aos participantes das diversas profissões que estiveram na *Oikos* Quilombola, nessa roda de diálogos corporais. A Prática Pedagógica é uma ação de aprendizagem do Processo Formador, dirigida a todos e a todas as pessoas da Comunidade, das mais variadas formações e profissões, com o mesmo contexto. Portanto, no contexto da sua terminologia, está intrínseca a formação, a capacitação, a vivência, a oficina, a aprendizagem, entre outras terminologias, comumente praticadas. Para muitos deles e delas, o termo "curso", toma evidência corporal e sonora da linguagem, por ser um termo comumente praticado pela maioria, na Comunidade. Então, temos agora, a interpretação para a seguinte pergunta: O que você mais gostou do curso? E o que menos gostou? Explique.

Confesso a minha dificuldade em interpretar as respostas a essa pergunta. Ao mesmo tempo em que vejo nas respostas, determinada naturalidade, vejo também, certo receio por parte das entrevistadas, ao se depararem com a segunda parte da pergunta: [...] o que você menos gostou na Cartografia do Fogo?

A alegria física no tom da voz é nítida na primeira parte da resposta. O corpo está vivaz, transcende beleza e contentamento em ter participado do "curso". É percebida a naturalidade com que responderam e "encenaram" com os braços, quando citam "os enfeites" - cenográficos produzidos na ornamentação da Casa Quilombola - para o momento da Cartografia do Fogo.

Parte da cenografia empregada na ornamentação da Casa Quilombola é uma representação do que se pratica nas festas de Santos, no Cerrado ou Pantanal e em toda a dimensão do Vale do Cuiabá, agregando valor antropológico às manifestações da cultura popular. Talvez aqui, resida a identificação dessas entrevistadas, que participam e produzem tais elementos cenográficos, nas festas de Santos da sua Comunidade.

Nos dois depoimentos, me parece nítida a presença do popular, atuando como uma afeição à cultura local e ao que é praticado, comumente, por grupos da Comunidade. A Casa pode ter sido, para essas entrevistadas, no momento da Cartografia do Fogo, a reunião imaginária de um conjunto diverso do popular, dialogando com a cultura local e operando sobre o sentido do que gostam de ver, participar e sentir. "O popular não consiste no que o povo é ou tem, mas no que é acessível para ele, no que gosta e no que merece sua adesão ou usa com frequência" (CANCLINI, 2011, p. 261).

A "Feira na Escola", tratada por uma entrevistada, descrita anteriormente, é uma Feira Sociocultural e Educativa, realizada pela Escola Estadual Quilombola Professora Tereza Conceição de Arruda e por toda a Comunidade. Acontece no amplo espaço do pátio da Escola, no interior e exterior da Casa da Cultura Quilombola. Trata-se de um Projeto interdisciplinar, realizado anualmente, onde um dos objetivos é o de culminar os componentes curriculares, trabalhados em todos os níveis da educação básica. Desse trabalho, têm-se apresentações de danças típicas da cultura local e de matrizes africanas; exposições fotográficas; comercialização de variado tipos de arte e artesanato, comidas típicas, doces, entre outros produtos da produção artesanal dos seis núcleos de moradores (as), que compõem o complexo da Comunidade Mata Cavalo.

Esse Projeto é realizado sempre no mês de novembro de cada ano, atraindo a visitação de diversos grupos de pesquisadores e de Escolas do ensino básico, de outros municípios vizinhos e também da capital mato-grossense.

Nesse dia, a Casa da Cultura Quilombola é utilizada na sua forma mais potente. É explorada enquanto espaço expositivo para visitação, bem como assume exposições e a comercialização de diversos produtos da Feira Cultural.

Como vimos, a Casa de que tratamos, solidifica, em seu corpo-casa-habitação, diversos elementos da ancestralidade quilombola, que o tempo se encarregou de fragmentar nas memórias. De tirar-lhe parte do corpo-casa, ficar esquecido em partes, por determinado tempo, esperando talvez, a feitura dessa outra Casa, em um corpo do tempo presente, restaurando nas memórias, o apreço em

praticar a sua frequentação, não mais como morador, mas como visitante. Um visitante, uma visitante que pratica a "experiência corporal do espaço" que agora, busca ou encontra na Casa, uma ou várias referências. Quem sabe, tentando re-construir não a mesma memória, mas ressignificar, inconscientemente, "um texto-corpo" nessa outra Casa. Em "A Casa Subjetiva" (2002), de Ludmila de Lima Brandão, Professora do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT, encontramos uma contribuição texto-corpo:

> Como construir não um texto sobre casas, mas casas com um texto? Que referência buscar para a produção de um texto-espaço que permitisse não apenas visualizá-lo, mas que afetasse o corpo-leitor, convocando-lhe outros sentidos, à maneira de uma experiência corporal do espaço?(BRANDÃO, 2002, p. 17).

Assim vejo a Casa da Cultura Quilombola, sendo agora, frequentada pela Comunidade, onde se praticam várias "experiências corporais do espaço" (BRANDÂO, 2002), como acontecido na oportunidade da Prática Pedagógica, com a Cartografia do Fogo e, de igual modo e presença, com a frequentação da Casa, durante da Feira Cultural, citada pela entrevistada.

Ainda me resta aqui, dar atenção a uma parte de uma das perguntas, sobre o que "não gostaram no curso". Foram nítidos os elogios, construídos com uma porção, culturalmente genuína das entrevistas, quando usam dos termos, "tudo bem feito"; "não tenho do que reclamar"; "foi tudo feito com muito gosto", entre outros.

Para a segunda metade da pergunta, as respostas foram curtas, mas existe nelas uma satisfação pessoal, declamada e declarada, ao peso poético da simplicidade com que tratam a imensidão íntima da vida cultural no quilombo. Tudo tem um apreço do singelo, do íntimo em si mesmo, do afeto dado às poucas coisas com que lidam, diante de tantas que lhes faltam; como sempre lhes faltam!

Acredito que para muitos dos participantes, sempre irá faltar muito mais. Faltará o afeto da ludicidade física ambiental presente no colorido da cenografia; o apreço físico corporal em se ver participando de um momento coletivo com os que lhes são caros; faltará a beleza do gesto deflagrado pela surpresa ao retirar da água, outra pedra, agora com a energia do outro; faltará a novidade da música e ou do

filme, projetando em seus ouvidos e memórias a imagem e som do fogo bom, aquele que nos alimenta de sentidos; também lhes tem faltado, a prática das rodas de conversas; faltará o dia, de se preparar com "roupa nova", porque "hoje é dia de curso", como disse uma participante no dia da Prática Pedagógica da Cartografia do Fogo.

Muito do que paira em nosso imaginário, muda de configuração, a partir de determinado momento, que nos muda por dentro, sem que queiramos nos ver mudado por fora. Assim, não denunciamos nossas próprias estranhezas de comportamento físico. "A partir desse momento, este não será mais exatamente o mesmo grupo, nem a mesma memória coletiva e, ao mesmo tempo, o ambiente material também não será mais o mesmo" (HALBIWACHS, 2003, p. 160).

Mas, nos alegramos com a outra "coda" desse fazer fenomenológico no interior da *Oikos* que habitamos. Pela participação efetiva da maioria dos participantes, junto às palestras, oficinas, mapeamentos culturais e práticas pedagógicas realizadas pelo GPEA, na Escola, no Quilombo Mata Cavalo. O nível e porcentagem com que responderam, de maneira compreensiva, sobre as temáticas trabalhadas, me foram mais que satisfatórios enquanto retorno praxiológico da epistemologia contida em nossos objetivos.

No processo cartográfico pedagógico, pude perceber nos corpos de cada participante, incendiados de resistências, acostumados com os conflitos na luta pelo direito de habitar, cuidar, produzir e viver no território quilombola, a tomada de um "esperançar" [77]. Trata-se de uma auto-impressão digital, registrada em suas xilogravuras corpóreas cotidianas. Que desafia a técnica dessa arte da gravura e cravam em duras madeiras, com goivas improvisadas, o eterno desejo de cuidar, um do outro. Assim, irmanam-se em imprimir CONFETOS – Conceitos e Afetos apreendidos nos cadernos de suas tarefas cotidianas, como um grupo que não perde a esperança e o desejo de praticar as suas próprias lições: de APRENDER e ENSINAR. É um grupo irmanado na consciência do fazer sociocultural, que tem as

[77] Segundo o filósofo e professor, Mário Sergio Cortela, é preciso ter esperança, do verbo esperançar e não do verbo esperar. Esperançar é ir atrás, não desistir. É ter uma postura ativa diante da vida. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n-tfnrVw6sE. Acessado em: 02 out. 2020.

suas tarefas cotidianas escritas sem a utilização do lápis ou da caneta, porque as escrevem, imprimindo com o corpo todo; portanto, se errar, não precisa da borracha para apagar. Eles reinventam a roda, e re-começam tudo outra vez.

Assim, vejo ainda, a Casa, como um "braço pedagógico" da escola, na educação escolar – espaço dos saberes, onde o ensinar e o aprender caminham bordando as destrezas de cada ponto, sendo costurados, no mesmo tecido, por várias mãos e agulhas, mas com fios de diferentes cores e texturas. Aqui, nessa *Oikos* de chuleios, pontos e arremates, o bastidor é o próprio corpo da *Oikos,* o seu Cosmos interior, urdindo conversas na intimidade circular da casa, na poesia da *Oikos topofílica*. A casa tem sempre sentido de educação formal-informal, prestando serviços à educação da família, à educação da terra, à educação do ser, à educação ambiental e, sobretudo, à arte. A Casa também pode ser utilizada como espaço de trabalho in-formal e pedagógico, pelos professores (as), coordenadores (as) e diretor (a) na construção e produção das epistemes que suscitarão em práticas pedagógicas, entre outras cartografias. Pode ainda, contribuir com visitações dirigidas e ou espontâneas. Ser uma sala de aula para momentos do "reforço pedagógico" na realização de tarefas individuais e ou de grupos de alunos; inclusive, orientados pelos pais e pelas mães. Espaço de ensaios de atividades socioartísticas e de frequentação sociocultural, de um momento de descanso da viagem, pelos turistas que ali transitam em direção ao Pantanal. Espaço a ser visitado por outras instituições culturais: de educação, pesquisa, lazer e de entretenimento. Um espaço que pode estar num vir a ser educativo, o espaço fora do espaço convencional da sala de aula. Nele, professores e alunos possam ressignificar a dimensão da educação escolar, numa roda de conversa, numa tarde de degustação de um precioso chá – elemento "científico" da cultura popular - iluminando de conhecimento as aulas do cotidiano quilombola. Ser um espaço onde essa outra maneira de exposição de saberes, poetisa a ancestralidade dos pais, mães, avôs e avós, para os filhos (as), netos (as) e bisnetos (as), numa outra maneira arte-educativa-ambiental de conhecer a história da sua gente, da sua família, do seu povo e, sobretudo, de se conhecer a história da sua VIDA!

CAPÍTULO CINCO
TELHADO VIVO:
OS ELEMENTOS NO HORIZONTE DA INCOMPLETUDE



Fig. 21 Telhado Vivo na Casa da Cultura Quilombola. Fonte: GPEA, 2015.

Agora é o momento de sairmos do interior da Casa – da *Oikos* Quilombola - para observarmos o seu **TELHADO VIVO**, onde no **QUINTO CAPÍTULO**, possamos refletir sobre **OS ELEMENTOS NO HORIZONTE DA INCOMPLETUDE.** Sobre elementos, que por ventura, não se completaram com a pesquisa, quando da nossa relação com a Casa da Cultura Quilombola – a *Oikos* que habitamos! Aqueles elementos que possam ter nos apanhado por algum sentimento e que "a rigidez do método científico da modernidade" (SATO, 2011a), por não sentir a energia imanente da poética, os fizeram se perder no percurso da viagem. Ou também, aqueles que, pelo tema e teor científico desta, migraram para outras pesquisas. Quem sabe, hibridaram-se em rizomas, nos dutos dos labirintos dos cupins e, pela ausência da praxiologia, não praticaram o devir alpinista, portanto, não chegaram até ao telhado. Assim, não compreenderam a força física da cumeeira da *Oikos*, que mesmo deitada em sua horizontalidade, encerra a verticalidade da

copa da Casa-árvore. É essa cumeeira que, como viga principal, erguida em pau a pique, sustenta a epistemologia da pesquisa e respira no Telhado Vivo e Verde, algo novo, que ainda esteja por vir. Eis um momento de conflitos, limites e potencialidades do pesquisador!

Numa viagem científica, os conflitos são muitos! É necessária atenção redobrada ao escolher o veículo adequado a essa viagem, que levará uma robusta carga de conceitos. Mas é também necessário saber qual a qualidade da estrada, da pista ou dos trieiros a percorrer, para não ter errado na escolha do meio de transporte. Os conflitos são elementos que muitas vezes podem corroborar na solução dos problemas e hipóteses da pesquisa, sobretudo, quando o caminho se bifurca. É esse o momento de encontrarmos com outros fenômenos na relação da epistemologia com a praxiologia, cuja cautela de um pesquisador sempre atento, será assessorada pela ética e política, para não termos que voltar do meio do caminho, com o transporte escolhido, nas costas.

Portanto, fiquemos por determinado tempo, analisando o processo da pesquisa, de cima da cumeeira, no exterior da Casa. Esse exterior é um mundo em pleno devir do habitar na fenomenologia do telhado - nossa árvore *Oikos* de duas águas, de duas copas. Nesse devir, nos apraz:

> O dever da árvore. É o direito do pensamento poético [eu com o mundo, na ressonância de uma energia centrípeta], fugidio nas palavras e ações, mas na intimidade de uma moldura que vê e sente o mundo (SATO, 2011a, p. 6).

São nessas "energias centrípetas e centrifugas" que queremos habitar; em seu movimento que circula, entre o piso de chão batido com terras de cupinzeiros e o Telhado Vivo da *Oikos* Quilombola. Essa energia que gera movimento do interior para o exterior da *Oikos* e vice-versa. É uma energia que nos contempla, em anotar as incompletudes que não tenham resistido ao movimento físico da pesquisa, mas que possam ter gerado outras energias, para futuras investigações. O pesquisador da UFBA, Roberto Leon Ponczek (2009), nos esclarece que: "o termo energia vem do grego ***energeia***, que significa "em movimento" ou "em funcionamento"" (PONCZEK, 2009, p. 130. Grifo do autor).

Com esse pensamento, podemos transitar e movimentar com os elementos no horizonte da incompletude de uma *Oikos*, com o devir da "energia centrípeta" destacada por Sato (2011a). Ou seja, "fazendo possível assim, haver movimentos não retilíneos", como nos alerta Ayres (2018, p. 21), mas, movimentos circulares, com a força da energia das copas das árvores, cuja clorofila, colore de verde as suas folhas, dando-lhes o direito de serem habitáveis.

> A árvore tem sentido imanente e transcendente: das raízes produtoras ergue-se um tronco que se verticaliza pela terra, com fúria rebelde contra a lei da gravidade, abrindo-se delicadamente em folhas para religar a terra ao céu azul (SATO, 2011a, p. 6).

E realmente o céu do Quilombo Mata Cavalo, sempre esteve azul, transcendente! Desde o momento em que lá pisei em seu território e assim será para sempre. Só me lembrei de marcar no calendário, o dia da ida. Agora, não sei se volto! Portanto, mesmo que esse ciclo investigativo precise ser fechado, nada será conclusivo. Outros ciclos serão abertos, como estarão sempre abertas, as portas da *Oikos* Quilombola, cuja cópia das chaves guardarei com muito zelo, para que outros pesquisadores e pesquisadoras, possam sentir o mesmo prazer em conviver com a *Oikos* que habitamos.

Num trabalho científico, o tempo é sempre curto e as tarefas parecem longas, intermináveis. Por se tratar de um Grupo Pesquisador, onde essas tarefas são coletivas, nada se pode esquecer a cada viagem. Trata-se de uma viagem investigativa e cheia de surpresas, com idas ansiosas e retornos repletos de indagações, muitas dúvidas e poucas certezas. Eis a fenomenologia do Caos em sua natureza aparente e ilusória. O ritmo dos compromissos da pesquisa se confunde com o ritmo da vida cotidiana no Quilombo. As inúmeras necessidades ali percebidas acabam por aumentar as nossas cumplicidades com a Comunidade.

Ao ser conduzido pelo GPEA e considerando o caráter coletivo da pesquisa, tudo parece ser amenizado no sentido quantitativo, com a soma dos esforços dos parceiros e parceiras da viagem. Mas a responsabilidade com a qualidade dos trabalhos que oferecemos à Comunidade começa sempre, com o compromisso

individual. A parcela de cada um tem que ser somada com qualidade relativa à dos demais pesquisadores. Um caminhar juntos, que ultrapassa os compromissos acadêmicos e rizomatizam-se em ética e política no interior de um Coletivo Pesquisador, e não de um indivíduo.

Assim, com o meu "dever da árvore" (SATO, 2011a), reproduzo as sementes que recomendo que sejam plantadas no futuro. Delas poderão nascer outras e novas pesquisas. Que brotarão de fertilidade no território quilombola, trazendo-lhes a soma singular no encontro com a Água sempre minando da terra. Com a Terra em seu estado mais fértil de sadia; com o Fogo que será aceso de dentro da *Oikos*, iluminando de vigília, o breu dos conflitos do quilombo, e com o Ar, respiraremos com a Escola e com a Comunidade, a reformação de uma Educação Popular, como novos ritos científicos de passagens, emanando de prazer, em realizar uma pesquisa fenomenológica.

5.1 No horizonte que me encontrei com a pesquisa

Nunca tive a oportunidade de morar em uma casa de pau a pique, embora tenha convivido com o interior dessa arquitetura, por toda a infância e adolescência. Mas pela força orgânica de afeições por essa estética e pela força imanente da alma, parece que resido numa delas, há séculos. Talvez a fenomenologia do habitar e a "Poética do Espaço" (BACHELARD, 1978a), ao me cobrar esse devir, sinalizam que deveria ser feito por meio de uma tese de doutorado. Aqui estou! De corpo e alma! Afinal, "nossa alma é uma morada" (BACHELARD, 1978a, p. 197).

Tão logo adentrei a Casa da Cultura Quilombola, na Comunidade Mata Cavalo, ali pratiquei em meus devaneios do habitar, a energia de uma pesquisa. Havia encontrado em mim, um desejo à primeira vista. Tudo parecia uma solução! Grande engano! Havia encontrado um "problema". Aliás, "vários problemas" que a beleza da estética da Casa e o zelo aparente na sua ambientação, esconderam de mim, o que estava por trás da edificação de uma casa, de uma simples casa, presente em meus devaneios de escultor, ceramista, bordador, catador de restos, frequentador

de lixões. E, por trás da beleza dessa edificação, a complexidade se fez presente em todo o percurso da pesquisa, nos informando que, entre o chão batido com terras de cupinzeiros e o telhado vivo, muito se tinha a pesquisas, estudar e aprender.

Ali começou o meu aprendizado sobre a Casa, com o povo quilombola. Tanto do ponto de vista físico da sua edificação sobre o modo de fazer, quanto do ponto de vista fenomenológico e epistemológico do mundo científico. Mas foi necessário também, entender que a Casa está situada no quintal da Escola, e esta, no quintal da Comunidade Quilombola. E não se trata tão somente de uma Comunidade, mas de um complexo de seis Comunidades, onde todas estão interligadas fisicamente, historicamente, culturalmente, socialmente e politicamente, pela sua ancestralidade. Seis Comunidades que tem a Escola e a Casa como elementos intrínsecos à vida social. Então, o problema a ser estudado era de superior complexidade social, ambiental, educacional e política, diante de um olhar que estava, até então, fixado na poética do pau a pique. Assim, desci do palco de uma representação imagética e passei a frequentar a escola-oficina de saberes do cotidiano quilombola. Fui aprender com estudantes, professores e professoras, técnicas e, moradores e moradoras da Comunidade, como se faz; ou seja, o modo de fazer! Como se estuda e como se pesquisa quando se quer tratar de coisas que pensamos serem simples, mas que na sua força genuína e singular, cobrou do pesquisador que se devia primeiro, estudar sobre seres que ficam no andar de baixo, no subterrâneo da *Oikos*. Então, me dediquei a estudar sobre a vida dos cupins, para entender como seres não humanos vivem em suas colônias e nos ensinam que "a vida em comunidade não é uma peculiaridade humana" (GOMES et al, 2014, p. 448).

Portanto, foi necessário estudar com esmero. Ir além do que estava expresso na palavra Casa Quilombola e em suas paredes que me romantizavam o desejo de morar em uma delas. Foi preciso traçar um roteiro onde eu pudesse encontrar no "problema da pesquisa", "respostas" que viessem a contribuir com a Escola e com a Comunidade, oferecendo-lhes possíveis caminhos, de novas descobertas junto à Educação e à vida social dos quilombolas.

A par das discussões científicas, foi um significativo desafio trabalhar na ancoragem da arte-educação-ambiental e, sobretudo, com colapsos climáticos e injustiças ambientais. Essas temáticas, para um arte-educador, foram de tirar o fôlego! Mas pude respirar sem tantos colapsos e conflitos, pelo fato de também ser ator e, o conflito, a alma da linguagem teatral.

Acredito ter cumprido com o roteiro da pesquisa, bem como, praticado uma relação com a Escola e com a Comunidade que possa nos ter trazido outras inúmeras interrogações, além daquelas que foram salvas no processo da pesquisa com a Prática Pedagógica, no Processo Formador.

É sabido que uma pesquisa não nos traz somente respostas positivas ao agrado de um pensamento de vitórias. Elas nos ensinam que as verdades ali contidas, constroem uma realidade instigante em nós, nos estimulando a continuar, mesmo que as dúvidas estejam presentes. A pesquisa nos alimenta de novos sonhos, para que possamos prosseguir, acreditando no ato de pesquisar como parte imanente de todos nós. Esse desejo é o desafio do estudante que, se dedicado, poderá encontrar novas descobertas.

Uma significativa emoção que ouvi no processo das entrevistas e que muito me fez refletir sobre a pesquisa e sobre a vida, foi quando perguntei a uma moradora do quilombo, se ela moraria numa casa de pau a pique. Quando ela inicia a responder, justificando por meio de um drama sócio-familiar, sobre a ação do fogo físico em sua vida e finaliza dizendo que não moraria. Calei-me e respirei pra entender. Percebi nesse momento, o quanto uma pesquisa em educação pode nos revelar conflitos individuais e coletivos; políticos e sociais. Repeti essa mesma pergunta a outras moradoras entrevistadas, mas para mim, as respostas foram esclarecedoras, bem como a sua veracidade humana, pessoal, social e política. Eis a fenomenologia do drama social, invadindo de emoções a tarefa do pesquisador, sem que este possa sequer, desequilibrar da ética científica, para usar desse direito.

Por mais que se cumpra com o roteiro construído, o pesquisador pode não chegar ao destino desejado, mas sim, a um destino vivido. Um destino que, ao dialogar muito de perto ao longo do processo da pesquisa, com a metodologia

escolhida, não tenha se irmanado de ambivalências. O fenômeno da ambivalência está sempre presente na pesquisa, em diversas situações, sobretudo, nos elementos, ações e atitudes que nos apanham de surpresas, por parte de todos: de atores pesquisadores e de atores pesquisados. Aqui se aprende as lições também com as surpresas, onde é sempre pertinente saber recuar, esperar, ponderar, dosar o tempo fenomenológico das interrogações, para não se ter respostas desprovidas de uma praxiologia do seu valor sociocultural e político. Muito se aprende, até mesmo com o ato de se chegar na hora marcada. Um atraso físico pode também atrasar a ressonância pessoal do pesquisador, e ainda, pode retirar do grupo, as vibrações estimulantes para com o trabalho coletivo com a Comunidade a ser pesquisada. Essa quebra de ponteiro pode deixar o grupo pesquisador sem saber, por determinado tempo, como consertar o relógio. Muitas vezes pode não ser um dado técnico, mas sensível pra se entender. Nesse caso é necessário respirar junto com as voltas da corda do relógio, enquanto o tempo passa, leva-se toda a fenomenologia do tic-tac, que marcará para sempre, o horário que não foi cumprido, mesmo que essa sonoridade fique guardada como uma pequena relíquia no coração, não do pesquisador, mas do ser humano que ali esteve presente.

De igual maneira, deve-se atuar com o grupo pesquisador. O ajuntar-se ao coletivo deve ser cauteloso, lento, silencioso e modesto. Deve-se saber esperar o momento em que lhe ofereçam um banco pra sentar na roda e ser um observante, ouvinte das conversas! E nessa espera, oferecer-lhe os ouvidos de aprendiz e saber dar tempo ao tempo. É preciso entender o tempo individual e o tempo coletivo. O ritmo interno e externo do grupo é sempre um desejo de que jamais seja alterado. Tarefa impossível! Toda a presença de determinado ser em um mesmo espaço, altera-se o calor interior dos ânimos de qualquer coletivo. Como nos afirma Sato (2011a, p. 6), "fogo [transformação] - na combustão da chama, a mudança desejada, o processo de busca, de envolvimento e de engajamento". Tudo se ressignifica com a nova outra presença.

Talvez tenhamos mais interrogações do que respostas com certezas, se além das entrevistas, considerarmos também nossas "observações participantes"

(FROMM, 1960) dos gestos, atitudes e ações realizados. O sorriso que agradou ou a cara mais séria de memórias não tão alegres. Sofrimentos nas rugas, mãos calejadas. Dos suspiros, olhos fechados e de silêncios. Como interpretar estas linguagens com tanta segurança? Interpreto, assim, ao lume de minha ontologia, cujos valores edificados na travessia desta pesquisa refletem, inevitavelmente, minha existência. Não há dúvidas de que uma pesquisa tem a exigência epistemológica abraçada à cuidadosa práxis. E que ambas se entrelaçam no axioma de minha vida.

Aquele que está chegando, deve ser mais um observador coadjuvante, que um esperto protagonista. Assim não implicará dispersões ou confrontos indesejados. É preciso chegar com o desabrochar das flores "onze - horas", que se abrem as nove com o calor do sol, e se recolhem com a sombra, repousando à noite, para retomar a sua cor original no dia seguinte, com a mesma beleza. É mais um aprender que ensinar. Muito mais ouvir que criticar. Eis a fenomenologia da humildade; difícil nela, a acepção humana. E assim aprendi!

Desse modo, os dois grupos: de atores pesquisadores e de atores pesquisados, devem juntos, reorganizar a Casa. Observar o que aprenderam ao longo de todo o processo e saber dosar as emoções para poder considerar fortuito, aquilo que por ventura, não seja mais necessário estar em primeiro plano. Muitos cacos vão se soltando, quebrando em pedaços, pela força do movimento centrípeto e natural do processo da viagem. Ao reorganizar a Casa, esses cacos podem se transformar em *flor-de-cacos* [78] para o jardim de uma nova *Oikos*. Assim, essa casa pode ser edificada por outras novas pesquisas, ficando as boas lembranças, registradas em pétalas de louças, fixas na memória da beleza de nossos jardins, mesmo que esses cacos, tenham

[78] Nome que adotei para as flores que crio, feitas com cacos de louças de utensílios domésticos que vão sendo quebrados em minha casa, mas que também recolho no lixo, ganho de amigos e parentes e passam a ser *flores-de-cacos*. Um tipo de objeto, ornamento escultórico, inspirado na arquitetura espontânea da "Casa da Flor", de autoria de Gabriel Joaquim dos Santos (1892 – 1985), construída entre 1912 a 1985, na cidade de São Pedro da Aldeia, estado do Rio de Janeiro. Disponível em: http://7dasartes.blogspot.com/2011/02/casa-da-flor-de-seu-gabriel-joaquim-dos.html. Acessado em 03 marc. 2020.

como origem, o lixo. Nada se joga fora, tudo tem sentido e dimensão praxiológica, na fenomenologia da imaginação do espaço. A pesquisa é sempre um espaço de investigação a ser descoberto, mesmo depois que se julgue ter acabada.



Figura 22 Flor-de-caco
Arte e Foto do Pesquisador, 2019.



Figura 23 Flor-de-caco
Arte e Foto do Pesquisador, 2019.



Figura 24 Flor-de-caco
Arte e Foto do Pesquisador, 2019.

Portanto, os riscos são inevitáveis! Realizar uma pesquisa é como se expor em uma peça teatral. As histórias sobre o processo de sua montagem são sempre muito ricas; recheadas de boas e saudosas lembranças, de tensos conflitos. Mas ninguém consegue "mensurar" as discussões dos resultados. Nem sempre o volume dos aplausos que ressoam na plateia, pode ser significado de sucesso! Mas vale muito, ouvir um Bravo!!! Pela coragem em correr riscos.

Acredito que todos os riscos podem nos trazer conhecimento e nos levar a prosseguir! Como exemplo, os que corremos ao realizar a Prática Pedagógica da Cartografia do Fogo, no interior da Casa da Cultura Quilombola. Embora adequada com seu espaço físico ao conforto de todas e de todos os participantes, lidamos com o elemento fogo no seu interior e exterior. Uma Casa que, na sua realidade física, possui significativo volume de madeira e de palha. O mesmo material empregado em diversas casas de pau a pique, já destruídas pelo fogo, quando dos conflitos com fazendeiros vizinhos, na luta pelo território quilombola.

Durante o processo da elaboração metodológica da Cartografia do Fogo, tivemos a preocupação e o cuidado de não provocar nenhuma insegurança aos participantes, quanto à presença física do fogo, junto a Casa. Mas, confesso em particular, a minha preocupação, sobre o grau e o nível da receptividade dos

observantes com o elemento fogo, presente nas atividades da Cartografia, uma vez ser este elemento, alvo de diversos dramas sociais no Quilombo, como o que já fora aqui, anteriormente evidenciado.

Foram muitas as surpresas na exposição de todas e de todos os participantes na demonstração de suas leituras e interpretações sobre o que acabaram de contribuir e integrar, junto à Cartografia do Fogo. Em um dos grupos, o elemento fogo esteve presente na formulação da apresentação, cuja performatividade dos integrantes, denotou: coragem, liberdade, domínio, segurança e, sobretudo, prazer. Eis a fenomenologia da química do fogo! "O fogo é talvez, o fenômeno que mais preocupou os químicos" (BACHELARD, 2008a, p. 91), seguramente!

Com essa cena fenomenológica, que cuidou de correr riscos na ocupação praxiológica da *Oikos* Quilombola, presenciamos a união de dois fenômenos muito presentes na arte, sobretudo no Teatro: o estabelecimento de um conflito e o acreditar em correr risco. E, assim arrisco: só mesmo a intervenção da arte pode anunciar no corpo do ser humano, o estabelecimento do desejo de correr riscos com a prática do fogo. Esse fogo que nos incendeia de conflitos, mas nos aquece de coragem, em presenciar o calor vibrante das chamas. Assim, tem-se o prazer em sentir no corpo inteiro, a roda dourada das fogueiras. E mais, sentir o calor das mãos dos companheiros e companheiras, nos sustentando na roda.

E nessa fenomenologia química do fogo, estudantes, professores e professoras, técnicas da Escola, moradores e moradoras da Comunidade participaram, observaram e denunciaram que a química prazerosa do fogo, pode estar na sabedoria da sua condução. Na qualidade enquanto elemento fenomenológico da vida na natureza e nos seres humanos. E não, enquanto um elemento físico de conflitos.

Todos os trabalhos oferecidos como "resultados" da Cartografia do Fogo, foram apresentados à luz de linguagens artísticas. Diante desse fato, podemos entender que a Comunidade Quilombola está de mãos dadas com a Escola, num vir a ser presente na construção de uma Educação Transformadora, cuja praxiologia, presente nesses "resultados", anunciaram uma Educação Popular. Aqui, a

participação de moradores e de moradoras da Comunidade foi de real conotação no enfrentamento às adversidades dos colapsos climáticos e injustiças ambientais. Colocaram por meio das apresentações, um subtexto de cobranças de políticas públicas para com a educação ambiental. Destacaram a necessidade de uma vida digna com o permanente abastecimento da água, com um solo sempre fértil e que as epidemias presentes na propagação do ar, sejam queimadas, pela sabedoria na condução do fogo.

Por outro lado, o grupo de professores e professoras denunciou a necessidade de que, essa mesma tomada de política pública, consiga garantir a efetividade de um currículo quilombola sempre presente no cotidiano da Escola, na qualidade de um elemento que possa lhes devolver o prazer de ensinar, aprendendo com o cotidiano quilombola, em suas práxis, no interior da *Oikos*, que todos querem, podem e devem habitar.

Em nome de uma juventude sempre de corpo presente na Comunidade e na Escola, percebeu-se o natural engajamento sociopolítico e cultural dos alunos e alunas, por meio de suas participações, mais que competente de compromissos. Isso se deu, em função da participação dos jovens do ensino médio, por meio da Formação em Transmídia, com acesso ao conhecimento de conteúdo sobre: texto, vídeo, fotografia e áudio. Assim, puderam nos dar suporte técnico e praxiológico no registro documental de todas as Cartografias.

> Essa cartografia, ao conectar essas quatro mídias, primou pelo entendimento de que cada uma contenha um pedaço do todo que seja suficiente em si. Vislumbramos dar audiência aos problemas e virtudes da comunidade quilombola, tanto para as populações urbanas, quanto para si própria, uma vez que todo o material produzido será compartilhado em aplicativos e redes sociais. Cada um deles possui autonomia. No entanto, o conteúdo mais amplo do enredo estava na combinação de ambos (SANTOS SOUZA, 2019, p. 206).

A contento, nos apraz afirmar que era nítida a afeição de todas e de todos os participantes em frequentar a Casa da Cultura Quilombola, na qualidade de

observantes da Prática Pedagógica, na Cartografia do Fogo. Ali, demonstraram que o Processo Formador, realizado pelo GPEA, além de contribuir com o Currículo Quilombola e com a vida social das pessoas da Comunidade, sempre lhes trouxeram prazer. Nessa observação, os depoimentos dos presentes estavam pautados na maneira como a Casa da Cultura Quilombola foi transformada em um espaço jamais pensado no sentido da sua ambientação. Dessa forma, vejo mais uma oportunidade de a Escola e a Comunidade, fazerem uso da Casa, como um braço pedagógico da educação ali praticada, a contento de todas e de todos os quilombolas.

Ao que tenho ainda a observar, são as diversas posturas, ações e emoções reveladas no percurso do cortejo em volta da Casa. Pelo fato de todos e todas levarem velas acesas em suas mãos, imprimindo ali, mais uma ação do fogo junto aos seus corpos, o silêncio foi quase que unânime. Talvez pela ausência, proposital, de uma condução cênica, pelo grupo coordenador. Talvez, pelo momento lhes terem sido pegos de surpresa. Entre o silêncio de alguns; o canto "religioso" entoado por outros; e algumas lágrimas umedecendo a face, constatei que a ausência de uma "direção" cênica, foi acertada. E assim, o grupo caminhou em procissão, como um ato de fé, coragem e, sobretudo, de agradecimento por tantos benefícios recebidos da natureza em suas vidas. Embora saibamos que, no Quilombo, ninguém foge às resistências, diante de algum conflito.

5.2 No horizonte da chama do fogão de barro

Ao nos recolhermos, novamente no interior da *Oikos*, faremos nossa roda de prosa, bem perto do fogão de barro. Vamos acendê-lo com lenha de angico vermelho e preparar um fogo brando para que o café da tarde não saia apressado. Então, enquanto o calor do fogo aquece os nossos corpos e o cheiro do angico, a nossa alma, teremos tempo para pensarmos sobre o horizonte fenomenológico que habita as chamas desse fogão. Mas não desfaçamos a roda; e muito menos daremos um sabor de despedida! Vamos considerar de dentro para fora, algo que ainda pode ser reconsiderado. Olhar pelas frestas das portas e das janelas e deixar algo em aberto,

com a peculiaridade dos pássaros que fazem ninhos nas cumeeiras das nossas casas e sempre voltam para se reaquecerem.

Aprendemos na Metodologia da Cartografia do Imaginário (SATO, 2011a), que:

> Fenomenologicamente, não há nenhum trabalho conclusivo. De fato, em se tratando das descobertas científicas, somos seres inacabados. Mas num registro da pesquisa [dissertação, tese, artigo ou texto científico], precisamos dar um "fechamento". Para além de uma conclusão, o horizonte ainda se projeta lá na frente, numa espiral de possibilidades (SATO, 2011a, p. 17).

É com esse pensar que esse nosso trabalho de doutoramento se projeta, tendo a *Oikos* que habitamos – a Casa da Cultura Quilombola - como nossa relação de potencialidades da pesquisa, nos campos: "teórico (epistemologia) associado a um campo prático (praxiologia), sem jamais esquecer as dimensões da ética e da política (axiologia)" (BRASÍLIA, 2009, p. 13). E considerando a potencialidade do Quilombo em resistir aos colapsos dos conflitos socioambientais, as portas de todas as *Oikos* do Quilombo, sempre estarão abertas, aguardando que outras investigações se projetem "numa espiral de possibilidades" (SATO, 2011a, p. 17). É necessário entender que a Comunidade Quilombola Mata Cavalo e seu complexo grupo de vizinhança, sempre estarão com o seu território aberto às investigações a par de uma pesquisa social. Sobretudo, aquelas que, investidas da coragem de correr riscos e conviver com os conflitos, denunciem problemas que possam mitigar as situações de vulnerabilidade presentes nos diversos grupos do Quilombo. Ainda, aquelas que, cujos pressupostos da Educação Ambiental, tramitam com passos seguros com todos os grupos de agentes quilombolas, anunciando um novo respirar de devir para as causas ambientais, sociais, econômicas, culturais e políticas, junto ao Quilombo.

Sabemos da necessidade de que as pesquisas sociais estejam sempre amparadas do endosso político, social e acadêmico de uma Universidade promotora. Mas é impar pensar que os Grupos Pesquisadores trafeguem também com a ancoragem de um muro de arrimo, dando sustentabilidade ao contexto educacional, sobremaneira, ao Currículo Quilombola, com olhares atentos às ancoragens políticas e sociais da ARTE, da EDUCAÇÃO e da NATUREZA. E assim, ampare os seus pensadores populares e acadêmicos com formações formuladas a par de um

pensamento interdisciplinar, cujas salas de aulas, bem como, o terreiro do Quilombo, recebam a todos em geral. O Quilombo e a Escola necessitam de Processos de Formação que afugente os demônios das academias com conceitos hegemônicos e se abram à qualidade de uma educação com vistas à arte, à comunicação, à cultura e à vida ambiental de toda a Comunidade.

Para tanto, é sempre importante lembrar que em todas as pesquisas, poderá ter ficado algo inacabado, como compreendo esse dado, neste nosso trabalho. Ao olhar agora para o tempo que nos dedicamos a tantas idas e vindas à pesquisa de campo; as tantas reuniões que acabavam por nos travar a criação; nos encontros com grupos da Comunidade que nos encharcavam de pressupostos e cuidados com o ser humano em toda a sua diversidade; com os inúmeros materiais, objetos e equipamentos eletrônicos que jamais poderiam nos acarretar descuidos, afirmo que tudo valeu! Já é tempo de pensar adiante e transformar os erros em aprendizados para que outras investigações sejam elementos de novas inspirações em futuras pesquisas. Assim podemos nos dispor, para novamente, nos apresentar a essa mesma comunidade e ou a outras, para reaprender de outra maneira, agora talvez, sem tantos cuidados, que não sejam aqueles que não necessitem dos mesmos meios de transportes, e muito menos, das mesmas preocupações.

Então, o acampamento precisa ser desfeito! Recolher a lona antes da chuva; aterrar as covas das suas hastes de sustentação; guardar os apetrechos de dormir; devolver as tralhas de cozinha que ficaram secando no jirau; desarmar e guardar a rede e devolver o pote de barro emprestado. Mas antes, usar a sua água para regar a muda de Tarumeiro roxo[79] que deixamos como um marco de verde esperança e de paz.

---

[79] Árvore da família lamináceas (Lamiaceae), conhecida como Tarumã ou Tarumã da Várzea (Amazônia) e Tarumeiro (Pantanal). Característica das matas ciliares do cerrado e das matas de transição tem como uma das muitas qualidades a sua resistência ao sol. Árvore de grande porte, muito empregada na construção civil e conhecida pelos seus cachos de frutos e flores roxas. Na linguagem indígena Tupi-Guarani, o fruto Tarumã significa, "Fruta escura de fazer vinho". Instituída pelo Governo do Estado de Mato Grosso, em 20 de maio de 2013, como árvore símbolo de Mato Grosso. Disponível em: https://www.al.mt.gov.br/midia/texto/tarumeiro-e-instituido-arvore-simbolo-de-mt/visualizar. Acessado em: 30 set. 2020.

E, se a mochila ficou muito pesada na volta pra casa, posso ter o direito de recomeçar tudo outra vez! Refazer a lição de aprender, para entender que todas as coisas antes de serem guardadas, precisam ser, com os companheiros de viagem, compartilhadas.

Assim descobri que há uma *Oikos* Quilombola de pau a pique guardada em minha esperança de habitar!

PORTA DA *OIKOS*

REFERÊNCIAS



Fig. 25 Porta da *Oikos* - Casa da Cultura Quilombola (fundos). Foto do pesquisador, 2019.

ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Trad. Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária. Elefante, 2016.

ACSELRAD, Henri. **O que é justiça ambiental?** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ALMEIDA, Daniela dos Santos; PIRES, Thula; GUIMARÃES, Virgínia Totti. **Racismo Ambiental e a Distribuição Racialmente Desigual dos Danos Ambientais no Brasil**. Artigo. Rio de Janeiro: PUC, 2017.

AMORIM, Priscilla Mona de. **Latas d'água nas cabeças: Percepções sobre a água na Comunidade Quilombola de Mata Cavalo.** UFMT: PPGE, IE, 2017.

ANDRADE, André Luiz Chauvet de; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Monitoramento e Avaliação de Projetos em Educação Ambiental: Uma**

Contribuição para o Desenvolvimento de Estratégias. *In*: SANTOS, José Eduardo dos; SATO, Michèle. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. São Carlos: Rima, 2001.

ARAÚJO, Alcione. **A Caravana da Ilusão: Delírio de um ato**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ARISTÓTELES. **Política**. Trad. Antônio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa. Veja, 1998.

AYRES, Ronaldo F. Jr. **Força centrípeta: experimento de baixo custo para o ensino médio.** Rio de Janeiro: UFRJ/IF, 2018. IX, 72 p.

BACHELARD, Gaston**. A Poética do Espaço**. Trad. De Antonio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978a.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria.** Trad. Antônio de Paula Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997b.

BACHELARD, Gaston. **O Ar e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento**. Trad. Antônio de Paula Danesi. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001e.

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios do Repouso: Ensaio sobre as imagens da intimidade.** Trad. Paulo Neves. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003e.

BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. Trad. Paulo Neves. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008d.

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios da Vontade: Ensaio sobre a imaginação das forças**. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013c.

BAFFI, Maria Adélia Teixeira. **MODALIDADES DE PESQUISA: um estudo introdutório.** Disponível em: http://usuarios.upf.br/~clovia/pesq_bI/textos/texto02.pdf. Acessado: 23 mar. 2020.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais.** (Org.). 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2008a.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs.). **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BARCELOS, Eduardo Álvares da Silva. **ANTROPOCENO OU CAPITALOCENO: Da simples disputa semântica à interpretação histórica da crise ecológica global**. Revista Iberoamericana de Economia Ecológica, 2019. Vol. 31, No. 1: 1-17
.

BARCELOS, Silvânio Paulo de. **Da senzala à terra de homens livres: história da comunidade negra rural da Mutuca - Livramento-MT**. Silvânio Paulo de Barcelos: Mato Grosso, 2015.

BARROS, Manoel de. **Gramática Expositiva do Chão: Poesia quase toda**. 2ª. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1992c.

BARROS, Manoel de**. O Pantanal por Manoel de Barros**. Campo Grande: Sampaio Barros, 1999b.

BARROS, Manoel de. **O Livro das Ignorãnças**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000a.

BARROS, Manoel de. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. Rio de Janeiro: Record, 2001d.

BELÉM, Ivan César Correa do. **LIUARRUDA: A travessia de um bufão cuiabano, sob a inspiração de Augusto Boal**. UFMT: PPGE, 2015.

BERTONCELLO, Jucieli. **Conflitos socioambientais e mudanças climáticas sob o olhar das juventudes camponesas de Poconé, MT.** Cuiabá: 2018, 172f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT.

Bíblia Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. Ed. Agnus Dei, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de letras e palavras**. São Paulo: UNESP, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A terceira margem do Rio**: **anotações e fragmentos sobre a experiência da pesquisa como um encontro.** Conferência ARNA. Cartagena de Índias – Colômbia, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O QUE É EDUCAÇÃO POPULAR**. Disponível em: https://apartilhadavida.com.br/wpcontent/uploads/2017/03/o_que_ed_popular.pdf. Acessado em 11 dez. 2020.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A Casa Subjetiva: matérias, afetos e espaços domésticos.** São Paulo: Perspectiva; Cuiabá: Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso, 2001.

Cadernos de Cultura: Siriri. Prefeitura Municipal de Cuiabá. Secretaria Municipal de Cultura de Cuiabá. Cuiabá: Central de Textos, 2006.

CAMPOS, Maria Cristina de Aguiar. **Manoel de Barros: o Demiurgo das Terras Encharcadas – Educação pela Vivência do Chão**. São Paulo: USP, 2007.

CANCLINI, Néstor Garcia. **CULTURAS HÍBRIDAS: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011

CARVALHO, Juan Maro Kersul de**. Educação Ambiental Lúdica**. *In*: Fome Zero da Educação Ambiental. III Encontro de Educador@s de Educação Ambientais da Rede Mato-grossense de Educação Ambiental – REMTEA. Oficina. Cuiabá – MT: 2003, p: 53-54.

CASTRO, Manuel Antônio de. **Ecologia: a cultura como habitação**. In: SOARES, Angélica; org. Ecologia e Literatura. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1992, p. 13- 33.

CENTRAL do Brasil. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra69345/central-do-brasil . Acesso em: 01 Out. 2020.

CHAKRABARTY, Dipesh. **O Clima da história: Quatro teses**. Trad. Denise Bottmann, Fernanda Ligocky, Diogo Ambrosini, Pedro Novaes, Cristiano Rodrigues, Lucas Santos, Regina Felix e Leandro Durazo. Coord. Ver. Idelber Avelar. Publicado originalmente em: Critical Inquiry, 35, 2009.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 1996.

CONSTANTINO, Reginaldo. **Chave ilustrada para identificação dos gêneros de cupins (INSECTA: ISOPTERA) que ocorrem no Brasil.** Papéis Avulsos de Zoologia. Museu da Universidade de São Paulo: Vol. 40 (25), p: 387 – 448, 1999.

Constituição da República Federativa do Brasil. Diários e Anais. Brasília, 2017. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_06.06.2017/CON1988.asp. Acessado: 12 fev. 2020.

CORAZZA, Sandra. **Pesquisar o acontecimento: estudo em XII exemplos**. *In*: TADEU, T.; CORAZZA, S.; ZORDAN, **P. Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, pp. 7-78.

DALLA-NORA, Giseli. **A ÁGUA E A CARTOGRAFIA DO IMAGINÁRIO NOS CLIMAS DE TRÊS TERRITÓRIOS GEOGRÁFICOS.** Cuiabá: UFMT, PPGE, GPEA, 2018.

Danças e Músicas. Fonte: SEDEC – Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico/MT (2019). Disponível em: http://www.sedec.mt.gov.br/-/3026917-dancas-e-musicas?inheritRedirect=true. Acessado em: 10 abr. 2019.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **MIL PLATÔS: Capitalismo e Esquizofrenia.** Vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2007a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **MIL PLATÔS: Capitalismo e Esquizofrenia.** Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia.** Vol. 3. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010c.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arqueologia geral.** Trad. Hélder Godinho. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Dicionário Houaiss Conciso. Instituto Antônio Houaiss. São Paulo: Moderna, 2011.

DIEHL, Elena. **Conhecendo os insetos sociais: cupins e formigas**. IHU – Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Ed. 205, 2006.

FACHIN, Jakeline M. A. **Conflitos ambientais e currículo: reflexões de um processo formativo escolar comunitário.** Cuiabá: 2019, 174f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT.

FERNANDES, Edrisi. **A interação naturante entre o demiurgo e o mundo, a questão dos "dois tipos de matéria" e a natureza da "implantação" da alma no corpo.** Kriterion vol. 51 no. 122, Belo Horizonte July/Dec. 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 6ª. ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FERREIRA, Eric Victor de Oliveira; MARTINS, Vanessa; JÚNIOR, Alberto Vasconcellos Inda, et all. **Ação dos térmitas no solo**. Santa Maria: Ciência Rural, vol. 41, n. 5, 2011.

FERREIRA, Maria Saleti Ferrraz Dias. **Educação Ambiental Escolarizada**. *In*: Fome Zero da Educação Ambiental. III Encontro de Educador@s de Educação Ambientais da Rede Mato-grossense de Educação Ambiental – REMTEA. Elo Mesa-Redonda 26. Cuiabá – MT: 2003. p: 30 – 31.

FERREIRA SANTOS, Marcos (2006). ***Oikos*: topofilia, ancestralidade e ecossistema arquetípico.** Anais do XIV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário – Congresso Internacional: As dimensões imaginárias da natureza. Recife: UFPE/Associação Ylê Setí, p. 41-71.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Práticas Pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações.** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul./set. 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª. ed. Trad. Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática da Educação**. 25ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996d.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **QUE FAZER – Teoria e Prática em Educação Popular**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

FROMM, Erich. **Psicanálise e Zen-Budismo**. FROMM, E. (Org.). Zen-Budismo e Psicanálise. São Paulo: Cultrix, p. 92 – 162, 1960.

FUNDAÇÃO MAFRE. **Conhece e valoriza as alterações climáticas: Propostas para trabalhar em grupo.** Pablo Ángel Meira Cartea (Coord). Trad. Laura Blanco de La Barrera e Maria Moreno (SPEA). A Coruña, Espanha: Gráfica Mera, 2012.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e a educação popular. Revista Trimestral de Debate da BASE.** Proposta 113. Ano 31, no. 113. Pg: 21 – 27. Jul/Set. 2007

GALARD, Jean. **A Beleza do Gesto: Uma Estética das Condutas.** Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Edusp, 1997.

GOMES, Ana Bárbara; OLIVEIRA, Alessandro Eleutério de; COSTA, Augusto César; ALEXIA, Débora; MIYASATO, Elisa Aiko; FERREIRA, Raquel Mary. **ENTRE SERES HUMANOS E SERES EUSSOCIAIS: algumas aproximações biológicas, sociológicas e filosóficas.** ANAIS. Congresso de Pesquisa e Extensão. V. 1, no. 1, 2014.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Entre **Cenografias: O Museu e a Exposição de Arte no Século XX.** São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2004.

GOLDENBERG, Mírian. **A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** 8ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Giselly R. N. S. **Justiça climática: "cantos" de resistência da deficiência visual.** Cuiabá: 2019, 257f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso.

Governo do Estado de Mato Grosso. **Situação da população quilombola de Mato Grosso.** 2015. Disponível em: http://www.mt.gov.br/-/situacao-da-populacao-quilombola-em-mt-sera-tema-de-evento. Acessado em: 02 marc. 2020

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HAMPATÉ BÂ, A. A **Tradição Viva. Capítulo 8. HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA I – Metodologia e pré-história da África.** Ed. Joseph Ki-Zerbo. 2ª. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução a metafísica**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.

HAYDÉE PETIT, Sandra. **SOCIOPOÉTICA: Possibilidades de Reconceituações Metafóricas do Mundo**. *In*: Fome Zero da Educação Ambiental. III Encontro de Educador@s de Educação Ambientais da Rede Mato-grossense de Educação Ambiental – REMTEA. Elo Palestra. Palestra 1. Cuiabá – MT: 2003. p: 22 – 23.

HELD, Thaisa Maria Rodrigues. **Conflitos territoriais e socioambientais nas Amazônias (Dossiê).** ACENO, Vol. 4, N. 8, p. 68-81. Ago. a Dez. de 2017.

HERCULANO, S. **Justiça ambiental: de Love Canal à Cidade dos Meninos, em uma perspectiva comparada.** In: MELLO, M. P. (Org.). Justiça e sociedade: temas e perspectivas. São Paulo: LTr, 2001.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

IORIS, Antônio Augusto Rossotto. **O que é Justiça Ambiental**. Ambiente e Sociedade. vol.12 n. 2 Campinas July/Dec. 2009.

JÚNIOR, Joaquim Antônio Candeias; COSTA, Antônio de Pádua Vieira. **Lata D'água na Cabeça**. Marchinha Carnavalesca, 1950. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=mV0hTeXqXCM. Acessado em: 14 out. 2019.

KLEBIS, Daniela. **Antropoceno, Capitaloceno, Cthulhuceno: o que caracteriza uma nova época?** São Paulo: CLIMACOM,UNICMP, 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **CULTURA: Um Conceito Antropológico**. 12ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LEITE, Mário César Silva. **Mar de Xaraés ou as "reinações do Pantanal"**. Sociedade e Cultura: V. 5, n. 1, 2002, p. 7 – 24.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LIMA, G. F. da C.; LAYRARGUES, P. P. **Mudanças climáticas, educação e meio ambiente: para além do Conservadorismo Dinâmico.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 3/2014, p. 73-88. Editora UFPR.

LIMA, Mestre Alcides de; COSTA, Ana Carolina Francischett da. **Dos Griots aos Griôs: a importância da oralidade para as tradições de matrizes africanas e indígenas no Brasil. Dossiês Pedagogia Griô**. Revista Diversitas. São Paulo: ano 2, n. 3, set. 2014/mar. 2005.

LOPES, Almerinda da Silva. **Arte e conhecimento: o ensino da arte e a formação do educador.** Anais. Vitória - ES, 1993.

LORCA, Federico Garcia. Bodas de Sangue. Trad. Antônio Mercado. 1ª; ed. São Paulo: Abril Cultural. Teatro Vivo, 1977.

MARTINE, Rafael. **As alterações ambientais e culturais em comunidades do Cerrado do Pantanal, Poconé, Mato Grosso.** Cuiabá: 2019, 181f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Organizadora); DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. PESQUISA SOCIAL: **Teoria, Método e Criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de Oliveira; PARAÍZO, Marlucy Alves. **Mapas, Dança, Desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação**. Pro-Posições | v. 23, n. 3 (69) | p. 159-178 | set./dez. 2012.

OLIVEIRA, Herman Hudson de. **Antropofagia e Educação Ambiental em seus sentidos estéticos e políticos.** UFMT: PPGE, 2017.

PACHECO, Líllian. **A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade.** Lençóis, Grãos de Luz e Griô, 2006.

PÁDUA, José Augusto. **Antropoceno 3.0.** Entrevista. São Paulo: Página 22, Ed 104, p: 08 – 11, 2016.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-interveção e produção de subjetividade.** (Org.) Porto Alegre: Sulina, 2015.

PERSONA, Lucinda. **Taturanas**. *In* Fagulha: uma revista de poesia. Edição Especial, nº. 1. Chapada dos Guimarães: 22º. Festival de Inverno, 2008.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. **Metodologia, métodos, técnicas - Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação.** Estudos sobre las Culturas Contemporâneas. Época III, Vol. XXIII. Número Especial III, Colima, primavera 2017, p: 161-190.

PIAZZOLA, Astor. **Balada para minha morte**. Música. Disponível em: https://www.letras.mus.br/astor-piazzolla/balada-para-mi-muerte/traducao.html. Acessado em 02 out. 2019.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Trad. Rodolfo Lopes. Centro de Estudos Clássicos Humanísticos. 1ª. ed. Universidade de Coimbra. Coimbra, 2010.

PONCZEK, Roberto Leon. **Deus, ou seja, a natureza: Spinoza e os novos paradigmas da física.** Salvador: EDUFBA, 2009. 352 p.

Processo Formador em Educação Ambiental a Distância: módulo 4: projeto ambiental escolar comunitário. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Comunitária, Alfabetização e Diversidade, 2009.

Processo Formador em Educação Ambiental a Distância. Conteúdo Local: Educação Ambiental e Mudanças Ambientais Globais. Cuiabá: UAB/UFMT, 2009.

QUADROS, Imara Pizzato. **Palavras científicas sonhantes em um território úmido feito à mão: a arte popular da canoa pantaneira.** Cuiabá: UFMT, PPGE, GPEA, 2013.

RAMMÊ, Rogério Santos. **A POLÍTICA DA JUSTIÇA CLIMÁTICA: CONJUGANDO RISCOS, VULNERABILIDADES E INJUSTIÇAS DECORRENTES DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS.** Revista de Direito Ambiental | vol. 65/2012 | p. 367 | Jan / 2012 DTR\2012\480.

REVERBEL, Olga. **UM CAMINHO DO TEATRO NA ESCOLA**. Série: Pensamento e Ação no Magistério. São Paulo: Scipione, 1989.

REZENDE-DUARTE, Júlio Corrêa de. **TRAVESSIAS E SILÊNCIO: Uma autobiografia fenomenológica do caminhar**. Cuiabá: UFMT, PPGE, GPEA, 2019.

RIBEIRO, Marilza**. Palavras de Mim.** 1ª. ed. Cuiabá: Instituto Usina. Defanti, 2005.

RIBEIRO, Guido Assunção; LIMA, Gumercindo Souza, Et. al. **Eficiência de um retardante de longa duração na redução da propagação do fogo**. Rev. Árvore vol. 30 no. 6, Viçosa Nov./Dez. 2006.

SAMPAIO, Adriana Cardoso; PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulheres Griôs Quilombolas: Um estudo inicial sobre identidade de gênero e identidade étnica.** UNEB: Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Pontos de Interrogação, v. 5, n. 2, jul./dez. 2015.

SANTOS SOUZA, Cássia Fabiane. **O esvoaçar de lembranças no pouso de lutas socioambientais de mulheres negras.** Cuiabá: UFMT, PPGE, GPEA, 2019.

SATO, Michèle**. Cartografia do Imaginário no mundo da pesquisa. In: ABÍLIO, F. J. P. Educação para o Seminário.** João Pessoa: Ed UFPB, 2011a, p: 539-569.

SATO, Michèle. **Projeto de Criação da Rede Internacional em Educação Ambiental e Justiça Climática.** Cuiabá: Fapemat, 2016b.

SATO, Michèle**. Ecofenomenologia: uma janela ao mundo.** Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, FURG, edição especial 2016c, da leveza do ser à maciça teoria na defesa da vida, p. 10-27.

SATO, Michèle. **NOS SONHOS DO CALENDOSCÓPIO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. *In*: Fome Zero da Educação Ambiental. III Encontro de Educador@s de Educação Ambientais da Rede Mato-grossense de Educação Ambiental – REMTEA. Elo Conferências. Cuiabá – MT: 2003d, p: 18 - 19.

Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA). In: Programa de Pós-Graduação em Educação (Org.) **Mostra de Posteres dos Grupos de Pesquisa**. Cuiabá: PPGE-UFMT, 2019 [poster].

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz Augusto. **ARTE–EDUCAÇÃO–AMBIENTAL**. AMBIENTE & EDUCAÇÃO. vol. 14, 2009**.**

SATO, Michèle; SILVA, Regina. **TERRITÓRIOS E IDENTIDADES: Mapeamento dos grupos sociais do Estado de Mato Grosso – Brasil**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

SATO, Michèle; SILVA, Regina; JABER, Michelle. **Educação ambiental: tessituras de esperanças.** Cuiabá: EduFMT, 2018.

SATO, M. et all, **Conceitos de Educação Ambiental. Insurgência do grupo-pesquisador na educação ambiental.** Sociopoética, 2005. Disponível em: Ministério do Meio Ambiente: https://mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental. Acessado em: 29 agot. 2019.

SATO, Michèle; OLIVEIRA, Herman; TAFNER, Armando; WERNER, Inácio. **Para não dizer que não falamos das flores.** In: RAYMUNDO, H.; BRANCO, E. ; BIASOLI, S.; SORRENTINO, M. (Orgs.). Avaliação e monitoramento de políticas públicas de educação ambiental no Brasil: transição para sociedades sustentáveis. Brasília: FUNBEA & ANPPEA, 2019 (prelo).

SAUTCHUK, João Miguel. **A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012, 363 pp.

SILVA, Regina. **DO INVISÍVEL AO VISÍVEL: O MAPEAMENTO DOS GRUPOS SOCIAIS DO ESTADO DE MATO GROSSO – BRASIL**. São Carlos: UFSC, 2011.

SILVA, Wellington Amâncio da. MIRA, Feliciano José Borralho de. **Ontologia do Habitar.** Élisée, Ver. Geo. UEG – Porangatin, V. 5, no. 2, p: 154 – 169, 2016.

SPAREMBERGER, Raquel Fabiana Lopes; COPETTI, Camila. **JUSTIÇA AMBIENTAL PARA TODOS: Em busca da Harmonia entre Homem e Meio Ambiente.** ESTÚDIOS: CICA – Centro Informático Científico de Andalucia – EP, 2010. Disponível em: https://huespedes.cica.es/gimadus/21/08_justicia_ambiental_y_sostenibilidad.html. Acessado em: 15 agot. 2019.

TAMAIO, Irineu. **EDUCAÇÃO AMBIENTAL & MUDANÇAS CLIMÁTICAS: Diálogo necessário num mundo em transição**. Série Educativa. Ministério do Meio ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Brasília, Gráfica e Editora Movimento, 2013.

TERRA MATER. **A Cidade e suas casas**. Atrações Naturais, Históricos e Culturais de Chapada dos Guimarães. Disponível em: http://www.terramater.com.br/default.asp?mostra=brasil/MT_Chapada_Atracoes.htm. Acessado em: 10 set. 2019.

TINOCO, Roberto Muylaert. **A Sociedade Anônima dos Cupins**. Super Interessante. São Paulo: N. 8, ano 4, 1988.

TUAN, Yi-FU. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

VALLES, Eronaldo Assunção. **Conflitos Socioambientais que afetam a Soberania Alimentar de Comunidades do Cerrado do Pantanal**. Mato Grosso: UFMT, 2018.

VILAR, Leandro. **Seguindo os passos da história**. Disponível em: http://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2009/02/. Acessado em: 20 out. 2019.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO - IE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
GRUPO PESQUISADOR EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMUNICAÇÃO E ARTE – GPEA

CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), da pesquisa: ***OIKOS* QUILOMBOLA: arte-educação-ambiental e a poética do pau a pique**. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do Processo Formador da Pesquisa, assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não terá prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a UFMT.

O objetivo da pesquisa é o de compreender a vida física da Casa da Cultura Quilombola, mediante as mudanças climáticas e injustiças ambientais, bem como e o seu sentido sociocultural como elemento de contribuição à educação junto a Escola, que a coloque como um braço pedagógico da Escola e como um centro de vivência cultural para a Comunidade.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em fazer parte da Cartografia do Fogo como uma Prática Pedagógica, dentro do Processo Formador. Nesse processo, você terá participação direta como participante observador, contribuindo com a pesquisa de maneira a responder por meio de estímulos com ações artístico-culturais, sobre as questões que possam evidenciar os problemas ambientais, sociais e de vulnerabilidade junto à Casa da Cultura, junto à Escola e junto à Comunidade.

Os riscos relacionados com a sua participação serão mínimos, considerando que a Prática Pedagógica será realizada no interior da Casa da Cultura Quilombola, um ambiente limpo, higienizado, dando-lhe segurança física e clima ambiente que possa lhe garantir a necessária concentração à participação nas atividades. Caso ocorra algum dano físico a algum participante, será tomada a devida cautela em identificar um imediato atendimento no tratamento, considerando que o Grupo Pesquisador GPEA, estará amparado com veículos e pessoas para atendê-los de imediato.

Os benefícios serão diversos, considerando os três grupos também diversos de participantes: Professores; Técnicos e Pessoas da Comunidade. Aos Professores, os benefícios serão diretos, uma vez se tratar de um grupo com maior acesso aos conteúdos da educação, onde poderão absorver tal conteúdo, diretamente no currículo escolar, em suas práticas pedagógicas em sala de aula. E indireto, relacionando o conteúdo absorvido à sua vida cotidiana, dentro das suas vivências no território quilombola. Aos Técnicos da Escola e às Pessoas da Comunidade os objetivos poderão ser diretos e indiretos, considerando que, parte do conteúdo será

destinada às questões ambientais da Comunidade, relacionados à sua vida cotidiana, sua profissão, seus fazeres e saberes culturais.

Os dados referentes à sua pessoa serão confidenciais e garantimos o sigilo de sua participação durante toda pesquisa, inclusive na divulgação da mesma. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Você receberá uma cópia desse termo onde tem o nome, telefone e endereço do pesquisador responsável, para que possa localizá-lo a qualquer tempo. CARLOS ROBERTO FERREIRA, telefone: (065) 99968-7294, Endereço: Rua Itapuã, s/n. Quadra 15, Bloco A-6, Apt: 201, Bairro Jardim Aeroporto, CEP: 78125-075 – Várzea Grande – MT, Local de Trabalho Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, e-mail: robertofereira.cultura@gmail.com. Em caso de dúvida você também pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa, CEP/Humanidades/UFMT, coordenadora Rosangela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro, e-mail cephumanas@ufmt.br, telefone (65) 3615-8935.

Ressalto, ainda, que não haverá gasto ou remuneração com sua participação na pesquisa.

Considerando os dados acima, **CONFIRMO** estar sendo informado(a) por escrito e verbalmente sobre: os objetivos desta pesquisa; que a minha identidade não será revelada por escrito, foto e ou vídeo; que terei acesso aos resultados da pesquisa; que terei direito em buscar indenização nos termos da lei (conforme artigos 9 e 19º., da Resolução 510/16 do CNS); que posso me ausentar da pesquisa a qualquer momento, sem alguma penalização; de que terei acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado.

Importante o participante saber que o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente com deveres regulamentados por lei, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas no Brasil envolvendo seres humanos ou animais. O CEP contribui para a qualidade das pesquisas e para a discussão do papel dela no desenvolvimento social da comunidade. Contribui ainda para a valorização do pesquisador que recebe o reconhecimento de que sua proposta é eticamente adequada.

Coordenadora: Profa. Dra. Rosangela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro, Endereço: Andar Térreo – sala102 – Instituto de Educação – Universidade Federal de Mato Grosso, telefone: (65) 3615-8935, e-mail: cephumanas@ufmt.br. Horário de funcionamento: das 8:00 às 12:00 horas e das 14:00 às 18:00 horas.

Eu_____Idade:_____
Sexo:_____ Naturalidade:_____declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

_____

Assinatura do participante

Comunidade Mata Cavalo,
Nossa Senhora do Livramento-MT, _____de_____ de 2019.

UFMT - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO - HUMANIDADES

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OIKOS QUILOMBOLA: Arte-educação-ambiental e a poética do pau a pique
Pesquisador: CARLOS ROBERTO FERREIRA
Área Temática:
Versão: 4
CAAE: 23826619.4.0000.5690
Instituição Proponente: Programa de pós-graduação em Educação
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.919.768

Apresentação do Projeto:
Segundo o pesquisador:
Resumo:
Resumo Compreender o sentido da Casa da Cultura Quilombola e sua poética enquanto uma Oikos – ambiente da casa habitado na dimensão sociopolítica do quilombo. Espaço de diálogo praxiológico do professor e do aluno no encontro com a educação. Comunhão da família em sua ambiência cultural, na sua cotidianidade íntima, na Comunidade Mata Cavalo, no município de Nossa Senhora do Livramento – MT. A compreensão investigativa será ressignificada enquanto espaço de referência da escola e da cultura local, construída por meio de práticas pedagógicas, respaldadas pela arte–educação–ambiental e sua praxi reflexiva. A Cartografia do Imaginário terá assento fenomenológico enquanto metodologia, conjugando saberes com o Projeto Ambiental Escolar Comunitário – PAEC. Um diálogo prazeroso com a Arte-educação, será elemento intrínseco no Processo Formador com a Cartografia de Aprendizagem do FOGO, que investigará as catástrofes físicas ambientais presentes na Casa da Cultura, provocadas pelas mudanças e alterações climáticas locais. Identificar os problemas que alertam para visibilizar as catástrofes ambientais junto a Casa da Cultura, mitigando as injustiças climáticas, no desejo de termos uma Oikos como espaço e ambiente "topofílico". Dialogar com autores que, conjugando conceitos fenomenológicos junto à "epistemologia", a "praxiologia" e a "axiologia" nos aproximem de um mundo mais humanizado, mais consonante com "intersubjetividade", na tentativa de construirmos

aprendizagens para a vida, para a escola e para a família. No
interior dessa casa-patrimônio-ambiental, beberemos no pote de barro a água da formação, na busca de uma viagem científica. Enfrentaremos o processo "dolorido" da deformação, tentando vencer os obstáculos com a força da terra. Entregar-nos-emos à combustão da transformação desejada com a força do fogo e por fim e talvez, teremos tempo para repousar na busca de uma reformação, ativar a memória e respirar o ar de um novo ciclo, considerando o encantamento e o reencantamento do processo da pesquisa, na Oikos que habitamos.Palavras-chave: Oikos Quilombola. Arte–educação–ambiental. Justiça Climática. Poética.
Metodologia Proposta:
A CARTOGRAFIA DO FOGO será realizada por meio de Prática Pedagógica, dentro do Processo Formador e terá ainda, seu respectivo Planejamento Pedagógico construído por todos os membros colaboradores do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte –
GPEA. Em seu objetivo, teremos o encontro de um pensamento coletivo, na perspectiva da multirreferencialidade (FREIRE, 1987), reflexivo, crítico, sensível às causas da Educação Ambiental, das Mudanças Climáticas, da Justiça e da Injustiça Climáticas, cujos caminhos da construção, aplicação, avaliação do seu processo, terão os pressupostos da Arte-educação como mediadores.A CARTOGRAFIA DO FOGO SERÁ DIRIGIDA A TRÊS GRUPOS PARTICIPANTES: PROFESSORES E PROFESSORAS, TÉCNICOS E TÉCNICAS DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA
TEREZA CONCEIÇÃO DE ARRUDA E COM GRUPOS DE MORADORES E MORADORAS DA COMUNIDADE MATA CAVALO. OS PARTICIPANTES SERÃO ACESSADOS POR MEIO DE CONVITE FORMULADO ANTERIORMENTE À DIREÇÃO DA ESCOLA AQUI CITADA, BEM COMO À ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DA COMUNIDADE ENVOLVENTE. AINDA, POR MEIO DE DIVULGAÇÃO DIRETA EM REUNIÃO DE INFORMAÇÕES, REALIZADA PELA DIREÇÃO DA ESCOLA, COMO É DE COSTUME DAS AÇÕES E ATIVIDADES LIGADAS À
COMUNIDADE.OS PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS, BEM COMO OS INSTRUMENTOS QUE SERÃO REALIZADOS NA PESQUISA, TERÃO DOIS MOMENTOS: O PRIMEIRO MOMENTO SERÁ NO PROCESSO DA REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA, QUANDO OS PARTICIPANTES RESPONDERÃO NO FINAL, COM APRESENTAÇÕES CULTURAIS, COMO "RESPOSTAS" AOS QUESTIONAMENTOS PROFERIDOS DURANTE TODO O PROCESSO, REVELANDO ASSIM A PERCEPÇÃO DO GRUPO SOBRE A RELAÇÃO DA CASA DA
CULTURA QUILOMBOLA COM O ELEMENTO FOGO, COM A ESCOLA, COM A COMUNIDADE E COM AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS. O SEGUNDO MOMENTO TERÁ COMO PROCEDIMENTO AS ENTREVISTAS. ESTAS SERÃO REALIZADAS APÓS A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM VISITAÇÃO ÀS CASAS DOS

PARTICIPANTES DA COMUNIDADE QUE SE DISPUSER A PARTICIPAR, BEM COMO COM OS TÉCNICOS E PROFESSORES, NA PRÓPRIA ESCOLA ONDE TRABALHAM.NESSE SENTIDO, EXPLICITAMOS A RELAÇÃO DA CASA DA CULTURA
QUILOMBOLA COM A ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA TEREZA CONCEIÇÃO DE ARRUDA, NO SENTIDO EM QUE PERCEBEMOS, SOBRE O QUE PRATICA A ESCOLA, A PARTIR DO SEU CURRÍCULO QUILOMBOLA, A CASA DE QUE TRATAMOS COMO SENDO UM BRAÇO PEDAGÓGICO DA ESCOLA E COMO UM ESPAÇO DE VIVÊNCIA E CONVIVÊNCIA COM E DA COMUNIDADE. ASSIM, CASA DA CULTURA QUILOMBOLA, ESCOLA E COMUNIDADE, CONSTROEM UMA RELAÇÃO INTRÍNSECA, SOCIOCULTURAL, EDUCACIONAL, ECONÔMICA E POLÍTICA INDISSOCIÁVEL. ESSA RELAÇÃO SE DÁ NA MEDIDA EM QUE, OS PRESSUPOSTOS DO CURRÍCULO ESCOLAR,
COM PROPOSITURA QUILOMBOLA, EMANAM UMA RELAÇÃO AMPARADA PELA EDUCAÇÃO FORMAL COM A EDUCAÇÃO POPULAR.OS PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS, BEM COMO OS INSTRUMENTOS QUE SERÃO REALIZADOS NA PESQUISA, TERÃO DOIS MOMENTOS: O PRIMEIRO MOMENTO SERÁ A REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA, QUANDO OS PARTICIPANTES “RESPONDERÃO” NO FINAL DESTA, COM APRESENTAÇÕES CULTURAIS, COMO “RESPOSTAS” AOS QUESTIONAMENTOS PROFERIDOS DURANTE TODO O
PROCESSO DA CARTOGRAFIA DO FOGO, REVELANDO ASSIM A PERCEPÇÃO DO GRUPO SOBRE A RELAÇÃO DA CASA DA CULTURA QUILOMBOLA COM O ELEMENTO FOGO, COM A ESCOLA, COM A COMUNIDADE E COM AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS E COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL. O SEGUNDO MOMENTO TERÁ COMO PROCEDIMENTO,AS ENTREVISTAS. ESTAS SERÃO REALIZADAS APÓS A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM VISITAÇÃO À ESCOLA, NO CASO DOS PROFESSORES (4 PROFESSORES) E TÉCNICOS (2 TÉCNICOS) E ÀS
CASAS DOS PARTICIPANTES, NO CASO DE PESSOAS DA COMUNIDADE (4 PESSOAS),NUM TOTAL DE 10 (DEZ) PESSOAS. AS ENTREVISTAS SERÃO REALIZADAS POR MEIO DE PERGUNTAS, SOBRE ASSUNTOS ABORDADOS NO PROCESSO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA, COMO: MUDANÇAS CLIMÁTICAS, EDUCAÇÃO AMBIENTAL, CASA DA CULTURA QUILOMBOLA, MORADIA EM CASA DE PAU A PIQUE E SOBRE A EXPRIÊNCIA DO PARTICIPANTE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA. TANTO AS PERGUNTAS E RESPOSTAS SERÃO
PROCEDIDAS COM O REGISTRO DE VÓZ, GRAVADAS COM O USO DE TECNOLOGIA DE CELULAR PELO PESQUISADOR, DE MANEIRA (TEXTO CORTADO).

Objetivo da Pesquisa:

Segundo o pesquisador:

Objetivo Primário:

Compreender a Casa da Cultura – a Oikos Quilombola - como local da cotidianidade do quilombo na dimensão da arte-educaçãoambiental e sua relação com a Educação. Considerar as teias que se conectam a casa, na Oikos que ligam cultura e natureza e vazam nos
processos pedagógicos que aliam a dimensão climática com a dimensão social da escola. Proceder com uma investigação científica, que revele por meio de um Processo Formador, a dimensão da vivência da Casa da Cultura como projeto ambiental escolar
comunitário.

Objetivo Secundário:

- Investigar a Casa da Cultura Quilombola, na dimensão de uma Oikos, onde possa ser observada a sua relação com a Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda por meio de um Processo Formador;
- Compreender de que maneira os quilombolas interpretam o fenômeno climático, que invisível, torna-se difícil de ser questionado. Como a escola dialoga com a educação ambiental, que busca alertar sobre tais desastres? Será possível compreender a poética do pau a pique, aliada ao clima?
- Realizar Cartografias de Aprendizagens com o elemento FOGO,
sob o pensamento bachelardiano para entender de que maneira esses elementos dialogam com a sustentabilidade da Oikos, numa relação fenomenológica com o cotidiano da Escola e da Comunidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo o pesquisador:

Riscos:

Os riscos relacionados com a sua participação serão mínimos, considerando que a Prática Pedagógica será realizada no interior da Casa da Cultura Quilombola, um ambiente limpo, higienizado, dando-lhe segurança física e clima ambiente que possa lhe garantir a necessária concentração à participação nas atividades. Caso ocorra algum dano físico, por exemplo: cansaço, fadiga, emoção, será tomada a devida cautela em identificar um
imediato atendimento no tratamento, considerando que o Grupo Pesquisador GPEA, estará amparado com veículos e pessoas para atendê-los de imediato. Caso o risco seja considerado prejudicial à sua pessoa, a atividade poderá ser paralisada e será marcada outra data a sua realização.

Benefícios:

PARA O GRUPO DOS PROFESSORES, OS BENEFÍCIOS SÃO:AO PARTICIPAR DESTA PESQUISA, VOCÊ SERÁ BENEFICIADO DIRETAMENTE E INDIRETAMENTE. OS BENEFÍCIOS DIRETOS PARA VOCÊ: UMA VEZ SE TRATAR DE UM GRUPO DE PROFESSORES COM MAIOR ACESSO AOS CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO, ONDE PODERÃO ABSORVER TAL CONTEÚDO E APLICÁ-LO, DIRETAMENTE NO CURRÍCULO ESCOLAR, EM SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SALA DE AULA. OS BENEFÍCIOS INDIRETOS PARA VOCÊ:
RELACIONANDO O CONTEÚDO ABSORVIDO À SUA VIDA COTIDIANA, DENTRO DAS SUAS VIVÊNCIAS CULTURAIS, NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA.PARA O GRUPO DOS TÉCNICOS DA ESCOLA, OS BENEFÍCIOS SÃO:AO PARTICIPAR DESTA PESQUISA, VOCÊ TERÁ BENEFICIADO DIRETAMENTE E INDIRETAMENTE. OS BENEFÍCIOS DIRETOS PARA VOCÊ: SERÃO NO SENTIDO DE QUE ESTES PROFISSIONAIS PODERÃO UTILIZAR DAS ATIVIDADES PROPOSTAS, PARA AMPLIAR A SUA RELAÇÃO TÉCNICA PROFISSIONAL,
PRATICANDO E GARANTINDO MAIOR SEGURANÇA FÍSICA NO AMBIENTE DE TRABALHO. OS BENEFÍCIOS INDIRETOS PARA VOCÊ: SERÃO NO SENTIDO DE QUE O CONTEÚDO ABSORVIDO PODERÁ LHE TRAZER MAIOR PERTENCIMENTO E FAZER PARTE DA SUA VIDA COTIDIANA, DENTRO DAS SUAS VIVÊNCIAS CULTURAIS, NO TERRITÓRIO QUILOMBOLAPARA O GRUPO DE PESSOAS DA COMUNIDADE
OS BENEFÍCIOS SÃO:OS BENEFÍCIOS PARA VOCÊ SERÃO MUTUAMENTE, DIRETOS E INDIRETOS, POR SE TRATAR DAS MAIS VARIADAS TAREFAS OCUPADAS NO LAR, NO CAMPO, NA LAVOURA, PLANTANDO, COLHENDO, CUIDANDO DE ANIMAIS, ENTRE OUTRAS TAREFAS DOMÉSTICAS COTIDIANAS. ESTES BENEFÍCIOS DIRETOS E INDIRETOS PODERÃO FAZER PARTE, TANTO DA SUA VIDA PROFISSIONAL,
COMO DOMÉSTICA DESENVOLVENDO AS SUAS ATIVIDADES E OU TAREFAS COM MAIOR DESTREZA FÍSICA, EMOCIONAL.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de pesquisa de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Pra esta versão os seguintes termos de apresentação obrigatória foram inseridos com os seguintes arquivos nomeados: CLE_Carlos.docx, PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1313295.pdf, Termo_de_consentimento_tecnicos.docx, Carta_resposta.docx, Autorizacao_escola.pdf

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências listadas no parecer anterior foram atendidas. Propõem-se a aprovação do projeto em relação a análise ética.

Considerações Finais a critério do CEP:

Considerando as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do CNS, e, uma vez que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado.

Conforme as Resoluções 466/12 e 510/2016, é atribuição do CEP acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente a pesquisa. Ressaltamos as seguintes atribuições do pesquisador: Desenvolver o projeto conforme delineado; Elaborar e apresentar os relatórios semestrais (parciais) e final até 60 dias após o seu término (como notificação); Apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda responsabilidade, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto. Justificar fundamentadamente, perante o CEP, qualquer modificação (emenda) ou interrupção do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CLE_Carlos.docx	13/03/2020 19:06:36	Rosangela Ribeiro	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1313295.pdf	13/03/2020 10:42:40		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_tecnicos.docx	13/03/2020 10:38:56	CARLOS ROBERTO FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_professores.docx	13/03/2020 10:38:17	CARLOS ROBERTO FERREIRA	Aceito
Outros	Carta_resposta.docx	13/03/2020 10:36:40	CARLOS ROBERTO FERREIRA	Aceito

Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_escola.pdf	13/03/2020 10:02:54	CARLOS ROBERTO FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Consentimento_livre_esclarecido_tecnicos_novo.docx	20/12/2019 11:32:09	CARLOS ROBERTO FERREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_novo.docx	20/12/2019 11:30:30	CARLOS ROBERTO FERREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	03/12/2019 16:17:08	CARLOS ROBERTO FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_comunidade.docx	03/12/2019 16:14:41	CARLOS ROBERTO FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_livre_esclarecido_tecnicos.pdf	10/10/2019 17:28:19	CARLOS ROBERTO FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_livre_esclarecido_comunidade.pdf	10/10/2019 17:27:55	CARLOS ROBERTO FERREIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_pesquisador.pdf	10/10/2019 17:17:29	CARLOS ROBERTO FERREIRA	Aceito
Outros	Entrevista_tecnicos_escola.pdf	10/10/2019 17:17:10	CARLOS ROBERTO FERREIRA	Aceito
Outros	Entrevista_professores.pdf	10/10/2019 17:16:54	CARLOS ROBERTO FERREIRA	Aceito
Outros	Entrevista_pessoas_comunidade.pdf	10/10/2019 17:16:33	CARLOS ROBERTO FERREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Doutorado.docx	10/10/2019 17:14:41	CARLOS ROBERTO FERREIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	10/10/2019 17:13:57	CARLOS ROBERTO FERREIRA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

CUIABA, 17 de Março de 2020

Assinado por:
Rosangela Ribeiro
(Coordenador(a))